**PIETRO UBALDI**

# COMENTÁRIOS

**1ª EDIÇÃO**

**Tradução de**
**Carlos Torres Pastorino**

**Instituto Pietro Ubaldi**
**DEPARTAMENTO EDITORIAL - Av. Rui Barbosa, 1061**
**CEP: 28015-520 - CAMPOS, RJ – Telefax: 722-2266- DDD 024**

# ÍNDICE

## Primeira Parte - O FENÔMENO

**Prefacio**

**História de Um Caso Vivido**

**Mensagens Particulares de Pietro Ubaldi**

**Mensagens Mediúnicas Dirigidas a Pietro Ubaldi**

**Sobre Deus e Universo de Pietro Ubaldi**

**A Verdadeira e Integral Realidade de Pietro Ubaldi Posta em Evidência com o Método Parapsicológico Psicodiagnóstico "Blasi"**

**Um Caso de Biologia Supranormal**

**Pietro Ubaldi e Sua Obra**

**Pietro Ubaldi, Profeta do Espírito**

**A Grande Síntese e a Nova Teoria de Einstein**

**Encontros com Einstein (I)**

**Encontros com Einstein (II)**

## Segunda Parte - CRITICAS

**Grandes Mensagens (I)**

**Grandes Mensagens (II)**

**O Regresso aos Dias Criativos do Divino Pentecostes Através da Mediunidade Intelectual**

**A Propósito da “Mensagem do Perdão” do Prof. Pietro Ubaldi**

**Pietro Ubaldi - A Grande Síntese**

**A "Sua Voz"**

**A História de um Novo Grande Movimento Espiritual .**

**O Fim da Síntese Cósmica**

**Nascimento de A Grande Síntese**

**O Fenômeno Ubaldi**

**A Grande Síntese - Prefacio a Primeira Edição Italiana**

**A Grande Síntese - Prefácio a Segunda Edição Italiana**

**A Grande Síntese  Prefácio a Quarta Edição Italiana**

**A Grande Síntese - Prefácio a Primeira Edição Espanhola**

**A Grande Síntese - Mensagem de Emmanuel**

**As Noúres - Apreciação de Fermi**

**A Grande Síntese - Apreciação de Fermi**

**Ascese Mística - Apreciação de Fermi**

**A Grande Síntese - Apreciação da Imprensa (I)**

**A Grande Síntese - Apreciação da Imprensa (II)**

**A Grande Síntese - Apreciação da Imprensa (III)**

**A Grande Síntese - Apreciação da Imprensa (IV)**

**Varias Críticas**

**Um Livro Revelador**

**Misticismo Moderno**

**História de um Homem**

## Terceira Parte - A CONDENAÇÃO

**Condenação do Santo Ofício**

**Ubaldi Condenado pela Igreja**

**A Grande Síntese no Index**

**A Condenação de A Grande Síntese**

**As Obras de Pietro Ubaldi no Index**

**Orientação**

**Conclusões Sobre a Condenação**

**Pietro Ubaldi e a Igreja**

**O Ponto de Vista Teológico**

# C O M E N T Á R I O S

**Primeira Parte**

# O Fenômeno

## PREFÁCIO

*Com o presente trabalho,* Comentários, *apresentamos o 1º volume de "Introdução à Segunda Obra", que chamamos brasileira, porque nasceu e se desenvolveu no Brasil, depois que para cá se transferiu seu instrumento humano, em Dezembro de 1952.*

*Explicaremos no princípio do 2º volume desta Obra,* Profecias, *como ela nasceu em 1955 e 1954, o seu novo estilo, sua significação e conteúdo.*

*Esta nova Obra surge seguindo o esquema da primeira, desenvolvendo o mesmo pensamento em novos aspectos, ao mesmo tempo que acompanha o desenrolar-se da missão por ela expressa e o amadurecimento do espírito de seu instrumento, assim como do destino do mundo.*

* * *

*Esta segunda Obra é a continuação da primeira, com a qual se funde formando uma Obra Maior, que representa não apenas a construção de um sistema cientifico filosófico-ético, como ainda o amadurecimento do destino de um homem, que é seu instrumento, e do destino do mundo na hora histórica atual.*

*Se o leitor, aqui também, não viver esta maturação, dificilmente poderá compreender, e recolherá fruto bem mesquinho de sua leitura. Ater-se apenas à estrutura conceptual significa permanecer na superfície, sem penetrar o sentido destes escritos. Estes representam a ascese do homem para Deus, e progresso cósmico do ser que evolve; observá-la sem vivê-la, não produzirá fruto. Aqui não apresentamos literatura nem erudição. Estes livros foram todos vividos, foram escritos com o sangue, diante de Cristo, numa vida de tormento e de holocausto,*

*numa hora de redobrada dor para o instrumento e apocalíptica para o mundo, ele também pregado, por causa de seus erros, à cruz da dor, única que o pode redimir e salvar.*

*Nestes novos volumes, o fenômeno intuitivo do instrumento — primeiramente enquadrado na mediunidade, a seguir na ultrafania, mais tarde como inspiração livre e consciente, que se tornou verdadeiro método de pesquisa filosófica e científica através de visões — tende cada vez mais a concluir-se numa catarse biológica, em que toda a personalidade do sujeito, ao emergir do plano normal evolutivo humano, se sublima na dor por meio do misticismo, que é sua fase final. Pois a conclusão lógica de todas as Obras que escrevermos será a idéia de Cristo, assim como a unificação com Ele é o objetivo final da vida do instrumento.*

* * *

*Procuremos, agora, resumir o significado e o conteúdo do presente volume:* Comentários. *Divide-se ele em três partes:*

*O FENÔMENO - história e critica. Nesta parte está resumida a história da primeira manifestação do fenômeno, das mensagens mediúnicas de terceiros que acompanharam seu nascimento, além dos estudos críticos da Sociedade Italiana de Metapsíquica e de outros técnicos, a respeito do fenômeno e do sujeito, e as relações entre* A Grande Síntese *e a última teoria de Einstein.*

*CRÍTICAS - Nesta parte recolhemos todo o material acessório, como o prefácio às várias edições das Mensagens e de A Grande Síntese, as apreciações e principais comentários da imprensa. Poderá assim o leitor conhecer o pensamento dos outros a respeito destes escritos, e também em parte uma interpretação sua. Procurará orientar-se entre os diversos julgamentos. Reunimos tudo aqui, para não sobrecarregar A Grande Síntese com outros textos fora de seu próprio conteúdo.*

*A CONDENAÇÃO - Nesta parte é tratada a questão da condenação no Index, dos dois volumes:* A Grande Síntese *e* Ascese Mística. *Não o apresentamos com espírito ou finalidade de polêmica, sentimentos que não existem, em absoluto, no ânimo do autor. Se aqui desenterramos e resumimos esta questão espinhosa, é com o único objetivo de uma documentação exata, feita na forma mais objetiva e imparcial, com duas finalidades:*

*a) a de fornecer cos leitores, reunido neste volume, um completo e preciso material para julgamento, porque é preciso esclarecer tudo. Assim poderão julgar melhor, tendo diante dos olhos os mais variados elementos, cujo conhecimento é indispensável para chegar a uma determinada conclusão.*

*b) outra finalidade é a de fixar num livro estes elementos, imparcialmente e sem preconceitos, de modo a que outros, mais tarde, não se apossem deles desvirtuando-os, para chegar a outras conclusões que não existem de forma alguma no pensamento do autor Nenhuma questão que lhe diga respeito ele deixou em estado nebuloso e à mercê de interpretações alheias. Não são poucos os casos em que, por espírito de partidarismo, acontecimentos como esses são deformados porque usados como bandeira de reações e em defesa de idéias preconcebidas. Enquanto o mundo procura reação e polêmica, o autor busca em toda parte compreensão e união. Com esta documentação, deseja prevenir qualquer tentativa alheia de exploração do caso, para fins particulares, contra esta ou aquela instituição, qualquer que seja ela, da qual, de acordo com os seus princípios, ele não se sente inimigo.*

* * *

*Assim, poderá o leitor brasileiro achar neste livro, uma história documentada do período incandescente da gênese e explosão do fenômeno inspirativo do sujeito, história muito diferente da do atual período brasileiro. Desenvolveu-se ela em ambiente em que o Kardecismo era quase desconhecido, e os pontos de referência e de julgamento eram a ciência, a psicologia, a metapsíquica, a filosofia, o catolicismo etc. Era esse o ambiente europeu, e o sujeito não podia modificá-lo.*

*Poderemos, assim, nestas páginas documentárias, reviver esta história que, mesmo pertencendo ao passado, lança no entanto muita luz no presente preparado por ela, e o explica, mesmo sendo este tão diverso. História útil para fazer compreender que outra longa e complexa história viveram estes livros antes de entrar no ambiente brasileiro; em que outro mundo se moveram e a quantos outros ambientes interessaram. História útil para mostrar a dificuldade que existe em incluir e encerrar exclusivamente no espiritismo Kardecista brasileiro uma Obra absolutamente universal, reduzindo-a apenas a um produto mediúnico, e seu instrumento a um médium a ele adaptado. História útil para demonstrar, a quantos acreditam que o mundo todo seja igual ao seu país, o grande esforço de adaptação que o sujeito teve de fazer para transferir-se, material e espiritualmente, para este hemisfério, que está, na realidade, nos antípodas do setentrional, tanto físico conto espiritual.*

*Por isso, no limiar desta nova e Segunda Obra, que pertence ao período brasileiro, quisemos, antes de nela entrar, resumir e documentar o período precedente, concluindo-o com este volume, que pode assim definir-se como o elo de união entre as duas, a Primeira e a Segunda Obra.*

*Com o volume que a este se seguirá,* Profecias, *deixaremos para trás esse mundo passado, ao qual pertence a Primeira Obra, e entraremos decididamente no período brasileiro, que construirá a Segunda em novo ambiente, com novos elementos e psicologia, trabalho inédito, que, no entanto, é sempre o desenvolvimento lógico e necessário, conseqüência do anterior trabalho já realizado.*

São Vicente, Natal de 1955

# HISTÓRIA DE UM CASO VIVIDO

Nasci na terra franciscana da Umbria, em Foligno, a 18 de agosto de 1886, às 20:30 h. Era eu desconhecido de Mário Guzzoni Segato, de Turim, quando, ele, baseado na data e na hora do meu nascimento, extraiu um horóscopo, em que me retratou com surpreendente exatidão. A primeira sensação de vida humana de que me recordo (teria talvez três anos) foi de vazio e tédio. Desde criança não me identifiquei com meu corpo físico, que sempre explorei como veículo de minha viagem. Parecia-me estranho e oprimente o vínculo do tempo, que liga os fenômenos e seu desenvolvimento, em sucessão. Nasci sensitivo, tendo no coração, por instinto, o Evangelho: nasci para amar e perdoar. E óbvio que, no mundo humano, a vida para esses temperamentos só pode constituir um lento martírio. Minha personalidade era demasiadamente complexa, para poder amadurecer rapidamente e brilhar superficialmente, seja na escola, seja fora dela. Era medíocre, muito medíocre. Olhava para mim mesmo, observava, refletia e nada me escapava: eu julgava. Era lenta a maturação espiritual, porque desde os primeiros anos sentia confusamente subir em mim mesmo as camadas profundas da consciência. Na escota, estudava apenas para passar nos exames, porque não acreditava naquilo que me ensinavam, e que eu sentia truncado, inútil, sem base substancial. A verdade estava em mim, eu a procurava dentro de mim. Rebelde a qualquer guia, lançava-me aos conhecimentos humanos ao acaso, procurando secretamente a minha verdade. Narro minha história interior, porque a exterior é insignificante. Tive sempre o instinto de olhar o mundo e as coisas por dentro, nas causas e nos princípios e jamais nos efeitos e nas utilizações práticas. Da mesma forma que os volitivos e práticos podem considerar-me incompetente na exploração utilitária da vida, posso eu considerá-los incompetentes diante da solução dos problemas da consciência.

Minha primeira revelação interior foi-me feita ao ouvir meu professor de ciências, no Liceu, proferir a palavra "evolução". Meu espírito teve um sobressalto; brotara ao vivo uma centelha, sentira uma idéia central. Tornei-me, a seguir, estudioso de Darwin, mas só para completar seu pensamento.

Na Faculdade de Direito, em Roma, disseram-me um dia que, antes de agir e viver, era necessário conhecer os princípios e orientar-se, sem o que não se poderia realizar com consciência e retidão o mínimo ato. Mas, então, como agiam, meus semelhantes, sem sabê-lo? Por instinto, como os animais. Eu estava pois sozinho e em trevas.

Defendi com louvor o doutorado, por ser de tema livre, mas não acreditava no Direito, nas teorias jurídicas, nem na orientação filosófica e científica da época. Antes de doutorar-me, aprendi rapidamente, como se recordasse um sonho longínquo, o francês, o inglês e o alemão. Realizara particularmente meus estudos de piano. Na música e nos músicos, assim como na arte e na poesia, eu acreditava profundamente. Chopin e Wagner, como Dante e Goethe foram revelações para mim.

Começou a vida. Fiz uma longa viagem aos Estados Unidos da América do Norte, até o Pacífico. Casei-me. O turbilhão das existências exteriores batia sem trégua, reclamando a atenção de meu espírito, que, ao contrário, queria viver a vida verdadeira. Acumularam-se as experiências humanas, quase todas duríssimas. A dor martelava minha alma; sob seus golpes, era feito o amadurecimento. Um dia, à beira-mar, em Falconara, contemplando o encantamento da criação, senti, com evidência, numa revelação rápida como o raio, que tudo tinha de ser Matéria, Energia e Conceito ou Espírito, e vi que esta era a fórmula do Universo.

(M = E = C) = S

Em que M = Matéria, E = Energia, C = Conceito ou Espírito e S = Substância. E esta é a grande equação da substância, isto é, o mistério da Trindade, em que se move toda *A Grande Síntese.*

A idéia central da revelação aparecera-me, mas eu ignorava os pormenores: como harmonizar esse transformismo em seus pontos extremos, como definir as passagens, preencher as imensas lacunas, como tecer toda a trama deste conceito gigantesco e afirmar tudo em termos exatos, diante de uma ciência cega e inconcludente? No âmago da filosofia indiana, através da teosofia, eu intuía verdades profundas, mas apareciam-me escondidas numa terminologia exótica que as afastavam de mim e de meu mundo.

Comecei timidamente a expressar-me num opúsculo que saiu em trechos na antiga revista *Ultra,* de Roma, Maio de 1928 a Dezembro de 1929, mais tarde editado, em 1932, em Buenos Aires pela Casa Editora "Constancia": "Evolução Espiritual" (Veja o Volume: *Fragmentos de Pensamento e de Paixão).*

Entretanto, sentia nascer em mim, gradativamente, *A Grande Síntese,* através da lenta incubação de 20 anos. Entendamo-nos. O amadurecimento não veio por meio de verdadeiros estudos realizados, porque sempre li ao acaso e apenas como pretexto para escutar-me. A *Síntese* não me veio de livro algum, mas surgiu toda do mistério de minha alma. Eu li, é verdade, mas nada encontrei que já não existisse em mim. Reconheci nas leituras o que já sentira ser verdadeiro, e repudiei o que já sabia ser falso. É verdade que durante alguns anos escrevi várias páginas de apontamentos, mas eram caóticos, discordantes e foram julgados uma tempestade que ameaça e nunca desaba. Além disso, foram escritos quase sempre à noite, motivados mais por um impulso interior invencível do que por minha vontade, num estado de consciência todo especial. Eram meus primeiros exercícios; o impulso submetia-me a uma escola de preparação e treinamento, para a grande recepção, escola que devia formar em mim o instrumento. Aquele manuscrito foi apenas coleta de material e, quando escrevi a *Síntese,* senti náuseas daqueles primeiros abortos de pensamento e que muitas vezes reneguei por completo. Sofrido aquele processo de maturação e após alguns anos de inatividade, meu pensamento recomeçou tudo desde o início, seguindo um fio seu, interior, e não outro.

Esta verdade, eu a quis dizer, mesmo arriscando-me aos que acreditam que eu haja preparado a *Síntese* através de estudo. Venho ao contrário, demonstrar a verdadeira natureza de minha mediunidade: inspirativa e intelectual. Esta, nascida comigo, mas mínima, se agiganta com o tempo. Mediunidade a princípio rudimentar, intermitente, a lampejos, como se vê pela narração de meus primeiros anos. Mediunidade progressiva até tornar-se em mim uma qualidade estável, uma segunda natureza.

Essa progressividade é a característica fundamental que define o meu fenômeno. E isto é lógico e corresponde aos princípios da ascensão espiritual das religiões, assim como aos da evolução biológica Darwiniana. Pois a mediunidade, em meu caso, significa não o fenômeno isolado, sem raízes e sem razões, de manifestação do supernormal, mas de amadurecimento profundo e revelação de minha personalidade eterna e de suas capacidades. Religando-me aos conceitos conhecidos e aceitos da evolução biológica Darwiniana, eu, na *Síntese,* continuei essa evolução no campo espiritual — pois seria truncada e absurda se assim não fora — harmonizando a afirmação da ciência com a afirmação da fé, sustentando a ascensão espiritual. Esta minha progressividade de mediunidade inspirativa é, pois, para mim, um fenômeno

biológico normal, porque está colocado na linha de evolução psíquica que os homens, antes ou depois, percorrerão naturalmente, enquanto eu me acho percorrendo agora, apenas antecipando um pouco a maioria. A mediunidade intelectual é para mim o estado normal de um futuro psiquismo mais sensibilizado, de uma percepção anímica direta supersensória mais apurada, é uma fase superior de consciência e dimensão conceptual perfeitamente normais na evolução, mas que hoje, na Terra, constitui posição de exceção em virtude do estado relativamente involuído da raça humana.

Portanto, nada de anormal, de extraordinário ou milagroso. É questão de caminho percorrido. Coloquei assim o problema, porque assim o vivi e o resolvi. Caminho aberto a todos e que se percorre através de uma purificação de espírito como de corpo, de pensamento como de nutrição, que impõe um regime espiritual e dietético, em que as substâncias físicas e psíquicas de nível inferior, de vibração lenta e grave, devem ser expulsas. Medicina e misticismo devem colaborar neste ponto. Purificação que se atinge ao lançar a própria natureza inferior animal e seus instintos e paixões, no fogo lento do desapego, da sublimação e sobretudo da dor.

A dor sempre teve uma parte importantíssima em minha vida, cobrindo-a, muitas vezes, quase totalmente; e posso afirmar que ela foi o fator mais ativo na formação de minha inspiração e espiritualidade. Parece impossível, mas foi a dor, mais do que a cultura, que me esclareceu a mente, que me deu idéias, justamente porque tudo já estava no fundo de minha alma, e bastava torná-la transparente para que elas aflorassem.

Foi justamente a dor, que apareceu na forma mais intensa e profunda, que preparou e determinou a passagem desta fase que até agora observamos, e que pode chamar-se "preparatória", de minha mediunidade, à fase de sua explosão decisiva. É através da dor que o fenômeno entra no período de sua plenitude. Essas relações entre sofrimento e mediunidade confirmam minha interpretação anterior: trata-se de um fenômeno evolutivo de mediunidade progressiva, pela qual o espírito revela seus poderes interiores, através da purificação de seu veículo humano, e tanto mais claramente se manifesta, quanto mais este se torna sutil e deixa transparecer sua luz.

Estava em Assis, em 1931, quando maiores golpes me atingiam em cheio. Devo observar aqui que a Divina Providência e, para mim, uma força real e sábia, cujos impulsos nas vicissitudes de minha vida senti continuamente. Se ela, para minha evolução, deixou sempre a porta de meu destino escancarada à dor, no entanto sempre dosou as provas, que jamais superaram minhas forças, e, no momento da real necessidade, enviou a ajuda indispensável. Verifiquei que essa força não quer ociosos, procura constranger ao progresso, mas jamais abandona, ainda que dê o auxílio mínimo necessário, para que este não seja um estímulo ao ócio. Minha hipersensibilidade toca essas forças do imponderável, que, para muitos, que as não sabem perceber, parecem inexistentes. Durante o verão, minha família transferiu-se para o campo, em Colle Umberto di Perugia, e eu, deixando Assis, a cidade de Francisco que eu tanto amava, abandonando minha casa, ninho de paz, e afastando-me da família, de que tanto gostava e pela qual continuei sempre a velar, caí, pobre e sozinho, no fundo da Sicília, em Módica, triste, destruído. Conhecendo o inglês e diplomado em Leis, vencera, no verão, um concurso, e obtivera aquela longínqua cátedra de língua inglesa. Tendo renunciado aos bens hereditários, tive que ganhar minha vida. Caí num quarto paupérrimo, entre pessoas ávidas, desprovido de tudo, aturdido, acabado. Só então meu espírito pôde revelar-se. E, debaixo do tremendo golpe, explodiu.

Era a noite Santa, Natal de 1931, e minha pena começou a primeira Mensagem:

"No silêncio da sagrada noite, ouve-me. Deixa toda a sabedoria, as recordações, a ti mesmo, esquece tudo, abandona-te à minha voz, inerte, vazio, no nada, no silêncio mais completo do espaço e do tempo. Neste vazio ouve a minha voz que diz: levanta-te e fala. Sou eu... Não temas; escreve" (. . ..).

Aniquilado, eu tremia. Depois levantei-me transfigurado. Havia em mim uma força nova e eu tinha que segui-la. Finalmente explodira minha mediunidade em sua plenitude, e desde aquele dia eu firmei "Sua Voz".

Chamei assim a essa fonte de pensamento, de vontade, de ação e de afeto, que me inundava todo; chamei-a assim, com sinceridade e simplicidade, incapaz de definir melhor, para dizer: a voz daquele que ouço.

Ela mesma dizia-me naquela sua linguagem: "não perguntes meu nome, não procures individualizar-me. Não o poderia, ninguém o poderia; não tentes hipóteses inúteis".

Em outro lugar (volume *As Noúres)* estudamos o problema da individuação da fonte e da paternidade da *Síntese.*

Avizinhara-se aquela voz, falando-me como falava no Evangelho, à doce voz do Cristo, aconselhando-me e guiando-me. Mas era interior, pelo menos eu a atingia por caminhos interiores, íntimos. Manifestava-se em mim como uma audição interior de conceitos, num contato tão direto, que estes nem sequer eram formulados em palavras. Sem dúvida era distinta de mim, de minha consciência normal cotidiana, porque me guiava, governava, pregava; e meu eu normal seguia e obedecia; porque surgiam também discussões e divergências entre as duas personalidades, nas quais meu eu normal cedia sempre, vencido e convencido por uma superioridade esmagadora de bondade e sabedoria. E, naquele inverno siciliano, na solidão de minha dor, aquela Voz esteve sempre perto de mim, único amigo, para sustentar-me a cada passo e para guiar-me em todos os atos, impondo muitas vezes novas doações e renúncias, naqueles pontos em que minha natureza humana não o desejaria. Uma correspondência freqüente com a Senhora Luísa Carocci Govean, de Turim, está cheia de narrações dessas minhas primeiras impressões virgens e maravilhosas. Esta Senhora apresentou-me, na primavera de 1932, à escritora Laura Lègrange Bussolin, diretora da revista *Alfa,* de Roma, na qual se iniciou imediatamente a publicação das Mensagens. Com efeito, "Sua Voz", sempre teve essa característica: ao mesmo tempo que ditava a Mensagem, abria os caminhos para sua divulgação. E a divulgação foi rápida, pois eu, desconhecido como escritor, vi essas Mensagens saírem nos principais centros do mundo, espalhando-se por sua força intrínseca, sem que eu quase nada pudesse fazer para isso.

Era por certo um fenômeno já muito surpreendente para mim, ser arrastado, sem preparação e de surpresa, por um fio de conceitos que se desenrolavam automaticamente, como por impulso próprio. Agora somava-se outro fenômeno: sua divulgação rápida, abrindo-se as colunas das revistas mais longínquas e inacessíveis. E no entanto eu duvidava, temia enganar-me e pedia conselhos; mas, constantemente, de todos os lados, desde aquele princípio, só me vinha encorajamento. Nunca uma dissonância. Levantava-se em redor de mim um coro de vozes concordes (veja mais adiante: "Mensagens mediúnicas dirigidas a P. Ubaldi"). Da primeira gênese dos conceitos, à sua difusão automática, até à concórdia dos aplausos, movia-se tudo numa harmonia que parecia obedecer a um plano pré-estabelecido. Todavia, eu só tinha conhecimento disso dia a dia, no momento da realização. O pensamento de "Sua Voz" começava a realizar-se; surgiam fatos concretos em redor de mim, provas evidentes, e eu me dei conta que havia passado imediatamente do campo do pensamento ao da ação.

Foi esse o período dos mais íntimos e afetuosos contatos com "Sua Voz", assim como também dos maiores sofrimentos e isolamentos do mundo. Foi também o período em que se traçou a rede que me prende indissoluvelmente, há tantos anos, a esta fonte de vida.

Mister se torna contar tudo, para esclarecer o fenômeno e seu desenvolvimento; o fenômeno desta minha mediunidade inspirativa e consciente, progressiva e ativa, porque aqui começam a delinear-se as características típicas que mais tarde a definirão.

Rapidamente eu fixava na imprensa minhas impressões a fim de que não se perdesse nada do que ocorria dentro e fora de mim. Como continuação da "Evolución Espiritual", publicada na revista *Constancia,* de Buenos Aires, e a seguir em volume separado, publiquei na mesma revista, e como apêndice ao volume, um artigo: "Experiências Espirituais" (veja volume: *Fragmentos de Pensamentos e de Paixão),* em que estudava objetivamente o comportamento das forças espirituais que tão decisivamente intervieram, modificando a linha de meu destino. Sentia com evidência que operavam em mim forças superiores e observava, procurando compreendê-las.

Mas tinha que apressar-me, porque o amadurecimento se precipitava. As "Experiências Espirituais", publicadas em dezembro de 1931, enquanto *Sua Voz já* ditava sua primeira Mensagem, seguiu-se logo um artigo, em *Constancia,* de Buenos Aires: "Como oí su voz" (Como ouvi sua Voz), em fevereiro de 1932. O suceder-se rápido dos acontecimentos não me dava tempo de publicar esses trabalhos mesmo na Itália. Nesse artigo, expus minhas primeiras impressões, fixando-lhes as notas básicas. Dizia: "*una voz interior me habla, me dicta, me ordena de escribir*". "*Siento que me dictará muchas cosas que tendré de escribir*". Essa publicação era composta de duas partes: a primeira, "*Mi razón*", observava e explicava o que acontecia; a segunda, "*Su palabra*", transcrevia a primeira Mensagem de Natal de 1931. Estava feita a primeira afirmação. Não podia mais retroceder.

Desde o princípio de 1932, saía a mesma Mensagem em italiano, inglês, francês, nos principais centros do mundo. Vasta correspondência crescia em torno de mim, em que figuravam Bozzano, Schaerer de Bruxelas, professores de Universidade, médicos, entre os principais expoentes do mundo espiritualista. A 1º de junho, escrevia-me Bozzano: "*A Mensagem obtida com sua mediunidade provém indubitavelmente de origem transcendental, e mais ainda, de elevadíssima inspiração*". E mais tarde, a propósito da Mensagem do Perdão: "*Estupendo! Há nela trechos sublimes, em sua grandiosidade única que provoca quase um sentimento de sagrada surpresa*".

E Bragadin escrevia, em sua revista *Ali del Pensiero,* em fevereiro de 1934: "*Enquanto as coisas fortemente queridas e tenazmente preparadas, muito raramente têm no mundo o êxito merecido, um médium desconhecido, não preparado, cético por muito tempo de sua mediunidade, sem meios nem apoio, sem nenhum objetivo de interesse, viu em pouco tempo suas Mensagens, numericamente reduzidas, darem volta ao mundo e difundir-se rapidamente, automaticamente, sem nenhuma intervenção sua, assim como uma força secreta própria, emanada daqueles trabalhos*".

E verdadeiramente, cada vez mais me sentia aniquilado e tímido, e teria voltado atrás se, ao contrário, Sua Voz não me houvesse impelido para a frente.

Mas abandonemos esta história exterior, de que a contragosto tive de falar, e voltemos à história interior, menos conhecida e mais importante. A fase preparatória fora superada. Achava-me, plenamente, no primeiro período das manifestações, que pode chamar-se das Mensagens, e que vai do Natal de 1931 à Páscoa de 1933, e que aqui se fecha para entrosar-se e transformar-se

no que chamaremos de *A Grande Síntese.*

A verdadeira história, a mais poderosa e mais trágica para mim, é a interior. Quem a preparara? Como podia nascer assim, do nada, um mundo novo, denso de atividades e acontecimentos? Não houvera nenhuma preparação visível. Até o verão de 1931, eu estudara literatura inglesa e alemã, para preparar-me ao concurso a ser realizado. A dor que me golpeara, a pobreza a. que me havia devotado, não eram, de certo, uma preparação cultural. Sigamos esta história íntima, em que se encontra a fonte de tudo, das *Mensagens* e da *Síntese;* procuremos, agora, permanecer próximos ao princípio genético do fenômeno, depois que lhe observamos os efeitos.

Estava ainda em Módica, no quente inverno siciliano. Em torno a mim, insipidez, tristeza e desolação de espíritos selvagens, desolação de campos verdes. Eu obedecia. Realizara a pobreza, a renúncia, a perfeita alegria de Francisco, que tanto amara em Assis. Eram contínuos os colóquios íntimos com Sua Voz, agigantava-se seu poder, seu amor me sustentava. Conseguira descobrir, fora da cidade, numa colina, mirrada moita de alfarrobas, que, entre gigantescas figueiras da Índia e muros baixos divisores de campos, proporcionavam um pouco de sombra e a ilusão de um bosque. Para lá me retirava a orar. Já de outra vez, nos suaves campos da Úmbria, em Perúgia, depois de uma grande promessa, sentira tão perto de mim o espírito de Cristo e de Francisco, que fiquei sem saber se suas diáfanas formas corpóreas caminhavam, plenamente a meu lado, num trecho de estrada do bosque. Fazia uma prece imensa, à qual toda a criação respondia; anulava-me, para sentir-me renascer em todas as coisas. Lá escrevi o "Canto das Criaturas", visão poética, publicada em Milão e Buenos Aires. A inspiração franciscana exprime bem minha alma. Hoje podem muitos sorrir, na vida tão diferente do mundo, deste misticismo. Parece que a sociedade trabalha depressa e com força, a fim de destruir em seu seio estes sensitivos, dando a vitória aos volitivos imperiosos e egoístas. Mas é um fato: quem mais aparece, menos vale; quem mais grita, menos pensa; quem mais se impõe, menos sente; quem mais se afoba no campo da atividade exterior, se acha mais vazio e arruinado no campo das construções internas do espírito. Este período das Mensagens pode ser chamado o do sentimento e do coração, ao passo que a *Síntese* representa o período da mente e do pensamento. Primeiro calor, depois luz; primeiro amor e depois vontade; primeiro o coração, depois a inteligência. Sua Voz tocou todo o meu ser humano. Admiro também essa sua riqueza de formas, essa sua plenitude, essa totalidade de seu poder. Período este de profundas emoções. E enquanto me abandonava a ele, a minha atividade eu ia realizando sem perceber e desenvolvia, um plano lógico.

Eu orava. Naquele refúgio campestre e solitário houve um dia um colóquio profundo, íntimo, que não sei descrever, entre Sua Voz e eu, de alma para alma, um daqueles colóquios que não se esquecem mais por toda a eternidade. Chorei. A vontade que está no centro do Universo estava perto de mim, fulgurante e boa; inclinava-se para mim em homenagem ao seu princípio: liberdade e responsabilidade do ser. E pediu o meu consentimento. Mergulhei naquele mar de resplendores e anulei-me numa promessa incondicional, numa dedicação completa. Respondi: Sim! Desde aquele dia, minha vontade foi a Sua, e não mais podia desobedecer. Iniciada aquela rota, teria que continuá-la até o fim.

Eu ressuscitara. Possuía-me a potência dessa nova personalidade. O destino flagelava, impassível, com a dor. Era um vento frio que me enregelava, enquanto no coração ardia um incêndio. O amor dos místicos é um fato real, conhecido, tão freqüentemente vivido que ninguém deve admirar-se disso. Só uma ciência com premissas materialistas, e portanto

incompetente nesse campo da espiritualidade, pode contentar-se, para resolver o caso, com uma negação sumária. Mas também esse amor tem um seu pudor sagrado, no qual se escondem os segredos mais profundos das Leis da Vida. E eu me calo.

Retomava a primavera. Certa noite fria, entre 9 e 10 de maio de 1932, pelas duas da madrugada, na hora antecrepuscular dos maiores silêncios, acordei bruscamente, por causa de uma movimentação insólita de conceitos em minha psique. Li, maravilhado, dentro de mim. Tinha que escrever, e escrevi rápido e com segurança na sonolência, como quem copiasse um texto, duas Mensagens breves, incisivas, poderosas. Uma era para Mussolini, outra para o Sumo Pontífice, pessoais, particulares, que eu devia enviar, e que diziam respeito a cada campo de ação política e religiosa. (Veja nas páginas seguintes: "Mensagens particulares de P. Ubaldi"). Tendo escrito, readormeci no meu cansaço pelo trabalho do dia. Depois, no dia imediato, e enfim, à noite, reli-as. Eram belas. Fiquei maravilhado. Como haviam nascido? No dia anterior, ocupara-me de coisas inteiramente diversas; à noite, até às 23 horas, ficara corrigindo exercícios e tirando médias escolares. A coisa tomara-me de improviso, e agora atemorizava-me a ordem: "Entrega-as". Mas como posso fazê-lo? perguntava. "Os caminhos serão abertos diante de ti", respondia-me a Voz. E, o que é surpreendente, por si mesmos se abriram os caminhos e as mensagens, estas e outras sucessivas, chegaram ao seu destino. O chefe de governo, na Itália, a 2 de março de 1933, agradecia-me publicamente e comigo se congratulava por meio do Prefeito de Perúgia e do Chefe Municipal de Gúbio, onde então me achava. Meus escritos mediúnicos, produzidos de modo tão estranho, não eram, pois, o resultado de desequilíbrio nervoso.

Após breve intervalo, voltei ao trabalho das Mensagens públicas, nascendo então a segunda, a "Mensagem da Ressurreição", na Páscoa de 1932. A mesma divulgação rápida. Esta chegou, por si mesma, até Saigon, na Indochina, onde foi publicada.

Terminado o ano escolar, deixei Módica e voltei a Perúgia (Colle Umberto) com a família, no campo, sendo depois transferido em setembro, para Gúbio, onde ensinei durante vinte anos.

No verão, nasceu a "Mensagem do Perdão", no dia do perdão da "Porciúncula" de São Francisco de Assis, a 2 de agosto de 1932. Fui tomado de improviso, pela manhã, com tal ímpeto de emoção, que, entre lágrimas, mal conseguia ver o papel em que escrevia. Escrita, como as outras, de jato, completa, sem qualquer arrependimento, nítida e segura desde a primeira cópia! E esta a mais bela, a mais vibrante e poderosa das Mensagens, e em pouco tempo fez também a volta ao mundo (calcularam que tivesse aparecido meio milhão de cópias).

Na Páscoa de 1933, XIX centenário da morte de Cristo, em Gúbio, nasceram juntas duas Mensagens: a "Mensagem aos Cristãos" e a "Mensagem aos Homens de Boa Vontade".

Fechava-se, assim, o primeiro período das Mensagens. As revistas me pediram depois outras. Mas elas correspondiam a um plano bem diferente, do que a simples colaboração de imprensa. Não nascem a pedido, mas quando querem.

Neste ponto, cabe falar de outra Mensagem, transmitida na Páscoa de 1943, após dez anos de silêncio. Trata-se da "Mensagem da Paz", escrita, exatamente, na noite de Quinta-Feira Santa, no monte sobre o Santo Sepulcro (Arezzo), diante do Verna[1]. Apareceu em plena guerra mundial, para fazer ouvir, entre o ribombar da destruição universal, a palavra equilibrada de paz, de orientação, de encorajamento.

---

[1] A colina do Verna foi onde São Francisco de Assis recebeu os estigmas da Paixão de Cristo.

Após outros dez anos de silêncio, apareceu a última, chamada "Mensagem da Nova Era", no Natal de 1953, no Brasil, na praia de São Vicente, em Santos - S. P. Com esta, fecha-se a série das sete Mensagens.

Observemos sua harmonia. As primeiras cinco, estão dispostas em três anos, de 1931 a 1933, isto é: com a primeira, revela-se Sua Voz, na noite de Natal de Cristo, em 1931, para anunciar a idéia central da Obra; depois um grupo de duas, no ano seguinte, e as últimas duas, unidas, como uma estrela dupla, na Páscoa de 1933, XIX centenário da morte de Cristo. Assim, do seu nascimento à sua morte, completou-se o primeiro grupo, em três anos, e, pode dizer-se, em três termos.

Sobre este primeiro ritmo ternário, fundamental, desenvolve-se outro ritmo ternário mais amplo; sobre este primeiro grupo de base, eleva-se como segundo termo, após um silêncio de dez anos, na Páscoa de 1943, a "Mensagem da Paz", e a seguir, um terceiro termo, também, depois de dez anos de silêncio, para concluir, no Natal, como no Natal começara, em 1953, com a "Mensagem da Nova Era" Assim, neste segundo e terceiro termos, ecoa o primeiro grupo e se fecha e termina o ciclo septenário das Grandes Mensagens. Essas harmonias só foram notadas e compreendidas, depois que tudo ficou terminado.

Nessas Mensagens - apelos supremos ao mundo - numa linguagem que seria loucura atribuir a mim, são tratados os pontos nevrálgicos dos mais atuais e vivos problemas religiosos e políticos, com conexão e desenvolvimento lógico, de modo completo, e com um conceito central diretivo que eu, acompanhando separada e particularmente, só pude descobrir depois de tudo terminado. As Mensagens são um apelo direto, um toque de recolher, e, harmonizando-se em perfeito equilíbrio entre temporal e espiritual, culminam no problema da salvação espiritual do mundo. Palavras inequívocas dão vivíssima impressão - confirmada especialmente pela imprensa da América do Sul - de tratar-se de uma fonte que, não sabemos por quais caminhos, e de que forma, se prende ao pensamento de Cristo. E foi isso o que senti. Afirmar algo mais, seria audácia; quanto a mim, seria presunção. Neste campo, devo humilhar-me, calar, obedecer. Esta fase está terminada. Sobrevive apenas o eco dos comentários da imprensa.

Não finalizara ainda esse período, mas em seu declínio transformava-se em outro, que vinha sendo preparado desde 1932. Podemos chamá-lo período de *A Grande Síntese.* Não mais sentimento, mas sabedoria; não mais apelo, mas revelação. No outono de 1932, conheci a nova revista que surgia: *Ali del Pensiero (Asas do pensamento),* de Milão e seu diretor, Sr. M. A. Bragadin. Em mim nasce um impulso gigantesco: retomar a idéia base das Mensagens e desenvolvê-la em profundidade. Essa idéia me domina, me entusiasma e lanço-me ao trabalho sem plano algum, sem refletir; ai de mim se tivesse refletido e compreendido o que devia fazer: teria ficado esmagado. *Sua Voz* mandava e guiava. E eu estava calado. Minha natureza apaixonada pelo Cristo, por Seu amor, por Sua dor, por Sua bondade, transforma-se em grande máquina de pensamento que abarca todo o saber humano, o supera, o contém. Sucede à linguagem do sentimento, às horas de emoção (Mensagem), a fria e cortante linguagem da ciência, a hora da profunda absorção da visão imensa do infinito. Muda o plano de ação. Falo agora ao outro mundo, científico, filosófico, religioso, intelectual. Preciso saber tudo, resolver tudo, mas Sua Voz me orienta, e eu caminho seguro. De Milão, Bragadin escreve-me que conhecia a médium Valbonesi, recebeu uma comunicação de seu espírito guia, chamado "O

Mestre", dizendo que eu devia colaborar por meio de comunicações de ordem científica. Nossos pensamentos encontram-se, sob um guia único, apresentando coincidência que dão para pensar. Ainda não conhecia a revista nova de Bragadin, que não me conhecia e muito menos sabia da minha maturação, e no entanto, tudo se harmoniza com coincidências de ambos os lados, que faz crer terem sido criadas para reunir-se.

Sem dúvida, bem estranha coincidência é esse encontro e a série dos fatos, aparentemente casuais, e que, no entanto souberam convergir para a publicação de *A Grande Síntese.* Para mim, foi sempre um fato inexplicável humanamente, que o diretor da revista *Ali del Pensiero,* sempre tão severo e prudente para aceitar colaborações, tenha tido para mim, desconhecido, a mais absoluta confiança imediata, e tenha aceito um trabalho aparentemente utopístico, que não tinha escrito ainda, mas apenas imaginado, e tenha empenhado, com tão poucos elementos em mão, a si mesmo e sua revista, numa obra que poderia ter naufragado após poucas páginas. E sua confiança, ainda que ilógica, foi logo total e completa, mesmo depois de lhe haver revelado eu que não sabia qual o futuro desenvolvimento do trabalho. Sem essa confiança, que tanto me sustentou, não teria tido a coragem de empreender e levar a termo uma obra de tão grande monta.

Comecei, em janeiro de 1933, na *Ali dei Pensiero,* a publicação de *A Grande Síntese,* tendo em mente apenas o esquema. No início foi publicado um roteiro muito sumário, mas abandonei-me ao fio do novo pensamento. Durante quatro anos ocorreram regularmente a publicação e a compilação do texto. Só pude dedicar-me ao trabalho de escrever nos dois meses de férias de verão, único período em que a escola me deixava livre e em que me foi possível concentrar-me em paz. Utilizei, assim, mais três verões de férias para completar o trabalho: o de 1933 o de 1934 e o de 1935. O verão de 1936 dediquei-o a escrever *As Noúres.*

Com *A Grande Síntese* verificou-se, quase automaticamente, o mesmo fenômeno de divulgação que ocorrera para as Mensagens. Concomitantemente com a edição italiana, na revista de Milão, surgia a edição espanhola na revista *Constancia,* de Buenos Aires, e as duas edições portuguesas do Rio de Janeiro, no *Correio da Manhã,* diário de grande circulação, e no *Reformador,* mensário, da *Federação Espírita Brasileira* que, paralelamente, publicou a primeira edição da obra acima citada. Outras edições se fizeram, também na Europa.

O novo caminho de *A Grande Síntese* estava traçado, que se inicia com estas palavras:

"Em outro lugar e de outra forma (v. *Grandes Mensagens),* falei especialmente ao coração, usando linguagem simples, adaptada aos humildes e aos justos que sabem chorar e crer. Aqui falo à inteligência, à razão cética, à ciência sem fé, a fim de vencê-la, superando-a com suas próprias armas. Foi proferida a palavra doce que prende e arrasta para si, porque comove. Indico-vos agora a mesma meta, mas por outros caminhos, feitos de ousadias e potência de pensamento, pois quem pede isso não saberia ver de outra forma, por faltar-lhe a fé ou por incapacidade de orientação para compreender".

Estas palavras unem a *Síntese* às *Mensagens,* como continuação de trabalho e de programa. Explicava-me depois, a mim mesmo, estas orientações, em dois artigos: "Apresentação" e "Programa", que apareceram na "Revista Espírita do Brasil", do Rio de Janeiro, em maio e dezembro de 1934, e que foram inseridos rio livro *Fragmentos de Pensamento e de Paixão.* O plano diretivo continuava, portanto, a desdobrar-se, guiando-me e preparando os meios. No volume *As Noúres* estudamos o fenômeno e os escritos que foram por ele produzidos, olhando-os de dentro, como os vivi, para que nos revelassem o segredo da técnica da recepção mediúnica inspirativa. Mas, aqui, queremos notar e afirmar a contínua correspondência entre

todos estes fatos interiores e exteriores, para lembrar que o subconsciente e o patológico — se alguém quiser recorrer a semelhante explicação do fenômeno — não podem conter a presciência de um plano lógico, nem podem os fatos exteriores e a vontade alheia concordar em colaborar com eles. Essas concomitâncias, também têm seu peso científico. Não me dirijo ao público leviano dos negadores fáceis; falo aos cientistas sérios que, por mil fatos objetivos, são induzidos à persuasão de que nos circunda um mundo imenso que ignoramos e de que nada se pode negar "a priori".

Há outras concomitâncias menores, mas comprobatórias, e que me incitaram: médiuns longínquos, desconhecidos, que apareceram num átimo em meu horizonte, só para dizer-me palavras de confirmação e depois desaparecerem. Quem os moveu? Tenho que contar tudo, ainda que a simples título de crônica, deixando toda apreciação ao leitor. A médium Marjorie I. Rowe, em junho de 1932 recebeu uma mensagem dirigida a mim, de Imperator (veja-se nas páginas seguintes: "Mensagens mediúnicas dirigidas a P. Ubaldi"), e me endereçou para Módica. Como me achou? Nela me confirmava todo o trabalho que tinha de fazer, acrescentando, como prova, revelações de pormenores íntimos, que só eu sabia, e que era absurdo que uma pessoa desconhecida, em Londres, pudesse imaginá-los. Falava do lugar acima descrito, em que eu me retirava, no campo, para orar, incluía palavras em que eu reconheci meu pai, já falecido, e me predizia (... ..): "a desordem do mundo faz parte daquilo que escreverás" (. ...). E uma entidade mais alta concluía: "Sejas abençoado, meu filho, que ouviste minhas palavras".

A médium. Valbonesi, em várias mensagens; encorajava-me, aprovando e sustentando-me. Uma mensagem de outubro de 1932, da parte do "Mestre", dizia entre outras coisas: "Ouves.... e tu que escutas a ordem, vai e dize aos povos que Cristo ressuscitou. Serás o apóstolo simples, o que opera a caridade em nome de Cristo (.....). Assim diz aquele que envia tua voz ao mundo". Médiuns de incorporação e médiuns psicógrafos confirmavam-me sempre o caminho iniciado. A médium Giselda Smiles, de Roma, foi constrangida a mandar-me uma mensagem assinada: "The Spirit of Innocence", em que afirma uma missão minha. Traduzo o texto inglês: "O Espírito daquele que multiplicou os pães e os peixes está contigo, dentro de ti, em redor de ti. Estás agora unificado com Deus, com o bem existente em toda a criação. Sê fiel à promessa que a Ele fizeste, de seguir Sua inspiração. Não temas, pois que és Pedro, a rocha novamente escolhida, sobre a qual Ele edificará uma nova fundação e Sua ressurreição, e nada prevalecerá contra ela. Sua Luz derramará Seu resplendor em tua mente (.....). Em nome do mesmo te abençôo, ó Pedro, e através de ti Ele abençoa o mundo. (....). The Spirit of Innocence, in the name of † (O Espírito de Inocêncio, em nome de †). Que significam esses rodeios em torno de mim, com mensagens encorajando-me, provenientes de um ambiente de médiuns, entre os quais eu era totalmente desconhecido?

Paralelamente, Bozzano, indiscutível autoridade mundial nessa matéria, acalmou minhas dúvidas, garantindo-me a origem transcendental dos escritos, e aproximando minha mediunidade da de Miss Cummins, a médium pela qual se manifesta a famosa e extraordinária personalidade de Patience Worth. O professor Schaerer, de Bruxelas, escrevia no Bulletin du Conseille des Recherches Métapsychiques", que eu era "um médium extraordinariamente dotado para recepção de comunicações de ordem científico-filosófica. A Comunicação de *A Grande Síntese* trata de uma concepção monista-naturalista de caráter estritamente científico, cujo valor indiscutivelmente, é muito grande". No entanto, por outros, *A Grande Síntese* era definida como "uma nova e completa revelação". Em seu volume *Espiritismo Moderno - Os Fenômenos*, Trespioli fala a meu respeito em várias páginas, que eram publicadas em revista especializada. O

mesmo Bozzano me escreveu, em outubro. de 1935: “eu soubera com que admirável constância e a custa de quanto sacrifício e dispersão de energias físico-psíquicas, conseguira sua nobre finalidade. Não se lamente, pois realizou obra meritória, cujo valor científico, filosófico, metapsíquico aumentará com o passar do tempo... Mas *A Grande Síntese* é tão densa de pensamento, de ciência e de sabedoria, que não é possível pronunciar a respeito um julgamento sumário, enquanto não for publicada em volume". Na carta de fevereiro de 1935: (.....) "a onda supernormal inspiradora foi a que lhe ditou a mais extraordinária, concreta e grandiosa mensagem mediúnica, de ordem científica que se conhece na casuística metapsíquica".

Não é para engrandecer-me, que recorro a estas citações, mas para dar-me apoio moral, de que necessito no meu trabalho, em que apenas tenho fadiga; para aliviar um pouco a grande responsabilidade moral que, sem dúvida, assumo; enfim, para esclarecer melhor, com julgamento de quem é mais sábio do que eu, este estranho fenômeno de mediunidade, esta vida no imponderável, em que já agora me movo habitualmente, e que é tão intensa que entontece mesmo um homem normal.

Nestes casos, para não perturbar-se, é mister tal força nervosa, tal equilíbrio moral e tal objetividade científica, que nem sempre se encontram no tipo médio. Isso porque nesse mundo de realidades materiais, eu tinha que permanecer objetivo. E no entanto, iniciei a obra *A Grande Síntese* num estado de completa confiança para com o invisível, abandonando-me a um fio condutor, que também se poderia ter rompido; empenhei-me moralmente a desenvolver um programa imenso, só sabendo com segurança que dispunha de muito pouco tempo e de pouquíssimas forças. E, coisa única para um escritor ainda não conhecido: quatro editores se empenhavam, de um hemisfério a outro, na publicação em larga escala, antes que eu escrevesse o texto, antes que eu mesmo pudesse imaginar exatamente o que haveria de escrever. Mas esta certeza de divulgação, o empenho que me prendia, a certeza de que cada palavra escrita seria publicada sem modificações e seria ouvida no mundo, tudo isso só podia impelir-me ao esforço intenso, realizado enquanto um trabalho ingrato, para ganhar a vida, me sufocava e atordoava meu espírito com barulheira absurda. Minha fé, a fé dos editores, a fé de quem me compreendera e sustentava, sempre é a fé a base da criação de tudo.

Agora, eu amo a *Síntese* como uma criatura que veio de Deus, mas que pôde nascer aqui só através de minha dor e de meu amor, a criatura pela qual daria a vida, para que triunfe. Escrevi esse livro com meu destino e jamais será cancelado, por toda a eternidade; essa é a produção que me valoriza totalmente; por sua causa, não vivi em vão; ela é o pensamento e a paixão em que meu pensamento e minha paixão sobreviverão à minha morte. Admiro e exalto esse livro, como se pode exaltar a obra de outra pessoa, apenas pela alegria de sua beleza; e no entanto, há nele muito de meu, porque nele me empenhei todo inteiro. A verdade é que ele é um penhor de aliança entre mim e as forças superiores; ele é o sinal que permanecerá, da passagem delas por mim, e de nossa união secreta, é o cadinho de fusão de almas. No silêncio de meu gabinete ninguém poderia traçar a gênese da *Síntese,* nem saber a técnica particular de minha recepção; e eu teria podido facilmente fazer passar o livro como obra de minha sabedoria. No entanto, aqui estou a humilhar-me diante da fonte de meu pensamento, porque isto é mais verdadeiro, é maior, é uma potência que supera toda afirmação humana. E se deixo louvarem e se louvo a *Síntese,* é para oferecer este novo tributo àquela fonte a que tudo devo, após ter-me oferecido a mim mesmo por inteiro.

Só se podia realizar aquele trabalho apoiado no sentido de missão, na força que vem apenas da pureza de intenções e nobreza de objetivos, numa paixão pelo bem. As finalidades

humanas não têm o poder de manter a tensão necessária ao esforço e de sustentar o espírito naquela atmosfera; as compensações humanas tornam-se irrisórias, desproporcionadas a um trabalho em que se empenham todos os recursos da vida e se navega no infinito. Quando somos tocados por esses aniquilamentos sublimes da mão de Deus, não mais se pode caminhar pelas tortuosas estradas humanas nem mais pensar em si mesmo. Logicamente não tenho merecimento por isso. O ser fica mudado, após esses anos de contato com o infinito; quem tremeu sozinho diante dos abismos do mistério, em novos estados de consciência, superou as dimensões de nosso universo e teve uma visão direta da Verdade, não pode novamente descer à vida normal, mesmo se for constrangido a viver nela e a servir-se de sua psicologia, sem dar a seus pensamentos, a seus atos e as coisas, um valor diverso. A visão foi vivida e permanecerá eternamente em minha retina.

Hoje, tudo isso constitui uma recordação, em que novamente mergulho para vivificar-me. A grande hiperestesia superou seu clímax. Aquela primeira fase foi vivida, mas ainda continua. Sobrevive como que um eco daquele trabalho realizado e o desejo intenso de progredir cada vez mais no caminho iniciado. Agora, a *Síntese* pertence ao mundo, a quem a ofereci. Em mim permanece a expectativa obediente, porque do mistério do ser continuarão a nascer ordens e auxílios para que a missão seja desempenhada até o fim.

Neste capítulo, delineamos com sinceridade total a história interna e externa do fenômeno, no período de sua gênese e em seus primeiros desenvolvimentos. E a história daqueles primeiros anos, escrita na Itália, em ambiente tão diferente do atual brasileiro, história que no presente volume documentamos.

# MENSAGENS PARTICULARES DE

# PIETRO UBALDI

As duas mensagens particulares, mencionadas no capítulo "História de um caso vivido", neste volume, dirigidas, uma ao Pontífice, outra a Mussolini, foram escritas de improviso em a noite de 9 de maio de 1932 e a eles remetidas. Esta última foi entregue na tarde de 5 de outubro de 1932 ao destinatário, que a leu. Seu conteúdo e estes fatos estão documentados; em cartas e pela imprensa de então. A estas seguiram-se outras. Eis algumas frases mais importantes:

(.....) "Trata-se de ajudar a nascer a nova humanidade, que nascerá da conturbação do mundo (....). Evita com todas as tuas forças qualquer guerra. Não há razão humana que possa justificar hoje uma guerra que, com os meios modernos de destruição: poderá ser uma destruição tão grande que assinalará o fim da civilização européia, e atrairá a invasão asiática, forçando a emigração, após tremendos cataclismos, para as Américas" (. ...).

Outras continham certas frases proféticas, como estas:

(.....) "O momento histórico está maduro para grandes acontecimentos (.....). Soou a hora histórica, porque hoje fala a dor. **É** grave o momento histórico, porque a dor falará ainda tremendamente, como nunca (....). A civilização européia, que é civilização cristã, ameaça ruína (.....). A presente tranqüilidade aparente é a calma que precede as grandes tempestades (....). Hoje

o mundo joga tudo por tudo" (....).

Estes conceitos confirmam os extraídos de outros trabalhos e mensagens, reunidos no capítulo XVIII: "Comentários e previsões", do volume *A Nova Civilização do Terceiro Milênio.*

Citamos, enfim, alguns conceitos de *A Grande Síntese,* para esclarecer aqueles que quiseram ver, aqui, espírito partidário, quando ao contrário se trata de princípios gerais da vida, aplicáveis a todos os tempos: "São as forças biológicas que conferem o poder, as mesmas que o tiram, logo que termine a função" — Cap. XCIX, "O Chefe". (....) "As forças biológicas não garantem o homem, mas a função o derrubam logo que ele não mais corresponda a ela (....). Por isso a história sempre chama os seus homens (.....); rejeita-os sem lamentações logo que cesse a função, ou então logo que caiam no abuso ou na fraqueza (....). Só quem tenha substância de valores intrínsecos sabe compreender e constranger as forças que o circundam, ao invés de ser arrastado por elas (.....) Assim Napoleão foi jogado fora pelo destino como um trapo, logo que esgotou sua função" (.....) — Cap. CXVI, "Concepção Biológica do Poder".

## MENSAGENS MEDIÚNICAS DIRIGIDAS A PIETRO UBALDI

Trechos de Mensagens mediúnicas recebidas pela médium Gisela Smiles (Via Aureliana, 63 - Roma), e transmitidas a Pietro Ubaldi, em Gúbio. Tradução do inglês.

"Pedro, A luz do Espírito Santo te ilumina. Assim diz o Espírito.

Pedro, o Espírito de Cristo vive em ti e tu te tornaste completo porque ele afastará o mal do teu centro e de tua família. O Espírito daquele que multiplicou os pães e peixes está contigo, dentro de ti e tudo em redor de ti, aumentando em ti a substância e provendo de todas as tuas necessidades. Estás agora unificado com Deus, com o bem existente em toda a criação, e sua vontade para ti é prosperidade e bom êxito. Pedro, tu és rico porque teu Pai celestial é rico. Não és governado por nenhuma lei de temor, doença, limitação ou falência. O princípio do bem te governa, a ti e a tua vida, providenciando tuas necessidades. Lembra-te de que, para os que o amam, todas as coisas cooperam para o bem. Sê fiel, pois, à promessa que fizeste: seguir suas inspirações; e então, e somente, a vida será tão clara como o meio-dia; mesmo se houver escuridão, ela será mais clara que a manhã. Não tenhas ansiedade por coisa alguma.

Porque és Pedro, a rocha de novo escolhida sobre a qual Cristo construirá Seus novos fundamentos e Sua nova Ressurreição, e nada prevalecerá contra ela. Sua luz derramará seus raios em tua mente e está iminente em sinal exterior que te será dado: verás com os olhos internos. Ele revelará a ti, teus verdadeiros recursos espirituais e te alegrarás imensamente em sua generosa bondade. Sê, pois, fiel a Ele, e não temas nada.

Eu, o Espírito Inocência, em nome de †, ao nosso amado Pedro".

Mensagem recebida em Roma, em julho de 1932.

(....) "Sê forte, e não duvides. Foste guiado nas grandes estradas da luz e da justiça. Teu

objetivo é olhar para a frente, a resplendente meta que sem dúvida atingirás (. ...). Lembra-te da certeza de que "Sua Voz" te deu. Vive contente, para que não se perca, nem te venha a faltar, ainda que seja a menor partícula da sabedoria que te envolve de todos os lados. Não temas, mas deixa resplandecer toda a riqueza da coragem dos Santos em teu rosto, como um sol flamejante. Sê poderoso com a grande energia das forças que são enviadas para tua renovação, pelo supremo Amor (....). Se foste escolhido, por que temes? E por que caminhas tremendo? Acaso te abandonará ou deixará de proteger-te o Centro da Luz Maior? (....). Tudo o que te foi dito, "**É**, e jamais será pisado e ridicularizado pelas almas que conhecem a realidade da vida eterna. Deixa os outros, que ainda estão vivos na Terra e não nasceram pelo espírito, rirem e zombarem de ti, em sua ignorância. A noite deles já passou e está próxima a aurora do nascimento espiritual; então compreenderão e verão a luz que agora rejeitam, porque não são capazes de discerni-la, e ainda não é chegado o seu tempo. Fica tranqüilo e sente a eterna presença daquele que é nossa vida e nosso sol, a vida e o sol de tudo o que é criado. Em nome do mesmo, eu te abençôo, Pedro e através de ti ele abençoa o mundo, com o poder de seu amor espiritual -

Eu, o Espírito Inocência, em nome de †, ao nosso amado Pedro".

Mensagem recebida em Roma, em 26 de dezembro de 1932

* * *

Trecho de Mensagem mediúnica recebida pela Senhora Marjorie I. Rowe (35, Lindore Road, London, S.W. II - Inglaterra), da entidade Imperator, em 12 de junho de 1932, para Pietro Ubaldi e transmitida a ele de Londres, sem ser solicitada, e sendo ele desconhecido da médium. Tradução do Inglês.

(....) "Há uma grande luta em redor de ti (.....). Deves liquidar dúvidas nas mentes de muitas almas que necessitam de chuva espiritual, no árido deserto de suas vidas (.....). O Cristo aparecerá em toda a Sua Majestade aos que prepararam suas vestes nupciais (.....) Amigo, o "maelstrom" (o vórtice) das condições mundiais faz parte do assunto sobre que escreverás. Assim fui mandado para dizer-te. E já registraste muitos pensamentos a esse respeito. Desejo dar-te ulterior mensagem de amor, e aproveito este ensejo para entrar em contato contigo (....). Minhas palavras são de vida e são a essência da Graça Divina. Sou a voz que fala das belezas do universo, do Reino de Deus na face da Terra, ainda que os homens a considerem uma arena de lutas. Bendito sejas, meu filho que ouves minhas palavras. Cristo abençoe a ti e a mim.

* * *

Trechos de Mensagens mediúnicas recebidas pela médium Bice Valbonesi, de Milão, para Pietro Ubaldi, transmitidas pela entidade "O Mestre".

"Ouves (.....). Obra conscientemente, como homem que sabe muito; usa a sabedoria. A fonte inspirativa que possuís te diz tranqüilidade. Eis que a voz diz: os mortos estão ressuscitados. E tu que ouves a ordem, vai e dize aos povos que Cristo ressuscitou (.....), Serás o apóstolo simples, o que faz a caridade em nome de Cristo (....). Eis teu trabalho; procura os necessitados e feridos pelo peso da vida e dá a eles o pão. Assim diz aquele que manda a "Sua

Voz" ao mundo".

Mensagem recebida em 19 de outubro de 1932.

"A prova de fogo supera-a e mantém-na. As centelhas do Eterno descem agora; apanha-as como se apresentam. Leão! Leão! Não fiques pasmado! Es tomado como instrumento não inconsciente mas consciente da missão. Confia, porém, Naquele que opera.

Abraço-te.

Mensagem recebida em 7 de abril de 1935.

"O porvir espiritual é o eterno presente que pulsa. Quando os braços Eternos envolvem, só uma coisa deve fazer-se: abandonar-se. Tu, filho do Pai, colocado no enredo do tempo, sofres necessariamente as contorções da vida humana. E o martelo "tempo" que bate, quebra as energias e quase as quer destruir. Mas sabes que outro martelo poderoso bate continuamente para consolidar a estrutura de tua alma. Não perguntes: o que farei? Já te disse: abandonas-te em Cristo. Receberás outras ordens. Repetir-se-á a ti o "vai, Francisco, (.....). Restaura minha casa" (....). Portanto, restaurarás o que o Eterno disser. Teu refúgio é inabalável, um nicho luminoso espera-te: é a fulguração de Cristo Jesus, o Ressuscitado, Aquele que está com o Pai, Aquele que está no Pai e é Pai de Amor. Podes gritar, pois: tenho uma casa que é um palácio, pois o Eterno aí colocou seu ouro. Esse ouro chama-se a Verdade!"

Mensagem recebida em 13 de outubro de 1935.

* * *

"E agora digo a ti (Pietro Ubaldi): Amigo, da aspereza saíste renovado, da fadiga saíste para entrar na obra eterna. O mundo — por necessidade humana — te reterá durante o tempo em que deve ser dada tua contribuição de homem. Tomou-te o Eterno, batizou-te com Seu fogo e a chama está acesa: chama de filho trabalhador. Por vezes arderás consumindo-te dentro do próprio calor desse fogo; gritará tua carne pelas queimaduras, enquanto o espírito cantará os louvores do Eterno. Revestirás o pensamento que chega a ti, com a palavra que o Eterno colocar em tua mente, e daí passarás aos homens, que são muito duros de ouvir. E assim, viandante amado, continuarás o teu caminho.

(....) Não ficarás isolado: os poucos, os amados do Pai, virão a ti sempre. Acharás almas compreensivas. Arderás, mas não consumirás a parte intrínseca. Quando o mundo tiver entrado na fase de maior dor, mais do que nunca hás de gritar a todos: "néscios, não ouvistes! O aviso foi dado a tempo, lamentar agora não adianta". Haverá um átimo de possibilidade de recomeço, e tu o dirás, enviando tua palavra para cá e para lá, nos pontos designados pelo Eterno. Envolve-me em Meu Amor de Amigo; usa de Mim, Eu te estou próximo".

*Pergunta de P. Ubaldi - "És tu a "Sua Voz"?*

Resposta — “Eu Sou Aquele que Sou, amigo, e tu o sentes. Sentir-me-ás, assim, um pouco mais materialmente, porque desço entre os homens que estão em luta. Não podes parar, tu o sabes e o vês: a hora é intensa. Rever-nos-emos, Rever-me-ás mas não assim: ver-me-ás como

luz e, quando me vires, tua alma ficará queimada. Mas isto não é dor — é glória. Permanece na humildade, na simplicidade, e deixa que o mundo espiritual em convulsão, grite. Tu permanecerás firme, lembra-te...”

*Pergunta de P. Ubaldi - "Quem sou eu?"*

Resposta — "Quem és? Donde vens? Qual é tua passagem mais intensa? Eu disse uma vez: Leão, mas és alguma coisa mais dentro de ti mesmo. **É** preciso retroceder no chamado tempo, e então te recordarás de ter-me visto, de ter-me ouvido, de ter-me amado".

*Pergunta de P. Ubaldi — Como e quando Te vi?*

Resposta - "Neste momento não podes orientar-te; tornarás a pensar nisso e te acharás de novo. Por que perturbar-te? Se as pegadas são claras, então? Muitas coisas ignora o teu eu quando está fechado em ti mesmo. O que não sabes e não assimilaste, desfolharás, assimilarás e então te acharás".

*Pergunta de P. Ubaldi: — "Também caí mais em baixo?"*

Resposta — "Por isso te disse: ressuscitaste. Pagaste e estás pagando. Deves servir ao Eterno e então, servindo ao Eterno, te tornarás instrumento de eleição. Todas as vezes que titubeares e estiveres para precipitar-te, Eu virei ao teu encontro" (.....).

*Pergunta de P. Ubaldi — "Por que fui escolhido?"*

Resposta — "Francisco dizia: "Por que eu? Por que eu? Por que eu?". Repete-o também tu, com a mesma dedicação, e então verás que o Eterno, para maior confusão dos homens, escolhe seus instrumentos entre eles. Dá graças ao Eterno.

*Pergunta de P. Ubaldi — "Mas eu não me sinto digno".*

Resposta: — "Por que queres repeti-lo ainda? Sabes que o Eterno vai e procura a ovelha transviada: os justos já estão salvos. E o pecador que o Eterno procura, é o doente que precisa de médico, é para ti que vem o Seu amor”.

*Pergunta de P. Ubaldi — "Que acontecerá comigo"?*

Resposta: — "Não temas. Não podes vê-lo, ainda que te esforçasses. Não ergas um muro diante de ti, mas quando estiveres para cair e tiveres medo de bater, então o muro cairá. Vês que não tem limites o campo que deves arar; então trabalha" (....).

Mensagem recebida em 5 de março de 1937.

**(.....)** "E Pedro que fará? Há ainda algumas perplexidades a superar. Vencer! Vencer! Arrancar os tentáculos que refreiam os passos, para que quando vier o dia de prova para Pedro, ele não venha a Repetir: Senhor, não Te conheço! O selo está posto. Ai de quem o romper antes que chegue o anjo!..

(Voltando-se para Pietro Ubaldi): "Não indagar muito sobre ti mesmo; humilha-te. Renascerás por virtude substancial. Disse aos maus: sois usados como instrumentos, quando o espasmo da humanidade tiver chegado à convulsão. Assim te digo: o nome não tem importância, é a ação que cinzelará sobre ti a figura E a ação que fará de ti o servo do Senhor. Reedificar de acordo com a ordem, erguer as colunas minadas na base. O cristianismo está a descoberto, entre o céu estrelado e a Terra ameaçada. Então, soldado de Cristo, não terás espada; terás fogo e o vomitarás segundo a Vontade Eterna. Enquanto aguardas, purifica-te; deixa falar os que estão a teu lado, mas não vêem nem ouvem! Aguarda! Repito-te: a rede está pronta; lançá-la-ás onde te for indicado; não por alucinação, mas pela realidade (.....). Não é hora de repouso; trabalha para

o Eterno, e a mercê descerá do céu. Por isso estás vinculado àquele que são também os meus escolhidos. Não poderás voltar atrás, não poderás escapar. Pára e ouve-me! A Voz continuará".

Mensagem recebida em 25 de abril de 1937.

* * *

Julgamentos a respeito de Pietro Ubaldi, tirados do horóscopo que lhe foi enviado, em abril de 1935, sem ser pedido, pelo Senhor Mário Guzzoni Segato — Via Saluzzo 23, Turim — que não o conhecia, nem sabia nada sobre ele.

"Pietro Ubaldi, nascido a 18 de agosto de 1886, às 20h 30 mm, em Foligno, L. 42º 57'. Tipo zodiacal: Aries com influência de Leão. Tipo Planetário: Marte-Lua. Planetas dominantes: Saturno, Urano e Júpiter. Aura: vermelha brilhante.

(.....) O princípio vital da força solar que passa pelo Leão, torna-o de bom coração e generoso. Profundas emoções e constantes procura de harmonia (. . . .). Caráter interiormente generoso, sincero, ardente, perseverante, e muito inclinado a aperfeiçoar-se. Há um grande amor pela justiça (.....) . Educado, não combativo, mas persistente, será quase irremovível nas próprias opiniões. Tende ao ocultismo, inclina-se para o lado místico da vida, tem os meios para descobrir o encanto do destino dos homens. O sol testemunha esplêndidas qualidades mediúnicas; mas estas se resolvem através de terríveis sofrimentos, com dores e penas verdadeiramente tantálicas. O nativo pode adjudicar-se uma colossal máquina psíquica, que entra em ação através da dor. Dor física, que pode dizer-se aparente, se bem que tremenda, mas na realidade será um bem. Tendência ao isolamento e à solidão que trará grandes frutos espirituais. Sente alegria quando pode dar felicidade a outros. Trabalha muito para desenvolver uma missão alta. Há muita coisa que está latente, e espera uma oportunidade para revelar-se, porque o nativo tem mais merecimentos e qualidades do que ele mesmo saiba. **É** um pioneiro em qualquer coisa por que se interesse. **É** afirmativo, independente, ativo. Terá fama durante à vida. Dentro de três anos, fatores físicos e psíquicos se harmonizarão e Deus falará nele.

(....) Seus companheiros são Jesus e João. Ele estará unido ao acordar da humanidade. Deve unificar-se com Deus através da dor. **É** um espírito doente que, numa vida precedente desobedeceu ao Eterno, perturbando as leis de amor, de harmonia e de compaixão, e que deve sofrer para recuperar o equilíbrio perdido ou harmonia, o que deve servir para que volte à luz que se tinha escurecido".

O mesmo Senhor Mário Guzzoni Segato colocou em mãos da Senhora Pia Reggidori uma carta de Ubaldi e teve a seguinte resposta mediúnica (em transe), ditada ao senhor Segato e dirigida a Pietro Ubaldi, por uma entidade não identificada:

"Quem és tu? Vejo-te no deserto, com as mãos voltadas para o Sol, cheio de aspiração a Deus, com uma sede insaciável de amor Divino, longe da vida e das coisas. Vestes um hábito branco e estás desfigurado, e tens imensa sede de amor. Amas o Cristo e o invocas. És profeta da Palestina. Esta sede da tua vida te persegue, aguardas, é um tormento. Mas o Deus que invocas tanto, está em ti e te dirá várias vezes: "estou aqui" (.....). A matéria te pesa, porque a renegaste,

mas ao invés, Deus quer luz através dela (....). Muitos homens voltarão a ti e tu voltarás como profeta (.. ..). Cristo e João são teus amigos".

* * *

Trechos da mensagem mediúnica (ultrafânica), ditada e taquigrafada em presença de Pietro Ubaldi, recebida pela Senhora M. Guidi (Via Labicana, 134, Roma), em 14 de julho de 1946, de uma entidade não identificada:

"Irmão, que chegaste de longe, eis que te digo, em verdade, que estas palavras não são novas para ti que vibras sem cessar. Acreditas, às vezes que seja teu cérebro que as recolha; elas, porém, são Luz, a Minha Luz mesma que desce sobre ti e que, através da palavra e da pena, tu transmites. Muito fizeste, mas estás apenas no início de tua tarefa; muitas verdades foram por ti compreendidas, muitas daquelas verdades que transcreveste são justas e se os homens te ouvissem totalmente, então teríamos o início de uma nova era de fé, que prepararia a nova alma luminosa, que será verdadeiramente transmitida aos homens de amanhã (.....). Não temas, porque os homens não poderão fazer-te mais mal do que já te fizeram (.....).E digo-te: Pedro, tu também és pedra milenária da nova fé que arrastará os homens de amanhã. Escreve; receberás ainda mais profundamente, com harmonia infinita. Lembra-te de que os acontecimentos urgem e tu o predisseste; tu o sentes (.....). Deter essa onda de ódio que envolve a humanidade, é a tarefa de teus escritos; não pares, mas ainda hoje, lança tuas mensagens (.....). Em verdade, não pares (.... ..). Continua. Continua. Preciso de ti (.....). Olha que, dentro em pouco, outra tentativa será feita, a fim de parar tua pena. Não pares, não temas. Estou perto de ti e te darei tal força que teu ser físico melhorará. Estás ainda cansado e esgotado".

* * *

Mensagem transmitida, sem ser solicitada, a Pietro Ubaldi, pelo Professor Salvato Carmicelli (Rua Prof. Gabizo 295, Rio de Janeiro), recebida em 28 de setembro de 1946, de uma entidade não identificada.

**(.....)** "Diga a Pietro Ubaldi que sua missão é de transmitir ao mundo os prolegômenos da Nova Era. *A Grande Síntese* é obra ditada pelo alto. **É** realmente a voz do todo que fala. Ele é um instrumento, e como tal, tudo deve fazer pela divulgação de todas as outras obras. Elas constituem os novos livros da Nova Era. Vários são os canais (. . . .). Trata-se de erigir o edifício de um mundo novo Pense, Pietro Ubaldi, que a Obra foi toda ditada pelo alto e deve ser divulgada em todo o mundo e em todas as línguas".

* * *

Trechos de mensagem mediúnica recebida pelo médium Betti, sob a direção do Senhor Sante Crosara, em Livorno, em 23 de dezembro de 1945, de uma entidade não identificada.

**(.....)** "A coletividade espiritual do sujeito (P. Ubaldi) é constituída por uma esfera

muito elevada, onde os chamados santos vivem em harmonia. Desta constituição entélica, partiu a personalidade de Ubaldi(....), que já conseguiu e desempenhou o próprio programa (....). Aquele "quid" que constitui a manifestação terrena : de Ubaldi é apenas uma missão espiritual, que tomou forma e personalidade num indivíduo, que, no entanto, parece um ser comum e normal, mas que já desempenhou determinada missão, pela qual, os gérmens disseminados em sua esfera terão prolificação estupenda e tangível, para glória do Eterno (.....). Quando tiver desencarnado, voltará a retomar seu posto e desta vez numa esfera verdadeiramente superior e digna (....). Em pouco tempo abandonará vosso ambiente, mas somente depois que tiver desempenhado, aqui, completamente sua tarefa (.....). O sofrimento é o esporão e o principal incentivo de seu fervor operante (.....). Assim a Mente Criadora prodigaliza, através de Ubaldi, a graça do conhecimento supranormal (.....). As sensações que ele percebe são inerentes ao seu grau de consciência, que não é mais infantil, mas adulta, e mesmo diria velha ou seja, carregada de experiência e de maiores percepções e considerações. Ora, tratando-se de uma consciência velha, é mister que suporte essas vibrações de perturbação e de desânimo porque ela está às portas da Luz, no limiar de nova existência imensamente superior; está diante de uma porta fechada, além da qual sabemos existir uma escada luminosa que leva à extrema felicidade, isto é, à Luz Suprema do conhecimento e da verdade. Essas sensações devem ser aceitas com serenidade e até com alegria, porque é prenúncio de uma promessa certa e próxima de bem supremo. Há uma certeza maravilhosa, ofuscadora. Aceita-se o fenômeno com serenidade e com a certeza de que constitui uma promessa segura de uma passagem sublime. Já desempenhou sua tarefa dignamente, e quando estiver diante do dia do desencarne, sua obra e sua missão estarão definitivamente realizadas".

# MENSAGEM DE SÃO FRANCISCO DE ASSIS

Pedro,

O Calvário do Mestre não se constituía tão somente de secura e aspereza...

Do monte pedregoso e triste jorravam fontes de água viva que dessedentaram a alma dos séculos.

E as flores que desabrochavam no entendimento do ladrão e na angústia das mulheres de Jerusalém atravessaram o tempo, transformando-se em frutos abençoados de alegria no celeiro das nações.

Colhe as rosas do caminho no espinheiro dos testemunhos... Entesoura as moedas invisíveis do amor no templo do coração!...

Retempera o ânimo varonil, em contato com o rocio divino da gratidão e da bondade!...

Entretanto, não te detenhas. Caminha!...

E necessário ascender.

Indispensável o roteiro da elevação, com o sacrifico pessoal por norma de todos os instantes.

Lembra-te, Ele era sozinho! Sozinho anunciou e sozinho sofreu.

Mas erguido, em plena solidão, no madeiro doloroso por devotamento à humanidade,

converteu-se em Eterna Ressurreição.

Não temos outra diretriz senão a de sempre.

Descer auxiliando para subir com a exaltação do Senhor.

Dar tudo para receber com abundância.

Nada pedir para nosso Eu exclusivista, a fim de que possamos encontrar o glorioso NÓS da vida imortal.

Ser a concórdia para a separação.

Ser luz para as sombras, fraternidade para a destruição, ternura para o ódio, humildade para o orgulho, bênção para a maldição.

Ama sempre

E pela graça do amor que o Mestre persiste conosco, os mendigos dos milênios, derramando a claridade sublime do perdão celeste onde criamos o inferno do mal e do sofrimento.

Quando o silêncio se fizer mais pesado ao redor de teus passos, aguça os ouvidos e escuta!

A voz Dele ressoará de novo na acústica de tua alma e as grandes palavras, que os séculos não apagaram, voltarão mais nítidas ao círculo de tua esperança, para que as tuas feridas se convertam em rosas e para que o teu cansaço es transubstancie em triunfo.

O rebanho aflito e atormentado clama por refúgio e segurança.

Que será da antiga Jerusalém humana sem o bordão providencial do pastor que espreita os movimentos de céu para a defesa do aprisco?

**É** necessário que o lume da cruz se reacenda, que o clarão da verdade fulgure novamente, que os rumos da libertação decisiva sejam traçados.

A inteligência sem amor é o gênio infernal que arrasta os povos de agora às correntes escuras e terrificantes do abismo.

O cérebro sublimado não encontra socorro no coração embrutecido.

A cultura transviada da época em que jornadeamos, relegada à aflição, ameaça todos os serviços da Boa Nova, em seus mais íntimos fundamentos.

Pavorosas ruínas fumegarão, por certo, sobre os palácios faustosos da humana grandeza, carente de humanidade, e o vento frio da desilusão soprará, de rijo, sobre os castelos mortos da dominação que, desvairada, se exibe, sem cogitar dos interesses imperecíveis e supremos do espírito.

**É** imprescindível a ascensão.

A luz verdadeira procede do mais alto e só aquele que s instala no plano superior, ainda mesmo coberto de chagas e roído de vermes, pode, com razão, aclarar a senda redentora que as gerações enganadas esqueceram.

Refaze as energias exauridas e volta ao lar de nossa comunhão e de nossos pensamentos.

O trabalhador fiel persevera na luta santificante até o fim..

O farol no oceano irado é sempre uma estrela em solidão.

Ilumina a estrada, buscando a lâmpada do Mestre que jamais nos faltou.

Avança... Avancemos...

Cristo em nós, conosco, por nós e em nosso favor é o Cristianismo que precisamos reviver à frente das tempestades, de cujas trevas nascerá o esplendor do Terceiro Milênio.

Certamente, o apostolado é tudo. A tarefa transcende o quadro de nossa compreensão.

Não exijamos esclarecimentos.

Procuremos servir.

Cabe-nos apenas obedecer até que a glória Dele se entronize para sempre na alma flagelada do mundo.

Segue, pois, o amargurado caminho da paixão pelo bem divino, confiando-te ao suor incessante pela vitória final.

O Evangelho é o nosso Código Eterno.

Jesus é o nosso Mestre Imperecível.

Agora é ainda a noite que se rasga em trovões e sombras, amedrontando, vergastando, torturando, destruindo...

Todavia, Cristo reina e amanhã contemplaremos o celeste despertar.

*(a) FRANCISCO*

Esta Mensagem foi psicografada por Francisco Cândido Xavier, dirigida a Pietro Ubaldi em 17 de agosto de 1951, na residência de Dr. Rômulo Joviano, em Pedro Leopoldo, MO, na presença de doze pessoas, ao mesmo tempo em que, sentado à mesma mesa, Pietro Ubaldi recebia a mensagem de SUA VOZ. (Nota de C. T.)

# MENSAGEM DE SUA VOZ

Pedro,

Estás sentindo aqui, nesta noite, minha presença. Aquele que está diante de ti [1] e que, ao mesmo tempo que tu, está escrevendo sente neste instante o meu pensamento e o que ele escreve to confirmará. Ele sente contigo a minha presença.

Pedro, não temas. Estás cansado, eu o sei, como também sei quanto te esforças por sentir-me neste ambiente tão novo para ti e distante de onde estás habituado a ouvir-me. Estás exausto, pelo muito falar e viajar. Estou contigo, porém, junto a ti e "Eu" sou a grande força que sempre te tem sustentado. Agora me estás sentindo com a mesma potência com que já me sentiste no momento da 1ª Mensagem de Natal de 1931. E isso porque, agora, a uma distância de vinte anos, se repete o início do mesmo ciclo num plano mais elevado.

Já me ouviste na noite de 4 de agosto, quando pela primeira vez falaste em S. Paulo e se iniciou a tua vida pública de apostolado. Estavas cansado e não tinhas certeza. Mas, hoje, és por mim impulsionado e já não podes deter-te. Já te disse, antes de tua partida, que aonde não pudessem chegar teu conhecimento e tuas forças, chegaria eu e encontrarias tudo preparado. E viste que tudo quanto te havia predito realmente aconteceu.

Tremes, eu o sei, diante de um plano cuja vastidão te surpreende. Quarenta anos de humilhações e de dores foram necessários ao teu preparo para esta missão e deixaram em tua natureza humana uma sensação de desânimo e uma convicção profunda de tua nulidade. Hoje, porém, é chegada a hora e eu te digo: Ergue-te! Há vinte anos eu te disse: "No silêncio da noite

[1] **Referência a Francisco C. Xavier.**

sagrada, ergue-te e fala". E agora te digo, no silêncio da noite tranqüila de Pedro Leopoldo: "Ergue-te e trabalha". Eis que se inicia uma nova fase da tua missão na Terra e, precisamente, no Brasil. É verdadeiro tudo quanto te foi dito, eu to confirmo e assim sucederá.

O Brasil é verdadeiramente a terra escolhida para berço desta nova e grande idéia que redimirá o mundo. Agora tua missão é acompanhá-la com tua presença e desenvolvê-la com ação, de forma concreta. Todos os recursos te serão proporcionados.

Ama com confiança estes novos amigos que eu te mando. Tudo já está determinado e não pode interromper-se. As forças do mal vos espreitam e desejariam aniquilar-vos. Sabes, porém, que as do bem são mais poderosas e têm de vencer. Confia-te, pois, a quem te guia e não temas. Confirmo tudo o que tens escrito, não o duvides.

Dentro de poucas horas se completarão 65 anos de teu nascimento. O tempo assimila com o seu ritmo o desenvolvimento dos destinos.

Pede-te a Lei, agora, esta outra fase de trabalho, diferente e nova para ti, tão distante da precedente que te surpreende. Aceita-a, como antes, no espírito de obediência, aceitaste a outra. Não tem sido tua vida uma contínua aceitação? Não tem sido completa tua adesão à vontade de Deus? Não recordas nosso grande colóquio de Módica, na Sicília, há vinte anos? Tua própria razão não pode deixar de reconhecer a lógica fatal de tudo isso. Segue pois, confiante, o caminho assinalado. Não te admires se tudo em torno de ti se contraverte, se a dor se transforma em alegria, se te arranco do silêncio de Gubbio para lançar-te no mundo.

Não representa isso a realização daquilo para que nasceste e por que tens vivido e sofrido?

Eu sei: a glória, os louvores do mundo, a notoriedade te repugnam. Compreendo que isso te é uma nova dor Aceita-a, pois sabes que também isso é necessário a fim de que se cumpra tua missão. E isso bastará para transformar esta tua nova dor em alegria.

Teu corpo cansado desejaria repousar. Quão grande o caminho já percorrido e quão grande a distância ainda a percorrer! A vida porém, é uma caminhada contínua. Tens sobre os ombros não só tua vida, se não também a de muitos outros que amas e de cuja salvação quiseste assumir a responsabilidade. Aceita, pois, tudo por amor de mim. Aceita-o, ainda que os três votos de renúncia e de dor agora se transformem, tomando posições opostas, isto é, não mais se renúncia, porém, de afirmação.

Pedro, confio-te esta nova terra, o Brasil, a terra que deves cultivar. Trabalho imenso, mas terás imensos auxílios.

Estou contigo e as forças do mal não prevalecerão.

Agora, uma palavra também para os teus amigos, uma palavra de gratidão e agradecimento, uma palavra de bênção, por sua cooperação, com que eles, ajudando-te, tornam possível a realização de tua missão. Falo neste momento ao coração de cada um deles, sem que lho digas por escrito.

Una-vos a todos minha bênção, no mesmo amor, para vossa salvação e salvação do mundo.

*(Tradução de Rubens Romanelli e Clóvis Tavares)*

Esta Mensagem foi recebida por Pietro Ubaldi a ele mesmo dirigida, em 17 de agosto de 1951, na residência de Dr. Rômulo Joviano, em Pedro Leopoldo, no, na presença de doze pessoas, ao mesmo tempo em que sentado à mesma mesa o médium Francisco Cândido Xavier psicografava a mensagem de São Francisco de Assis. (Nota de C. T.)

# SOBRE DEUS E UNIVERSO DE PIETRO UBAIDI

## *INTRODUÇÃO*

**É** meu primeiro impulso. Sinto-me devedor a DEUS, antes de tudo, do inestimável prêmio de ser contemporâneo de Pietro Ubaldi e, mais ainda, de haver sido o primeiro brasileiro, talvez, a conhecê-lo pessoalmente em Gubbio, onde fui para lhe apertar a mão e lhe ouvir a palavra.

Alguns Espíritas compreenderão de pronto o motivo desta ufania mística:

Para os homens amadurecidos de nossa geração, Pietro Ubaldi não é só um homem que toda a gente pode conhecer. **É** também o gênio que teve a missão de sintetizar a Filosofia Religiosa do porvir, cujos primeiros fundamentos foram lançados de 1857 a 1869 em Paris por outro gênio missionário, Allan Kardec. O gênio só alguns Espíritas podem conhecer, pois isso não depende de vontade de amadurecimento. Não basta, de fato, ser chamado à crença espírita para conhecer o nosso missionário, mas ser escolhido. Sei de muitos que teimam em ignorar o valor da obra de Pietro Ubaldi e o refutam. Esses naturalmente, ignorando o assunto, não compreenderão o motivo de minha ufania. Nem lerão estas linhas, aguardando o seu ensejo. **É** para estes que escrevo, dizendo-lhes quem é o autor e a obra ainda marginada.

## *O AUTOR*

Principiou a ser conhecido de nome nos meios literários ítalo-brasileiros em 1944, quando editou *A Expansão colonial e Comercial da Itália para o Brasil,* desenvolvimento da tese de Doutor em Direito que ele defendeu com distinção em 1940 na Universidade de Roma.

No mundo filosófico apareceu em 1928 com *L'Evoluzione Spirituale,* ensaio publicado em série na revista romana *Ultra.* Conquanto os Espíritas experimentados já pudessem aí perceber o "médium" e a sua "crença espiritica" — pois o articulista afirmava ser "tangido a escrever em virtude dum impulso interior misterioso e indefinível", e sentir ao escrever que "as idéias lhe acudiam como a revelação duma recôndita entidade" existente dentro "dele", como revelação dum arcano íntimo", conservando na memória subconsciente ou anterior à vida atual — a explicação do seu fenômeno e da sua crença podia encontrar-se, conforme o próprio autor do ensaio, dentro da Filosofia clássica, da Psicologia comum ou, se mais, do Misticismo religioso. Sua vocação missionária de médium revelador só se tornou positiva três anos depois. Antes e primeiramente ele teve de fazer duas renúncias. Renunciou aos bens da fortuna, que passavam de uma centena de milhões de liras bem consolidados, abrindo mão de seus direitos de co-herdeiro entregando seu quinhão de herança à família, a fim de ficar, ele só, franciscanamente pobre, e cristãmente livre para seguir a Jesus. Renuncia ao múnus de advogado que seu título de Doutor em Direito lhe assegurava em qualquer foro italiano, a fim de melhor servir ao Mestre

sem outros clientes. E assim pobre, sozinho, sem profissão privilegiada, confiado em sua intuição, partiu certa manhã como um apóstolo, levando apenas a túnica e a sandália. Partiu no mesmo dia em que deliberou a dúplice renúncia. Subiu para o seu misterioso Destino em que só ele na Terra acreditava. E o mundo o julgou a seu modo, segundo a aparência. E como simples peregrino penitente ganhou ao entardecer a estrada de Colle Umberto, destinada a entrar para a História do Espiritismo com o mesmo signo de luz da Estrada de Damasco na História do Cristianismo.

Pela madrugada, exausto de forças físicas, sentou-se numa pedra do caminho. E orou. Estava só dentro da noite estrelada e do silêncio ambiental, e sem rumo. Abrindo depois os olhos úmidos para contemplar o Céu imensamente distante, viu descerem duas Estrelas que, ao pousar no chão, tomaram a forma humana, transcendente e luminosa. As duas Entidades celestes marcharam em direção a ele. Não tardou a reconhecê-las, graças a memória espiritual. Foi a sua primeira visão na série missionária. Convidado, marchou entre elas, tendo à direita Jesus e à esquerda Francisco de Assis. E, caminhando, ouviu bem nítida e inconfundível a Voz do Cristo, que daí por diante, em seus escritos, passou a designar "Voz Dele" ou "Sua Voz". Ficou desde então garantido quanto ao alimento do espírito. Para ganhar o pão diário do corpo "em trabalho material", obteve em concurso a cátedra de inglês em ensino secundário. E foi designado para o Liceu de Módica, no sul da Sicília. Ali sozinho, completamente desconhecido por dentro e sem se dar interiormente a conhecer a ninguém, era para todos uma figura apagada, um simples mestre-escola ginasial. Um modesto "Chico Xavier" italiano.

E ali esperou ordens do Mestre para iniciar a missão esboçada na estrada de Colle Umberto. Nas horas vagas, afastava-se do centro para um horto distante, onde se quedava, pensando em Jesus e nos grandes problemas teológicos ainda a resolver. Um dia, quando ali orava a Ave Maria, o Mestre lhe apareceu e lhe falou. Conversaram. Selaram uma aliança. Trabalhariam em solidariedade, um no Céu, outro na Terra, visando ao preparo da Humanidade "espiritualizada" e destinada a ingressar no Terceiro Milênio Cristão. Na noite de Natal de 1931, Ubaldi recolheu-se a seu quartinho de pensão familiar; no qual havia apenas uma cama, uma cadeira e uma pequena mesa. O frio era forte e a cela não tinha lareira. Pensou em deitar-se para desprender-se. Mas veio-lhe o impulso irresistível para escrever. Sentou-se à mesinha e orou. E suas idéias se foram dissipando como trevas espancadas suavemente por uma luz que se aproxima. De repente ouviu aquela Voz inconfundível, a "Voz Dele".

"No silêncio da Noite Sacrossanta,
Escuta-me! Relaxa tudo o mais
O saber, as lembranças, a ti próprio.
Esquece tudo! Entrega-te Vazio,
Sem nada, inerte, à voz que é minha
No mais completo silêncio do tempo e do espaço
E assim vazio, escuta a minha voz
Ela te fala: - Surge! E diz : sou eu".

Foi assim que principiou o seu mandato. "Surge". E ele surgiu de fato nessa obra. Esta primeira e outras "Mensagens Espirituais" lançaram Pietro Ubaldi à missão reveladora. E isso se deu — como estava previsto na história oculta e ainda inédita do Espiritismo Kardequiano — ao fim da terceira geração espírita. Publicada em março de 1932 na revista "Alfa" de Roma, essa

encantadora comunicação, cujas primeiras linhas traduzimos acima, assegurou desde logo a Pietro Ubaldi lugar de destaque na vanguarda do movimento espírita mundial. Analisada especialmente pelos dois mais abalizados e doutos espiritualistas da Itália — Bozzano e Trespioli — foi considerado pelo conteúdo e pela forma de pura origem espirítica, e de elevada procedência espiritual, acima da fonte comum. Daí por diante a fama do médium foi de "crescendo em crescendo". A segunda Mensagem, na Páscoa de 1932, e sobretudo a terceira, no dia do "Perdão" da Porciúncula" (2 de Agosto de 1932) ressoaram de maneira inusitada. Jornais e revistas profanos e folhas espíritas e espiritualistas de vários pontos da Europa transcreveram essas comunicações superiores, atribuindo-as sem a menor reserva à inspiração de Jesus. A própria Igreja Católica, por seus mais altos dignitários italianos, as aprovou. No Brasil — onde se dará a eclosão da Reforma — tiveram ampla e profunda repercussão. Essas três Mensagens, depois de transcritas no *Correio da Manhã,* em *A Pátria,* noutros diários estaduais e em quase todas as folhas espíritas do País, apareceram em livro em 1934, editado pela Federação Espírita Brasileira e espalhado gratuitamente. Na Itália, a exemplo do Brasil, também se enfeixaram num folheto em 1935. Mas, a par das Mensagens que falavam ao coração, começou Pietro Ubaldi, em Janeiro de 1932 (início da quarta geração espiritual) a receber e a publicar em série, na revista milanesa *Ali del Pensiero* (Asas do Pensamento), a obra monumental e inigualável intitulada *A Grande Síntese,* com a qual ingressou brilhantemente no rol dos grandes filósofos da atualidade e dilatou as bases científicas do Espiritismo. A primeira edição italiana, em 1937, esgotou-se rapidamente e constitui hoje preciosidade de colecionadores. Vieram em seguida outros livros, outras mensagens, outros escritos, tudo visando à exegese e à complementação dos diversos tratados existentes em gênero ou em germe em *A Grande Síntese.* E agora foi impresso no Brasil, em primeira mão, a obra marginada, *Deus e Universo,* décimo livro da série, que acabo de ler em original por finíssima gentileza e alta deferência do autor.

O que veio a lume com o título *Deus e Universo,* é uma grande síntese teológica", cuidando das causas primeiras e finais. A meu ver, constituirá o "elo central" que ligará *A Grande Síntese* ao livro prometido, ainda não escrito, e intitulado *Cristo.* Esses três livros monumentais - *A Grande Síntese, Deus e Universo e Cristo* —serão, penso eu, os vértices do Triângulo Religioso da III Revelação, que será simultaneamente científica, teológica e cristã.

De tal livro... Minha estultícia não me leva ao ponto de sequer tentá-la.

*A Crítica*

*Deus e Universo* é obra acima de minha capacidade de compreensão. Cada homem tem seu limite de entendimento. E o meu limite é demasiado estreito para apreender em espírito e verdade as lições profundas desse trabalho transcendental. Li-o com emoção crescente. Li-o mais com o coração que com os olhos. Reli-o mesmo em parte, continuarei a lê-lo na tradução. Mas (ai de mim) como o transeunte pobre que pára extasiado diante duma vitrina de joalheiro, não sabendo sequer avaliar o preço das preciosidades, namora-as por fascinação; cobiça-as por ambição; pode até pensar em furtá-las. E afasta-se pesaroso, com a mente cheia de fantasias, ciente de que não tem a moeda necessária para a aquisição. Sinto porém que todas as lições são da mais pura qualidade

E sei por intuição e pela história oculta que vieram uma a uma diretamente do Céu, trazidas ao Mundo pela própria "Voz Dele", destinadas a enfeitar um dia o Templo Espiritual que o Cristo erguerá no Terceiro Milênio. Templo onde "Sua Voz" será "ouvida por muitos e não como hoje, apenas escutada por Pietro Ubaldi. E ao ouvi-la, muitos crentes ficarão em dúvida se escutarão a voz do "Eu sou" — ego central do Universo, ou o "Sou Eu" — ego do Cristo. Pois

um e outro serão talvez a mesma pessoa para a humanidade espiritualista e Remida do Porvir.

*(a) CANUTO DE ABREU*

# A VERDADEIRA E INTEGRAL REALIDADE DE PIETRO UBALDI POSTA EM EVIDÉNCIA COM O MÉTODO PARAPSICOLÓGICO - PSICODIAGNÓSTICO "BLASI"

Dr. GAETANO BLASI, Medico cirurgião e parapsicólogo Ex-sócio fundador da S. I. M. (Sociedade Italiana de Metapsíquica) e Diretor do Centro Experimental de Roma. Sócio correspondente da Associação Médica Metapsíquica Argentina. "Laurea d'onore", em medicina cirúrgica, Universidade de Roma, 1915. Professor do Curso Internacional de Parapsicologia da Fundação Científica Romana Humiastowska. Professor do Curso bienal de Parapsicologia da Universidade Popular Romana.

## ***PREÂMBULO***

### DADOS SOBRE O METODO COMPARADO "BLASI" DE PSICODIAGNOSE PARANORMAL

O problema gnoseológico e psicológico do descobrimento objetivo da personalidade humana integral (consciente, social e o eu subconsciente profundo) não se resolve com os métodos da psicologia normal (testes e similares), nem com os psicoanalíticos, já que ambos se limitam aos extratos superficiais do eu, ou são condicionados pela boa vontade do sujeito e pela interpretação subjetiva dos dados por parte deste ou daquele investigador.

Para obviar tais inconvenientes idealizamos e experimentamos em muitos casos e durante vários anos um novo método parapsicológico, que nos permite o estudo objetivo da personalidade humana que não requer o concurso direto do sujeito, a elaboração subjetiva dos dados e portanto não sujeito à insegurança aleatória dos mesmos. Os dados que nos proporciona o nosso método são positivos, objetivos e controláveis. O problema gnoseológico assinalado permanece dentro daquele conhecimento intuitivo paranormal ou metapsíquico mais geral que postula a existência potencial na psique humana subconsciente de novas funções de E. S. P. (percepção extrasensorial) pela qual todo o Real (psicológico e físico) pode ser conhecido intuitivamente. O nosso método dá ótimos resultados, seja nos casos normais de personalidades ordinárias, seja naqueles muito mais difíceis, paranormais, de personalidades complexas ou múltiplas histéricas-sensitivas-médiuns.

O método pode definir-se: "Psicodiagnose paranormal" do tipo metodológico-qualitativo-comparativo-múltiplo do E. S. P. em contraposição ao quantitativo Rhüne. Este se vale precisamente daquelas funções do E. S. P. (intuitiva - metagnômica - telepática - criptestésica - pragmática - psicométrica) que hoje muitos indivíduos sensitivos ou médiuns

apresentam do modo mais ou menos destacado e especializado, utilizáveis, facilmente, por um perito parapsicólogo quando tenham sido dirigidas e oportunamente fundadas ou especializadas na descrição da personalidade, seja diretamente, isto é, colocando o sujeito na sua presença, seja indiretamente, através de um objeto "testemunho" que haja pertencido à pessoa; método psicométrico ou de "Leitura" dos objetos (criptestesia pragmática). E isto realiza-se de vários modos: com objetos pessoais, com fotografias e com textos manuscritos. Vários indivíduos, incluindo quiromantes, ou radioestesistas e grafólogos, são verdadeiros sensitivos capazes de descrever as personalidades alheias integralmente, ainda que as modalidades técnicas com os quais se explicam as suas faculdades divinatórias sejam diversíssimas. Citemos o caso do grande e bem conhecido grafólogo Padre A. M. Moretti do qual nos servimos com resultados brilhantes em muitos casos.

É naturalmente necessário proceder com muita cautela e experiência para evitar fáceis erros, fugas sensoriais, paramnésia, truques etc., bem conhecidos de quem experimenta no terreno parapsicológico. Consultando mais indivíduos sensitivos, observo uma determinada pessoa. No registrar as diversas respostas com o magnetofone ou estenograficamente obtém-se um quadro poliédrico dessa pessoa no seu ambiente habitual e nos seus aspectos mais diversos (cada indivíduo revela de preferência um aspecto ou vários lados da personalidade consciente e subconsciente). Portanto, comparando os vários dados obtidos e confrontando-os entre si e com a realidade, podemos estabelecer um juízo positivo do valor objetivo deles e possuir um quadro completo da personalidade sob exames, integral do lado consciente e subconsciente e total nas qualidades da mediunidade eventual das qualidades que ela possui.

A ninguém pode escapar a importância que assume tal método, seja do ponto de vista científico ou teórico como do pragmático, empírico. Informamos acerca de algumas das experiências realizadas por nós diretas do centro experimental de Roma, da S. I. M. (Sociedade Italiana de Metapsíquica), com a assistência e colaboração de distintas e qualificadas personalidades: Profs. Pende, Ponzo, Mendicini, Cantelli, do Ateneo Romano; Leleza da Universidade Polaca; Canavesio da Universidade da Argentina; P. Alighiero Tendi S. J., Vice presidente da Universidade Gregoriana.

## *A PERSONALIDADE INTEGRAL DO PROFESSOR PIETRO UBALDI*

Nota: Peço licença ao ilustre amigo por me ver obrigado a referir o seu caso detalhadamente, porque comprova fora de toda a possibilidade de dúvida a eficácia do meu método, dado a prova testemunhal que nos proporciona.

A experiência Iniciou-se há vários anos, isto é, 1948, em forma inopinada. Não conhecia pessoalmente a Ubaldi. Ignorava tudo acerca dele ou da sua vida privada. Por meio de pessoas conhecidas em comum, entrei em relações epistolares com ele, oportunidade em que me solicitou que lhe desse, a título de prova, os resultados de um exame metagnômico de seus escritos e de uma fotografia sua da juventude (Os dados que forneço são essenciais. Por razões de brevidade omito os de menor importância. a) *Minha resposta grafológica a um escrito autógrafo de Ubaldi* quando ainda não o conhecia pessoalmente.

Profundidade de intelecto que penetra minuciosamente nos problemas, quase cinzelando o pensamento que se destaca pela pulcritude e comunicabilidade, com equilíbrio, equanimidade e

objetividade nos juízos sobre os demais. Tendência à especulação com poder inventivo e construção lógica; muita memória, não apenas conceptual, mas também verbal, o que o torna apto aos estudos de idiomas (ignorava que ensinava o inglês, sabia apenas que era um literato).

Muita sensibilidade e delicadeza de sentimento, com tendência à sensualidade, corrigida e sublimada com a tenacidade de uma vontade superior. Pode haver mudanças e ceder até a um certo ponto a sugestões alheias mais fortes. Preponderância dos fatores psíquicos do inconsciente, com introversão de tipo místico".

Com relação à fotografia da juventude a minha resposta foi a seguinte:

"Personalidade dupla, olhar penetrante. Forte vitalidade, através das oposições! Mas, quanta tristeza! Nota dolorosa. Fronte alta, espaçosa, que fala por si mesma; há nela uma *luz;* contraste com a firme acentuação labio-mental, índice de forte vontade e energia vital também em sentido físico" -

b) *Resposta da sensitiva (curandeira),* M. Lombardi, tendo presente Ubaldi, mas sendo-lhe absolutamente desconhecido. Encontrava-se por casualidade de passagem e tinha vindo pela primeira vez a minha casa.

"**É** uma pessoa que lutou e sofreu muito por injustiças padecidas; aos 9 anos salvou-se por milagre de morrer afogado em água não corrente; um lago ou mar; tiraram-no pelas pernas; vejo sua mãe que lhe queria muitíssimo. Em 1941 grande susto e luta por acusações injustas. Em 1942 fora de sua casa teve uma desgraça que o fez sofrer muito. Todos os anos trazem vicissitudes e desgraças que sobreleva; sofrimentos com um pouco de luz. Também agora está em luta espiritual; não sabe o que fazer; muitos projetos para realizar. Por agora silencia, depois virá a luz. Há uma entidade do além que o ajuda.

**É** são e viverá muito tempo. Conduziu-se sempre bem; mas foi mal recompensado. Encontra-se no caminho justo, mas terá que lutar muito. Encontra-se entre a bigorna e o martelo, que golpeia sobre a bigorna abrasadora. Tem uma força de espírito excepcional, como uma luz que desce do alto e o guia. Luz dentro da cabeça que sairá como uma auréola; mas não de santo. Esforça-se por despojar-se da materialidade e elevar-se espiritualmente sempre mais. Vejo-o subir por uma escada que chega ao céu, conduzido por um anjo. No alto espera-o Jesus com os braços abertos que lhe diz: “Vem, cumpriste bem a tua Missão”. Como os eleitos, traz a Imagem de Cristo no peito. A força espiritual o sustém, mas teve que adaptar-se a penitências.

c) Resposta *Psicométrica do Sensitivo C. Menozzi,* sobre um manuscrito de Ubaldi:

"A letra é corrente e isto me diz pouco. Escrita de noite numa grande mesa, com lâmpada portátil que dá pouca luz, pelo que distingo pouco o ambiente, uma grande sala com móveis cor de mogno. Enquanto escreve respira fatigosamente. Chamam-no, levanta-se e sai. Escreve com facilidade, pessoa culta. Enquanto escreve tem um gesto habitual, característico: volta a cabeça de lado, para o lado direito e para cima, como para ver algo que não distingue e que chama a sua atenção. (Imagem de Cristo que crê o acompanha como seu guia). Vejo a figura de um morto, de cuja morte se entristeceu pouco por crer que passou a melhor vida. Vejo um lago, não sei a que se refere. A sua mãe está aqui, não é alta, tem ainda muito cabelo, muito ligada ao filho".

d) *Segundo Resposta de Menozzi,* sobre um escrito de Ubaldi, mas desta vez compilado em estado inspirativo:

"Grande transformação na personalidade do escritor, o que o faz parecer outra pessoa. **É** uma mudança que não foi devida à diferença do tempo, mas ao modo de encarar a vida. A do primeiro escrito é mais dura, menos elevada do que esta, que trata dentro dos limites do possível,

de fazer o bem. A primeira apresenta-o como mais nervoso, devido às preocupações, fastídios e quebra-cabeças que o fazem descontente. De caráter fechado não ri mais; sempre desgostoso, encontra-se deslocado; perdeu a fé em si mesmo, está à espera de um acontecimento, de uma mudança".

Agora encontra-se no seu estado de ânimo atual. Tornou-se muito mais sensível do que antes, até ao paradoxismo, quase mórbido, e sofre tremendamente; mas não é um neuropático: todo espiritualidade, cada vez mais complexa. Só por momentos é assim tão sensível. Então tem duas personalidades: a verdadeira, íntima, é como uma personalidade de sonho da qual é muito zeloso e que não quer de maneira alguma dar a conhecer. Uma pessoa que já não é jovem mas de características juvenis. Creio que esta seja a sua verdadeira personalidade: requintadamente boa, altruísta, generosa, espírito apaixonado realmente, enquanto a outra personalidade, a social, a que ele mostra, é fria, e ele sofre porque não pode conduzir-se e viver conforme a sua personalidade verdadeira, mais bela, que — fato estranho — tem megalomania, mas apenas com finalidade benéfica: queria ser grande somente para fazer muito bem à humanidade. Tem muito discernimento. Agora parece ter-se tornado mais inteligente e refinado espiritualmente".

O presente ensaio foi publicado pela Revista *Le Vie Dello Spírito*, (ano IV Nº 1, 2, 3, 1947, Roma), com o título : "O conhecimento metapsíquico e o método comparado de psicodiagnose da personalidade", onde se referem mais detalhadamente às particularidades relacionadas com a luta espiritual de Ubaldi e com as autoridades eclesiásticas, individualizadas com exatidão pela Senhora Lombardi.

## *ANÁLISE COMPARADA DAS VÁRIAS RESPOSTAS PARAPSICOLÓGICAS*

As várias respostas parapsicológicos — as minhas, as de Lombardi e de Menozzi — concordam nos dados em muitos pontos, o que, mesmo prescindindo das declarações do próprio Ubaldi de que resultam verdadeiras quase em 100%, comprova que elas não são somente o resultado de uma indução consciente do plano racional, mas também um conhecimento paranormal, intuitivo, diapsiquico e se se quiser, telepático, metagnômico, por parte dos sujeitos sensitivos, pelos quais o "livro da Vida", a constelação pessoal, a personalidade integral de Ubaldi são revelados na sua realidade vivida, independentemente das limitações cronotópicas espaço-temporais do conhecimento normal racional. A afirmação de que não se pode rebater, não é válida, muito embora as condições em que se desenvolveram as experiências com os diversos sensitivos (ignorantes, por completo, de qualquer dado sobre a personalidade de Ubaldi e independentes uns aos outros) não se possa contestar, porque tem sua validez paranormal indiscutível. Outra é a questão da fonte da qual os sujeitos extraíram as suas informações paranormais, que entra no caso geral ontológico do conhecimento metapsíquico. Perguntamos: trata-se de uma fonte transcendente da entidade sobre-humana ou de uma visão "in speculum Dei", segundo a explicação espírita ou teológica (de místicos-profetas)? Ou vem no plano natural do "Psiquismo coletivo"? Ou como é nossa tendência, da comunicação interpsíquica humana, conforme a qual a "Mônada Leibniziana" não é mais incomunicável, mas tem no plano do inconsciente as suas boas janelas do subconsciente? Os fatos tornam mais atendível a explicação da "comunhão dos vivos" destacada no campo religioso pelo conceito do "Corpo místico de Jesus". Esta vai integrada com a doutrina do subconsciente e com a da "Imago"[1] psicanalítica de

[1] O termo “Imago”, que se refere ao conceito psicanalítico introduzido por Jung, daquela representação ou

Jung, completada por mim com a "memória cósmica", gonzos, da ordem cósmica e do mecanismo do universo.

**É** um dado positivo e comprovado experimentalmente que todo acontecimento, em cada fato físico ou psíquico, em determinado ambiente, através de um ato ou um gesto, num estado de consciência, pensamento ou imagem, não se anula, pelo contrário, deixa uma marca perene no tempo, suscetível de ser captada ou reevocada, vivida ou vista e percebida paranormalmente pelo sujeito humano sensível.

Nos estados hipnóticos, no sono normal, no transe e nos êxtases místicos, o psiquismo humano subconsciente entra por uma parte em relação ao psiquismo subconsciente dos outros indivíduos da coletividade humana e, por outra, em certos casos de indivíduos particularmente dotados, que chamamos sensitivos ou médiuns, com o plano transcendente no campo psíquico interindividual e memória cósmica. Daí toda a realidade fenomênica, presente, passada e em que alguns casos futura (para esta há outra explicação exposta por nós noutro lugar), está impressa e que o sensitivo é capaz de revelar, assim como para a memória mecânica ou cibernética ocorre com a fita magnética dos magnetofone ou na máquina eletrônica. As vibrações etéreas luminosas, radiantes, viajam no espaço interestelar milhões de anos-luz, praticamente um tempo infinito, e são suscetíveis de serem reveladas por um detetor adequado; chapas fotográficas, radiotelescópios etc., com os quais nós, os terrestres, alcançamos a imagem viva e real de uma estrela longínqua dos confins do universo quando esta talvez não exista mais. Assim pode ocorrer com o sensitivo que se colocou, com o seu psiquismo inconsciente, em relação ao plano psíquico cósmico, com as vibrações registradas nele pela personalidade vivente (longínqua ou morta) — psicofísicas — e deixadas em tal plano da memória cósmica; é como se estivera ainda viva e por conseguinte susceptível de uma quase contingente ressurreição integrada pelos elementos psicológicos do sensitivo que a captou, personalizando-a.

O mistério do conhecimento paranormal com o meio chamado impropriamente "psicométrico" ou da leitura do objeto "testemunha" (criptestesia pragmática), que de algum modo registra ou facilita a comunicação paranormal com as citadas vibrações da realidade psicofísica fenomênica passada, não pode interpretar-se senão mediante esse mecanismo das marcas ou vibrações mnemônicas cósmicas que implicam um "campo psíquico" transcendente, uma influência direta do psiquismo sobre a matéria, assimilada por Panghestecher e outros, a uma impregnação psíquica da matéria.

A nossa interpretação natural do fenômeno metagnômico, compartilhada pela grande maioria dos parapsicólogos, encontra confirmação no caso de Ubaldi, quando Menozzi na sua resposta afirma: (....) "Não vejo a cor da gola da pelica que veste a mãe de Ubaldi, porque a sua mente não está nela". E assim são todos os numerosos dados positivos, reais, concordantes nas várias respostas. O aspecto físico juvenil (como aparece na fotografia de há mais de 20 anos) observado em visão pelos sensitivos no momento da experiência, se exprime por uma "leitura" quase mecânica, como se perante a visão de cada um deles, visão interior ou "espelho" anímico subconsciente, se exibisse um filme eletrônico registrador da individualidade psicológica de Ubaldi, da qual, no entanto, eles não percebiam senão fragmentos de ângulos visuais diversos a

---

complexo psíquico "dominante impresso no inconsciente" ,altamente dinâmico e auto-sugestivo que, com meios paranormais, trata a todo o custo de realizar-se e se realiza em muitos casos forjando o nosso destino que de certo modo vem "pré-estabelecido por tal determinismo interior" (Allendy). A imago de Ubaldi é a Missão Crística". (N. do A.)

cada um, conforme as suas equações pessoais", especializações e afinidades psicológicas.

Daí que a Senhora Lombardi, sujeito de tendências místicas, haja posto bem em relevo o lado místico da personalidade de Ubaldi, a sua luta interna de ascetismo espiritual e de luta externa num período particularmente crítico nas suas relações com o ambiente hostil, principalmente religioso oficial, e não destacou, como o fez Menozzi, as características psicológicas da dupla personalidade de Ubaldi. A descrição exata das particularidades do ambiente — gabinete de estudo, gesto, aspecto físico de Ubaldi e da mãe — feita por Menozzi é devida a sua particular sensibilidade perceptiva e à instrução que lhe dei de permanecer o mais possível no terreno dos detalhes positivos controláveis. A senhora Lombardi precisou que quando Ubaldi tinha 9 anos ocorreu o perigo de afogar-se num lago, sendo salvo pela mãe, enquanto que Menozzi viu apenas a imagem mental de um lago e da mãe, sem compreender a relação e o acontecido. Tudo isto não será talvez uma prova evidente de que em ambos os casos se tratou de uma visão paranormal de uma mesma imagem virtual vista parcialmente com "lentes" diferentes por dois sensitivos?

Particularmente instrutivo e importante do lado teórico é a concordância através da visão da senhora Lombardi, da escada mística (escada de Jacob) com Jesus no Alto, que espera por Ubaldi que sobe e leva a "Imago" Crística no peito, com a particularidade percebida em visão — exatamente por Menozzi — do gesto habitual de Ubaldi de olhar de lado para contemplar uma "Imago" que o acompanha sempre. Ubaldi precisou que tem a sensação de uma "presença mística" que o acompanha e que ele atribui a Cristo, motivo por que tem esse gesto habitual, feito por ele, e tido zelosamente escondido e por conseguinte ignorado de todos. Também a visão da Senhora Lombardi, simbólica, do martelo que golpeia sobre a bigorna candente, está certamente em relação, como o referiu o próprio Ubaldi, com uma mensagem da famosa médium Valbonesi, que no distante ano de 1935 lhe falou do martelo que golpeia a bigorna para consolidar a estrutura de sua alma. A concordância de palavras e significado são portanto características para excluir a coincidência fortuita entre as duas mensagens, e surge da visão atual de uma realidade mnemônica passada, registrada no subconsciente de Ubaldi. O mesmo pode dizer-se sobre o dado particular e significativo acerca da "Luz" mística que ilumina a mente de Ubaldi, estabelecido por mim e pela senhora Lombardi, que pode vincular-se, como depois me afirmou Ubaldi, a uma mensagem mediúnica recebida em 1932 — "A Luz do Espírito Santo te ilumina — A sua Luz espalhará os seus raios na tua mente".

Confirmando a nossa teoria "Psicométrica", está o fato de que Menozzi individualizou exatamente a influência diversa que tem o objeto testemunha, em nosso caso o dos escritos de Ubaldi, sobre as qualidades das informações paranormais que proporciona. O primeiro escrito, corrente, sem alma, diz pouco à sua intuição; ao passo que o segundo, carregado de espiritualidade, revela-lhe plenamente a dupla personalidade de Ubaldi.

Julgamos então, que nosso estudo deve fazer meditar os catões. Será justo, ou pelo menos oportuno, que uma personalidade "delicadamente boa, espiritualmente elevada, que traz em si a imagem de Cristo — coisa que se não poderia afirmar, com tanta segurança, de muitos religiosos — deva ser rejeitadas da comunhão dos fiéis? Isto somente porque obedecendo ao seu impulso interior que vem de tão expressiva "Imago", expande sua alma em obras que ele mesmo não atribui a seu merecimento pessoal. "O Espírito do Senhor sopra quando quer e onde quer", e este é o caso de Ubaldi. Ubaldi também, em sua opinião e na dos sujeitos, tem missão a cumprir no curso de sua vida, missão apostólica que lhe foi confiada pelo Alto. Os céticos podem considerá-la como auto-sugestão, mas a personalidade fundamental de Ubaldi como nos foi

provado pela pesquisa metapsíquica, é de nível ético-religioso tão superior, que nos deixa perfeitamente tranqüilos quanto às conseqüências de seu apostolado, mesmo se ontologicamente não transcendente. O mesmo não se pode dizer quanto ao que se refere indubitavelmente à mediunidade profissional, quando estamos diante de "sujeitos" que escondem personalidade muito equivoca e perigosa, coisa que ocorre com grande maioria dos médiuns de efeitos físicos e mesmo com alguns "ultrafanos" (. . . . .).

## *CONCLUSÕES*

Concluímos nosso trabalho julgando haver demonstrado que o método de psicodiagnose comparada metapsíquica, proposto por nós, dá resultados satisfatórios e de alto valor técnico psicológico, susceptíveis de aplicação prática em todo campo que requeira o exame da personalidade humana, através do exame de sensitivo e de médium, e de qualquer outra personalidade que também interesse do ponto de vista teológico, jurídico e social, e não apenas científico.

No caso específico de Ubaldi, já que não se pode considerar definitiva a condenação no Index de dois livros seus, pois a autoridade eclesiástica não possui os dados suficientes para fazer um julgamento de toda a sua personalidade, como nós a possuímos; convidamos os que têm autoridade na matéria a exprimir seu julgamento sobre nosso trabalho e a respeito das conclusões que dele tiramos.

Baseados na pesquisa científica metapsíquica que referimos, concluímos que Ubaldi possui duas personalidades, das quais a mais importante, a verdadeira, tem alta espiritualidade e moralidade comparável à dos maiores místicos e ascetas. Concluímos que não é um médium no sentido comum, antes, suas manifestações exteriores e sua constituição psíquica mais profunda diferem totalmente, mesmo no inconsciente, daquela que costumamos encontrar nos médiuns.
Não há automatismos nem privação de vontade, para submeter-se a influências psíquicas extrínsecas perniciosas, com substituição de personalidade: a personalidade mediúnica e de transe.

Mesmo no estado inspirativo-criador, ele permanece sempre consciente em relação com o ambiente que o cerca, e se sua personalidade aparece transformada, não é nova personalidade que se impõe de fora, mas a sua própria, que ordinariamente está encoberta pela personalidade fictícia e social. Não se exclui uma influência transcendente que se exerça às vezes nele, mas, de qualquer modo, dados os frutos que lhe advêm, não pode ser de natureza perniciosa e "vitanda". Admitida essa influência, pode ser considerado um verdadeiro asceta-místico, ou então um místico natural.

**(a)** *Gaetano Biasi*

# UM CASO DE BIOLOGIA SUPRANORMAL

## A personalidade de Pietro Ubaldi

Este artigo foi publicado nas revistas: **Constancia** - Buenos Aires, de 1º de junho a 16 de novembro de 1949 — La Idea — Buenos Aires, outubro e novembro de 1948. **Estudos Psíquicos** – Lisboa, de março a julho de 1948.

Certo dia de outubro de 1945, num modesto restaurante de Gúbio, encontramos pela primeira vez Pietro Ubaldi. Foi um dia inesquecível, um daqueles que parecem amadurecer o destino de um homem. Acháramos o amigo da alma, a luz procurada por toda a existência.

Com a mente educada na ciência e na filosofia, dotados de temperamento racional e místico ao mesmo tempo, rebeldes a qualquer imposição ideológica, não podíamos aceitar uma fé religiosa dogmática, porque a isto se rebelava nossa consciência. Pedíamos inutilmente à ciência e à filosofia nos dissessem a verdade, mas nosso grito perdia-se em infinitos labirintos e becos sem saída; sangrava a alma em estrada sem objetivo. Aproximava-se o desespero. Tínhamos vago pressentimento de que um dia acharíamos a luz da verdade, mas não sabíamos quando nem donde viria. Sentíamos, no entanto, que só a ciência poderia dar-nos resposta e não nos enganamos. Através da ciência, Pietro Ubaldi guiou nossa mente à verdade, lançou um raio de luz nas trevas e nossos olhos extasiados enxergaram. Entrava em nossa mente aquela luz que tanto buscáramos, descia em nosso coração a paz para a qual dolorosamente estendíamos os braços há longos anos.

* * *

Feita esta premissa, seja-nos permitido dizer algo sobre Pietro Ubaldi. Perdoe-nos ele se nossa palavra não for adequada e perdoe-nos o leitor se nossa linguagem for insuficiente para sua mente e seu coração. Particularmente difícil é o assunto que nos propomos tratar, sobretudo porque rebelde às palavras comuns. De qualquer forma, pode o leitor ficar certo de que tudo o que diremos deriva de profunda convicção pessoal, e que portanto, ainda que não seja aceita, ao menos deve ser respeitada. Neste trabalho, falaremos da personalidade de Pietro Ubaldi, diremos tudo o que sabemos e pensamos dele. Cremos útil para conhecimento objetivo deste homem, que é pouco compreendido. Julgamos poucos terem colocado Ubaldi, até aqui, na posição que lhe cabe. Esperamos fazer-nos compreendidos por quem deseja ver a personalidade de Pietro Ubaldi em sua verdadeira luz. Com essa expectativa e esse propósito, entramos no assunto.

Quem é Pietro Ubaldi? Há quem o defina um santo, outros um médium, alguns um gênio, outros ainda um visionário. Fisicamente é alto, fronte muito desenvolvida, algo encurvado, atitude humilde e austera, expressão doce e triste, olhar vivo e penetrante. Homem que, para seguir o ideal evangélico nas pegadas de Cristo, renunciou a todos os bens econômicos, que a sorte lhe concedera abundantes, e vive de modesta renda proveniente do ensino da língua inglesa no ginásio de Gúbio. Passa os dias no trabalho e na meditação, na renúncia quase completa a todas as alegrias terrenas. Escreve muito. Prova-o sua copiosa produção literária.

Temperamento profundamente místico desde tenra idade, dos místicos se diferencia pelo caráter próprio de racionalista sem preconceitos, rigorosamente objetivo. Pode afirmar-se ser sua exaltação mística do mesmo grau de sua potência racional. Nele, misticismo e racionalismo, ao invés de excluírem-se, completam-se e se vivificam mutuamente. Tem poucos amigos, vive vida prevalentemente solitária, mas não chega a ser misantropo. Alma doce e tempestuosa a um tempo, temperamento irrequieto e voltado constantemente para Deus, passa entre os homens sofrendo, dando-se todo a eles, na forma permitida por sua natureza, para realizar o que julga ser sua missão.

Com isto, pouco dele se diz. Notável contribuição para seu conhecimento é-nos dada por sua obra: *História de um homem,* cujo protagonista é ele mesmo. Mas essa obra é pouco romanceada, para podermos avaliá-lo bem. Não porque aí seja velada a personalidade do autor, ou menos ainda, alterada, mas unicamente porque descreve o fenômeno biológico da criatura sem subir às causas do próprio fenômeno; e sem elas, este não pode explicar-se. *As Noúres, A Grande Síntese* e a *Ascese Mística,* todas obras suas, lançam porém muita luz sobre as causas e permitem individualizar muitos aspectos da personalidade do autor. Mas o leitor dessas obras ver-se-á logo a braços com nova e embaraçante dificuldade. A concepção científica e filosófica, tal como é delineada por exemplo em *A Grande Síntese,* que sem dúvida é a obra mais importante, é de tão grande alcance, que torna difícil o enquadramento nela do autor e a interpretação do mesmo.

Tendo como base essas obras, e servindo-nos de nosso conhecimento pessoal com o autor, proporcionado por longa e profunda amizade e simbiose espiritual mútua, esperamos tê-lo bem compreendido, e ele nos confortou respeitando nossas convicções a seu respeito. **É** óbvio que, para interpretar a personalidade de alguém, mister se torna enquadrá-la dentro de uma concepção ideológica séria e aceitável, a fim de que sua interpretação seja lógica. Tudo isso tem importância fundamental, porque a personalidade estudada adquire valor muito diverso de acordo com o sistema ideal em que seja enquadrada. Já que as concepções humanas da verdade são infelizmente disparatadas e mais ou menos limitadas, as definições que do estudado se podem dar, podem ser várias. A concepção dos ignorantes e presunçosos pode defini-lo um louco; a concepção cristã-católica, um herege condenável; a ciência experimental um indivíduo interessante para estudos de psicanálise; e outras finalmente um gênio, um santo, ou um visionário.

Estudá-lo-emos à luz da concepção geral de *A Grande Síntese* e dos poucos, mas seguros bruxuleios, que se nos oferece a ciência. Como toda a ciência moderna experimental é acolhida em *A Grande Síntese,* o julgamento mais amplo e cabal será dado com base na concepção ideológica dessa obra. À luz da ciência diremos apenas o que nos for dado dizer, pois nessa estrada não se pode necessariamente esgotar o assunto. Julgamos razoável caminhar nessas duas estradas, porque estamos persuadidos de que são as mais seguras, por estarem iluminadas pela mais viva luz, e porque abertas para horizontes sem limites. Rapidamente mostraremos as razões, persuadidas de que o leitor só poderá compreendê-las por si quando, para além da letra, tiver penetrado o espírito de *A Grande Síntese.* Dela não falaremos por ser de natureza que não se pode explicar e muito menos resumir. Diremos apenas que nela achamos uma concepção da verdade que satisfaz plenamente a razão e o coração, concepção que na Terra nem a ciência, nem a filosofia, nem a religião destroem. Nela, cada aspecto do pensamento humano acha seu lugar no plano que lhe compete. O conjunto resulta harmônico, lógico, perfeito, indestrutível. Se fosse possível criar uma linguagem em que cada conceito correspondesse a uma palavra apenas e vice-

versa e se se compreendesse que só no absoluto existe uma verdade absoluta, — ao passo que no relativo em que necessariamente vivemos só existem verdades relativas e progressivas — se com segurança se compreendesse tudo isso, seria fácil perceber que o erro é uma verdade parcial e muito freqüentemente um equívoco. Se cada palavra contida em *A Grande Síntese* fosse interpretada em seu verdadeiro sentido, todos ficariam persuadidos, como nós. Os homens não se entendem, especialmente porque falam linguagens diferentes, ou seja, conceitos muitas vezes diversos são expressos com a mesma palavra. Todos sabemos pronunciar a palavra DEUS; mas o conceito é diversíssimo, conforme saia da boca de um místico ou de um involuído. O que deste conceito dissemos, pode aplicar-se a todos os outros, que constituem os tijolos com que se constróem os edifícios filosóficos, religiosos e mesmo científicos. Infelizmente não é possível realizar universal interpretação de todos os conceitos, dada a impossibilidade de todos os homens realizarem os conceitos em si mesmos, já que alguns só podem ser compreendidos à proporção que o indivíduo for evoluindo. Por exemplo, o conceito de Deus, de um santo, só pode ser compreendido por outro santo. Poderíamos continuar a discorrer, mas talvez não seja necessário.

Voltando à *A Grande. Síntese,* acrescentaremos que não é difícil experimentar essa concepção, achá-la resistente e totalmente satisfatória, quer através da análise como da síntese, seja pelas infinitas provas de dedução como de indução. Muitos não se persuadirão, mas isso não admira; admiraria o contrário. Nela não faltam lacunas e incertezas, mas de valor não substancial, que não infirmam, pois, as linhas mestras da própria concepção e muito menos as destroem. **É** uma concepção vital que traz luz à mente e paz ao coração, que nada destrói mas tudo vivifica, porque é universal. De qualquer forma, no fim deste estudo trataremos da personalidade de Ubaldi à luz da ciência, embora pouco seja possível dizer, porque as conquistas da ciência são muito limitadas.

* * *

Dito isso, procuremos interpretar a personalidade de Ubaldi à luz da concepção geral de *A Grande Síntese.* Mas antes é mister distinguir bem a personalidade do escritor e a daquele "Eu" que fala em *Grande Síntese.* A voz que troveja e repreende em *A Grande Síntese* não é a voz de Pietro Ubaldi, mas a voz impessoal da Verdade. Desta voz, o escritor foi apenas o receptor e o tradutor fiel e eficaz. Em outras palavras, Ubaldi escreveu *A Grande Síntese* por força inspirativa. Nas fases de máxima expansão de consciência, ele viu (intuiu) a verdade em suas linhas mestras, perlustrou horizontes imensamente vastos e traduziu no papel e com linguagem humana, conforme a dialética da razão também humana, a verdade que vira. Traçou o quadro geral após a visão direta do mesmo, assim como o artista reproduz e materializa a própria visão estética e a torna acessível aos outros através de estímulos aptos a impressioná-los pelos sentidos. Assim como a visão estética, se não fosse materializada na obra de arte, desapareceria secretamente na mente do artista e nada dela se escoaria para fora, igualmente a visão da verdade se teria apagado na mente de Ubaldi, nada dela saberíamos, se ele mesmo a não tivesse materializado e exteriorizado de tal maneira que a tornasse acessível à nossa mente. Esforçou-se ele em achar a linguagem humana mais adequada à finalidade, e julgou oportuno empregar a linguagem científica por ser a mais séria e evoluída. Falou nessa linguagem e foi compreendido por muitos. Teve o mérito de tornar acessível a muitos o que era privilégio de poucos iniciados, revelou o que o ocultismo de todas as épocas e lugares conhecia, mas escondia. Nada de novo

disse, porque a verdade é una e indivisível. Compreendeu que a mente humana saiu da menoridade e está em grau de olhar o mistério e estudá-lo. Com efeito a ciência bate à porta dos mistérios e Ubaldi com sua obra apresenta a chave à ciência.

Portanto, a função biológica do escritor é muito importante. Mas, do mesmo modo e pela mesma razão que os grandes artistas são compreendidos por poucos, assim Ubaldi até agora foi insuficientemente e mal compreendido; foi sobretudo mal compreendido. Claros e individualizáveis são os motivos. Sua concepção ou é compreendida em suas linhas essenciais, ou não é absolutamente compreendida. Para compreender suas linhas essenciais é necessário ter o preparo do homem de ciência e ao mesmo tempo as faculdades psíquicas do místico. Sabem todos quão difícil é encontrar em igual medida e de forma acentuada as duas qualidades. O místico desconhece a ciência e o cientista não compreende e não aprecia o misticismo. Pode dizer-se que os dois se repelem. Vive entre eles o mesmo contraste que existe entre materialismo e espiritualismo, de que tanto se fala hoje com convicção ou má fé, ou seja o contraste entre matéria e espírito. Considerando-se bem, esse contraste, que cria entre os homens ódios e lutas por vezes ferozes, deriva apenas da ignorância do próprio homem ou de seus equívocos. Que matéria é essa que se dissolve nos laboratórios da ciência e que espírito é esse inimigo da matéria? Cremos que esse contraste nasce apenas da insuficiência da mente humana. Fala-se com efeito de matéria e de espírito sem que se tenha o justo conceito de matéria e de espírito. **É** uma luta absurda, porque nem existe a matéria nem o espírito, mas apenas a substância, sobre cuja natureza ninguém sabe dizer a última palavra. Infelizmente, porém, na mente dos homens se agita essa luta absurda que leva à divisão também absurda dos ânimos, de que derivam as lutas visíveis sobretudo em nossos tempos, com o que lucram apenas a desonestidade e a ignorância. **É** mister destruir esse dualismo absurdo, e só então o cientista poderá levantar seu olhar para o céu do misticismo a crer, e o místico poderá olhar para a ciência com olhos fraternos; ambos abraçados, poderão suscitar com esse abraço de amor a centelha divina que iluminará o mundo e ensinará aos homens seu grande destino.

Só então poderá o pensamento de Ubaldi ser compreendido em sua natureza íntima. Tem muitos admiradores em todas as partes do mundo. Mas quantos o admiram porque o compreenderam verdadeiramente? Ubaldi mesmo reconhece que pouquíssimos o compreenderam de fato. Muitos fizeram dele uma idéia contrastante com a realidade. Imaginam-no um semideus, enquanto é apenas um homem. Estes provavelmente ficariam muito surpreendidos se o conhecessem pessoalmente, não porque ele seja um homem de pouca valia, nada disso, mas porque incorreram no erro de formarem dele um conceito fantástico e irreal. Tem períodos de depressão psíquica, durante os quais sofre de modo inaudito. Toca a beatitude do êxtase místico e o abismo da dor mais atroz, sai dos excelsos cumes da especulação da mente e desce ao abismo da sufocação de consciência. Observamos nele o homem dotado de poder psíquico gigantesco e o homem fraco. Jamais porém se observa vulgaridade e muito menos imoralidade. Notamos que apresenta dúvidas e incertezas que, no entanto, são resolvidas com absoluta clareza em *A Grande Síntese.* Mais de uma vez convidamo-lo a esclarecer as próprias dúvidas lendo suas obras, e muitas vezes o confortamos com o conforto que dele recebêramos.

Mas, bem considerado, isso não deveria admirar. Ele, como qualquer de nós, embora em planos diferentes, não é nunca igual a si mesmo. Seu dinamismo biopsíquico é cíclico, e portanto sujeito a fases espetaculares de subida e descida. Segue-se daí que o mesmo acontece com suas faculdades conscientes, ou seja, intelectivas e sentimentais. **É** um homem cuja personalidade está ligada à Terra e ao céu ao mesmo tempo. Sua personalidade biopsíquica

oscila, vibra, segundo um movimento cíclico ondulatório, irregular, mas não casual. Em seu eterno dinamismo, sobe e desce de acordo com uma trajetória cujo vértice positivo está no plano místico e o negativo no plano humano. Sobe e desce de um a outro plano passando, naturalmente, através de planos intermédios de que falaremos.

Esse fenômeno não deveria maravilhar ninguém, porque é comum à psique humana. Todos nós temos estados de ânimo diferentes, períodos de sensibilidade e insensibilidade, de otimismo e pessimismo, de expansão e compressão de consciência; não obstante, estamos em ato ou em potência sempre iguais a nós mesmos. Ele difere de nós unicamente por maior acentuação do fenômeno. A potencialidade biopsíquica dele viveu, naturalmente, momentos diversos mesmo no passado, e os viverá no futuro. Em sua presente vida conheceu momentos psíquicos diferentes. Começou com a inconsciência da vida embrional, daí passando à fase de consciência média normal, e aos poucos à mediúnica, à ultrafânica, e enfim à fase mística. No atual período de sua vida, seu dinamismo biopsíquico oscila da fase de consciência normal à de consciência mística. Concluindo, a evolução biopsíquica de Ubaldi é caracterizada por uma trajetória progressiva ondulatória. Trajetória análoga, ainda que em proporção diversa, caracteriza o dinamismo biopsíquico da generalidade dos homens.

Dissemos que Ubaldi, em seu dinamismo biopsíquico oscila entre o plano biopsíquico humano normal e o plano biopsíquico místico, atravessando os planos intermédios. Agora diremos que sensações ele experimenta nos diversos planos de consciência e quais são suas manifestações externas. Comecemos da fase mística. **É** a fase de máxima expansão da consciência. Dura pouco, porque se durasse muito tempo, o mataria fisicamente. **É** um estado de suprema beatitude, de suprema consciência e de supremo amor. O organismo físico permanece ausente da consciência dele, mas sofre as conseqüências do formidável desequilíbrio que se produz em tais momentos entre ele e o organismo psíquico. E como se fora imerso numa chama que o queima sem dor, mas que o consome. Segue-se daí que, atingido o esforço limite, ele rui e em seu desmoronamento arrasta consigo o organismo psíquico, porque o organismo psíquico e o organismo físico representam respectivamente o pólo positivo e o pólo negativo do organismo humano, os quais devem coexistir em complementaridade harmônica. Na fase mística, o organismo físico sofre e se adapta, em virtude de sua notável elasticidade, à extrema tensão psíquica. Mas, atingidos seus limites extremos de elasticidade, reage violentamente e rui, arrastando consigo o organismo psíquico. Portanto, os momentos místicos são breves, mas de intensidade máxima. Esses momentos são possíveis apenas em condições de quietude, de recolhimento e isolamento. Deles, ele sai fisicamente esgotado e se precipita nos planos mais baixos de consciência. Não pudemos observar pessoalmente o escritor em seus momentos místicos e portanto não estamos em condições de dizer mais do que isso.

Na fase de ultrafania, Ubaldi apresenta excepcional sensibilidade e potência de gênio. Tem a visão direta e consciente da verdade, participa intimamente da vida do universo e sua consciência dilata-se em horizontes sem limites. Desses momentos inspirativos saiu, de jato, *A Grande Síntese.* Nos momentos de inspiração ou de ultrafania, e sobretudo nos místicos, a natureza humana de Ubaldi acha-se superada. De humano, sobrevivem apenas as funções reduzidas do organismo físico, que, obviamente, não pode subtrair-se de todo às leis que o governam. O organismo físico acompanha dolorosamente o organismo psíquico, e, em certos momentos de esforço máximo, parece esfacelar-se. Isto não ocorre nem pode ocorrer, pela razão que, atingidos os limites extremos de resistência, ele reage automaticamente e cede, arrastando consigo o organismo psíquico, analogamente ao que ocorre na fase mística.

Nestas fases realiza-se a maior e mais elevada produção literária ubaldiana. Nestas fases o organismo físico sofre esforços e conturbações verdadeiramente apocalípticos, e em certos momentos tudo parece desmoronar e incinerar-se. Isso não ocorre pela automática auto-regulação de que falamos. A sua produção literária nasce prevalentemente nesses momentos e representa um parto muito doloroso. As páginas de seus livros são pedaços de carne, são escritos com seu sangue, são momentos de vida vivida em grandeza e dor excepcionais. Nem sempre ele escreve nesses momentos particulares, porque às vezes suas condições psíquicas não lhe permitem escrever. Freqüentemente confia à pena a lembrança fiel de uma visão precedente. Indispensável acrescentar que, no âmbito dessa fase, sua consciência não se mantém estática, mas está sujeita a flutuações mais ou menos intensas, pelo que ele vê em lampejos e não continuamente. Atravessa momentos de máxima exaltação e momentos de repouso. Nem poderia ser diversamente, por que a economia biológica o impõe. Naturalmente ele também não pode subtrair-se de todo à influência do ambiente, que age sobre ele, embora em medida e com efeitos mais limitados do que normalmente. Basta então um momento ocasional, ainda que mínimo, para suscitar ou para acelerar nele um determinado estado de consciência, porque, às vezes, basta uma leve força externa para completar maturações íntimas adiantadas.

Da fase de ultrafania, por processo natural de compressão de consciência, Ubaldi desce à fase "de mediunidade", onde adquire as faculdades próprias do médium. Não tivemos ocasião de observar pessoalmente nele essa fase e por isso não estamos em condições de ilustrar convenientemente suas manifestações específicas mediúnicas. Não obstante, cremos poder afirmar que pertencem à ordem dos fenômenos mediúnicos normais, a respeito dos quais está à disposição do leitor uma literatura copiosa e com os quais se ocupa seriamente uma nova ciência, a metapsíquica. Resta-nos apenas salientar que as faculdades mediúnicas são contidas e disciplinadas pelo equilíbrio e pela superioridade moral do próprio Ubaldi e que, de qualquer forma, elas são um estado biopsíquico de breve duração e estranha, como veremos, à característica biológica predominante de Ubaldi. Não nos delongaremos neste argumento, mesmo que pareça a muitos leitores ser o mais sugestivo, primeiro porque nada temos que acrescentar de novo ao que já se conhece dos fenômenos de mediunidade, e porque, como dissemos, não tivemos a possibilidade de fazer observações pessoais e particularizadas neste assunto. A personalidade gigantesca psíquica e o equilíbrio superior intelectual e moral de Ubaldi não o consentem; doutra parte, exibir essas faculdades seria atrair a vulgar e patológica curiosidade do público. Tudo isso pode adaptar-se a um médium de salão, não convém certamente à figura gigantesca de Ubaldi.

Do estado de mediunidade, por ulterior compressão de consciência, conseqüente de diminuição de potencial biopsíquico, ele desce ao estado próprio à generalidade dos homens. Nesse estado, personifica sucessivamente os tipos biopsíquicos humanos que, em progressão regressiva unem o plano biológico mediúnico ao biológico médio normal humano. Adquire, por isso, primeiro, as características e manifestações do homem de gênio, ou seja, notável poder racional puramente humano, vivacidade de inteligência, a que se seguem características menos pronunciadas, isto é, menor potência racional e intelectiva. E assim, gradativamente descendo chega a adquirir as capacidades intelectivas do homem médio normal. Não nos consta tenha ele jamais descido abaixo desta última.

Importa acrescentar que tudo o que dissemos se refere unicamente ao potencial biopsíquico ou de consciência. No que diz respeito ao estado afetivo e sentimental, ou seja, a seu estado de felicidade ou de dor, a coisa se passa diferentemente. Com efeito, ao dizermos que, no

plano humano Ubaldi apresenta faculdades racionais e intelectivas puramente humanas, não significando que experimente estado de ânimo próprio da generalidade dos homens normais. Grave erro seria supô-lo, erro que impossibilitaria uma avaliação realística do mesmo. Quem compreende perfeitamente o fenômeno biológico que ele vive, chegaria por si às mesmas conclusões. O estado de felicidade e infelicidade, de alegria e dor, próprio a cada ser humano, tem causa em sua relatividade. **É** universalmente sabido que a dor deriva de necessidade insatisfeita, bem como a necessidade só surge da experiência. Quando uma experiência agradável falta em nosso ânimo, nasce a necessidade de repetição da mesma. Essa necessidade insatisfeita é, por sua vez, causa de sofrimento. Por exemplo, quem experimentou o prazer de vida cômoda e abastada, sofre quando perde a comodidade e a abastança. Muito menos sofre quem não fez essas experiências, ou mesmo nada sofre. Igualmente, quem experimentou as alegrias do afeto humano, sofre quando este lhe falta. Menos ou nada sofre quem nunca os experimentou. Citamos dois exemplos, mas poderíamos continuar indefinidamente.

Dito isto, que dizer de quem experimentou a felicidade suprema, isto é, o êxtase místico? Evidentemente nenhuma outra experiência pode proporcionar felicidade tão grande e daí se deduz que, quem experimentou essa suprema felicidade, está condenado a não achar felicidade em mais coisa alguma. Quem viu, por um instante sequer, o Paraíso, jamais poderá esquecê-lo e procurará sempre revê-lo. Compreende-se, portanto, que Ubaldi jamais poderá saborear as alegrias desta Terra. Só é feliz quando vive no plano místico. No plano ultrafânico é parcialmente infeliz; aumenta sua infelicidade no plano mediúnico e se torna máxima no plano humano normal. E como os momentos místicos, únicos capazes de fazê-lo feliz, são de duração breve, segue-se que ele vive prevalentemente na dor. Ele paga a visão fugaz do paraíso, com longas e persistentes fases de profunda dor que mantém em ebulição todo o seu ser. Esta sua dor imensa é, por sua vez, causa de sua progressiva catarse espiritual, catarse que o leva cada vez mais para ulterior superação de si mesmo. Está, pois, destinado à dor, cortou as pontes atrás de si, e não mais pode tornar a viver nesta Terra nem obedecer às leis biológicas que a governam. Está suspenso entre o céu e a Terra. O paraíso apresenta-se-lhe só por instantes fugazes, a Terra lhe é inóspita. Drama tremendo e grandioso ao mesmo tempo. Ele vive sua suprema ventura biológica.

Chegado à profundidade da fase humana, após período mais ou menos longo de dor, a onda biológica de Ubaldi se inverte e retoma seu ciclo ascendente. Ele regressa aos primeiros planos donde descera, reproduzindo o fenômeno biológico idêntico e inverso ao descrito. Qual a íntima razão biológica de tudo isso? Não a conhecemos. Indubitavelmente isto se relaciona com as leis que governam a evolução nos planos biológicos supranormais, e difícil é percebê-las com clareza. Julgamos que as fases de depressão de seu dinamismo biológico sejam um êxtase, após a expansão, uma contração necessária para a consolidação de seu organismo físico e psíquico, em novo equilíbrio de forças, através das íntimas reações biológicas, ligadas às funções de trocas, portanto, fenômeno comparável ao cansaço que se segue a um estado de intenso trabalho, que impõe ao organismo o estado de repouso e que, ao mesmo tempo, determina o refazimento dos órgãos que trabalharam. Tratar-se-ia então de um trabalho involuntário, que se desenrola na intimidade do organismo físico-psíquico para consolidar um equilíbrio biológico mais elevado. O organismo psíquico se consolidaria numa fase biológica mais adiantada e, o organismo físico se harmonizaria com este, desmaterializando-se e fixando-se em estado evoluído mais avançado. Parece que o fenômeno semelhante nos seja dado observar nas funções físicas e psíquicas da biologia do homem normal. Nem doutro modo poderia ser, pois a lei que governa a vida dos

homens é una, universal e necessária.

**É** mister observar ainda que, superado o vértice negativo da onda biológica, Ubaldi sobe mais forte e mais seguro, conquista mais luminoso estado de consciência e volta novamente à visão da verdade. Retoma o dinamismo biológico que lhe é próprio, atingindo com menor esforço possibilidades superiores às que antes alcançara. Indispensável agora precisar o que entendemos por visão da verdade. O vidente não vê a verdade com os sentidos humanos normais, mas com a percepção extrasensorial, ou seja, a vê dentro de si, sintonizando o próprio EU psíquico com a própria verdade, mediante um sexto sentido que a evolução nele criou. Considerando o organismo humano um aparelho receptor, pode dizer-se que o organismo de Ubaldi é um aparelho mais aperfeiçoado, mais sensível, isto é, apto a perceber sensações que, por sua natureza, um aparelho normal não pode perceber. O aperfeiçoamento dos sentidos humanos está em relação com as necessidades biológicas correspondentes ao plano evolutivo e ao ambiente próprio de cada plano. Sabe-se que o ambiente e a função criam o órgão: é lei universal e portanto vale também para o ser que estudamos. Resulta que, exercitando ele uma atividade biológica precipuamente psíquica, própria dos planos biológicos supranormais, e tendo-se subtraído à influência do ambiente propriamente humano, participando de um ambiente super-humano, conquistou diversas características e possibilidades biológicas diversas das nossas. As suas características biológicas harmonizam-se, portanto, com as leis da natureza e nelas têm sua justificação e explicação. Então, durante a fase de expansão da consciência quando os centros psíquicos estão em função, ele tem percepções extrasensoriais da verdade, nela se funde em simbiose mútua, que se vai tornando aos poucos de facultativa em obrigatória. Vive em harmonia com a lei universal, isto é, com o pensamento de Deus, supera a própria natureza humana e realiza uma natureza super-humana. Vive uma realidade que não pode ser compreendida por homens normais, nem expressa pela linguagem comum. Análogo a isto é o que ocorre aos cegos de nascença, que não podem compreender a natureza das diversas cores, por mais que lhes sejam descritas.

O fenômeno biológico vivido pelo nosso estudado é indubitavelmente muito interessante e revela-nos até que ponto pode avançar o poder psíquico. *A Grande Síntese* foi escrita de jato, sem que o autor possuísse adequada preparação científica. Pode parecer um prodígio, mas é apenas um fenômeno natural, ainda que raro; é a realização de uma possibilidade humana normal. Não há prodígios na natureza, mas existe uma lei biológica de que apenas conhecemos. pequena parte. Ilimitadas são as possibilidades da ascensão humana, a força que as gera é aquela centelha divina que arde em cada um de nós, os motores são a dor e o amor. **É** necessária a força corrosiva da dor para quebrar o invólucro que nos mantém prisioneiros, assim como o fogo do amor para fundir a enorme couraça que nos separa da verdade. Rasgam-se os véus do mistério só pelo mágico toque do amor, e vão seria agir diversamente. Característica peculiar dos produtos mais elevados da evolução humana é, com efeito, a nota dominante do amor, de um amor sobre-humano e ilimitado. Essa é a característica fundamental de nosso estudado. Amor e dor são a inesgotável fonte de sua grandeza

Dito isso, compreende-se que seu poder intelectivo e vital está caracterizado por notáveis variações e que as experiências que o interessam são de natureza diversa e contrastam entre si vivamente. **É** fácil imaginar que desse contraste se origina um complexo de ações e reações psíquicas e físicas que o mantêm em estado de perene dinamismo, motivo de evolução e razão de alegrias sobre-humanas e de sobre-humanos sofrimentos. Compreende-se ainda quanto sofre ele no plano humano, quando sua consciência experimenta participações medonhas. Não

admira que em tal estado de consciência, ele duvide, que se considere estranho à verdade vista e descrita; não admira que seja atormentado por incertezas, incorra em erros e despreze a si mesmo. Tudo isso pode parecer desequilíbrio patológico. Na realidade, é desequilíbrio, mas criativo, porque sua personalidade o compreende, o enquadra e o domina, e dele se serve para a própria subida. Demonstra-o sua autocrítica, serena e sincera.

Percebe-se ainda que, dada a particular excepcionalidade do drama, bem dificilmente pode Ubaldi receber válido auxílio dos homens. Estes não o compreendem nem o podem, porque a compreensão só é possível entre os semelhantes, e ele é muito diferente de todos. Ubaldi vive uma vida que os outros desconhecem e deve amadurecer sozinho sua grande aventura. Entrou só nesse atalho árduo, cujo objetivo é uma vida maior. Cortou as pontes atrás de si e não pode voltar. Seu único conforto são entidades superiores, e a elas estende ele dolorosamente os braços. A visão de Cristo sustenta-o no esforço sobre-humano. Poucos homens o compreendem, ainda que muitos o exaltem, e só os primeiros podem trazer-lhe um pouco de refrigério à sua grande paixão. Os segundos, com sua exaltação inconsiderada, muito freqüentemente lhe fazem mal.

Ilustrado o fenômeno cíclico da vida de Ubaldi, aparecem lógicas e justificadas todas as manifestações de sua personalidade. Erros, dúvidas, incertezas, gênio, mediunidade, ultrafania, vertiginosas ascensões místicas, santidade, tudo isso constitui o conteúdo do caso biológico de Ubaldi, assim como sentimentos, possibilidades intelectuais e volitivas diversas, constituem a personalidade de cada um de nós. Se observarmos objetivamente e de perto a vida até dos grandes homens que a humanidade venera e coloca nos altares, mesmo neles achamos também grandes e pequenas coisas. Segue-se que, por causa das múltiplas e contrastantes manifestações de sua personalidade, nosso estudado pode parecer, conforme o aspecto em que seja considerado, um santo, um gênio, um médium, um homem normal ou um doente mental. Pode, pois, inspirar admiração, amor, ou compaixão. Essas definições estarão certas se as olharmos em seu conjunto. Então, quando quisermos fazer um juízo sintético e realístico de Ubaldi, precisamos considerar suas múltiplas e contrastantes manifestações, sem considerar o tempo de cada uma delas. Só assim teremos uma visão objetiva e sintética dele. Fora disso nos perderíamos num labirinto do qual seria muito difícil sair. Julgá-lo-emos, pois, em função de todos os seus atributos, ou melhor, segundo a soma algébrica, se assim podemos dizê-lo, de seus valores positivos e negativos. Não é fácil esse cômputo, inútil dizê-lo, sobretudo porque é extremamente difícil estimar o valor biológico de cada qualidade, tratando-se de avaliações muito incertas e totalmente subjetivas. Não obstante, tentaremos uma apreciação desse gênero; ainda que não seja exata, será pelo menos suficiente para orientar o julgamento num plano que se afaste o menos possível da realidade. Esclareçamos que nossa apreciação se refere à sua personalidade tal qual se apresenta no momento, sem nenhuma relação com o passado.

Dissemos que a personalidade de Ubaldi oscila entre o plano normal e o plano místico. Acerca deste, fazem prova as visões e estados de êxtase. Convenhamos que não existe um plano místico, do qual se possa tratar em sentido bem definido e ao qual nos possamos referir, pois, como ensinam as doutrinas esotéricas, existem muitos planos místicos, sendo eles mesmos planos biológicos. Não estamos em grau de estabelecer até que plano místico tenha Ubaldi subido, e portanto, prudentemente, queremos supor que seu potencial biopsíquico possa erguer-se até o primeiro plano místico. Aceita essa suposição, segue-se que sua personalidade pode considerar-se oscilante entre o plano normal humano e o primeiro plano místico. A distância entre esses dois planos, mesmo se não podemos apreciá-la com segurança, é sem dúvida notável. Sabemos além disso, que ele permanece no plano ultrafânico durante metade de seu tempo, ou

seja, em um ano, permanece seis meses em estado ultrafânico. Na outra metade de seu tempo está em condições normais, mediúnicas e místicas. Não podemos precisar quanto tempo permanece em cada uma dessas três fases. De qualquer forma, é certo que as experiências místicas são de duração breve e de intensidade excepcional. Com esses poucos elementos, é sem dúvida impossível deduzir conclusões precisas. Aliás esta atividade biológica particular de Ubaldi não se presta a medidas e análises mais minuciosas, pois embora possíveis, de pouco serviriam a nosso objetivo, desde que os momentos biológicos têm valor próprio intrínseco, que não pode ser apreciado pela medida do tempo. Poucos minutos de suprema tensão mística têm um significado biológico que transcende qualquer apreciação humana e não podem ser avaliados em confronto com os momentos de atividade biológica normal.

Tudo considerado, cremos poder concluir que a atividade biológica do "sujet" transcende a atividade biológica do homem normal. Além disso, julgamos não ser arriscado afirmar que a evolução biológica da personalidade estudada superou de modo notável o plano biológico próprio do homem normal, e que, portanto, nos achamos diante de um caso interessante de homem supranormal. Não estamos em condições de dizer com precisão até que ponto supera ele o plano normal, mesmo porque não conhecemos a unidade relativa de medida, e não sabemos — como talvez nem ele mesmo o saiba — a que grau de amadurecimento esteja ele chegando. Para não incorrer em erros prováveis de avaliação, limitamo-nos, pois, a definir Pietro Ubaldi como um tipo biológico super-humano.

Pietro Ubaldi é um super-homem. Definir Pietro Ubaldi um super-homem talvez pareça arriscado. Talvez alguns se escandalizem. Não é razoável, porém que isso aconteça, como o não seria se disséssemos que o homem civilizado é um super-homem comparado ao troglodita, ou que Fulano é mais evoluído que Sicrano. O super-homem não é um ser privilegiado que surgiu prodigiosamente neste mundo, dotado de qualidades e merecimentos excepcionais por concessão do Alto. **É** um homem, apenas um homem, que em sua evolução precedeu os seus semelhantes, porque, mais que eles, soube lutar e sofrer, ou, se os preferirem, pelas mesmas razões que nos fizeram seres mais evoluídos que os selvagens. Ele pagou e paga duramente o preço de sua superioridade. No altar da Divindade sacrificou sua personalidade humana, para realizar a super-humana. Tem o que deu, nada mais, porque a Lei é justa. Qualquer um de nós pode chegar onde ele chegou e superá-lo, no curso de evolução individual. Todos podemos transformar-nos gradualmente em santos e anjos, todos podemos realizar nossa natureza divina. Todos a realizaremos, e então terá descido à Terra o Reino de Deus.

Tudo o que até agora dissemos de P. Ubaldi só tem valor, naturalmente, enquanto não sejam falsas suas manifestações externas. Se mentindo houvera, tudo quanto dele dissemos automaticamente cairia, e quem julgamos um super-homem seria, ao invés, o mais miserável dos homens. **É** possível que P. Ubaldi nos tenha mentido? Decididamente o recusamos. Tudo dele se poderá pensar, menos que tenha mentido toda a sua vida. Para atingir um ideal de vida evangélica, voluntária e conscientemente abraçou uma vida que seria rejeitada por qualquer homem normal nesta Terra. Aceitou uma vida de dor e sacrifício, consumiu sua vida em nome de um ideal. Que aspiração puramente humana teria podido impeli-lo até este ponto? Cremos que, qualquer coisa que dele se pense, não se pode pôr em dúvida que ele seja um homem inteligente. Ora, como poderia um homem inteligente abraçar uma vida de dor, só pelo gosto de mentir? Poderia ter escrito tudo o que escreveu, se verdadeiramente não o tivesse sentido? A dor arranca do rosto qualquer máscara; quem sofre não sabe mentir. De qualquer modo, não seria racional levar a desconfiança até este ponto, mesmo porque não há provas que autorizem uma suspeita, e

ainda porque não basta negar uma verdade para destruí-la.

* * *

Passemos, agora, a examinar sua personalidade à luz da razão normal e da ciência. Este é um método de pesquisa particularmente seguro, mas de possibilidades muito limitadas. Admitindo que a ciência aceita a evolução biológica de todos os seres vivos, é mister, para avaliar o valor biológico de P. Ubaldi, estabelecer se ele pode ser considerado um tipo biológico destinado a ser esmagado pela evolução, ou para triunfar sobre ela. Tem isto importância fundamental. Aliás, nisto reside todo o problema. Não é fácil apresentar uma resposta aceitável, por muitas e óbvias razões, mas sobretudo porque atualmente é difícil, senão impossível, conhecer as características biológicas do homem que será criado pela evolução. De fato, não se pode saber a priori como será o homem do futuro, como há séculos atrás não teria sido possível imaginar as características do homem do século vinte. Tão pouco conhecido é o homem, tão obscuras as leis e causas da evolução, que qualquer previsão teria sempre sabor pessoal e seria, portanto, muito incerta. Nos organismos humanos há caracteres recônditos e forças potenciais de que nenhuma pesquisa poderia hoje fazer o levantamento e a interpretação. Possui a ciência formidável método de pesquisas, conquistou posições soberbas, mas — mister é reconhecê-lo — ainda é criança, tem as possibilidades de um infante, a quem pertence o futuro, mas que ainda está relativamente inexperiente e às vezes, mesmo, teimosa. Defeitos da juventude que o tempo liquidará, mas defeitos notáveis, especialmente quando se lhe pede a explicação de problemas da natureza do que estamos estudando.

Dito isso, conclui-se que existem raças e indivíduos que estão destinados a ser eliminados pela seleção da evolução, porque são fracos, e outras raças e outros indivíduos que, ao contrário, estão destinados a sobreviver, porque são dotados de superiores possibilidades biológicas. Desde que as novas raças dominantes lentamente surgem das raças pré-existentes, e do seio destas saem triunfantes por fenômeno natural da seleção, é claro que em cada raça existem indivíduos de possibilidade biológica superior e outros de potencialidade biológica inferior, ou seja, que existem exemplares destinados a propagar-se, no futuro, e outros destinados a desaparecer. A potencialidade biológica dos indivíduos que constituem qualquer raça é, pois, muito diversa, e os próprios indivíduos, a esse respeito, são distribuídos na raça de acordo com uma gama de valores biológicos progressiva ou regressiva, como se queira chamá-la. Estudando estatisticamente o fenômeno pode observar-se, além disso, que em cada raça existe um grupo muito numeroso de indivíduos dotados de características biológicas médias e dois outros pequenos grupos com caracteres opostos, porque de qualidade superior ou inferior aos do grupo biológico médio. Os indivíduos pertencentes ao primeiro grupo são os chamados normais, os componentes dos outros dois grupos, anormais.

O que ficou dito vale para as características morfológicas e as funcionais. Cremos, pois, razoável estender a apreciação também pelo que diz respeito à potencialidade biológica dos indivíduos. Mesmo sendo dificilmente apreciável e cognoscível a potencialidade biológica dos exemplares de uma raça, acreditamos que, analogamente ao que se observa nos caracteres morfológicos e funcionais, possa afirmar-se que em cada raça, existe um grupo muito numeroso de indivíduos de potencialidade biológica normal e dois pequenos grupos de potencialidade biológica anormal, de valor oposto. Tudo isso teria de verificar-se necessariamente, dada a relação de estreita interdependência que parece existir entre os caracteres morfológicos e

funcionais e os caracteres biológicos mais profundos, que individuam cada personalidade. Sabemos todos que os indivíduos não sujeitos às doenças e os em perene estado patológico são em pequeníssimo número, ao passo que a grande maioria é constituída de pessoas que adoecem irregularmente. Sabemos mais, que os indivíduos fortíssimos e os fraquíssimos são exígua minoria, enquanto a grande maioria se compõe de indivíduos medianamente robustos. Poucos são os gênios, os santos, os imbecis, e os delinqüentes, numerosíssimos os medianamente bons e medianamente inteligentes. Análogo fenômeno estatístico deve ser necessariamente encontrado também em relação com a potencialidade biológica, na qual se exercita o trabalho seletivo que realiza a evolução. A expressão gráfica do fenômeno é uma curva em forma de sino, também chamada curva de Gauss.

Daí se deduz que em cada raça existem três grupos de indivíduos, dos quais, um pequeno, constituído por indivíduos dotados de baixo potencial biológico, destinados a ser esmagados pela evolução e a extinguir-se; um segundo grande grupo, constituído por indivíduos dotados de potencialidade biológica média, destinados à conservação da raça; e enfim um terceiro pequeno grupo, dotado de potencialidade biológica superior, e destinado a criar lentamente uma raça superior, isto é, o produto da evolução. Verificado isso, deduz-se que os pioneiros da evolução pertencem à anormalidade, ou seja, são anormais. Visto que existe uma anormalidade positiva e uma negativa, resta-nos examinar quais são as manifestações biológicas que caracterizam as duas anormalidades opostas. Uma descrição de caráter geral seria quase impossível e não adiantaria nem à clareza, nem à exatidão. Pois, seria mister descer à particularidade de cada raça e de cada indivíduo, e aí fazer as próprias observações e apreciações. No estado atual de conhecimento da matéria, cremos não seja possível agir doutra forma.

Feita esta necessária digressão de caráter geral, retomemos o estudo de nosso "sujet". Não há dúvida de que as manifestações biológicas deste, e de modo particular as psíquicas, pertencem à mais nítida anormalidade. Achamo-nos, então, diante de uma criatura que representa o produto ou o refugo da evolução. A qual das categorias pertence ele? Não é possível dar uma resposta aceitável se antes não o analisarmos em todas as suas peculiares manifestações biológicas. **É** o que agora tentamos fazer, por meio de um exame atento de suas características físicas e psíquicas.

O funcionamento do organismo físico de P. Ubaldi não se diferencia de forma acentuada da dos homens normais. No entanto, existe uma diferenciação, mas de caráter positivo: ele é particularmente resistente aos agentes patógenos e aos esforços físicos. Tem sessenta anos completos e goza de ótimas condições de saúde. Prova-o o fato de que normalmente jamais se utiliza de médico. Seu aspecto exterior não denota nenhum depauperamento, mas ao contrário tem características relativamente juvenis. E isto, não obstante o regime dietético extremamente parco e o maior descuido com que trata seu organismo. **É** fora de dúvida que qualquer organismo humano normal sofreria inevitável depauperamento orgânico, se fosse explorado tanto e tão sumariamente alimentado e tão mal guardado. Surpreende em verdade, como, nessas condições, possa seu organismo manter ótimo seu funcionamento. Normalmente, alimenta-se apenas uma vez por dia. Sua alimentação é muito frugal, e podemos testemunhá-lo porque durante vários meses sentamos com ele à mesma mesa. Trata-se de uma refeição rigorosamente racional, segundo as leis dietéticas e a preço fixo. Às vezes toma, à noite, uma xícara de leite ou pouco mais, às vezes nada. A quantidade de calorias que fornece a seu organismo é, indubitavelmente, uma fração exígua do mínimo necessário para o homem normal.

Isto não o impede de ser dinâmico mesmo fisicamente, e de suportar esforços materiais, como o de ir visitar sua família, pedalando setenta quilômetros de bicicleta, de Gúbio a Santo Sepulcro.

Desenvolve concomitantemente três profissões, cada uma das quais poderia bastar para um homem: 1º) o ensino; 2º) a produção literária e o cuidado da impressão de seus trabalhos no mundo, com uma correspondência epistolar em seis línguas diferentes, em média com cinqüenta cartas por semana; 3º) o trabalho doméstico para si mesmo, pois vive só, sem empregados. Desprovido de todo auxílio, de toda assistência, tem que fazer tudo por si mesmo. Quando tem febre ou qualquer indisposição, suporta seu mal sem ir à cama, em plena atividade. Muito raramente, e só em casos graves, resigna-se a ir para o leito. Suporta indiferentemente calor ou frio. No inverno, jamais aquece sua casa, apesar do excepcional rigor da localidade em que habita, particularmente fria e sujeita a neves. Vive em pobreza voluntária, abolindo até as mais elementares comodidades, não só para atingir seu ideal de vida evangélica, como pela satisfação de vencer todas as dificuldades. Seu caráter é indubitavelmente forte, e seu organismo também. **É** evidente, pois, que possui qualidades intrínsecas que o diferenciam da normalidade no sentido positivo.

Sobretudo, porém, surpreende como seu sistema nervoso possa manter sem quebrar, o ingente trabalho a que está sempre submetido. Bastará recordar que só conhece o repouso das horas de sono, muito pouco aliás, pois durante todo o tempo restante fica submetido a incessante tensão que enfraqueceria qualquer sistema nervoso normal. Trabalha durante várias horas, à noite, que para ele são as melhores, porque todos dormem e estão em silêncio. Só de vez em quando lhe aparecem pequenos períodos de cansaço, dos quais prontamente sai sem chegar a ter verdadeiro esgotamento nervoso. Esses momentos de depressão verificam-se após períodos de trabalho intelectual excessivamente intenso; às vezes os precedem, como se a vida se preparasse por si mesma, ao esforço que depois terá de fazer. Tudo considerado, pode verificar-se que nele prevalece o trabalho intelectual e espiritual, sustentado por um sistema nervoso particularmente poderoso, resistente e hipersensível. Lembremo-nos, a mais, que, durante os períodos de atividade mística, seu sistema nervoso é obrigado a suportar fortes comoções, em virtude dos grandes deslocamentos em seu potencial, em conseqüência do que, ao sair deles, se encontra parcialmente perturbado e alterado, tal como sucede a qualquer sistema nervoso normal submetido à ação de poderosas comoções emotivas. Após longas e intensas experiências místicas, o sistema nervoso apresenta anomalias e alterações particulares as quais, entretanto, desaparecem em pouco tempo.

Falou-se de neurose. Seja. Mas que é neurose, e sobretudo a neurose de nosso estudado? Julgamos que qualquer neurológico capaz e honesto, em semelhante caso, seria, ao menos, prudente antes de exprimir um diagnóstico conclusivo e uma apreciação do mérito. Cremos que seja mister muita cautela ao sentenciar a respeito desta matéria, porque podemos incorrer no erro de considerar patológico o que seja natural manifestação biológica supranormal. Do que dissemos, conclui-se que o organismo físico de P. Ubaldi pode ser considerado, por motivos óbvios, mais do que normal e dotado de qualidades intrínsecas que o diferenciam de modo positivo do homem normal.

Feito este breve exame das qualidades físicas, passemos a observar suas qualidades psíquicas. Diga-se de início que as capacidades intelectuais do mesmo podem considerar-se sem sombra de dúvida superiores às que são próprias do homem normal médio. A esse respeito, racionalmente não se pode duvidar. Por exemplo, a concepção geral de *A Grande Síntese*, qualquer que seja o juízo que dela se faça, é sem dúvida o produto de uma mente incomum. Já

que universalmente é conhecido e aceito que o poder do gênio é um fator de importância primordial e ao mesmo tempo índice do valor intrínseco do homem, segue-se daí que, mesmo sob este aspecto, ele apresenta uma nítida superioridade em comparação com o homem normal.

Reconheçamos que não basta alguém saber escrever um livro ou livros diversos e geniais, para que se possa considerar superior aos outros. O valor de um homem não é constituído só por isso, aliás de pouco valeria se esse homem não soubesse viver as idéias que professa e se elas não fossem capazes de influenciar outros homens. Vive Ubaldi suas idéias e são elas compreendidas e vividas por outros homens? Sem dúvida. Toda sua vida é a exteriorização prática das mesmas, o plebiscito de concórdia e amor que a ele chega de homens de todas as partes do mundo, demonstra que essas idéias já tiveram sua grande função biológica. Denota isso que elas não são apenas literatura ou força potencial de possibilidades problemáticas, mas já são uma força real em ato. Sem dúvida elas caíram em quem estava preparado, por sua natureza psicológica, para percebê-las; mas isso não impede que uma ação específica possa igualmente a elas atribuir-se, ainda que como função complementar. **É** suficiente um lampejo nas trevas, para indicar-nos o caminho, e isso tem grande importância, mesmo se o resto do caminho tiver que ser percorrido com nosso esforço. As qualidades morais de Ubaldi são certamente muito diferentes das do homem normal de hoje e de ontem. A vida que exterioriza a substância nos atos, é a vida segundo a moral evangélica, a prática cotidiana e inteligente das bem-aventuranças anunciadas por Cristo na Montanha. Pode mesmo dizer-se que a concepção ideológica e moral de Ubaldi é a concepção profunda e substancial do Cristianismo, do Cristianismo bebido em suas fontes mais puras, livre das mortais dentadas dos dogmas, das tradições e dos formalismos que, através da letra, matam o espírito. Essa concepção não contrasta aliás, antes, harmonizam-no, em suas linhas essenciais com as profundas concepções esotéricas de todas as religiões da Terra. Caminha na esteira moral deixada pelos santos e iniciados de todas as crenças do mundo. Com esta afirmação, permanece bem afastado de nós a intenção de enquadrá-lo em qualquer grande organismo religioso, a fim de valorizar-lhe a personalidade a preço baixo. Pensamos em fazer apreciações críticas dessa forma de moral, para pesquisar se ela é a moral dos homens superiores, ou a dos homens fracos, que vivem à margem da coletividade como refugo patológico. Observemos de perto esses homens, chamados santos, estudemo-los no ambiente biológico humano, tal como a nós se apresenta neste ambiente em que vivemos.

O "modus vivendi", o hábito moral, as aspirações e as idéias desses homens excepcionais, são totalmente opostos aos dos homens normais. Ao egoísmo, à violência, ao ódio, à busca dos prazeres materiais eles contrapõem o altruísmo, a mansidão, o amor, a busca das alegrias espirituais. **É** uma verdadeira e própria inversão de valores, é a revolução moral, cujo conteúdo está substancialmente traçado nas bem-aventuranças anunciadas por Cristo. Eles voluntariamente renunciam aos prazeres que outros com ingentes sacrifícios buscam, e, acima desta renúncia, procuram e encontram alegrias espirituais conhecidas só por eles. São homens dotados de grande força de caráter, de máxima sensibilidade, bondade e poder de intuição. E já que esses homens têm necessidades, desejos, aspirações e finalidades opostas aos da generalidade dos homens, segue-se daí que entre as duas partes não há. razões para luta e hostilidades. O santo apresenta-se à sociedade como ser inócuo; pode despertar incompreensão ou desprezo, mas materialmente não é combatido. Esta é uma forma de incolumidade que representa privilégio de grande valor. Como seria possível combater um homem que passa entre nós amando e beneficiando, que nos ama quando o odiamos, que faz o bem mesmo quando lhe

fazemos mal, que tudo dá sem nada pedir para ele? Poderemos considerá-lo um louco, mas não teremos motivos para combatê-lo, e muito menos para liquidá-lo.

Só em circunstâncias particulares pode ocorrer que eles sejam combatidos ou até liquidados. Isso aconteceu no passado e poderá ocorrer no futuro. Diz-nos a história que alguns desses homens extraordinários sofreram o martírio e as razões são evidentes. Santos particularmente dinâmicos, com imenso amor aos oprimidos, encontraram-se com os opressores e pagaram com a vida. Outros suscitaram sentimentos novos na massa, de equidade e justiça, contrastando com privilégios de organizações sociais particulares, as quais reagiram suprimindo ou perseguindo o adversário. Sucedeu ainda que esses homens colidiram contra os privilégios ou a corrupção de comunidades eclesiásticas, e foram por estas direta ou indiretamente suprimidos, perseguidos, ou de qualquer forma impedidos de agir. Mas que ocorreu, quando eles subiram ao patíbulo ou foram perseguidos? Nesse momento, eles conquistaram a coroa do martírio que, com sua ressonância sentimental nas massas, assinalou a condenação dos opressores. Portanto, ou não são perseguidos, e gozam do privilégio da imunidade, ou são combatidos e então conquistam os louros do martírio, fator psicológico de poder inimaginável. Temos que considerar, de fato, que os princípios morais encarnados nesses homens são, consciente ou inconscientemente sentidos pela consciência das massas, que intuem neles a presença de um "quid" imponderável que as sugestiona poderosamente. A história ensina que quando um santo sobe ao palco do martírio, assinala esse dia seu triunfo e a derrota dos carrascos.

Tais seres, portanto, não podem ser golpeados eficaz e impunemente. Isso representa para eles uma vantagem digna de nota. Os homens normais não a têm. A moral praticada por estes os leva ao ódio, à luta, à supressão e à neutralização recíproca estéril. Poderão objetar que as massas sentem o fascínio desses homens porque são ignorantes ou supersticiosas; mas isso é falso e não subsiste diante da realidade evidente, de que o progresso da civilização humana conduz a um aperfeiçoamento moral que faz apreciar cada vez mais o amor, a bondade, o altruísmo, características predominantes nos santos em proporções excepcionais e heróicas.

Mas há mais ainda! Só entre esses homens achamos os taumaturgos, ou seja, os homens que conquistaram o poder de fazer os chamados milagres. Convenhamos que esses poderes pertencem à biologia natural, mas precisamos convir que também eles são o índice de um poder biológico extraordinariamente superior, que a generalidade dos homens ainda não possui. Notemos, ainda, que só esses homens têm, por vezes, possibilidades proféticas e outras manifestações de clarividência. São manifestações que maravilham profundamente, e que, por sua vez, são o índice de possibilidades intelectivas verdadeiramente superiores. Esses poderes ultrafânicos não podem ser apreendidos através da cultura, e isto também demonstra que eles pertencem à ordem das características biológicas intrínsecas, próprias apenas desses homens extraordinários. E a pessoa que estudamos é dotada de poderes ultrafânicos. A produção de *A Grande Síntese,* escrita de jato, sem adequada preparação científica, as previsões da guerra recente, contidas nessa mesma obra, e na *Ascese Mística,* são prova disso. A avultada anormalidade que encontramos em Ubaldi pertence, por suas características específicas, à natureza própria dos homens de que vimos falando. Julgamos, pois, que possa considerar-se uma anormalidade de caráter positivo, ou seja, uma anormalidade que se tornará normalidade, quando a evolução humana tiver caminhado mais uni pouco.

Concluindo: considerando-se que Ubaldi apresenta qualidades físicas mais do que normais, poder intelectual superior ao normal, qualidades psíquicas e morais de natureza tal que

o subtraem quase completamente das influências negativas do ambiente, e o fazem dominar sobre elas, considerando-se que ele não pode ser eficazmente golpeado, mas ao contrário pode exercitar sobre os homens uma profunda função biológica, que interessa a parte mais importante da natureza humana, ou seja, a psique, pode-se racionalmente concluir que nos achamos diante de um caso de anormalidade positiva, isto é, de verdadeira e própria superioridade biológica.

Ocorre agora perguntar-nos, se uma sociedade de homens desse gênero seria compatível com o progresso e a civilização. **É** óbvio que se o não fora, estaria errado tudo quanto acima afirmamos. Preciso é notar antes de tudo que homens desta espécie não podem ser considerados parasitas da sociedade, pois que trabalham, e com seu trabalho ganham o próprio sustento. São homens que trabalham com inteligência e abnegação, que dão de si mesmo, contentes por ter apenas o quanto lhes basta para viver modestamente. Não são, portanto, contemplativos estéreis, mas ótimos trabalhadores, voltados para o progresso. Estamos também persuadidos de que uma sociedade constituída por homens que trabalham com muita vontade e inteligência, em que cada um ama seu próximo como a si mesmo; em que cada um dá tudo aos outros, só pretendendo o estritamente necessário; onde se ama e ajuda a quem sofre; onde não se mata nem se rouba; onde existe liberdade e fraternidade; onde o pensamento é livre; onde a dor é recebida como instrumento de libertação e de evolução; onde se sofre com o sorriso nos lábios; onde se desconhece a violência e se ignora o arbítrio, estamos persuadidos de que só essa seja a sociedade perfeita; a sociedade que todos os homens bons e inteligentes da Terra queriam realizar para si e para seus filhos. Estamos persuadidos de que uma sociedade assim constituída, seja aquele paraíso perdido, para o qual se voltam todas as ânsias da humanidade atormentada desta Terra. Considerado tudo isso, parece-nos razoável concluir que o tipo biológico representado por P. Ubaldi seja um tipo que a evolução não pode destruir, mas terá de conservar.

Doutra parte, não será difícil observar que a humanidade, mesmo através de seus erros e torpezas, tende a envolver para este tipo biológico. Pode observar-se, com efeito, que no coração das massas humanas surge consciente ou inconscientemente uma necessidade cada vez mais sentida de bondade, de beleza, de verdade. Sob as agitações da superfície, as grandes leis biológicas exercitam um trabalho subterrâneo preparatório e de maturação e cada vez mais exteriorizam a necessidade de bondade, de amor, de altruísmo. Hoje mais do que nunca podemos constatá-lo, se, sobrepujando as aparências, penetrarmos na realidade mais profunda que agita o coração das massas. Os políticos, os demagogos, os agitadores, só acham eco duradouro entre as multidões, quando fazem brilhar uma miragem de amor, de bondade, de liberdade, de altruísmo, de fraternidade. Os homens bons, altruístas, sábios, gozam de respeito e da veneração universal. O homem hipócrita veste-se com esses atributos para ocultar suas misérias morais e tornar-se agradável a seus semelhantes. As multidões anônimas e silenciosas trazem essa necessidade no coração. E, elas compreendem a quase totalidade dos homens. Comovei-as com a palavra que vem do coração e da alma, falai-lhes de amor e fraternidade, agi de modo a sobrepujar sua instintiva desconfiança, fruto de seculares enganos, e as vereis chorar comovidas.

E no entanto, estes são os tempos em que triunfam os assassinos, os prepotentes, os ladrões, os hipócritas, os astutos, os desonestos de todas as formas e cores, em que se troca por dinheiro tudo o que é sagrado, em que parece nada mais ser respeitado. Mas este, como dissemos, é um fenômeno visível de superfície: a realidade profunda é diferente. Do atual espasmo surgirá a reação e a última palavra será dita pela alma coletiva. Os maus serão destruídos por seus próprios delitos. O ódio, a maldade, geram ódio e maldade, que se destroem mutuamente; a bondade e o amor são por sua vez a gênese de mais elevado amor e de mais

generosa e iluminada bondade. Pode-se dizer perfeitamente que o mal tem uma função biológica negativa e destruidora, e que o bem tem uma função biológica positiva e criadora. **É** por isso que estamos persuadidos de que o trabalho da evolução conservará as qualidades biológicas do santo e destruirá as opostas. Concluamos, portanto, que nosso estudado pode considerar-se um pioneiro da evolução.

* * *

Estamos no fim deste estudo e só falta dizer o que pensa Ubaldi dele mesmo. Substancialmente, ele tem consciência de representar o que até agora dissemos dele. Ele se aprecia ou deprecia, de acordo com o termo de sua comparação: o homem ou Deus. Diante do homem normal ele se considera superior, diante de Deus uma coisa bem miserável. Não deve surpreender-nos, pois, que ele fale aos homens com a linguagem do mestre e ao mesmo tempo se humilhe e aniquile diante de Deus. Tudo isso é profundo conhecimento e autocrítica serena e objetiva.

Que função biológica julga ele ter? Ajudar aos homens em sua evolução para uma vida superior. Ele vive para cumprir esse seu extraordinário dever que as leis da vida, que o pensamento de Deus lhe teriam confiado. Consome-se nessa função, que, com sua linguagem mística chama de missão. Crê firmemente nesta sua missão e nela empenha todas as suas forças. Dá testemunho de tudo quanto diz, com o exemplo de sua vida, fala pela imprensa, e raramente de viva voz aos amigos e discípulos. Ao conversar, jamais assume o tom de pregador. Sua linguagem é dialética. Discute com muita seriedade e paixão; gosta mais de ouvir do que de falar. Sua dialética é serena e persuasiva, seu pensamento é límpido, sem preconceitos e profundo; capta o pensamento do interlocutor com perspicácia e intuição surpreendentes. Dir-se-ia que sabe compreender até o pensamento que não foi expresso. Gosta de ouvir o opositor, jamais se detém em posições preconcebidas, é verdadeiramente um livre-pensador. Às vezes, mostra-se feliz por haver achado algo que aprendeu e toma notas. Interessa-se com grande paixão pelas questões científicas, que ele interpreta e enquadra com máxima precisão na vasta visão da verdade que nele está presente por visão intuitiva. Confia à imprensa toda sua personalidade, seus pensamentos, suas visões, seus dramas. Com a copiosa literatura dá sua alma à humanidade e a projeta no futuro. Seus escritos estão, já agora, lançados em todas as partes do mundo, traduzidos nas línguas mais difundidas, são acolhidos e compreendidos por homens de todas as raças. Um plebiscito de amor e de gratidão levantou-se para ele. Muitos foram os beneficiados: quem escreve isto, está entre eles. Arrastado por esta sua tarefa de bem, que se tornou a finalidade de sua vida, movido por este ideal de bem e de amor, dá-se todo com ardor. Sua pessoa humana se consome queimada nessa chama de amor, e só sobrevive a alma, que encontramos palpitante em todos os seus escritos. Ele se dá a si mesmo por um ideal grande, sua alma pertence à humanidade e a Deus. E caminha dolorosamente entre os homens, amando e beneficiando, criatura celestial mais do que humana, com o olhar dirigido às estrelas.

Verona — Itália, Páscoa de 1947.

*(a)* ***PAOLO SOSTER***

# PIETRO UBALDI E SUA OBRA

Da Revista **Light** - Londres (Inglaterra), 27 de janeiro de 1938.

Em modesta casa, às margens de um desfiladeiro, logo às portas da cidadezinha medieval de Gubbio, vive Pietro Ubaldi, o médium cuja obra inspirada vem suscitando grande interesse, na Itália e no estrangeiro, nestes últimos seis anos — e não só nos círculos psíquicos, mas também entre os cientistas, por causa do livro *A Grande Síntese* (recentemente publicado num volume, após ter aparecido em série em *Ali dei Pensiero).* **É** produção deveras notável, tratando de modo científico de assuntos de que o autor pouco ou nada conhece, em sua vida normal.

O conteúdo desse livro não pode ser resumido em poucas palavras, pois oferece solução plausível a todos os problemas do universo — desde a estrutura do átomo e a composição química da vida, até os métodos de ascensão mística; desde o problema matemático da Relatividade e a gênese do Cosmos, até as mais novas questões religiosas e sociais e os mistérios da psique humana. Muitas de suas partes parece mais se dirigirem aos homens do futuro, do que aos de hoje. Mas as profundas verdades expostas pertencem a todos os tempos. A nota chave do livro é a ascensão espiritual.

O Professor Bozzano, que vem acompanhando a mediunidade de Ubaldi desde seus primórdios, tem a mais elevada opinião do homem e de sua obra. Escreveu ele: "Está redigida em termos rigorosamente científicos, estando de completo acordo com as atuais concepções filosóficas, matemáticas e geométricas sobre o mesmo assunto".

O Dr. Estoppoloni, Professor de Anatomia da Universidade de Camerino, escreveu: "Essa publicação feita por quem pouco ou nada sabe de química, é verdadeiramente espantosa, porque as idéias são realmente científicas, tais como podiam ser formuladas por competente estudioso de química".

O Professor Schaerer, filósofo belga, confirmou: "Considero-o utilíssima demonstração de que as comunicações mediúnicas podem produzir obras de alto valor científico e racional".

Grande foi o esforço para receber as comunicações, tendo Ubaldi a princípio duvidado de seus poderes; mas diversos médiuns dele desconhecidos, espontaneamente recebiam mensagens incitando-o e encorajando-o a continuar a todo custo a obra para a qual havia sido chamado; e ele prosseguiu, a despeito das dificuldades de toda ordem; vivendo com simplicidade franciscana, ganhando seu pão cotidiano como mestre-escola passando longas horas sozinho nas fraldas da montanha, escrevendo à noite e nas férias estivais. Assim foi produzida *A Grande Síntese,* volume de cem capítulos e quase quatrocentas páginas. Sempre muito consciente, Ubaldi teve a capacidade de observar minuciosamente e analisar sua própria mediunidade, tendo já publicado outro volume, *As Noúres,* no qual relata pormenorizadamente como *A Grande Síntese* foi escrita.

Julga que seu tipo de inspiração muda de acordo com sua própria evolução espiritual. Afirma que as faculdades intuitivas, cujo uso em criações artísticas e poéticas é um fato aceito, também devem ser usadas em estudos científicos, pois só por meio delas podem ser resolvidos os maiores problemas da filosofia científica. O espírito humano deve sintonizar-se com as correntes mais altas (noúres), sendo indispensável a fusão da fé com a ciência.

Para receber e transmitir ao papel as mensagens das esferas mais altas, o médium deve sensibilizar-se até o mais alto grau, viver uma vida de renúncia e purificar-se de toda mancha de materialismo. Ubaldi crê que o sofrimento é o grande elemento purificador, e ele mesmo muito tem sofrido ao perseguir seu ideal.

Quanto à entidade inspiradora, que se assina "Sua Voz", foi dito ao médium: "não pergunte meu nome nem procure identificar-me. Nem você, nem ninguém poderia fazê-lo". Acredita que as mensagens se originam de esferas muito elevadas e são transmitidas não por um só comunicante, mas por um grupo. Sua participação na obra é manter o canal aberto, com a elevação de suas próprias vibrações, de modo que possa encontrar seus comunicantes. Diz ele: "**É** ousadia pensar na normalização desses métodos, mas estou convencido de que a cultura, no futuro, consistirá numa sensibilização da psique, a fim de receber ondas de pensamento" (ou seja, os fenômenos inspirativos, experimentados hoje por poucos médiuns altamente desenvolvidos, como ele próprio, será um dia o método normal de obter conhecimento. "A nova filosofia da ciência está ligada tanto ao pensamento religioso, como ao científico — tanto com a Gênese Mosaica, quanto com a Evolução Darwiniana. **É** uma verdade; — unificação —, a ascensão é progressiva. O mineral se orienta; a planta sente, o animal percebe, o homem raciocina. Podíamos continuar com as hierarquias dos seres mais elevados".

*(a) ISABEL EMERSON*

# PIETRO UBALDI, PROFETA DO ESPÍRITO

Da Revista La Fraternidad - Buenos Aires - Argentina, Maio - 1949.

Nos campos da filosofia universal apareceu, aproximadamente há duas décadas, a inconfundível figura de Pietro Ubaldi, que provocou verdadeira revolução na teoria do conhecimento. Segundo o parecer de eminentes críticos, entretanto, esse pensador não pode ser comparado ao homem que filosofa, atendo-se unicamente às essências racionais das coisas. Mais do que filósofo, Ubaldi é um profeta que revela o conhecimento, e não um forjador de conceitos e dilemas metafísicos. Nisto consiste a original característica que tanto o distingue dos pensadores contemporâneos, que muito poucas vezes se arriscaram ao que poderíamos chamar

Filosofia da Revelação. A obra filosófica sempre foi considerada puro fruto da inteligência racional ou do esforço pensante. E se alguma vez aparecesse um pensador que pudesse refletir formas de conhecimento que ultrapassassem os métodos comuns, imediatamente o colocavam no campo da iluminação mística. Deste modo, a filosofia da revelação era quase sempre excluída dos quadros clássicos da metafísica, porque se julgava que a obra filosófica pertencia apenas ao mundo do racional, que era considerado a única fonte de saber humano. Entretanto, como uma faísca de fogo, Ubaldi incide nas formas conceptuais, transfigura a natureza em puro espírito e se lança a um trabalho que reúne num só feixe os instrumentos do conhecimento, até o ponto de unificar definitivamente as duas gnoseologias fundamentais da humanidade: a Ciência e a Religião. Seu trabalho profético, entrosado com os planos divinos da História, torna-se uma prolongação do Logos, ou Verbo Encarnado, reafirmando dessa forma, com heróica habilidade, o mesmo trabalho de São Tomás de Aquino, que, da mesma forma que ele, reconciliou para todos os tempos a Fé com a Razão.

Mas a originalidade de Ubaldi consiste no fato de que ele "possui outro mundo sobre seus ombros", do qual está totalmente consciente. Sabe que sua natureza metafísica não opera com elementos racionais apenas, mas que há, em sua criação filosófica, uma poderosa intervenção do Espírito, que faz sua pena dizer verdades não comuns, para a inteligência racional do homem.

Creio firmemente que Ubaldi representa em nosso século uma ressurreição dos antigos profetas de Israel, que tiveram a missão de preparar o terreno para a chegada do Cristo Encarnado. O filosofo de Gúbio executa, em nosso tempo, trabalho similar: prepara as inteligências para a recepção do Cristo Invisível, que há de reunir em um só rebanho e um só pastor" a humanidade da Terra, já que o fim dos tempos, isto é, o fim da História, se aproxima apocalipticamente.

Em nosso tempo, Ubaldi representa uma demonstração real da unidade que deverá existir entre a Religião e a Ciência e, ao mesmo tempo, uma antecipação dos novos caminhos, que serão seguidos pelo espiritualismo moderno. Em sua correspondência, manifesta-me sempre que seu espiritualismo é cristão e que toda a sua produção filosófica desemboca na sabedoria cristã. Com efeito, Ubaldi não lega apenas um saber filosófico às gerações atuais; ele entrega ao espírito contemporâneo uma Sabedoria, isto é, a sabedoria da Revelação. Por isso, Ubaldi "não é só um fato ou processo científico, mas um verdadeiro ato místico e religioso", fundamentado nas eternas realidades do Espírito.

Buenos Aires, Maio de 1949.

*(a)Humberto Mariotti*

# A GRANDE SINTESE E A NOVA TEORIA DE EINSTEIN

**(Esclarecimentos)**

Tenho diante de mim vários jornais italianos, de 1950, abordando "Il Caso *La Grande Síntese* e la nuova teoria di Einstein". La *Nazione, de Florença* (26 e 31 de janeiro); *L'Umbria,* de Perúgia (31 de janeiro); *La Setímana,* de Piacenza (13 de março); a revista *Quaderni* dei 2000, de Milão (mês de julho); na revista *Estudos Psíquicos,* de Lisboa - Portugal (março/abril de 1950), apareceram "De Ubaldi a Einstein" e "O Caso *A Grande Síntese* e a nova teoria de Einstein"; o jornal *Diário de São Paulo* (2 de julho de 1950) publicou: "Antecipação mediúnica da descoberta da chave do universo, por Einstein"; a revista *La Idea,* de Buenos Aires — Argentina (maio de 1950, apresentou: "El Caso Gran Síntesis"; a revista Constancia, também de Buenos Aires, e outras dos Estados Unidos, deram amplo destaque ao fato. Este caso foi intitulado *"A Grande Síntese* e a Nova Teoria de Einstein". Vou resumi-lo, apoiado nas revistas e jornais acima, além de *A Grande Síntese.*

Uma notícia sensacional percorreu os jornais nestas últimas semanas: o grande matemático Einstein formulou uma teoria, pela qual se teria descoberto o elo que faltava para a concepção unitária do universo. Com sua famosa teoria da relatividade, só mais tarde experimentalmente confirmada, Einstein já demonstrara por meio da matemática, a estreita relação quadridimensional entre as duas dimensões espaço e tempo. Faltava ainda, entretanto, a demonstração matemática da relação entre todas as forças cósmicas e portanto de sua unidade. Isto foi conseguido com a nova teoria que Einstein definiu: "teoria generalizada da gravitação e teoria do campo unificado", que conclui com quatro equações todas iguais a zero. Com ela, quer explicar a origem de todo o movimento do universo. Achou-se, dessa forma, uma relação íntima entre a eletricidade e a gravitação, que assume então um conceito completamente novo, que não é mais o da física mecanicista Newtoniana, admitida por todos até ontem. Essa afinidade faz da eletricidade e da gravitação duas forças afins, irmãs, derivadas de um único princípio unitário. Eis o elo que faltava, para poder demonstrar a concepção monística e unitária do cosmos.

Em nosso caso, o fato é simplesmente o seguinte: o que os jornais anunciam ter sido descoberto agora pelos caminhos da matemática, já fora descoberto pelos caminhos da metapsíquica há 18 anos, e publicado pela primeira vez na revista *Ali del Pensiero,* de Milão, em 1932, na obra que depois apareceu em volume, *A Grande Síntese,* e que agora está editado em Roma, em terceira edição, além de em Buenos Aires, no Rio de Janeiro, e outros lugares.

Ora, qualquer pessoa pode verificar que aí está desenvolvida não só a teoria da evolução das dimensões, que filosoficamente completa e enquadra, em toda a escala das dimensões, a concepção matemática de Einstein, do "contínuo" espaço-tempo, mas também a própria afinidade entre eletricidade e gravitação; até a íntima natureza desta última, já havia sido explicada. No capítulo XXXVIII de *A Grande Síntese* — "Gênese da gravitação", vamos encontrar:

"Eis-nos às primeiras afirmações, novas em vosso mundo científico. "A gravitação, e mais exatamente a energia gravífica, é a protoforma do universo dinâmico. Sendo energia, é radiante e se transmite por ondas. Tem "uma velocidade sua, de propagação (....), máxima no sistema. Aqui são completados os conceitos da teoria de Einstein. A gravitação é relativa à velocidade de translação dos corpos. A massa varia com a velocidade, de que é função. O peso aumenta por novas transmissões de energia e vice-versa. O conceito de transmissão instantânea cai para todas as forças. A gravitação emprega tempo, ainda que mínimo, para transmitir-se; ela tem, como todas as formas dinâmicas, um comprimento típico de onda, que lhe é próprio".

A lei de Newton, da gravitação universal, apenas indica o princípio que mede a difusão da energia gravífica, o qual é apenas um aspecto do princípio que regula a difusão de qualquer forma de energia a que demonstra sua origem comum, o princípio da onda e de sua transmissão esférica. As radiações conservam todas as suas características fundamentais de energia cinética, da qual nasceram e é essa identidade de origem que estabelece entre elas essa afinidade de parentesco. Outra prova dessa afinidade entre as formas dinâmicas reside na qualidade da luz, próxima derivação, por evolução, da energia gravífica. Nesta forma de energia radiante luminosa, achais, em parte, as características da forma originária da energia radiante gravífica (.....). Poder-se-á dizer que a luz pesa; ou seja, a luz sofre o influxo dos impulsos atrativos e repulsivos de ordem gravífica; e que existe uma pressão das radiações luminosas. Direi mais: todas as radiações exercitam, ao propagar-se, uma pressão de natureza gravífica, e apresentam fenômenos de atração e repulsão, em relação direta com sua proximidade genética, na sucessão evolutiva, com sua protoforma dinâmica, a gravitação.

Esse capítulo assim concluía: "dirigi as pesquisas neste sentido, analisei com o cálculo estes princípios" (. .. .), quase prevendo que, só com o cálculo, seria possível iniciar a demonstração, como agora ocorreu.

Neste ponto, a imprensa que com o caso se ocupou, perguntava-se como tinha sido possível uma tal antecipação de conclusões, mas não pode dar uma resposta satisfatória. Senti-me, por isso, no dever de expor diretamente meu ponto de vista. Disseram: como é possível que um homem desprovido de cultura específica matemática e científica, que não estava ao corrente dos processos einsteinianos, pôde antecipar dessa forma suas conclusões? Falou-se de intuição filosófica. Que podemos entender com isso?

Aqui há dois problemas a esclarecer: o matemático e o psicológico. Quanto ao primeiro, para evitar equívocos e exageros reclamísticos, digamos logo que ninguém pretende que *A Grande Síntese* tenha dado a fórmula matemática expressa por Einstein, em sua "Teoria generalizada da gravitação e teoria do campo unificado". Nossa atitude nada tem de polêmica, nem pretende reivindicar prioridades neste campo. *A Grande Síntese* cabe, ao invés, a formulação filosófica dos mesmos princípios, e é nesse sentido que deve compreender-se sua prioridade. Trata-se da descoberta e exposição das mesmas verdades, mas de forma diversa, o que pode ter alcance e conseqüências diversas, até maiores, não, de certo, no campo físico-matemático, mas no filosófico. Aqui não é possível aprofundar isto, mesmo porque a imprensa não deu a conhecer as particularidades das novas teorias einsteinianas. No entanto, é certo que a formulação que esta realizou é muito mais profunda nos particulares e está demonstrada, ao menos como processo lógico-matemático. Em compensação, só a formulação de *A Grande Síntese* está enquadrada num sistema filosófico universal, que está preso aos fenômenos e que justifica e prova aquela formulação filosófica, mesmo do ponto de vista racional e científico e, assim, indiretamente, prova também a formulação matemática de Einstein. Isto até ao ponto em

que, enquanto esta espera sua confirmação experimental para sentir provada, a nós ela já aparece perfeitamente verdadeira, tanto que pode desde agora ter a segurança de que, os fatos com que entrará em contato, só poderão demonstrá-la.

Esclareçamos agora o outro problema, o psicológico, o que de mais perto diz respeito ao caso atual e à gênese. O fato é que ambas as formulações são devidas a um processo de intuição. Na profundidade das operações da lógica matemática de Einstein, há um ato de intuição que sustentou e guiou o raciocínio dele até o fim. O mesmo ato de intuição que, levado até o método super-racional, foi usado regularmente ao ser concebido e exposto o sistema filosófico-científico de *A Grande Síntese.* Só com a lógica racional, demonstra-se; mas não se. cria. Se há alguma diferença entre os dois casos, é que, nos processos einsteinianos aparece a lógica matemática, mais do que a intuição; ao passo que, em *A Grande Síntese,* dominam os processos intuitivos, usando-se a demonstração racional como uma descida necessária para fazer-se compreender, numa dimensão conceptual inferior, que é a do homem atual. **É** por isso que se explica porque *A Grande Síntese* pôde atingir as mesmas conclusões 18 anos antes, pois, pela rapidez, a intuição está para o raciocínio, como a luz está para o som. Mas é inegável que as teorias de *A Grande Síntese* tiveram uma confirmação poderosa com o raciocínio einsteniano, ainda que esse raciocínio espere, agora, a confirmação experimental, que, para ambas as formulações, que agora estão emparelhadas, será decisiva. Isto poder forçar a reflexão de quem, a princípio, julgou *A Grande Síntese* cheia de erros. Enquanto isso, a formulação filosófica prova a formulação matemática, porque a enquadra num sistema universal, em que achamos posta, orgânica e logicamente, a explicação de todos os fenômenos conhecidos; em contrapartida, a formulação matemática, rigidamente conduzida pela lógica do grande cientista, prova a formulação filosófica. Ambas parecem completar-se e complementar-se.

Devo agora focalizar outro ponto, o mais complexo. Como cheguei a esta formulação filosófica, sem possuir os meios culturais de Einstein? Que se entende por método de intuição? *A Grande Síntese* apareceu, em seu tempo, como devida a um fenômeno inspirativo, super-racional. Apareceu como um produto de estados de consciência super-normais, enquanto? Por minha conta, eu continuava indagando e controlando, com a crítica mais severa, psicológica e científica, a ver se explicava o fenômeno. Percebi de imediato que este fenômeno era mais complexo do que parecia, e que a concepção espírita de uma entidade que transmitia e de um indivíduo que recebia, mais ou menos em transe, era por demais elementar para poder explicá-la. Eu mesmo iniciei o estudo deste meu caso no volume *As Noúres,* e desde então muito tenho progredido, seja pela evolução do próprio fenômeno inspirativo, que no seu caso está em contínua ascensão, seja por meios cada vez mais completos de pesquisa que esse fato me dava. Hoje, a solução corrente de mediunidade não mais se adapta nem é suficiente. Precisamos aqui, não da solução do problema isolado, mas em função da solução do problema cósmico, em que todos os outros se equacionam e se resolvem. E isto, muito mais para o problema do espírito, que resume em si tantos outros, como numa síntese. Nenhum problema se resolve isoladamente, e, para compreender este, tive antes, em sete volumes até hoje, que resolver muitos outros. Procuremos pois, hoje, superado o simplicismo do conceito mediúnico, resumir em poucas palavras a complexidade do fenômeno.

A mais avançada ciência moderna leva-me, de todos os lados, à mesma conclusão (veja-se Problemas do Futuro: "a última substância do universo é de natureza abstrata, é um pensamento, aquilo que as religiões chamam Deus"). Este pensamento, que agora a ciência, pesquisando cada vez mais no fundo, foi obrigada a encontrar, está escrito em todos os

fenômenos, está no âmago das coisas, é o princípio vital que tudo anima, é a consciência do universo, é o Deus transcendente que, no ato em que Ele tudo rege e guia, assume o aspecto de imanente. Ora, a pequena consciência individual é um pequeno círculo que, como "eu", evolui, e se distingue de todos os "eus" dos outros seres, neste "todo" pensante. Por isso ele se dilata e extravasa cada vez mais na consciência universal que, normalmente, para ele, está fora de seu consciente, ou seja, para ele é uma zona de inconsciente, embora manifestando-se através dele por sínteses e comandos, como os instintos, as intuições etc.

Que é então a inspiração? **É** um extravasamento, por evolução, de consciências individuais em expansão, nos campos do consciente universal, Deus. Evolução implica sensibilização, que são novos olhos que se abrem para ver mais longo. E olhamos, não em transe, mas altamente consciente e duplamente atentos. O pensamento desta consciência universal já está escrito em todos os fenômenos que, com seu funcionamento, o mostram a quem saiba abrir esses novos olhos do espírito. As descobertas já estão todas feitas, e já estão todas em ato no universo, os problemas estão todos resolvidos, porque tudo está funcionando consequentemente. As descobertas aparecem concomitantemente nos pontos mais diferentes do globo, porque são o resultado de intuições dadas pela maturação biológica. O mistério existe apenas em nossos olhos míopes. Às vezes não é raciocinando nem estudando nos livros, mas abrindo esses novos olhos, por evolução, — muitas vezes feita apenas de dor e maceração — que se pode chegar a ver. Então, é por catarse do "eu" que se fazem descobertas. Eis a intuição.

**É** este o meu caso. Estudando-o, vi como funciona a evolução e os processos intuitivos que com ela estão conexos. A princípio utilizei-os instintivamente, ou seja, sendo eu manobrado como instrumento do consciente universal, sem que eu soubesse exatamente como. Mas, observando e examinando cuidadosamente, consegui perceber a técnica do fenômeno. Tendo-a assim analisado, formulei o que hoje chamo o "método da intuição", que, ao menos para mim, constitui hoje um instrumento regular de pesquisa, e que produziu um original sistema orgânico que já está em seu nono volume. Achei com isto a chave de todos os problemas do universo.

Só assim posso explicar-me como minha pesquisa científica caminha ao lado da espiritual e como os problemas einsteinianos estejam, para mim, conexos e coordenados com os do misticismo. Goste-se ou não da palavra "monismo", o fato é que o pensamento de Deus é uno. Goste-se ou não das palavras "mediunidade", "ultrafania", "inspiração" etc. (as palavras são palavras), o fato é que a maceração evolutiva está operando neste caso a catarse biológica que leva minha consciência individual a realizar um ainda que mínimo extravasamento além da média normal, na consciência universal. Assim, sem estudo específico nem processos racionais, nasce no indivíduo um relance de visões que ele, simplesmente olhando com esses novos olhos espirituais de sensibilizado, registra com rapidez. Nascem assim os meus volumes em continuação, um depois do outro, sem preparação e sem pausas. Nesses, não sou eu que falo, mas é a vida, é essa consciência universal, como acontece todas as vezes em que o homem cria, na Terra, coisas novas, porque elas só podem provir daquela fonte. **É** natural, então que a ciência que daí nasce esteja saturada de sentido religioso e místico e dos estados de consciência a ele inerentes, e que a exposição possa chegar a todos os campos, e resolver todos os problemas sempre orientada dentro do todo. Eis a síntese, porque o pensamento parte do Uno. Trata-se de um pensamento que está nos antípodas da ciência atual, e que poderá ajudá-la a salvar-se da especialização que tende a dispersá-la nos particulares e nos múltiplos, que é o reino satânico da pulverização do Uno, e está em seu antípoda.

Concluo. Eu tinha o dever de dizer isso, já que na imprensa e numa multidão de cartas, muitos vão admirando em mim — quem sabe — algum engenho. Nada de engenho. A única coisa que faço é ler no livro da vida e sou apenas um pobre amanuense que procura transcrevê-lo e fielmente. Isto será super-normal. Mas apenas em relação ao normal humano. Diante, porém do consciente universal, do infinito pensamento de Deus, o que é um infinitésimo a mais?

Estas minhas conclusões, provenientes da infinita miséria que, naturalmente, todo ser deve sentir de si mesmo quando se avizinha ao pensamento diretivo do universo, podem ser uma prova da genuína realidade do fenômeno. Mas não sei se assim possa chamar-se um caso natural de evolução que, como é lógico, é lei igual para todos, que os espera amanhã, pois a evolução significa justamente expansão da consciência individual na universal, ou seja, ascese da alma para Deus.

Quem quiser sorrir ceticamente destas coisas que lhe poderão parecer loucuras, segundo a psicologia materialista hoje em voga, experimente, antes, ler as 3.000 páginas dos nove volumes já publicados, compreendendo-as. Depois experimente escrever outros nove volumes; o décimo está em preparação e outros a eles se seguirão. Experimente lançá-los em 18 anos, por entre uma guerra como a última, nos dois hemisférios, em várias línguas e edições, que, para alguns escritos, atingiram meio milhão de cópias. Faça isso sozinho, sem preparação e sem meios, desconhecido e estorvado, sem representar nenhum interesse nem grupo humano que o lance e sustente como seu expoente. Experimente conceber um plano do universo, em que os problemas do espírito estejam resolvidos, ao lado das últimas teorias físico-matemáticas, que mais tarde se enquadrarão de per si, também, nas de Einstein. Experimente fazer tudo isso e somente se tiver êxito, poderá então rir destas coisas. Porque os fatos são fatos e não se destroem pela psicologia materialista, com um sorriso cético. E, excluindo a intervenção de forças super-humanas, como explica isso a psicologia materialista?

Gúbio, março de 1950
***PIETRO UBALDI***

# ENCONTROS COM EINSTEIN (I)

## (O Homem)

Estava no Aeroporto de Congonhas, em São Paulo, de saída para o interior, quando os jornais trouxeram a notícia da morte de Einstein.

Até a chegada do avião, foi uma contínua tempestade em minha mente. Quantas lembranças! Ele tinha tido a paciência de ler alguns de meus livros e de manifestar, nas suas cartas, o seu julgamento a respeito. Pensei nesse meu grande amigo que, no século da ciência experimental, tinha ido além do telescópio e do microscópio, tendo por único laboratório o seu cérebro. Com ele o homem havia voltado a vencer no terreno do pensamento puro, na forma da lógica matemática, que é sempre lógica como aquela dos maiores pensadores, filósofos ou teólogos do mundo. E isto aconteceu em nosso mundo moderno para esclarecer a ciência

positiva, demonstrando-nos que se pode chegar ao conhecimento não somente pelo caminho da observação e experimentação, mas também pelas abstrações do pensamento puro.

Além disso, Einstein lançou a idéia da relatividade. Só ele demonstrou matematicamente que não há uma medida absoluta de tempo e espaço, porque os corpos no espaço estão em movimentos relativos uns aos outros; e este princípio veio contagiar os princípios afins e se espalhou até atingir um sentido mais universal a respeito de todos os nossos conhecimentos. A idéia, que já aparecera com Bergson, acabou fazendo, assim, admitir que não podemos conceber senão verdades relativas em evolução.

Demonstrando-nos que as leis que regem os mínimos elétrons são as mesmas que regem os sistemas planetários e galácticos, ele nos guiou à idéia da unidade do todo, unidade conclusiva e substancial por ser a matéria, nas suas próprias conclusões, apenas uma forma de energia. A sua Teoria Geral da relatividade constitui o maior triunfo da mente humana até hoje.

E esse homem teve a paciência de ler alguns dos meus livros e a humilde bondade de me escrever. Eis como aconteceu, porque ele não costumava, nem o poderia, responder às centenas de cartas que lhe chegavam pelo correio.

Um dia — era 12 de Março de .1951 — estava escrevendo no meu quarto solitário de Gúbio, na Itália, quando um rapaz bateu à porta para me informar que no hotel da cidade havia chegado um casal norte-americano à minha procura. Fui para lá, pensando que precisassem de um intérprete. Mas assim não era. Haviam lido alguns artigos meus numa revista de Londres e em outra de New York, e quiseram ver a cidade de Gúbio. Tratava-se de Mr. Gerold M. Lauk, de New York, que tinha outro apartamento em Nassau Street, em Princeton, New Jersey.

Assim fomos, no carro dele, visitando as antigüidades da cidade de Gúbio e logo nos tornamos amigos. O que mais me interessou nele foi vir a saber que vivia na cidade de Princeton, nos E . U A., onde morava o prof. Albert Einstein. Era seu amigo e tomava chá na casa dele e da filha Margot Einstein, na Mercer Street. Começou, assim, a relatar-me uma porção de pormenores da vida de Einstein; que não pensava em dinheiro, que ficava sempre abstrato, na maior simplicidade de hábitos e de roupas, até parecer, por fora, um homem qualquer. Einstein, que Mr. Lauck chamava "o professor", lecionava na "School of Mathematics of the Institute for Advanced Study".

Pouco a pouco eu ia, assim, conhecendo mais de perto, pelas palavras de um seu amigo, esse homem extraordinário e, cada vez mais, concebia maior simpatia para com ele e maior admiração pela sua simplicidade, pelo seu gênio. Se eu fosse a Princeton, Mr. Lauck ter-me-ia apresentado ao Prof. Albert Einstein. Assim me prometera.

Embora no terreno puramente matemático, eu nada entendesse de suas teorias, só acessíveis a cientistas especializados, eu percebia que concordávamos plenamente no terreno filosófico, filosofia da ciência, não obstante ele não chegasse ao plano espiritual que estava além de suas pesquisas.

**É** assim que se explica como Einstein tivesse gostado dos meus livros nas partes em que eu ficara no terreno positivo da ciência e como os julgasse, no mais, qual obra de arte, leve e estranha, quando se tratava de problemas espirituais.

Explica-se, pois, perfeitamente, a sua primeira carta, de 2 de Maio de 1951, que aqui reproduzimos, traduzida do inglês, no final deste capítulo, nela, agradecendo um livro meu que Mr. Lauck lhe havia entregue em mãos, dizia-me que havia estudado parte dos meus livros e ficara admirado pelo poder da linguagem e a vasta extensão dos assuntos tratados (ele era mais analítico que sintético). Mas quando não se refere mais, como aqui, à parte puramente científica,

porém à outra, filosófica e espiritual, concluiu na mesma carta, que não sabe se concorda ou não com ela, porque, tratando-se de um trabalho filosófico, me afastava do mundo do controle da experiência, de modo que o assunto parecia-lhe um trabalho independente, de arte.

Esta idéia está confirmada na outra carta, de 2 de Julho de 1952, também aqui traduzida do inglês e publicada no final deste capítulo Os dois livros, de que ele fala, não tratavam de assuntos científicos, mas principalmente filosóficos, morais, religiosos e espirituais. E ele conclui com estas palavras: Para o meu velho cérebro, treinado no racionalismo, tudo isto me parece estranho, porém agradável.

Falei de tudo isto, dando provas, para explicar a mentalidade dele, incrivelmente poderosa no terreno positivo, racional matemático, verdadeiro gênio aí, mas homem comum fora disso. Ele foi assim um verdadeiro filho de nosso século, isto é, o cientista profundo e especializado; mas, antes de tudo, analítico e só depois, sintético; grande matemático, cuja maior grandeza é de ter a honestidade e sinceridade de reconhecer que o seu cérebro está treinado pelo racionalismo e que, além disso, ele não se acha num terreno que possa aceitar como positivo. Mas isto não nos deve surpreender, porque esta é a forma mental de nosso pensamento científico moderno.

Apesar disto a matemática é tão alta que se poderia chamar também filosofia, porque ela se dirige a fim de alcançar a solução de problemas filosóficos. A Teoria dos Quanta, de Planck, havia ensinado que o universo físico seria feito de pequenas porções (quanta) governadas, não por uma causa feita de ordem, mas pelo acaso. Einstein reagiu dizendo: “Eu não posso acreditar que Deus esteja jogando dados com o universo”. E sempre procurou demonstrar a unidade do todo e com isso a presença de um único princípio central dirigente.

Ele penetrou na profundidade dos maiores mistérios do ser com olhos de matemático. Mas os mistérios são os mesmos para todos. Mr. Lauck dizia-me que Einstein, muitas vezes, dava a impressão de não poder aceitar a doutrina da imortalidade da alma. Também perante as maiores verdades do espírito, ele permanecia um matemático, um grande matemático que não podia resolver as grandes equações do espírito. Assim explicam-se as suas duas cartas. Mas, de outro lado, ele respeitou e admirou as religiões como a coisa mais nobre. E quem respeita, como verdadeiro cientista, que não pode aceitar o que não é demonstrado positivamente, pelo fato de respeitar, merece todo o nosso respeito.

Assim, sem procurar, tive a sorte de conhecer o Prof. Einstein. Visitei, depois, novamente, em Roma, Mr. Lauck, estreitando sempre maior amizade. Entregava-lhe os meus livros e cartas para o Professor Einstein e ele entregava tudo nas mãos dele, ou colocava-as sobre a sua mesa de trabalho. Eu ficava arrepiado, especialmente pensando que meu inglês, talvez, fosse errado. Terá colocado o seu cachimbo para marcar as páginas, como era de seu hábito perto do quadro negro cheio de fórmulas matemáticas, sobre a grande desordem dos papéis espalhados na mesa de seu escritório. Penso com tristeza nesse grande desaparecido que teve tanta bondade e humildade até de se interessar pelo meu trabalho tão pobre.

***PIETRO UBALDI***

* * *

***Cartas de Albert Einstein a Pietro Ubaldi***

The Institute for Advanced Study
Princeton, New Jersey — May 2nd, 1951
School of Mathematics

Prof. Dr. Pietro Ubaldi
Gubbio, Italy

Caro Professor Ubaldi,

O senhor Lauck foi muito gentil trazendo-me seu livro e sua carta. Estudei parte dele e admirei a força da linguagem e a vastidão dos assuntos ali tratados. Inicialmente, achei uma espécie de pessimismo em relação à filosofia de Herbert Spencer e uma ênfase bastante acentuada na evolução do homem através do esforço individual. Creio que este tipo de apresentação não faz justiça ao fato de que o homem é, predominantemente, um animal social. Com seu empenho para encontrar uma solução geral, em um nível mais abrangente, não me é fácil concordar ou discordar. O perigo de tais tentativas filosóficas está em que as palavras se tornam dissociadas do campo experimental Toda a estrutura me impressiona mais como um trabalho de arte, independente, como uma interpretação intelectual de alguma coisa a mais.

Cordialmente, seu
*(a)Albert Einstein*

The Institute for Advanced Study
Princeton, New Jersey - July 2nd, 1952
School of Mathematics
Professor Dr. Pietro Ubaldi
Gubbio, Italy

Caro Professor Ubaldi,

Muito obrigado pelos dois livros que o senhor Lauck, gentilmente, me entregou. Tentei ler seu livro sobre filosofia da vida. Para meu velho cérebro, treinado no racionalismo, tudo isto me parece estranho, porém agradável.

Com minhas recomendações, Cordialmente seu,

*(a) Albert Einstein.*

# ENCONTROS COM EINSTEIN (II)

## (O Pensamento)

Aproximando-me do Prof. Einstein e de seu pensamento, compreendi uma coisa: a alta matemática está muito próxima das especulações filosóficas. Isto, para mim, estabeleceu uma ponte entre a ciência e o espiritualismo. Desde então encarei os problemas do espírito, não somente como biológicos, sociais, artísticos, místicos, espirituais, filosóficos, religiosos etc., mas também como problemas estritamente científicos.

Comparando os resultados atingidos por Einstein com os atingidos pelos outros cientistas modernos, cheguei à conclusão de que, de tanto aprofundar as suas pesquisas, a mais adiantada ciência materialista haveria de encontrar o espírito. Achei que a ciência, estudando sempre mais a fundo o nosso mundo psico-dinâmico, não poderá deixar de descobrir nele o

pensamento que o dirige, a inteligência que a lei dos fenômenos nos revela.

Einstein ensinou-me que a nova física deve confiar sempre mais nos matemáticos, que elaboram sobre abstrações, afastando-se do velho conceito do materialismo científico. A ciência atual, de fato, abstrai-se, cada vez mais, da realidade sensória, numa constante diminuição de contatos, construindo numa espécie de vácuo feito de uma realidade mais verdadeira, porque mais profunda, na forma da lógica matemática. Este progressivo afirmar-se do pensamento puro, denota uma efetiva elevação em direção ao espírito; quer isto dizer que a ciência está chegando, por si só, sem intervenção espiritualista, a admitir que a última realidade do universo é o pensamento, um pensamento cósmico, em que o homem está mergulhado, de que faz parte, mas que existe independentemente dele.

Esta é a revolução que se está operando no próprio seio do materialismo; este é o maior valor das descobertas modernas, porque nelas se encontra completa a semente de um futuro desenvolvimento da ciência no espiritualismo. Este não se apoiará mais apenas sobre a fé e a revelação, mas alicerçar-se-á em provas positivas, racionalmente demonstradas. Hoje chegamos a um ponto que não oferece outra saída, eis que o último elemento da matéria, o elétron, é reconhecido como um aglomerado de ondas, e está provado que a última substância da realidade é mera concentração de energia ondulatória. Qualquer substrato material desaparece; a solidez sensória do mundo físico fica assim reduzida, por puro processo lógico, a uma simples representação relativa à possibilidade, também relativa, de nossa percepção. Hoje se compreende que a última essência da matéria é abstrata, um imponderável, puro pensamento da mente diretiva do universo, o pensamento que pode criar, como sua expressão, o universo físico.
Assim a concepção materialista ficou reduzida a quase nada, por obra do próprio realismo e não do idealismo. Penetrando em maior profundidade, o materialismo acabou por se confundir com o espiritualismo. No fundo há apenas um "quid" que, quando assume a forma sensória, chama-se matéria. E, um dia, a ciência verá que esse "quid" é o puro pensamento que constitui o elemento genético da criação da matéria de nosso universo físico.

Foi Einstein que me mostrou essa ponte lançada pela Física no campo do espírito. Daí nasceu a possibilidade de uma concordância entre as conclusões dele e as do sistema explanado nos meus livros.

* * *

No começo do ano de 1950 os jornais publicaram uma notícia sensacional: O grande matemático Einstein descobriu uma nova teoria pela qual teria sido encontrado o anel que faltava para a concepção unitária do universo. Com a célebre teoria restrita da relatividade, Einstein já havia demonstrado, por meios matemáticos, mais tarde confirmados experimentalmente, a estreita relação quadridimensional entre as duas dimensões — espaço e tempo. No entanto, faltava ainda a demonstração matemática da relação entre todas as forças cósmicas e, por conseguinte, da sua unidade. Isto conseguiu-se com a nova teoria, a que Einstein chamou "Teoria generalizada da Gravitação" e "Teoria do campo unificado", que termina com quatro equações todas iguais a zero. Essa teoria explica a origem de todas as forças do Universo. Encontrou-se, assim, íntima relação entre a eletricidade e a gravitação que, dessa forma, assume um conceito completamente novo, muito diferente do da física mecânica Newtoniana que, até hoje, havia sido aceita por todos. Essa afinidade faz da eletricidade e da gravitação duas forças afins, irmãs, derivadas do mesmo princípio unitário. Eis o elo que faltava para demonstrar a concepção

monística e unitária do cosmos.

Em nosso caso, o fato é simplesmente este: aquilo que os jornais disseram ter sido então descoberto pelos meios matemáticos, já o havia sido, pelo caminho metapsíquico, dezoito anos antes, sendo publicada a descoberta em 1932, pela primeira vez, na Revista *Ali del Pensiero* de Milão, e, depois inserta no volume *A Grande Síntese* bem difundido na Europa e nas Américas do Norte e do Sul.

Todos podem verificar que ali estão desenvolvidas não só a teoria da evolução das dimensões que, filosoficamente, completa e enquadra em toda a escala das dimensões a concepção matemática de Einstein do "continuo" espaço-tempo, mas também a própria afinidade entre a eletricidade e a gravitação, que, com a íntima natureza desta última, já tinham sido explicadas no cap. XXXVIII de *A Grande Síntese:* "Gênese da Gravitação".

Ali, entre outras coisas, diz-se: "As radiações conservam todas as características fundamentais de energia cinética que lhes deu movimento e é essa comunidade de origem que estabelece entre elas afinidade de parentesco. Outra prova do parentesco das forças dinâmicas, está na qualidade da luz, derivação próxima, por evolução, da energia gravífica (. ...). Poder-se-ia dizer que a luz pesa, isto é, que a luz sofre o influxo dos impulsos atrativos e repulsivos de ordem gravífica; existe uma pressão das radiações luminosas. Direi mais: Todas as radiações exercem, em sua propagação, uma pressão de ordem gravífica; apresentam fenômenos de atração e repulsão, em relação direta com as suas proximidades genéticas, na sucessão evolutiva, com a sua protoforma dinâmica, a gravitação"

E conclui assim: "Orientai as vossas pesquisas neste sentido; analisai por meio do cálculo estes princípios e a ciência chegará a descobertas que a revolucionarão". Isto como se previsse que só pelo cálculo se poderia iniciar a demonstração, como depois aconteceu.

O controle experimental, realizado com as medidas tomadas e nas fotografias batidas em vários eclipses do sol, confirmaram tudo isso, junto com a teoria de Einstein, isto é, que os raios luminosos ficam curvados pela atração. Embora hoje o Dr. Freundlick, já colaborador de Einstein no observatório de Potsdam, ache que a curvatura dos raios luminosos supera de 30% a previsão teórica, o principio geral fica sempre o mesmo.

Também, embora hoje pareça que a luz emitida em campos gravitacionais intensos é deslocada na direção do vermelho do espectro, e o valor da derivação seja diferente daquele previsto pelas fórmulas de Einstein, o princípio geral permanece, também, sempre o mesmo.
E, embora a teoria da relatividade generalizada esteja adquirindo maiores desenvolvimentos com os retoques dos novos cientistas, a primeira grande descoberta de Einstein nunca perderá o seu valor fundamental.

Aqui, por amor à verdade, preciso esclarecer, para evitar equívocos, que ninguém afirma que *A Grande Síntese* houvesse antecipado a fórmula matemática expressa por Einstein na sua Teoria Generalizada. Ninguém quer reivindicar a prioridade nesse campo. *A Grande Síntese* só focalizou os conceitos filosóficos dos mesmos princípios e, tão só nesse sentido se entende a sua prioridade. Trata-se da descoberta e enunciação da mesma verdade, mas por forma diferente, uma no campo físico-matemático, outra no campo filosófico. A primeira é um produto particular de uma profundíssima especialização, a segunda faz parte de um sistema e fica enquadrada numa filosofia universal. Assim as duas conclusões se apoiam e demonstram uma à outra, a analítica de Einstein e a sintética de *A Grande Síntese.* Assim concordaram, chegando ao mesmo ponto, quem seguiu o. caminho do raciocínio e aquele que escolheu o caminho da intuição inspirativa. Dessa forma a lógica matemática concordou com os processos intuitivos, e

ambos se compreenderam reciprocamente.

Por dois caminhos diferentes a alma humana procurou atingir o mesmo centro da unidade do todo, seja por meio da formulação filosófica, seja por via matemática. Isto quer dizer que todo pensamento provém do "uno" e que não pode ficar orientado senão numa direção; a do "uno".

Assim, antes de ler *A Grande Síntese*, (1951), o Prof. Einstein confirmava com a demonstração matemática um dos conceitos fundamentais do sistema filosófico desse livro. Quando no ano de 1950 Einstein deu a conhecer a sua nova "Teoria Generalizada", numerosos jornais trataram do caso. O agora falecido Enrico Fermi da Universidade de Chicago, "Institute for Nuclear Studies", numa carta pessoal, deu confirmação da demonstração matemática, reportando-se à supra citada prioridade filosófica.

Mas o ponto final, para ambos os pensamentos, era a idéia central da unidade do todo A idéia última, alvo tanto de Einstein como de *A Grande Síntese* (permito-me essa aproximação uma vez que esse livro não é obra minha) é a mesma, embora expressa em fórmulas diferentes. Pelo desenvolvimento dos conceitos de *A Grande Síntese* no volume Deus *e Universo,* também foi possível chegar até uma fórmula matemática que é sintética e conclusiva de todo o sistema filosófico universal de *A Grande Síntese.* De modo que podemos confrontar, uma perto da outra, estas duas fórmulas matemáticas que num espaço mínimo expressam, concentrados, os mais vastos e poderosos conceitos, que sintetizam os maiores processos fenomênicos do cosmos.

Einstein concentrou as conclusões da sua teoria generalizada com as quatro equações seguintes, todas iguais a zero:

$$\mathbf{Gik,s = 0} \qquad \mathbf{Ti = 0}$$

$$\mathbf{Rik,l + Rkl,i + Rli,k = 0}$$

$$\mathbf{Rik = 0}$$

Encontrando-se, assim, íntima relação entre a eletricidade e a gravitação, explica-se a origem comum de todas as forças desse modo eletricidade e gravitação são dois fenômenos conexos, filhos do mesmo princípio único, sustentando assim a concepção unitária do universo. Aqui está a chave dos segredos da constituição da matéria e da descoberta da energia nuclear. Mas não podemos explicar mais em um só artigo.

De outro lado a fórmula conclusiva do sistema do cosmos é expressa em duas expressões limitadas, que sintetizam em fórmula matemática o processo involutivo e evolutivo, que constituem as duas metades do ciclo do universo. Esta fórmula se acha no livro *Deus e Universo* cap. VIII: "Conceituação do problema do ser". Quem quiser conhecer o processo matemático usado para chegar a essa conclusão sintética, leia aquele livro, no capítulo acima.
Eis as duas expressões limites que, na fórmula simbólica da linguagem matemática, sintetizam o ciclo de todo ser.

$$\lim_{t \to \max i} \Delta = S_{-\infty}$$

$$\lim_{t \to \max e} \Delta = S_{+\infty}$$

A primeira expressão representa-nos o universo que no extremo limite da primeira metade, involutiva, do ciclo, chegou ao pólo negativo da destruição no mal e do esmagamento do espírito nas trevas da matéria. Esta pode ser chamada a fórmula da descida ou da derrocada.

A segunda expressão representa-nos o mesmo universo que, no extremo limite da segunda metade, evolutiva, do ciclo, chegou ao pólo positivo, (que foi ponto de partida e agora é de chegada), o pólo da reconstrução cumprida no bem e da libertação do espírito das trevas da matéria, na luz da Verdade, no seio de Deus. Esta pode ser chamada a fórmula da subida ou reconstrutiva. Ela é também a fórmula resolutiva do universo, porque, no final, o fim e o princípio coincidem no mesmo ponto, reunindo-se em um ciclo só que se fecha sobre si mesmo -

A primeira fórmula pode-se ler assim: no limite do universo ou organismo de universos ($\Delta$) a substância, pelo vir-a-ser ou transformismo fenomênico, chegou no instante máximo final do semiciclo involutivo (inicial do semiciclo evolutivo), onde ela se acha toda no estado de infinito negativo.

A segunda fórmula pode-se ler assim: no limite do universo ou organismo de universos ($\Delta$) a substância, pelo vir-a-ser, ou transformismo fenomênico, chegou no instante máximo final do semiciclo evolutivo (final também de todo o ciclo, instante em que tudo retorna ao estado inicial) onde ela se acha toda no estado de infinito positivo.

Assim as duas fórmulas, a primeira, da destruição, e a segunda, da reconstrução, completam-se num só ciclo, feito de duas metades inversas e complementares.

Desse modo a pesquisa científica do grande matemático da teoria restrita e da teoria geral da relatividade, aprofundando o seu olhar racionalista nos abismos do mistério, alcançou a mesma unidade e percebeu um lampejo da Verdade, pela mesma presença da inteligência de Deus, quando ele concluiu com este pensamento: "A minha religião consiste numa humilde admiração pelo ilimitado Espírito superior, que se revela nos mínimos pormenores, que nós podemos perceber com as nossas frágeis e fracas mentes".

São Vicente - Abril de 1955

*PIETRO UBALDI*

# C O M E N T Á R I O S

**Segunda Parte**

# Críticas

## GRANDES MENSAGENS

**(A "Sua Voz")**

***Prefácio da segunda e terceira edições italianas, publicado na revista* Ali del Pensiero - *Milão (Itália), 1935 e 1958.***

A mediunidade de Pietro Ubaldi explodiu no outono de 1931, como coroação de provações e grandes dores. Em dezembro do mesmo ano foi recebida a *"Mensagem de Natal"*, que pode considerar-se como introdução à obra subsequente, e que, de imediato, foi traduzida em cinco idiomas: na *Alfa*, de Roma - (Itália), no *International Psychic Gazette*, de Londres (Inglaterra), na *Revue Spirite Belge* de Liége (Bélgica), e em *Constancia*, de Buenos Aires (Argentina). Apareceu a seguir, com as outras mensagens, no *Reformador* e no diário *Correio da Manhã*, no Rio de Janeiro, e nas primeiras revistas e jornais do Brasil e também em opúsculos separados.

Na Páscoa de 1932, "Sua Voz" transmitiu a *Mensagem da Ressurreição*, verdadeiro e poderoso apelo ao mundo, que, além de em todas as revistas e jornais citados, foi publicado na *Revue Caodaiste*, de Saigon (Indochina).

A 2 de agosto de 1932, no dia do "Perdão da Porciúncula" de São Francisco de Assis, o médium (que se encontrava perto de Perúgia), foi improvisadamente forçado, por uma força febril e irresistível, a escrever rapidissimamente, em breves minutos, aquela sublime *Mensagem do Perdão*, que teve notabilíssima e totalmente *espontânea* difusão em todo o mundo, quer aparecendo em inúmeras revistas e mesmo em jornais diários estrangeiros, quer nas edições especiais feitas por numerosíssimas associações sul-americanas. Calcula-se que tenha aparecido em todo o mundo, cerca de meio milhão de cópias. Esta *mensagem* é verdadeiramente um grande toque de reunir, vibração possante de majestosa autoridade.

Na Páscoa de 1933, finalmente, comemoração do 19º centenário da morte de Cristo,

foram divulgadas as duas mensagens, ou melhor, a dupla mensagem "Aos Cristãos" e "Aos Homens de Boa Vontade", de conteúdo essencialmente religioso.
Todas essas "mensagens" são dirigidas "ao coração", ou melhor, ao coração das massas. Mas, desde o fim de 1932, "Sua Voz" transmite uma obra orgânica, de concepção grandiosa e de desenvolvimento concatenado, com bases e fins racionais e científicos:

*A Grande Síntese,* cuja publicação foi imediatamente iniciada (e continua ainda), em Milão, na revista Ali *del Pensiero;* em Buenos Aires, na revista *Constancia;* e no Rio de Janeiro, na revista *Reformador* e *no Correio da Manhã;* o maior diário do Brasil. Como que irradiando-se no mundo, partindo de dois pólos diversos, sobre os dois hemisférios. Outras edições estrangeiras se estão preparando.

Concomitantemente as mensagens que aqui publicamos, uma série de comunicações particulares era transmitida e chegava às mãos de Mussolini e do Pontífice, nos respectivos campos político e religioso.

Raramente obtêm tão rápido e espontâneo êxito, no mundo, outras coisas fortemente queridas e habilmente preparadas. Neste caso, ao invés, um médium desconhecido, sem preparação, durante muito tempo hesitante a respeito da oportunidade de divulgar sua produção, sem meios e sem apoio, modestíssimo e fugindo da notoriedade, sem fim algum interesseiro, mas até constrangido a uma vida de martírio para exteriorizar seus invulgares dotes mediúnicos — viu sua produção, oferecida timidamente, fazer com rapidez a volta do mundo, difundir-se em pouco tempo *automaticamente,* como por *própria força* prodigiosa. Neste fato, muitos poderão descobrir uma *prova.*

Quem é a "Sua Voz", essa anônima "entidade" que transmite escritos tão elevados e poderosos? Fizeram-se muitas conjeturas, inúteis e absurdas a esse respeito, mas não é aqui que deveremos discutir. Diremos porém: A verdade é *una,* e a quem tem sede, pouco importa a fonte de que se tenha haurido a água. O que interessa é que a água seja límpida e pura e possa abrandar a sede das afogueadas almas de hoje.

Milão, junho de 1935
*OM-AR*

# GRANDES MENSAGENS (II)

## (Prefácio da quarta edição italiana)

**Edição aprovada pela autoridade eclesiástica, lançada pela casa editora "Cultura Religiosa Populare" - Viterbo, 1945**

Estas mensagens, escritas em 1931-1933, sem nenhuma preparação nem premeditação orgânica, apresentam-se, todavia, com sucessão lógica, pois cada parte aparece a seu tempo e

lugar, enquadrada num organismo conceptual. Embora seu escritor não houvera podido saber então, nem sequer prever, estas Mensagens estão em plena coerência com o desenvolvimento sucessivo da atual hora histórica, que se desenrolou exatamente no sentido previsto. Os motivos dominantes nestas Mensagens são a expectativa de nova civilização do espírito, a aproximação de grandes mutações em todos os campos, e de um cataclismo mundial, que agora se realiza. **É** um fato que, depois de dez anos, se cumpriu aquela nítida previsão, em acontecimentos que hoje dominam o momento histórico. Trata-se de previsões nas grandes linhas, passando por cima dos pormenores da realização. Isso tudo faz prever que o vaticínio continuará a verificar-se. Esta visão da hora atual e de seus problemas mais profundos é um anúncio de nova era e preparação para a sua chegada.

Estas mensagens foram escritas sem preparação alguma, em etapas sucessivas, que são datas significativas e importantes, ou seja, o Natal de 1931, a Páscoa de 1932, *2* de agosto de 1932, até culminar na Páscoa de 1933, XIX centenário da morte de Cristo, e continuam como um eco, dez anos depois, na Páscoa de 1943. São como um toque de reunir, um primeiro clangor de trombeta, um supremo apelo ao mundo na véspera de acontecimentos apocalípticos. Cada uma dessas Mensagens, afinando-se com a data em que foi escrita, possui um conteúdo próprio e particular. Quem os compilou, só pôde verificá-lo após terminar o trabalho.

Essas Mensagens tiveram larga difusão, traduzidas no exterior, da Europa à Indochina, mas sobretudo na América do Sul", Calcula-se que só a Mensagem do Perdão (escrita perto de Assis, no dia do Perdão da Porciúncula de São Francisco de Assis), tenha tido cerca de meio milhão de cópias, em divulgação espontânea. Certa revista comentava assim este caso: "Raramente obtêm tão rápido e espontâneo êxito, no mundo, outras coisas fortemente queridas e habilmente preparadas. Neste caso, ao invés, um homem desconhecido, sem preparação, durante muito tempo hesitante a respeito da oportunidade de divulgar sua produção, sem meios e sem apoio, modestíssimo e fugindo da notoriedade, sem fim algum interesseiro — viu sua produção, oferecida timidamente, fazer com rapidez a volta ao mundo, difundir-se em pouco tempo, automaticamente, como por uma força própria. Neste fato, muitos poderão descobrir uma prova.

Aqui se torna necessário um esclarecimento. Pietro Ubaldi, em Gúbio, que escreveu estas mensagens, não quis colocar seu nome no fascículo, desejando que sua pessoa desapareça no silêncio e que só o fruto de seu trabalho permaneça para consolação do próximo. Existe, pois, um Autor mais alto, que fala aqui às inteligências e aos corações, na atual hora histórica, apocalíptica e solene? Se a imensa divulgação prodigiosa, já rapidamente conseguida, sem pressão de ninguém, pode constituir uma prova de que a ação da Providência e da vontade de Deus esteve presente a tudo isto, a maior prova a sentirá em si mesmo, cada alma, ao ler e ouvir a poderosa vibração que parece emanar, irresistível mas doce, profunda de pensamento, e no entanto palpitante de sentimento e de bondade, das palavras das Mensagens. A verdadeira prova das origens desta inspiração que ditou as presentes Mensagens, cada um a achará em si, na resposta, na emoção, na convicção que sentirá nascer espontânea no profundo de sua consciência.

Mas o leitor perguntará: Quem fala, dizendo "Eu", num tom tão alto? A inspiração não é coisa nova, especialmente na religião. **É** possível, portanto, neste caso, e não podemos negá-la a priori. Mas sabe-se, também, que Deus costuma manifestar-se mais freqüentemente, indiretamente, por meio de instrumentos; e não é novidade que, em semelhantes casos, não costuma dar, de imediato, provas tangíveis, porque parece querer exigir a nossa fé e prefira fiar-se e confiar-se apenas a quem segue seus caminhos. E que direito temos de pedir a Deus, a cada

passo, a exceção e o prodígio, para acreditar em suas palavras? Não nos deu Ele o sentido da verdade na consciência, para reconhecê-las? Aproximemo-nos, portanto, delas com alma pura e reconheceremos se são falsas ou verdadeiras. Esta é a prova de fogo.

O instrumento inspirado que as escreveu, nelas oferece sinceramente com a fé de quem as sentiu, deixando a cada um o julgamento. Nada mais sabe ele dizer-nos senão isto: sentiu que essas mensagens descem da direção de Cristo, chegando às vezes a uma relação tão imediata e transparente, que lhe dá a sensação da presença, num contato de alma, do próprio Cristo. De acordo com sua potencialidade ou pureza, cada consciência indagará de si esse mistério, e de acordo com sua capacidade, há de vibrar e de sentir, encontrando em si mesmo uma resposta, especialmente em relação a Cristo.

*A EDITORA*

# O REGRESSO AOS DIAS CRIATIVOS DO DIVINO PENTENCOSTES ATRAVÉS DA MEDIUNIDADE INTELECTUAL

Das revistas: **Il Mistero** - ano III, nº 24, Setembro 1935. E **Mondo Occulto** - ano XVI, nº 2, Março - Abril 1936.

Ao ler as presentes obras, conseguidas pela mediunidade do sincero e grande "médium" Prof. Pietro Ubaldi, merecidamente já célebre e amado, durante muito tempo permaneci pensativo e fascinado. Meditei que isto é um belo regresso ao proto-cristianismo, quando, após o sacrifício do Divino Jesus sobre o Gólgota, durante três séculos, as multidões viviam de forma perfeita e heróica a doutrina de Cristo, com os doutores e profetas em contínua e alta comunicação "mediúnica", com o "além" espiritual, com os sacerdotes e pastores, de vida sublimemente místico-ascética, a ajudar, com as santas comunidades crentes, a "sacrossanta" mediunidade dos profetas e dos doutores, no pleno domínio da "liberdade" de pensamento e de consciência, trazida pelo Cristianismo, que ainda não degenerara.

Mais tarde, com a chegada do cristão Constantino, as multidões pagãs profanas entraram em massa na Igreja Cristã; os sacerdotes dos deuses e o vulgo idólatra, transplantando para a nova Igreja as antigas dignidades é a velha mentalidade, paganizaram o sagrado ambiente cristão, afastando o verdadeiro "Reino de Deus", anunciado no Evangelho; depois, com a descida dos bárbaros, a queda do Império Romano e a destruição da gloriosíssima civilização greco-romana, terminou na Igreja e na sociedade a diretriz evangélica, cessaram as "mediunidades" e o "profetismo"; durante séculos, o "espírito" de Cristo e o "verdadeiro espírito" da Igreja permaneceram na sombra; ausente das consciências das pseudo-cristãs nações do mundo. Ao ressurgir a Europa na Idade Média, a Igreja ressurgiu, Cristo voltou e a Humanidade se tornou grande, recomeçando a comunicação direta entre o mundo terreno de provas e lutas e o além

celeste, nossa verdadeira e eterna Pátria... Sim, voltou o Cristo e ressurgiu a Igreja, porque Cristo reina e a Igreja vive e governa apenas onde a Liberdade e Civilização são a vida das nações e do povo. Isto prova que Cristo é o enviado de Deus, que a Igreja é divina e santa como seu Fundador. Com efeito, olhai as nações e os homens da Terra: onde Cristo menos reina e onde a Igreja menos vive e menos dirige, a Liberdade e a Civilização não podem subsistir para elevar povos e indivíduos.

Considerei isso e o disse para demonstrar que o espiritualismo experimental, base positiva da Religião e prova científica do além celeste, nasceu em período de liberdade e de Civilização quando Cristo e a Igreja tinham achado, no mundo civilizado, sua estrada mestra e suas funções mais elevadas...

A mediunidade intelectual, além disso, é a alma do espiritualismo experimental, é a prova do ignóbil engano das hipóteses naturisticas contra o espiritualismo experimental, e "o divino" do espiritualismo moderno.

As presentes obras, fruto da mediunidade intelectual, obtidas por intermédio do médium Ubaldi, são a manifestação mais importante que a história, antiga e moderna, registra.

Para achar dignos confrontos, para fazer crítica adequada, para compreender seu "pathos" criador, é mister recuar nos séculos até a era proto-cristã, até à gloriosíssima grandiosidade da era apostólica, permeada de suprema mediunidade intelectual criadora.

Observe-se que também para a teologia católica, desde a mais inovadora até à mais reacionária escolástica, admite-se que a mediunidade intelectual pode existir, comunicando-se o homem com o bom anjo, de modo diferente à física, que é atribuída à natureza desconhecida ou ao demônio, de acordo com a mentalidade do teólogo. "Por isso", mesmo catolicamente, podem atribuir-se as obras presentes ao bom anjo, ou seja, ao espírito superior, tanto mais que elas nenhuma heresia contém, nem diante do Cristianismo católico-romano, nem diante do protestante e evangélico. Portanto, o espiritualista piedoso conserva, depois de sua Bíblia cristã, em sua estante, com estima, as supracitadas obras.

Quem é o autor? Não nos importa: basta-nos seu divino e eterno verbo que nos conduz, a nós modernos, a Deus e à santificação...

*LUCIANO GIUSEPPE CHIAREILO*

# A PROPÓSITO DA "MENSAGEM DO PERDÃO" DO PROF. PIETRO UBALDI

**Da Revista Constancia - Buenos Aires, ano LV, nº 2368, 3 de novembro de 1932.**

Senhor Prof. Dr. Pietro Ubaldi.
Querido Ubaldi,

Pede-me você um julgamento sobre a "Mensagem do Perdão". Ei-lo em poucas palavras: "Estupendo! Contém passagens tão sublimes em sua cósmica grandiosidade, que infundem quase uma sensação de terror sagrado".

Pergunta-me também se, pelo texto, será possível identificar a Entidade comunicante. Parece-me que dela transparece claramente quem é que se manifesta: "Deus, perdoa-os, não sabem o que fazem" (.....). "Por vós me deixaria crucificar outra vez"(....). "Não queirais renovar-me as angústias do Getsêmani" (.....).

Infere-se que deve tratar-se nada menos que de Jesus Nazareno. E, do ponto de vista da investigação científica, isto constitui o ponto crítico das mensagens desta natureza, dessas que deixam perplexo o ânimo do leitor, porque se revestem de sublimidade semelhante às que você recebeu; se se trata de investigadores que, como eu, já estão convencidos experimentalmente da verdade irrefutável das comunicações mediúnicas com entidades de desencarnados, poderão convencer-se com facilidade da veracidade da fonte donde emanam as mensagens; todavia, isto ocorrerá sempre por força de um "ato de fé", embora neste caso esta se baseie na experiência adquirida nas investigações mediúnicas.

Infelizmente, todavia, se se deseja convencer o mundo, e mormente os homens de ciência, a respeito do importantíssimo fato da existência e da sobrevivência do espírito humano, fazem falta fatos, induções e deduções de fatos. Foi a este último sistema de investigação positiva sobre o mistério do ser, que eu me dediquei invariavelmente. Isto não impede, no entanto, que esse sistema possa aperfeiçoar-se e completar-se, com o acréscimo dos ensinamentos e da luz espiritual que podem trazer-nos mensagens mediúnicas de tão grande elevação que se impõem à razão. E este, precisamente, o caso das mensagens recebidas por você.

Você me pede um conselho sobre se deve continuar ou ao invés suspender o exercício de sua mediunidade, orientada nesse sentido. Respondo: "Cada um tem sua própria missão. A minha era o de contribuir, na medida das minhas forças, para convencer os homens de ciência, com base nos fatos; a sua, parece ser a de trazer à humanidade pensante mensagens elevadíssimas, de ordem moral e espiritual, e que estão destinadas a tornar-se um dia, as únicas importantes para a evolução espiritual dos povos.

Prossiga, portanto, em sua missão.

Afetuosas saudações,

Savona, 14 de Outubro de 1932

*(a)E. Bozzano*

# PIETRO UBALDI - A GRANDE SÍNTESE

Querido Ubaldi

Você deseja um parecer global sobre *A Grande Síntese.* Tarefa difícil, porque se trata de uma obra demasiado densa de pensamento e demasiado variada em seus temas, para que se possa

sintetizá-la num parágrafo global.

Apesar de tudo, eis o parágrafo:

Pedem-me um parecer confidencial sobre *A Grande Síntese* de Pietro Ubaldi. Respondo: Sumamente favorável sob todos os aspectos. Trata-se, realmente, de uma grande Síntese de todo o saber humano, considerado do ponto de vista positivamente transcendental, em que se estudam todos os ramos do saber, sendo esclarecidos e resolvidos numerosos problemas até hoje insolúveis, com o acréscimo de novas orientações científicas, além de considerações filosóficas, científicas, religiosas, morais e sociais, a tal ponto elevadas que induzem a reverente assombro. **É** uma obra que fará época na história das revelações mediúnicas, tanto mais que esta é a primeira vez que é ditado à humanidade um grande Tratado realmente original, de ordem rigorosamente científica.

Cordiais saudações,

Savona, 12 de Outubro de 1937

*(a)Ernesto Bozzano*

# A "SUA VOZ"

Da revista **Ali del Pensiero** – Milão, ano III, nº 2, fevereiro de 1934.

Há mais de um ano, vêm os leitores de *Ali del Pensiero* usufruindo a apurada e profunda palavra que emana de *A Grande Síntese*, transmitida ao mundo pela peculiar mediunidade de Pietro Ubaldi e proveniente de uma Entidade que se faz chamar anonimamente como a “Sua Voz”. Chegou agora o momento em que os leitores, tendo tido a prova irrefutável da importância dessa comunicação (embora não esteja ela ainda nem na metade), tanto sob o ponto de vista científico como moral, conheçam um pouco da história humana dessa "Voz" sublime e de sua surpreendente difusão em todos os recantos da Terra.

A "Sua Voz" (e o próprio fato de que a Entidade não decline nenhum nome “humano” prova sua elevadíssima origem e posição espiritual) começou a manifestar-se por meio de Ubaldi apenas no outono de 1931. Em dezembro daquele ano transmitiu sua primeira mensagem geral, "A Mensagem de Natal", que foi imediatamente publicada em quatro línguas, na Itália, na Inglaterra, na Bélgica e na Argentina. Era uma espécie de introdução ou advertência, em estilo ainda tímido, devido talvez ao ceticismo que (note-se bem) o próprio médium que recebia tinha sobre suas próprias qualidades mediúnicas, e à reação que por isso opunha ao livre afluxo da recepção ultrafânica.

O médium era, então, completamente desconhecido no mundo espírita e espiritualista, italiano e estrangeiro, não tinha nenhum apoio e vivia, material e espiritualmente, quase isolado

num pequeno centro da Sicília. Somos obrigados a ver uma intervenção superior no "caso", raríssimo, de que o médium tenha podido fazer publicar imediatamente aquela mensagem em cinco revistas de cinco nações diferentes, *Alfa,* de Roma; *International Psychic Gazette,* de Londres; *Constancia,* de Buenos Aires; *La Revue Caödaiste,* de Saigon; *Revue Spirite Belge, Liège).*

Não obstante isso, Ubaldi foi então torturado pelas dúvidas: sozinho como estava, seu pensamento e sua consciência se remoíam na perplexidade; sente em si o impulso irrefreável que o arrasta, e no entanto ele mesmo procura opor-se com toda a sua força, com todo o seu ceticismo, com toda a sua racionalidade. Não quer convencer-se de que seja médium, tem medo de se estar iludindo e, puro de coração como é, sente calafrios só ao pensar que talvez esteja ludibriando os outros.

Mas "Sua Voz" o arrasta ainda e ele é obrigado a escrever (estamos na Páscoa de 1932) a "Mensagem da Ressurreição". Verdadeiro e próprio apelo ao mundo, a palavra é mais definida e mais poderosa. A mediunidade de Ubaldi se está evidentemente desenvolvendo e fortificando, e o próprio médium começa a adquirir maior segurança em seus dons de receptividade. E agora, quase por encanto, esta mesma mensagem é imediatamente traduzida e publicada pelo mundo: Inglaterra, Argentina, Bélgica, Itália e Indochina.

Eis então que Ubaldi começa a ver suas dúvidas atenuadas ou dissipadas. Vários médiuns, que ele desconhecia, recebem espontaneamente mensagens espirituais endereçadas a ele, nas quais ele é instigado, aconselhado, encaminhado, e nas quais também se lhe prediz qual é o caminho que está traçado para ele.

Também o Prof. Ernesto Bozzano — sem dúvida a mais alta e indiscutível autoridade mundial nesta matéria — o alenta e assegura; a 1º de junho escreve-lhe: (.....) "a mensagem recebida por sua mediunidade é indubitavelmente de origem transcendental, e mais ainda, de elevadíssima inspiração. Provem, patentemente, de um grande Mestre espiritual (.....). Observo que a forma de sua mediunidade — que consiste numa voz subjetiva que lhe dita a mensagem — é idêntica à de Miss Cummins, a médium por meio de quem se manifesta a famosa e extraordinária personalidade espiritual de Patience Worth. Termino encorajando-o a preserverar em suas experiências, das quais espero algo de análogo aos Spirit Teachings, de Moses".

Eis que a 2 de agosto de 1932, no dia do famoso perdão da Porciúncula de Francisco de Assis, o médium (que se achava perto de Perúgia), é como que arrastado por uma força superior, febril e irresistível, e, em poucos minutos, escreve de jato aquela sublime "Mensagem do Perdão", que já fez a volta ao mundo. Aqui temos, verdadeiramente, o grande toque de reunir, a palavra vibrante, poderosa e envolvida em majestosa autoridade. O pensamento está permeado de puríssimo sentimento e desce para comover as cordas mais delicadas do coração. E a explosão de uma personalidade espiritual que se revela e anuncia com toda segurança o objetivo de sua intervenção e de sua missão. Essa mensagem foi imediatamente publicada na Argentina, na Bélgica, na Itália; mas seu caminho não terminara aí, porque passa, por incrível força própria, de mão em mão, de cidade em cidade, e mesmo recentemente se soube que, sem que o próprio médium disso tivesse conhecimento, a "Mensagem do Perdão" está circulando em milhares de cópias por todos os recantos do Brasil, por iniciativa quer da Federação Espírita Brasileira e a do Paraná, quer de sociedades espíritas de Porto Alegre e da cidade de Itu, e ainda foi publicada num grande matutino do Rio de Janeiro!

Milhares de pessoas ficaram fascinadas e comovidas com aquela palavra sublime. O próprio Bozzano escreve: "Estupendo Há trechos tão sublimes, em sua cósmica grandiosidade,

que incutem quase uma sensação de terror sagrado (.... .). Foi ao sistema de investigação positiva sobre o mistério do ser que me dediquei invariavelmente. Isto não impede, no entanto, que esse sistema possa aperfeiçoar-se e completar-se com o acréscimo dos ensinamentos e da luz espiritual que podem trazer-nos mensagens mediúnicas de tão grande elevação que se impõe à razão. **É** este, precisamente, o caso das mensagens recebidas por você" (. . . .)

Entretanto, Ubaldi, consciencioso até o extremo, ainda duvida de si mesmo e de sua mediunidade, e pede o parecer do Diretor desta Revista, que o tranqüiliza totalmente, e ao Bozzano, que lhe responde: "Você me pede conselho sobre se deve continuar ou ao invés, suspender o exercício de sua mediunidade, orientada nesse sentido. Respondo: cada um tem sua própria missão. A minha era a de contribuir, na medida de minhas forças, para convencer os homens de ciência, com base nos fatos; a sua parece ser a de trazer à humanidade pensante mensagens elevadíssimas, de ordem moral espiritual, e que estão destinadas a tornar-se, um dia, as únicas importantes para a evolução espiritual dos povos. Prossiga, portanto, em sua missão".

Quase concomitantemente nasce *A Grande Síntese*, cuja publicação foi imediatamente iniciada (Janeiro de 1933) em *Ali dei Pensiero* e em *Constancia* (Buenos Aires), como de dois pólos que nos hemisférios opostos, deveriam irradiá-la em torno de si. Já falamos nesta revista deste maravilhoso e surpreendente tratado, mas agora que está em pleno desenvolvimento a publicação da parte mais propriamente científica — que, por sua profundidade e importância é necessariamente menos acessível à generalidade dos leitores — seja-nos permitido recordar que a finalidade deste tratado é justamente a de falar em particular à ciência, antes resumindo e depois superando o estado atual do cognoscível humano. **É** uma "nova e mais completa revelação" em que se lançam as bases científicas, filosóficas e conceptuais de uma nova sociedade; e no entanto, em sua potência dominadora, o escrito é frio, objetivo, cientificamente exato.

Bozzano mesmo, autoridade máxima, escrevia a Ubaldi: (.....) "o conteúdo de *A Grande Síntese* já aparece e promete tornar-se grandioso, de vez que está de pleno acordo com tudo quanto ensina ou intui a ciência humana"; e ultimamente: (.....) "está concebida em termos rigorosamente científicos e está perfeitamente concorde com as hodiernas concepções filosóficas, matemáticas, geométricas, a respeito do mesmo assunto (.....). Esperando reler e comentar à altura a poderosa mensagem transcendental, quando se tiver a possibilidade de fazê-lo com a obra terminada"

Por volta da Páscoa de 1933 aparece, enfim, a dupla e sublime "Mensagem aos homens de boa vontade" — "Mensagem aos cristãos". Lendo-as não se pode evitar um temor quase sagrado; tão elevado é o pensamento, poderosa a expressão, grandiosa a forma. Desta vez, o conteúdo é exclusivamente religioso.

Esta é uma simples exposição cronológica da afirmação de "Sua Voz" no mundo; mas não a transcrevemos apenas a título de crônica, e sim para que por ela o leitor possa tirar todas as conclusões evidentes e altamente instrutivas.

Enquanto as coisas buscadas com mais força e mais tenazmente preparadas, raríssimamente conseguem no mundo o êxito merecido, um médium desconhecido, sem preparação, cético por muito tempo de sua própria mediunidade, sem meios e sem apoio, modestíssimo e fugindo de todo desejo de notoriedade, sem nenhum fim interesseiro, conseguiu ver, em tempo curto, suas mensagens, numericamente poucas, fazer a volta ao mundo e difundir-se rapidamente, automaticamente, e mesmo sem nenhuma intervenção sua, assim como se o fizesse por uma força secreta, própria, que emanava dos próprios escritos.

Deste mesmo médium, rebelde no cumprimento da missão para a qual era impulsionado, saiu aos poucos uma produção em que, já hoje, olhando-se para trás, se verifica um programa orgânico, definido, perfeitamente lógico, e isto sem que o próprio médium o percebesse, pois ele sempre ignorou e ainda ignora o objetivo a que tende sua produção. Devemos, até, ser-lhe muito gratos pela vida de rígida severidade espiritual a que se submeteu Ubaldi, em seu foro íntimo, para a exteriorização de seu particular dom mediúnico.

Esse mesmo homem, de cultura e capacidade comum, produz uma obra mediúnica da mais profunda competência em todos os campos, de tal forma que ela se dirige, e os faz pensar, aos mais competentes de cada matéria, embora, ao mesmo tempo, seja vibrante, apaixonada, quase poética. Nessa produção os cientistas acham a solução aos mais árduos problemas científicos e os humildes choram de sublime comoção..

Não é tudo isso, já em si mesmo, uma prova, uma grande prova. Pode ser somente o homem Ubaldi que tenha em suas mãos os fios de tão emaranhada tessitura? ou não será preciso reconhecer — disto estamos convencidos — que uma força externa e superior o guia, usando-o como instrumento, dele se servindo para a realização de admirável missão, de que agora só podemos ver o início?

Os próprios cientistas, sempre prontos à crítica depreciativa contra o transcendente, não puderam opor-lhe uma só palavra; porque "Sua Voz" usa suas mesmas armas, desceu ao nível deles, perfeitamente dentro da lógica e da racionalidade. Muitos mesmo ficaram intimamente impressionados, talvez atordoados pelas afirmações e revelações que "Sua Voz" soube fazer com autoridade seguríssima, resumindo suas próprias conquistas e delas partindo. E alguns, dos mais sinceros e sem preconceitos, o quiseram mesmo reconhecer e testemunhar. Sem falar de Bozzano, de quem já falamos e cuja capacidade de julgamento nesta matéria é irrefutável, basta-nos citar o cientista e filósofo belga Prof. Schaerer, que nos escreveu: (.....) *"A Grande Síntese* continua a interessar-me apaixonadamente (.....). Julgo muito útil demonstrar que as comunicações mediúnicas podem proporcionar trabalhos de tão alto valor científico e racional" (.. .); e, no *Bulletin du Conseil de Recherches Métapsychiques*, ele mesmo escreveria (.....) "a interessantíssima comunicação mediúnica recebida por Ubaldi, que é um médium excepcionalmente dotado para receber comunicações de ordem científico-filosófica (.....), *A Grande Síntese* trata de uma concepção monista naturalista de estrutura estritamente científica, cujo valor é indiscutivelmente enorme.

E ainda o Prof. Dr. Stoppoloni, catedrático de Anatomia descritiva, Histologia e Embriologia na Universidade de Camerino, que escreveu a Ubaldi: (....) "Sua bela mediunidade terá seguramente importância no campo científico e poderá fazer revelações científicas da maior importância para nós, especialmente num campo tão obscuro (.....). Tudo o que foi publicado em *Ali del Pensiero*, por você, que pouco ou nada sabe de química, é verdadeiramente surpreendente, porque os conceitos emitidos são realmente científicos e portanto de profundo conhecedor de química (.....). Em sua série estequiogenética é dito, com clareza, que o número atômico 43, ocupado pelo Tecnécio, com peso atômico 99, deveria ter os caracteres dos corpos alógenos, ou seja do Bromo e do Iodo, que ocupam o número VII do sistema, e também do Flúor e do Cloro, do primeiro e do segundo setenário. Florêncio e Rênio, ainda não conhecidos em seu peso, volume atômico e valência, deveriam ser parentes próximos dos alógenos, não excluindo o número 85, que ainda permanece vazio (....). Esta parte está muito bem feita, clara e extraordinária porque escrita por um leigo" (... .).

O leitor cético, ou curioso, perguntará, então: Mas quem é "Sua Voz"? Há alguns que,

através dos textos das próprias mensagens, acreditam poder atribuir a proveniência direta nada menos que à mais alta das personalidades espirituais; o que para outros é um absurdo espiritual e racional, por razões que não cabe discutir neste artigo. Bastará, também aqui, trazer a palavra autorizada de Bozzano, que escreveu muito bem: (.....) "é melhor, portanto, concluir com as palavras do Prof. Mead, a respeito das manifestações de Confúcio, através do médium Margery Crandon: é mesmo indispensável admitir a intervenção direta de Confúcio? Qualquer que tenha sido o espírito comunicante, provou que é um profundo orientalista e um autêntico literato chinês. Repetirei o mesmo conceito a propósito deste outro caso, em que se fala de um nome muito mais excelso que o de Confúcio; lembrando, a este propósito, que a personalidade mediúnica de Imperator explicara ao Reverendo W. Stainton Moses que, quando se manifestavam personalidades espirituais; que forneciam os nomes dos grandes filósofos, ou de outras eminentes personagens vividas em épocas remotas, devia entender-se quase sempre que se tratava de discípulos, os quais, não sendo conhecidos e não podendo fornecer dados de identificação pessoal, mas querendo assim mesmo concorrer para dar aos viventes provas positivas da existência de um mundo espiritual, manifestavam-se em nome e com o consentimento de seu grande Mestre, com o qual estavam espiritualmente em relação à lei de "afinidade".

E nós acrescentaremos: a Verdade é uma só; e então, por que personalidades espirituais indubitavelmente e comprovadamente elevadíssimas como "Sua Voz", por Ubaldi, ou mesmo o "Mestre", pela Sra. Valbonesi, deveriam (e o poderiam?) falar uma linguagem diferente daquela usada pelos médiuns, se eles estão muito próximos de nós? Mas daí, para deduzir a identidade? Seria como dizer que cada pessoa que repete a palavra de Cristo, fosse o próprio Cristo! Além disso, que necessidade há de tal identificação? Muito bem escreve *Ali del Pensiero,* quando disse que "ao sequioso, não importava saber a fonte donde proviera a água"; o que importava é que ela fosse pura e cristalina.

Entretanto, "Sua Voz" prosseguirá em sua missão mundial, que agora já está seguramente provada como da mais alta importância. Que cada um de nós queira cooperar no trabalho benéfico de sua difusão.

“Assim é mister, onde quer que se possa”.

*MARC'ANTONIO BRAGADIN*

Diretor da Revista *Ali del Pensiero,* de Milão.

Nota da Redação - Este artigo já estava na tipografia, quando soubemos que a *Revue Spirite Belge* publicará breve um estudo sobre *A Grande Síntese* e sobre a mediunidade de Ubaldi. Outro estudo, sobre o mesmo tema foi anunciado pelo Prof. Schaerer, no *Bulletin du Conseil de Recherches Métapsychiques* e no periódico *Pour lá Vérité;* todos os periódicos são belgas.

Além disso, uma análise laudatória e penetrante do mesmo assunto, com breve resumo de alguns capítulos da *Síntese,* foi feita pelo Prof. Trespioli, em seu livro Os Fenômenos, aparecido por estes dias. Entre outras coisas, afirma Trespioli: "Esta obra profunda e cheia de conceitos, e que produz certa sensação de surpresa e de verdadeiro atordoamento, escrita por Ubaldi sem o saber e sem que o soubesse, pode ser submetida à crítica e à admiração do mundo

dos doutos: estes aí acharão, sem dúvida, "coisas conhecidas", mas que Ubaldi ignorava, e das coisas conhecidas verão deduções e conclusões "desconhecidas", talvez jamais, nem sequer imaginadas pelos competentes... Não comento, e muito menos julgo seu mérito; não saberia fazer. Mas o fato derrota indiscutivelmente as tolas afirmações de todos aqueles que, querendo rabiscar sobre fenomenologia, tomam como "modelos" as ingenuidades e tolices desfraldadas pela pseudo-mediunidade de neuróticos. Pode ser que a transmissão por meio de Ubaldi nem sempre seja perfeita, o que não impede que abundem as boas qualidades em *A Grande Síntese*, de tal forma que lhe conferem real valor científico".

Chega-nos, também um artigo de D'Aragona, "Os cantos de um cisne", que brevemente publicaremos, a respeito da difusão de "Sua Voz" na América do Sul: artigo que apareceu a 12 de janeiro no *Correio da Manhã*, o maior diário do Brasil.

Julgamos que era nosso dever acrescentar todas estas notícias ao artigo acima, mostrando ao leitor que todos estes fatos novos e inesperados, acontecidos enquanto estava no prelo a revista, no breve espaço de uma semana, não podem deixar de surpreender-nos como esse movimento se desenvolve e caminha, com a regularidade e a segurança das coisas poderosamente predispostas e predestinadas. O que vem confirmar o que foi dito no artigo precedente.

Enquanto no prelo, soube-se ainda que saíram no *Correio da Manhã*, em 2 de fevereiro, outros dois artigos: "O ciclo mediúnico" e "Ruit Hora", e que sobre o mesmo assunto, aparecerá longa série de artigos, não só no *Correio da Manhã*, como *no Reformador* — Revista de Espiritismo Cristão, no *Mundo Espírita* e nos melhores órgãos da imprensa brasileira.

# A HISTÓRIA DE UM NOVO GRANDE MOVIMENTO ESPIRITUAL

## (Como "Sua Voz" se espalhou por todo o mundo)

Da Revista **The International Psychic Gazette** - Londres, NQ 247, vol. 22, abril 1934.

Sinto o dever de informar aos espiritualistas britânicos a respeito da difusão pelo mundo das produções mediúnicas da Entidade "Sua Voz" durante os dois últimos anos. Já os leitores da I*nternational Psychic Gazette"* estão familiarizados com "Sua Voz", porque publiquei em suas páginas as duas primeiras mensagens que recebi, ou seja: 1) "Mensagem sobre o progresso do mundo" (março, 1932) e 2) "A Aurora do Novo Milênio" (junho 1934).

Outras mensagens chegaram, ainda não publicadas na Inglaterra. Todavia são muito importantes, porque falaram ao mundo e o mundo as escutou. Foram publicadas em quatro idiomas, e divulgadas em muitas cidades, de Roma a Buenos Aires, de Liège (Bélgica) Saigon (Indochina). Enviadas a altas personalidades, como sua Santidade o Papa e o líder do fascismo italiano Sr. Mussolini, foram lidas por eles.

A terceira mensagem — "Mensagem do Perdão" — escrita a 02 de agosto de 1932, aniversário do famoso "Perdão" de São Francisco de Assis. Espalhou-se pelo mundo por sua própria força, sem qualquer interferência de minha parte. Milhares de exemplares foram impressos e distribuídos gratuitamente no Brasil e reproduzidos nos grandes jornais do Rio de Janeiro.

Tenho que assinalar que minha mediunidade irrompeu subitamente, em fins de 1931. Na época da "Mensagem do Perdão" tinha sobre ela muitas incertezas e dúvidas. Pensei de início que estivesse louco e fosse obrigado por desconhecida força, a que não podia resistir, a dizer mentiras.

Devo citar o fato de que o médium inglês, Miss Marjorie I Rowe, de Londres, enviou-me na primavera de 1932 — embora não me conhecesse nem se relacionasse comigo, mesmo por correspondência — uma maravilhosa mensagem de "Imperator", descrevendo pormenorizadamente minha vida e coisas que só eu conhecia, e predizendo uma missão mundial que me cabia executar, em obediência à "Sua Voz"; tudo confirmado, embora naquela época parecesse impossível.

Quase ao mesmo tempo, o Sr. Bozzano, da Itália, escrevia-me dizendo que minha mediunidade era semelhante à de Miss Cummins (médium de Patience Worth) e que eu devia prosseguir, porque ele esperava de minha obra algo assim como os "Spirit Teachings", de Stainton Moses (carta de 1 de junho de 1932). Outras mensagens mediúnicas (inclusive uma de Mrs. Smiles, de Roma), todas espontâneas e provenientes de pessoas a mim desconhecidas, falavam da grande missão dessa Entidade "Sua Voz".

Após a publicação da "Mensagem do Perdão", pedi a opinião do Sr. Bozzano sobre ela; respondeu-me: "Estupendo! Há trechos tão sublimes em sua grandeza cósmica, que infundem quase uma sensação de terror sagrado". Esta mensagem eu a escrevera desprevenido e sob profunda emoção.

As duas últimas mensagens — "Mensagens aos cristãos" e "Mensagem aos homens de boa vontade" — são de caráter religioso, e apareceram na Páscoa de 1933, XIX centenário da morte de Cristo.

Termina aqui o ciclo destas mensagens, fortes alertas ao mundo. Só mais tarde compreendi seu plano de desenvolvimento, que antes não conhecia. **É** muito lógico e toca a fé, a política, a religião, o coração e a inteligência. Foram lançadas as bases de um grande movimento sem que eu nada percebesse. Estas mensagens fazem parte da Obra.

## *A GRANDE SÍNTESE*

Em 1932 principiei um novo livro: Intitula-se *A Grande Síntese* e foi classificado pelo Sr. Bozzano como "poderosa mensagem mediúnica (....), concebida rigorosamente de acordo com a ciência e as modernas concepções filosóficas, matemáticas e geométricas". **É** realmente um tratado, de aproximadamente 300 páginas, das quais cem já foram publicadas em italiano, na Revista *Ali del Pensiero;* e em espanhol, em Buenos Aires, na Revista *Constancia.* Está sendo preparada uma edição em português e em outras línguas.

Constitui esta obra não só a síntese de toda a ciência e conhecimentos humanos, como uma "Revelação" mais completa, cujo objetivo é assentar os alicerces de uma nova sociedade —

a Nova Civilização do Terceiro Milênio. A Entidade fala com profundo conhecimento de tudo e resolve harmonicamente, por um único princípio, todos os problemas existentes, desde a constituição da matéria até a formação da personalidade humana; desde a evolução dos sistemas siderais até a evolução das formas da vida e da alma humana; desde a origem da gravitação e derivação de todas as forças, até os problemas psicológicos, religiosos, sociais e econômicos.

Citarei pouquíssimos fatos. O Sr. Maurice Schaerer, o tão conhecido cientista e filósofo belga, disse em seu *Bulletin de: Recherches Métapsychiques del Belgique* (Bruxelas, outubro, 1933): *A* Grande *Síntese é* uma concepção monística naturalista, rigorosamente científica, cuja importância é muito grande"; e numa carta endereçada a mim, diz que a lê apaixonadamente. Brevemente ele publicará um estudo crítico de *A Grande Síntese* e da minha mediunidade, seu "Bulletin" e na revista *Pour la Vérité.* O Sr. Lhomme fará o mesmo em sua *Revue Spirite Belge,* de Liège.

As revistas espiritualistas italianas escreveram ultimamente sobre *A Grande Síntese,* e o novo livro de Trespioli sobre *Espiritismo Moderno* trata dela em minúcia. A *Síntese* será brevemente publicada em português, no Brasil, e está sendo publicada em espanhol, em Buenos Aires. A imprensa espiritualista do mundo está tomando conhecimento desta nova produção.

Não escrevo isto para fazer propaganda minha, que não me interessa, mas porque é meu dever divulgar "Sua Voz" e informar aos espiritualistas britânicos um fato muito importante no mundo espiritual e também no científico, religioso e social. Se qualquer editor inglês quiser interessar-se na publicação desta obra na Inglaterra, eu mesmo poderia traduzi-la, o que lhe traria bom proveito, pois disso jamais pedirei pagamento.

Não me posso deter aqui na descrição deste único fenômeno mediúnico. Direi apenas que não entro em transe e que sinto esse pensamento diferente, com uma espécie de novo sentido — dizem, uma espécie de sensibilização e recepção de ondas-pensamento, vindas do espaço. Recebo, em geral, somente à noite, mais ou menos de 21 horas às 2 da manhã, e depois, embora não dormindo, sinto que minha consciência normal é abandonada e sou arrastado por força desconhecida. Não a vejo nem toco, mas a sinto, assim como o pensamento está em minha mente, como sentindo no meu coração à semelhança de força e energia, através de todo o meu sistema nervoso. Sei que ela tem todas as características de uma personalidade humana.

Nesta estrutura mental, outro "eu" (another self) desperta em mim, para sentir esta Entidade, e compreendendo as coisas, não através da razão, mas da intuição. Ou seja, vejo a Verdade diretamente, e tenho a sensação da Verdade. Por outro lado, minha personalidade humana é hesitante, tímida e desalentada.

O estudo do fenômeno é outra parte de minha Obra. Escrevi um artigo sobre ele, para a revista *Zeitschrft fur Metapsychische Forschung,* de Berlim.

O novo fato, que surge no estudo deste tipo de mediunidade exclusivamente inspirativa e intelectual, é que pode ser utilizada como novo e poderoso meio de investigação científica, e que o novo método de intuição, usado por mim, pode conduzir a descobertas surpreendentes, que permaneceriam ocultas para sempre se só usássemos nossos atuais métodos científicos. **É** talvez esse estudo que se propõem fazer os Professores: Dr. Schroder, de Berlim; Richet, de Paris; e Schaerer, de Bruxelas. Tenho muita satisfação em dar toda e qualquer informação aos cientistas ingleses e de outros países, e me coloco à sua disposição.

Tudo isso nos leva a crer que este movimento está, realmente, ascendendo do nível dos fenômenos materiais ou testes a um plano espiritual mais alto em que a mediunidade possa significar descobertas, revelações de novas verdades para o progresso da humanidade, tanto no

campo moral como no científico.

Terminarei este artigo traçando o significado do desenvolvimento de "Sua Voz" no mundo. Em todas as coisas, temos de admitir que, embora eu, como médium, tudo desconheça de antemão, e simplesmente siga uma inspiração de momento a momento, desenvolveu-se, como uma construção na qual cada pedra está em seu lugar exato, um movimento mundial concreto de grande importância científica e social, durante os dois últimos anos, em que minha mediunidade está em ação.

Se eu não o compreendo é porque a causa deste efeito inteligente deve estar alhures, em outro mundo que não vemos, diferente do nosso. E esse movimento caminha por si só; nada sei sobre seu futuro; e devo confessar que, querendo ou não, duvidando ou não, esta força me arrasta e me arrastará aonde ela bem quiser. Tudo vem a seu tempo próprio e em seu lugar devido, independente de minha vontade e de minha compreensão, e o mais admirável é que todas as estradas estão abertas para o avanço de "Sua Voz". Não posso deixar de me perguntar aonde a conduzirá o mundo e a mim, se continuar assim.

Diz a Entidade, em *A Grande Síntese,* que esse tratado é uma nova revelação, que conduz à fundação da Nova Civilização do Terceiro Milênio. Se eu dissesse isso por mim mesmo, eu me consideraria louco. Mas as melhores revistas e os cientistas do mundo o dizem e os povos nisso acreditam.

Estes são os fatos. Em cada semana ocorrem novos acontecimentos. Nos últimos dois meses, o Brasil inteiro repentinamente se entusiasmou, e sabemos que lá, 40 por cento da população é espiritualista. Artigos vêm sendo publicados agora no maior jornal do Rio de Janeiro, o *Correio da Manhã,* onde dizem que "Sua Voz" está ligada ao Cristo, e que o Brasil é o país escolhido para a primeira divulgação da nova revelação ao mundo. Muitas são as revistas espiritualistas da América do Sul que o repetem. As mensagens são impressas aos milhares e distribuídas gratuitamente..

Tenho de admitir estes fatos e que o movimento, tanto quanto o posso compreender, é muito mais do que um simples fenômeno de mediunidade e significa mais do que qualquer conjunto de literatura mediúnica. Seu objetivo é salvar o mundo de sua atual crise moral, religiosa, social e econômica.

***PIETRO UBALDI***

# O FIM DA SÍNTESE CÓSMICA

## (A Grande Síntese)

Da Revista **Constancia** — Buenos Aires, ano LX, n$^{9}$ 2495, setembro de 1937.

No próximo número terminará a publicação desta monumental obra que, durante vários anos vem aguçando a mente dos estudiosos e espiritistas do mundo.

Obra de esforço gigantesco. O homem comum, e mesmo a generalidade dos espiritistas,

não pode chegar a compreender, entretanto, o tormento que representa uma recepção mediúnica dessa natureza, tão extensa, tão densa de pensamentos e conceitos novos. Mister se torna um constante e fatigante trabalho de contenção e de tensão ao mesmo tempo. De contenção, para impedir que forças materiais, demolidoras do ambiente, alterem o sistema neuro-receptor do médium, e de tensão, para manter sem desvio o fio através do qual desliza a corrente transmissora, de sutilíssima potência, dolorosamente incitante.

Obra monumental de revelação, de ensinamento insuspeito, profundamente científico e eminentemente moral — essencialmente moral — porque, do conteúdo de sua inesgotável sabedoria transluz a pureza de uma elevação que assombra, aguça e incita a alcançá-la, impele a ascender, obriga a superar-se emergindo da imperfeição humana.

Não há assunto que não seja tratado, nem tema que não seja elucidado, nem fenômeno que não mereça ser analisado desde sua origem e fase íntima, recôndita, até à evidência das conseqüências derivantes.

Certamente não iremos comentar o conteúdo científico dessa obra, por faltar-nos tempo e preparação — para isso seria mister um homem equivalente à grandeza e profundidade da mesma — mas temos que arriscar-nos a confessar que a quantidade de novos e estranhos conhecimentos que expõe e abarca, dificilmente será compreendida pelo nível mental atual dos homens, pois os problemas que encerra não se acham ainda ao alcance da compreensão geral, e nem mesmo da dos cientistas, que ficarão perplexos e desorientados, e portanto preferirão rechaçá-los como insustentável diante do que já constataram.

Isto, porque o saber humano se acha num estado crepuscular, por enquanto; todavia, isto não deve constituir motivo para retraimento e muito menos para recusa de tudo o que é novo, pois se algo de novo chega até nós — como é o caso desta Mensagem — é porque há princípios já evoluídos, que tornam aptos os seres para maiores e mais elevadas compressões.

Então, será apenas questão de tempo o compreender o que é novo na obra de Ubaldi; questão de longas horas de meditação, de dias ansiosos de espera, até que o substrato espiritual de nossa mente abra suas portas para as ressonâncias extraterrenas, e aqueles conhecimentos se identifiquem com nosso sentimento, e se encrostem em nosso entendimento.

Essa obra, portanto, é uma antecipação em nossa evolução, antecipação que prepara desde já uma modificação total do estado ainda materializado demais do saber humano.

Como espiritistas devemos sentir-nos enaltecidos pelo fato de que esses conhecimentos tenham chegado através de um dos fenômenos mais discutidos e mais combatidos da atualidade, porque ele dará, afinal, por ser incontestável, carta de cidadania ao processo espírita.

Chegue, portanto, nossa gratidão ao abnegado receptor que, "através de seu amor e de seu martírio" (como diz Sua Voz) tem sabido derramar, por antecipação, muitos benefícios e deu novo impulso ao saber humano, apressando sua ascensão.

Buenos Aires, 16 de Setembro de 1937

*(a)* *F. VILLA*

# NASCIMENTO DE A GRANDE SINTESE

Da revista **Ali dei Pensiero** - Milão
outubro e novembro de 1937.

Saíra o primeiro fascículo de *Ali del Pensiero,* há poucos dias apenas, quando — a 15 de agosto de 1932 — chegou-me uma carta de um senhor desconhecido, de uma pequena cidade da Umbria, o qual se declarava dotado de uma forma de mediunidade inspirativa, que começara a afirmar-se justamente naqueles meses, com algumas "mensagens" de conteúdo espiritual. Essas "mensagens tinham sido imediatamente apreciadas no exterior e publicadas em várias revistas estrangeiras, enquanto que na Itália eram quase desconhecidas, pela falta de um periódico que se interessasse por publicações dessa ordem. Mas, justamente naquele tempo — coincidência ou acaso? — nascera *Ali dei Pensiero,* que em seu programa incluía também a divulgação de trabalhos mediúnicos, e o Prof. Bozzano sugeriu ao desconhecido médium que se dirigisse a mim.

Foi assim que os invisíveis fios do "acaso" me puseram em contato com Pietro Ubaldi e assinalaram o início de uma colaboração, que sem dúvida trouxe frutos notáveis.

Li algumas das "mensagens" enviadas por Ubaldi e fiquei impressionado com o conteúdo profundo delas, e mais ainda com uma "nota" poderosa que — mesmo através das incertezas daqueles primeiros escritos — vibrava inconfundível e majestosa. Enquanto organizava alguns trechos daquelas "mensagens" para publicá-los, em data de 28 de outubro de 1932, Ubaldi me acenou, pela primeira vez, com um ditado mais importante, que se sentia impelido a escrever. Em sua carta, dizia-me textualmente: "Será um verdadeiro e grande tratado dos mais profundos problemas da ciência, da origem e evolução da matéria e da vida. Será um estudo do processo genético do cosmos, uma síntese completa do conhecimento, desde a matéria até as mais altas formas de consciência. Aí estará resumido o cognoscível humano e o que a humanidade possui mediante revelação, para que este edifício seja, no momento atual, de desenvolvimento científico, completado e organicamente fundido numa síntese completa. Aí estarão expostas várias teorias, como o dos movimentos vorticosos, da estequiogênese, do físio-dínamo-psiquismo, e outras, com técnica e estilo científico. Haverá um estudo sobre a quarta dimensão aplicada ao tempo e à consciência humana. Tratar-se-á de umas cem páginas, e haverá alguns esquemas para imprimir" (.....)

Nas palavras dessa carta remota, os leitores reconhecerão o resumo de uma parte da obra hoje terminada. Mas, naquela época, a proposta representou, para mim, uma grave preocupação. O programa era, sem dúvida atraente, mas quem o representava era uma pessoa desconhecida, de longe, com o qual eu apenas trocara algumas cartas. Da obra só estavam escritas, por enquanto, algumas páginas de introdução, nem o manuscrito estaria pronto tão cedo: porque Ubaldi, sendo professor de língua inglesa no Ginásio de Gúbio, não tinha nem tempo nem possibilidade de pôr-se nas condições especiais de ambiente e de espírito, requeridas por sua mediunidade especial, a não ser no período das férias de verão. E mesmo que o início fosse de fato promissor, teria Ubaldi a força e a capacidade, perduraria sua faculdade inspirativa, para levar a cabo um programa que se anunciava tão grandioso? (Aliás, esse programa, como o podem verificar os leitores, teve desenvolvimento muito mais amplos e imprevistos). Aceitar, nessas condições, entre tantas dúvidas, significava assumir uma grave responsabilidade diante

dos leitores de *Ali del Pensiero.*

E no entanto, aceitei.. . Assim nasceu A *Grande Síntese.* Aceitei, porque senti enraizar-se em mim, de modo inexplicável e providencial, a certeza de que a obra superaria todas as dificuldades e chegaria felizmente a termo, e que *Ali del Pensiero* tinha a tarefa de publicá-la.

Não é com indiferença que hoje recordo todas as ânsias e preocupações, as dificuldades de toda espécie, as incertezas, os esforços defrontados e superados, durante quase cinco anos de ininterrupta publicação, em série, de *A Grande Síntese.* As "cem páginas" previstas inicialmente, tornaram-se, ao caminhar, quatrocentas. O manuscrito, que deveria estar todo pronto no verão de 1933, ocupou, ao invés, três verões inteiros, e só foi terminado no outono de 1935. Durante esses anos, além disso, o próprio Ubaldi atravessou violentas crises espirituais, ligadas com o desenvolvimento intrínseco de sua sensibilidade pessoal, mística e inspirativa, que descontrolaram seu sistema psicológico com profundos desencorajamentos e desorientações. E mais, o estafante trabalho psíquico e físico — efeito e condição, ao mesmo tempo, daquele estado de ânimo necessário para a "audição" inspirativa — provocaram, várias vezes, nele, o terror de não poder mais resistir, com as conseqüentes e agudíssimas crises nervosas e o esgotamento físico, até o ponto de despertar sérios cuidados.

A correspondência bastante volumosa que troquei com Ubaldi, naqueles períodos atormentados, lança muita luz sobre a excepcional psicologia do homem, sobre as modalidades intrínsecas, através das quais ele pôde tornar-se instrumento para a produção de uma obra tão vasta, e sobre as "fontes" reais desta. Mas, talvez seja interessante que isto constitua o objeto de um exame especial, em próximo artigo.

Por estes breves relances, compreenderão os leitores o grande alívio que experimentei — e o próprio Ubaldi comigo — quando me chegou às mãos o último capítulo de *A Grande Síntese,* obra de tão admirável organicidade e complexidade e no entanto — pareceria impossível — composta com tantas interrupções, em condições de espírito e de tempo tão diferentes, e sem que seu "autor" soubesse com segurança qual seria o conteúdo de cada capítulo que iria escrever. Bastaria conhecer de perto a atmosfera particular em que nasceu essa obra, para convencer-se, ou ao menos para suscitar a dúvida, de que em redor dela houve algo de incomum, algo que verdadeiramente transcende os habituais métodos, concepções e obras humanas -

Hoje que terminou a publicação em série e que *A Grande Síntese* apareceu reunida num volume, e que *Ali dei Pensiero* lançou sob os auspícios do editor Hoepli, seja-me permitido agradecer a Ubaldi pela ingente prova que ele superou, tendo por único fim a esperança de fazer um trabalho útil aos ânimos sofredores de nosso tempo. Ainda hoje, Ubaldi pede para ser esquecido como "autor", para ficar na sombra, a fim de que só a idéia, só a obra, de que ele deu testemunho, atraiam a atenção dos leitores.

A palavra "Fim" apareceu sob a última frase da obra. Mas esta não "terminou". Terminou sua impressão, não a missão. A grande síntese que o livro quer realizar, só agora é que começa. A semente foi apenas lançada no sulco e brotará e se multiplicará. Abre-se agora a fase de elaboração, de difusão mesmo entre o público profano, de discussões. Muitos se preocuparão só com o "fenômeno", através do qual *A Grande Síntese* foi produzida. Outros deter-se-ão à letra da obra, e por-se-ão a caçar supostas falhas ou lacunas. Outros ainda descuidarão tudo isso e procurarão penetrar a essência mais escondida, na qual, unicamente, reside o valor real da obra.

Muitas partes dela, aliás, parecem dirigidas mais aos homens do futuro que aos de hoje. Mas as verdades profundas que lá estão elaboradas, esclarecidas, reveladas, não podem ter medidas de tempo. O caminho evolutivo traçado por elas está todo estendido para o futuro. Cabe

ao leitor saber segui-las até o ponto mais avançado possível.

O tempo, inexorável demolidor de obras superficiais, poupa de exaltar aquelas que têm verdadeiro valor substancial.

*(a) MARC'ANTONIO BRAGADIN*

# O FENÔMENO UBALDI

## (Examinado segundo a ciência do aparelho divino)

Da revista **Ali dei Pensiero** — Milão
dezembro de 1937.

A voz corrente é unânime e não podia deixar de sê-lo: as obras de Ubaldi são estupendas. E queremos acrescentar uma pedra à coroa de louvores oferecida pelo mundo a Ubaldi, dizendo que o valor real do fenômeno consiste no próprio Ubaldi, que soube elevar toda a sua vibração interna à realeza daquelas captações.

O fenômeno Ubaldi é — pelo que nos consta — uma das maiores conquistas, no fato de percepção hiperfísica, porque Ubaldi, mesmo não conhecendo a "ciência do além", conseguiu todavia libertar-se das encruzilhadas da passividade mediúnica e manter-se bastante desperto no oceano das noúres.

Estabelecendo um paralelo, embora banal, Ubaldi pode ser comparado a uma criança prodígio, que faz arte mesmo sem saber o que seja arte: Ubaldi conseguiu magnífica conquista no campo da ciência, mesmo sem conhecer a ciência do além.

A palavra "bastante", usada acima, não pareça irreverência contra esse estudioso, que despertou toda a nossa admiração. Com a palavra "bastante queremos, em nosso ponto de vista sublinhar as seguintes observações: no oceano das noúres, Ubaldi se abandona, ao passo que nós ousamos afirmar que, no oceano das noúres, é indispensável saber escolher o próprio roteiro. Ele se entrega, confiante, às correntes que sente serem benéficas, enquanto acrescentamos a advertência de que é mister, ao invés, saber avaliá-las bem, pesá-las, escolhê-las, antes de seguir essas correntes. Ele atingindo o inefável, sem dar-se conta de "como" o atinge, nele mergulha, dele "recebe" conceitos, ao passo que nos permitimos dizer que é necessário, às vezes, saber manter-se no inefável, saber mergulhar "à vontade" no ambiente pre-escolhido, saber discernir entre domínio e domínio de conceitos. Eis a diferença: não "receber", mas ir buscar. É isso: é necessário justamente saber ir ao inefável, com o propósito definido de colher aí ora esta flor, ora aquela, e de colher voluntariamente os arcanos que ele encerra para as idades vindouras.

Dissemos "é preciso", não só porque Ubaldi, no oceano das noúres, é um indefeso, mas também para ajudar o encaminhamento das faculdades de percepção do hiperfísico para o conhecimento da natureza, dos objetivos, do poder do próprio hiperfísico, e colocar muitos estudiosos em grau de não só perceber as noúres, mas também saber defender-se do acaso, ou valer-se delas, ou subjugá-las se não forem dignas.

Estamos verdadeiramente satisfeitos, de que nossos conhecimentos a respeito do aparelho divino possam oferecer aos estudiosos, quer a explicação do magnífico fenômeno Ubaldi, quer os conhecimentos necessários para superar a mediunidade passiva e chegar à conquista do hiperfísico em plena consciência.

A purificação que Ubaldi compreendeu ser indispensável, e que fortemente impõe a si mesmo, é sem dúvida fundamental para alcançar a percepção de escalas vibratórias mais sutis; mas como o organismo humano é bem mais importante em suas partes hiperfísicas do que nas físicas, já foi formulada completamente uma doutrina de treinamentos, para colocar o estudioso na possibilidade de fazer vibrar suas partes hiperfísicas em escalas cada vez mais puras, mais transubstanciadas, de modo que possam vibrar por afinidade, por harmonização, limpidamente, em sintonia com aquelas que o inefável cósmico emana continuamente.

A ciência da percepção do hiperfísico já está formulada, já lançou suas bases, e sobre elas ergueu uma primeira e esquemática formulação de leis.

Um dos campos que os estudiosos de biosofia se esforçam por iluminar, já foi plenamente aprofundado pelo que escrevemos e que estamos sempre prontos a esclarecer, com os conhecimentos relativos ao "aparelho divino". Damos, pois, à nova "ciência do além" a licença de exprimir-se.

O homem está unido ao cosmos todo, mediante um filtro, um verdadeiro "transformador" hiperfísico, que tem a função de captar primeiro, e depois transformar, as forças cósmicas em forças de alcance humano.

Esse transformador — o "aparelho divino" — está colocado ao alto da cabeça de todo homem, e é o produto de turbilhão de forças hiperfísicas individuais e de outras naturezas.

Como o descobrimos, isto dissemos alhures; mas, para evitar mal-entendido àqueles estudiosos que confundem o "aparelho divino" com os "Chacras" aos quais ele está ligado, aqui acrescentamos que a glândula pineal do cérebro — que muitas vezes é indicada como o órgão receptor das noúres, — é a contraparte física do Chacra que está colocado no alto da cabeça, e não a contraparte física do aparelho divino; o órgão receptor das noúres é pois o aparelho divino, e não a glândula pineal; esta tem uma função auxiliar, útil quando as forças já estão no corpo físico, mas não tem a função especial de "receber", pois esse trabalho é apenas hiperfísico, no aparelho divino, que é também hiperfísico.

O aparelho divino não tem — repetimo-lo — contraparte física: ele é um verdadeiro e próprio órgão todo hiperfísico, é um vórtice turbilhonante de matérias hiperfísicas, dúplice em sua função: como uma de suas partes transmite ao hiperfísico as emanações humanas, com a outra transmite ao organismo humano as emanações do hiperfísico. O turbilhonar destas forças, com efeito, produz dois vórtices, cuja energia cinética lhe agrega as matérias, produzindo a impressão de duas formas cônicas, com vértices opostos, compenetrados e coexistentes, fundidos, irradiantes.

Cada homem tem, no alto da cabeça, um Chacra (classificado em nossas obras com "N. I") e cada homem tem, ligado a ele, uma antena turbilhonante cônica, que se lança ao hiperfísico.

Em Ubaldi, esse "cone" deve ser, por certo, resplandecente e rutilante, dotado de maravilhosa potência de expansão. Mas nem todas as pessoas o tem assim: apenas os fatores evolutivos dão esse caráter ao aparelho divino. Quanto mais adiantada é a evolução humana, tanto mais permite ao cone aberto para o alto, o do aparelho divino, que funcione em todas as sucessivas dimensões, ainda ignoradas pela massa.

As forças que partem do Chacra, colocado ao alto da cabeça de Ubaldi, lançadas, sem

que ele o saiba, ao incógnito hiperfísico, produzem o "cone" aberto em direção ao alto, do seu divino aparelho, o seu "cone" pessoal. Sem dúvida, esse cone lança, para o desconhecimento, belíssimas e elevadas vibrações, de natureza nobre e de exímia finura. Mesmo não conhecendo os meios científicos para produzir conscientemente o fenômeno, Ubaldi sabe colocar esta parte de seu aparelho divino, ainda desconhecido a ele, em sintonia com escalas vibratórias que não têm atributos pessoais, porque não provêm de instrumentos pessoais; estas escalas vibratórias lhe chegam de um vórtice de forças hiperfísicas, quase sempre de natureza cósmica ou de natureza super-humana (mesmo que ele não as perceba como provenientes de Seres super-humanos).

No elemento superior do aparelho divino (o que se abre para baixo) de todos os homens, giram vorticosamente correntes hiperfísicas de natureza gloriosa; mas, como o outro elemento, o que se abre para o alto, não está, nem sabe colocar-se em sintonia com elas, o ser humano não as percebe. Em Ubaldi, ao invés, com a luz da "ciência do além", vemos um ser humano cujo elemento inferior do aparelho divino — o que se abre para o alto — está dotado da possibilidade de colocar-se em sintonia com as vibrações do elemento superior, que continuamente irradia emanações cósmicas.

As grandes inspirações chegam todas por esse caminho e assim sempre chegaram e sempre chegarão, mas os homens não conheceram, antes da "Dispensação, o órgão hiperfísico receptor e sua respectiva técnica; o apogeu que todas as escolas esotéricas atingiram foi a ciência dos Chacras, ao passo que a ciência do aparelho divino representa a sabedoria sucessiva, a "dose" seguinte do arcano revelado, oferecido pelas forças evolutivas ao mundo, a fim de que este penetre as ciências de amanhã: as ciências do hiperfísico.

Só conhecendo esta prodigiosa ciência do aparelho divino podemos responder à pergunta insolúvel sobre o que sejam as noúres que Ubaldi percebe. As noúres são as forças vorticosas que lhe provêm do elemento superior de seu aparelho divino, e lhe podem chegar porque ele, com o trabalho de purificação que se impôs, coloca, sem o saber, o próprio aparelho divino naqueles "planos", onde a vibração é impessoal, gloriosa, inefável. E aqui podemos dizer mais: a percepção de uma corrente hiperfísica pode ocorrer, quer seguindo-lhe a corrente, penetrando em seu centro, quer separando uma seção. Ambos os modos são possíveis com o uso consciente do aparelho divino, e no entanto, entre os dois, é preferível o primeiro, porque permite alcançar a fonte mergulhados na própria corrente. Isto dá ao experimentador uma colheita mais completa de conhecimentos, e asseveramos que, quando Ubaldi se acha naquela zona de conceitos, da qual descreve a poderosa vastidão, ele aí chegou — mesmo não conhecendo sua técnica — por meio da primeira destas possibilidades; quando ao contrário, seu coração mergulha, perdendo-se a si mesmo, nas sublimes bondades do Reino ilimitado de Deus, ele — mesmo não conhecendo sua técnica — valeu-se da segunda de suas possibilidades.

Exorbita do âmbito de um artigo dizer como seja possível atingir a conquista e o conhecimento das correntes hiperfísicas, e aliás isto seria apenas repetir o que dizem nossas obras; o importante é apenas apontar hoje aos estudiosos o caso de Ubaldi, como caso-tipo para ser tomado como modelo de uma libertação natural do jugo da mediunidade, por maturidade evolutiva conquistada, e prender a atenção dos estudiosos de biosofia, na ciência do aparelho divino, mediante a qual, além da libertação consciente da mediunidade, podem ser feitas tantas conquistas maravilhosas no campo do hiperfísico.

*(a) EMMA TEDESCHI e MÁRIO BRANDI*

# A GRANDE SINTESE - PREFÁCIO A PRIMEIRA EDIÇAO ITALIANA

**A Grande Síntese,** 1ª edição, Editor
Ulrico Hoepli - Milão, 1937.

*A Grande Síntese é* hoje oferecida ao público italiano reunida em volume, depois de haver aparecido em fascículos em *Ali del Pensiero,* revista de Biosofia, de Milão, e de ter suscitado vivo interesse, não só na Itália, mas de modo notável também no estrangeiro. Tanto assim que, desde o início, as revistas *Constancia* de Buenos Aires e *Reformador* do Rio de Janeiro empreenderam sua tradução e publicação, enquanto o *Correio da Manhã,* o mais importante diário do Brasil, divulgou grande parte numa seção especial. Agora estão para aparecer em volume, também, a edição espanhola em Buenos Aires e a portuguesa no Rio de Janeiro, enquanto se está fazendo a tradução para outras línguas.

Portanto, querer apresentar esta obra seria fora de propósito, uma vez que sua primeira edição é lançada — caso bem raro — depois de ela haver já percorrido muitas estradas pelo mundo, e de seu eco já se ter feito ouvir em todos os principais centros europeus e sul-americanos, ultrapassando, por sua própria força, fronteiras e oceanos. Além disso, a vastidão e profundidade dos conceitos abarcados em *A Grande Síntese* se tornam impossível de abordá-los em uma breve introdução, que só tem por objetivo a sintetização do conteúdo daquela obra.

Este livro quase não é filho de nosso tempo, não só por sua ousada e avançada concepção, como também porque não se dobra ao apressado e míope hábito hodierno, que julga as obras pelo estilo e pela forma, em vista da incapacidade de penetrar sua essência. Não é apenas uma síntese doutrinária de ciência humana, nem um simples sistema filosófico. Sua substância supera todas essas aparências, das quais emerge em todo o seu eterno esplendor, de suprema realidade vital.

Não é possível, pois, analisar esta obra com os métodos habituais da crítica douta, nem trazê-la para as tradicionais categorias do saber, já que ela transcende e completa os conhecimentos atuais. **É** uma vibração do pensamento, irradiado pelos superiores planos conceptuais: embora necessariamente constrangida nos limitados esquemas das palavras, é força viva, que opera no profundo da alma humana. **É** doutrina em seus elementos, é fé em seu conjunto.

Por isso, *A Grande Síntese* tem uma força própria que a fez e a fará caminhar por si mesma no mundo, espontaneamente. Força que transparece através de um estilo e de uma entonação desusados, que talvez poderão desconcertar o leitor novo. Que ele não pare, todavia. Penetre seu texto como construção conceptual racional e objetiva do todo. Depois, se quiser, poderá indagar a respeito do “fenômeno” e de sua gênese. Por que esta *Grande Síntese,* independente da substância que a anima e dos objetivos visados, é também o "fenômeno Síntese". Mas isto é uma questão à parte, colateral e de natureza muito diferente, independente,

— é bom repetir — do tratado considerado como objetivo e racional.

O "fenômeno" implica, ao invés, a transferência a pontos de vista supernormais, obriga a enfrentar problemas psicológicos que nossa ciência — confessemo-lo — não sabe resolver. Por isso, o próprio Ubaldi fez disso o objeto de um especial e separado exame, no volume As Noúres (edições Hoepli, 1937) ao qual enviamos o leitor que deseja, após tê-la lido, conhecer a técnica genética e formativa a que se deve *A Grande Síntese.*

Baste ainda observar aqui, que este livro se coloca na linha das grandes correntes mundiais, que operam em nosso tempo para a salvação dos valores espirituais da humanidade. E que ele assume o peso e a responsabilidade dessa luta — fato que é também um vaticínio — no momento em que o mundo oscila desorientado, entre o fim de uma civilização já decrépita e o nascimento de outra nova e maior.

A palavra, por vezes da ciência fria, é apenas o meio sensível, adaptado à psique raciocinante de nossa época, de uma realidade vibrante e viva, que opera e vence para o bem dos homens.

*MARC'ANTONIO BRAGADIN*

# A GRANDE SÍNTESE — PREFÁCIO À SEGUNDA EDIÇÃO ITALIANA

**A Grande Síntese**, 2ª edição italiana, Editor Ulrico Hoepli - Milão, 1939.

Não se trata de apresentar este volume, já agora conhecido no mundo, mas de resumir aquilo que poderíamos chamar sua história. Permanecemos, pois, no campo das comprovações objetivas, dos fatos, que não são uma opinião. Não se pode deixar de reconhecer a coisa concreta, que se toca com as mãos. As palavras proféticas, que acompanharam a publicação dos fascículos desta obra, desde seu princípio, verificaram-se totalmente, e isto ocorreu segundo um plano lógico e orgânico de desenvolvimento, que não foi preparado nem previsto pelo Autor. Por isso, tal como ele mesmo expressamente declarou (veja *Ascese Mística*, cap. XIII — segunda parte) jamais atribuiu a si — apesar das acusações de orgulho que lhe foram feitas — nada do que de bom possa ter conseguido fazer.

Hoje, no princípio de 1939, achamo-nos diante de uma obra completa de cerca de 1000 páginas (que precisamos ler integralmente para serem compreendidas), um ciclo de quatro momentos, uma tetralogia, ou seja:

1) *As Mensagens Espirituais,* conciso e vibrante apelo ao mundo, um clangor de trombeta, uma chamada à sabedoria.

2) *A Grande Síntese,* ou seja, a doutrina, o pensamento científico — objetivo e ao mesmo tempo filosófico — ético, para explicar a fenomenologia universal e para guiar a conduta individual e social. Este volume é o ponto mais alto da tetralogia.

3) *As Noúres,* introspecção reflexiva, escrito como comentário sobre *A Grande Síntese;* explicação da técnica intuitiva inspirativa, a que se deve a gênese dessa obra.

*4) Ascese Mística,* estudo da evolução dessa técnica e desse fenômeno até à fase mística. Estas duas últimas obras, de introspecção e autocrítica, de íntima e objetiva indagação psicológica, em que o Autor quis oferecer todos os elementos de julgamento para os numerosos pontos de vista, segundo os quais possa ser considerada sua obra. Com isto, todo o seu pensamento é claramente exposto, e ele julga fechado o atual ciclo de seu trabalho, que foi sintético e analítico, universal e individual, concepção abstrata e vivida, obra de pensamento e de amor, tudo sustentado e fundido numa finalidade de bem.

A primeira "Mensagem de Natal" nasceu no Natal de 1931. Este prefácio escrito no Natal de 1938 celebra o sétimo aniversário dessa data.

Hoje as Mensagens Espirituais estão na terceira edição italiana e já deram a volta ao mundo. Algumas atingiram meio milhão de exemplares.

*A Grande Síntese,* já teve uma edição em Buenos Aires e outra no Rio de Janeiro. Estão sendo preparadas as edições inglesa, francesa e indiana (Marathi). Na Itália estamos na segunda edição, pois em poucos meses esgotou-se a primeira.
*As Noúres* já estão sendo publicadas em fascículos em Buenos Aires, e está sendo preparado o mesmo ciclo de divulgação com a recentíssima *Ascese Mística.*

Estes são os fatos. "Raramente, no mundo — diz o primeiro prefácio das *Mensagens,* em 1935 — obtêm tão rápido e espontâneo êxito, até outras coisas fortemente queridas e habilmente preparadas. Neste caso, ao invés, um médium desconhecido, sem preparação, durante muito tempo hesitante a respeito da oportunidade de divulgar sua produção, sem meios e sem apoio, modestíssimo e fugindo da notoriedade, sem fim algum interesseiro, mas até constrangido a uma vida de martírio para exteriorizar seus invulgares dotes mediúnicos - viu sua produção> oferecida timidamente, fazer com rapidez a volta ao mundo, difundir-se em pouco tempo automaticamente como por força própria prodigiosa. Neste fato, muitos poderão descobrir uma prova.

Pode forçar-nos à meditação, também, o fato de que estes sete anos foram os mais dolorosos da vida do Autor, que foi esmagado por sofrimentos, por trabalho, por tempestades, por renúncias, por preocupações bem graves. Isto indica que o espírito muitas vezes sabe manifestar-se apesar disso, e até nas condições mais adversas; prova isto, que verdadeiramente a fé remove montanhas, ou seja, sozinha pode realizar muitas coisas, independentemente dos meios humanos, nos quais todos colocam sua confiança absoluta.

Não é possível analisar aqui esta obra e o fenômeno espiritual de que nasceu. De *A Grande Síntese* ocupou-se amplamente a imprensa italiana e estrangeira, mesmo nos países em cuja língua não foi traduzida ainda. Do fenômeno, o próprio autor fez a mais cabal análise, e o podia fazer melhor do que ninguém porque o vivera. Para esta análise remetemos o leitor aos dois volumes : *As Noúres* e *Ascese Mística.* Esse fenômeno, que temos de renunciar a definir aqui, é muito complexo e tão pluridimensional que não se pode facilmente enquadrar e enfeixar, como alguns o quiseram, em dada terminologia e em dada escola. Caminhou sozinho, individuado como todas as formas de vida, acima das artificiais distinções humanas. O próprio autor usou as palavras que achou no plano lingüístico atual. Infelizmente não existe um material de expressões virgens, que não tenham sido usadas e abusadas no passado. Mas esperamos que o leitor inteligente se detenha só no pensamento substancial, sem preocupar-se com a forma relativa que o reveste. Diga-se o mesmo para alguns termos filosóficos usados em *A Grande*

*Síntese,* que já induziram alguns, que mais se atêm à letra do que ao conceito, a observações que o tempo demonstrará terem valor relativo.

Entretanto, para fazer-se mais bem compreendido pelos filósofos e teólogos, que estão mais presos à forma, no seu desejo raramente expresso nas *Noúres* e ainda mais na *Ascese Mística,* de permanecer fiel à verdade da igreja católica, o Autor gostaria de retocar alguns termos e expressões que, nas psicologias que têm outra orientação, podem gerar confusão; gostaria, mesmo não modificando em nada o conceito, esclarecer mais extensamente algum ponto, expresso demais sinteticamente. Mas o Autor está sobrecarregado de demasiado trabalho, mesmo para executar esse, que ele julga um dever, ou seja, ganhar o pão de cada dia. Não dispõe de tempo, de paz e de energia de que alguns críticos parece poderem usufruir largamente. Na urgente pressão do tempo, ele não pode hoje tornar a mergulhar na profundidade dos complexos problemas tratados nestes volumes. Para isso, seria mister que Deus lhe concedesse menos pesadas condições de vida e lhe tornasse e dar as forças gastas com o trabalho excessivo.

A crítica de Fermi, em *Gerarchia,* em abril de 1938, assim conclui: "No caso Ubaldi, resta explicar um fato singular. Um homem que, após ter feito o curso de Direito com má vontade, após ter viajado para ver o mundo e aprender línguas, dedica-se a ensinar inglês num pequeno ginásio da província, e não se ocupa nem de estudos nem de leituras científicas — pois bem, esse homem, de improviso, toma a pena e escreve Mensagens impressionantes, que ele afirma lhe terem sido sugeridas por Seres Superiores. Passados dois anos, e sempre acusando a mesma proveniência, escreve um volume de 400 páginas — que foi por mim criticado — perfeitamente organizado e coerente, que, pode dizer-se, enfrenta todos os problemas mais delicados que dizem respeito à ciência e à vida, que se mostra informado (mas por caminhos extraordinários) dos últimos resultados, acha conexões inéditas e antecipa descobertas teóricas. Tudo isso, numa forma literária irrepreensível, lúcida e elegante; com um tom elevadíssimo, uma espiritualidade ardorosa e pura, uma humanidade palpitante.

"**É** claro que ele, com esta e outras publicações que se encontram no prelo, esclarecerá melhor seu pensamento religioso e dissipará dúvidas, ao exercer seu nobre apostolado, chamando seus contemporâneos a um gênero de vida mais racional e digno. Abstenho-me de entrar neste campo, para não ultrapassar os limites dentro dos quais se mantém *Gerarchia.* Doutro lado, não hesito em convidar os homens de pensamento e boa vontade, sobre os quais pesa a responsabilidade do bem público, a tomarem em muito séria consideração, ao menos teoricamente, as mensagens que há oito anos Pietro Ubaldi não se cansa de lançar ao velho e ao novo mundo, com um resultado imprevisto na América do Sul. Enquanto vai exercendo essa missão, não espera nem deseja nenhuma vantagem. Ao contrário, está pronto a sacrificar sua pessoa. Pois ele sabe que não é digno de trabalhar por uma grande causa, que não esteja pronto a suportar por ela — se necessário — até o martírio".

O próprio Fermi, torna a tocar no mesmo argumento em recentíssima crítica, a propósito do volume *Ascese Mística, em Gerarchia,* de fevereiro de 1939

"Em *A Grande Síntese,* que aqui foi comentada, confiando justamente no seu grande poder intuitivo, o autor traçou um quadro de filosofia científica e de antropologia ético-social, que deixa muito atrás experiências semelhantes do último século, — pela amplitude da contextura e pela particular novidade do método que utilizou na obra e no plano que seguiu: a intuição, como disse. Esta não veio ao mundo com ele, pois existe desde tempos imemoriais, entre artistas, sábios e videntes; mas jamais foi empregada com uma técnica tão rigorosa, clara e consciente. E ele a descreveu com análise precisa, objetiva, indubitavelmente científica, em outro

volume, *As Noúres"*.

Quem é iniciado na filosofia da história e atentamente observa os fatos que se desenrolam sob seus olhos, não duvida de que entramos num "período orgânico". Uma lei superior, cujo ritmo foi acelerado pela insipiência de quase todos os intelectuais, está concluindo seu período crítico. Este, útil e até necessário quando surgiu, acabou desencadeando-se loucamente sobre os bens mais preciosos que a humanidade recolhera, e entesoura com mil esforços e heroísmos.

Pois bem, a concepção biológica, e portanto orgânica, de Pietro Ubaldi, vem ao encontro da comprovada exigência do tempo em que ocorre. E mostra até à evidência as razões do comando e as razões da obediência, ambas subordinadas à visão das unidades parciais que se agrupam harmonicamente no caminho da Unidade definitiva, meta gloriosa de nossa viagem.
Os que verdadeiramente compreenderem essa verdade, estes, e não os outros, serão dignos de constituir as Aristocracias do amanhã. Ao lado dos autênticos Chefes, ao lado e quase invisíveis, mas seguros conselheiros, estarão os outros Nobres, para os quais foram ditadas obras do gênero de *Ascese Mística"*.

Fizeram críticas, com especial amplitude e autonomia de pensamento, a *Revista Internacional de Filosofia do Direito,* de Roma, julho-outubro de 1938, a revista *Light,* de Londres; a *Settimana Cattolica,* de Adria; a *Ricerca Psichica,* de Milão; *Libro e Moschetto,* de Milão; *The Observer,* de Filadélfia (U. S. A.); *Problemi Mediterranei,* de Palermo; *Ali del Pensiero,* de Milão; *Religio,* de Roma; *IL Resto dei Carlino,* de Bolonha; *La Chimica,* de Roma; *L'Ala d'Italia,* de Roma; *Lliustrowanego Kuryera Codziennego,* de Cracóvia; *IL Loto,* de Florença; *O Reformador, do* Rio de Janeiro; *Constancia,* de Buenos Aires; *La Revue Spirite,* de Paris. O volume do Ministro Plenipotenciário D'Alia, *Máximas de arte e de Ciência Política,* cita *A Grande Síntese* quase cem vezes; o volume *Espiritismo* Moderno, de Trespioli, comenta aquela obra amplamente. E enquanto estamos em curso de impressão, essas mesmas revistas tornam a tratar do assunto, a propósito do último volume *Ascese Mística.*

Não é possível aqui citar a série de mais de cem jornais e revistas que, nos dois hemisférios, fizeram a crítica ou falaram de *A Grande Síntese,* como também de *As Noúres,* nem publicar as apreciações feitas em cartas ou a viva voz, por pessoas particulares, sobre estes volumes. O fato é que *A Grande Síntese* despertou interesse nos campos mais disparatados (vejam-se as revistas supracitadas), obtendo de todos os lados um apoio unânime. Algumas raras exceções secundárias, devidas a incompreensões mais tarde corrigidas, confirmam a regra. Tantos espíritos já se agruparam em redor deste autor, que o vaticínio da afirmação já se pode considerar cumprido. Poder-se-á discutir algum termo, algum pormenor, poder-se-á levantar a acusação de alguma inexatidão, mas já não se pode mais duvidar do conjunto, da profundidade da visão universal, de sua organicidade que corresponde à realidade do fenômeno, da sinceridade das intuições, da força da paixão, da bondade dos fins. Se, para os ânimos fechados na própria moldura psicológica, é falso tudo o que estiver fora dela, para os ânimos honestos e abertos há em tudo isso algo que comove a consciência e induz a refletir seriamente; há num quadro organizado e universal, a solução de muitos problemas até agora insolúveis; há uma aderência evidente à realidade dos fenômenos, mesmo que alguma filosofia particular possa por vezes negá-lo. E no confronto entre a voz divina da natureza e a voz humana da filosofia, temos de acreditar que a primeira seja a mais verdadeira. É esta voz divina que o Autor não poderá corrigir, porque é uma só, e cada vez que procurasse sondá-la, só poderia ouvi-la idêntica a si mesma, mais clara e mais forte.

A todos aqueles que quiserem reduzir exclusivamente a um plano racional este volume, — que é sobretudo um ato de fé, e de fé cristã, tendente à exaltação do espírito através do sacrifício — recordamos que sempre foi mais fácil discutir uma doutrina, do que decidir-se a sacrificar-se pelo bem. A discussão não é sofrimento nem exemplo e pode ser vontade de afirmar uma bandeira em que nos colocamos a nós mesmos. Hoje o mundo necessita de doação e amor, não de sabedoria filosófica; necessita do Evangelho de Cristo. Os caminhos são diversos: felizes os que já acharam as estradas dirigidas pela fé. Mas para os raciocinadores, atacados pela doença analítica do século, era necessário usar a linguagem científica, para atingi-los, pois eles também são filhos de Deus; era indispensável dar à ciência o exemplo da síntese, nobilitando-a mediante sua elevação a finalidades éticas, e ao mesmo tempo oferecer à fé a contribuição da ciência, para aprofundar e resolver problemas aonde a religião ainda não penetra; era necessário, para arrancar as almas do materialismo — que é a grande ameaça do século porque renega o espírito, base da civilização — falar uma linguagem diferente da teológica, que já agora as mentes não mais estão habituadas a compreender. Poderá a Igreja condenar uma obra assim toda voltada para um fim de bem, aderindo tanto ao espírito do Evangelho, desenvolvida tão sinceramente e com tanta paixão, fruto, enfim, de tanto sacrifício, mesmo sendo esta obra modelada pelas diversas vias psicológicas requeridas pela hora e por alguns espíritos? Poderá a Igreja fazer isso, sem negar-se a si mesma e sem agravar a crise de tantas consciências honestamente necessitadas de conhecer algo mais? Talvez alguns esperem, justamente, que a Igreja a condene, para fazer desta obra uma bandeira de rebelião. Não é isto que o Autor deseja. Ao invés, devemos perguntar: que prejuízo ou que imenso bem, adviria à sociedade, se fossem aplicadas as conclusões deste escrito? E qual a culpa, de ter dado a elas uma base racional e científica, de tal forma que se tornem obrigatórias mesmo aos incapazes de fé, ao menos para que dêem o primeiro passo que os arrancará do materialismo? Pergunto: se os fatos não estivessem de acordo com a filosofia e a teologia, como se faria para modificar a voz dos fenômenos, a fim de conciliá-los à força com as construções do intelecto humano? Num simples prefácio, não é possível ir além destas razões mais rudimentares. Mas que nos sirva de esclarecimento o caminho percorrido pelo autor, que rapidamente superou a estrada da razão, seguida por necessidade e quase a contragosto; e tomou imediatamente — não por merecimento seu, mas guiado por Deus — as estradas profícuas da dor (veja *Ascese Mística),* demonstrando com os fatos que, após haver estudado e compreendido, é preciso pôr-se a caminho, porque certas verdades só são plenamente alcançadas com o sacrifício, e não com o raciocínio. E na verdade, muitas vezes a discussão é orgulho. Cristo não discutiu, mas carregou a cruz e amou.

Este é o espírito da presente obra, esta sua substância, que quer ser a substância do Evangelho, que é fé, mais do que sabedoria erudita; paixão, mais do que demonstração racional; ato de amor, mais do que ato de inteligência. **É** impossível que o leitor dotado de sensibilidade não descubra, por trás do esforço da redução da verdade ao plano racional como o requer a psicologia do homem atual, quanto existe desse espírito de amor e de fé nesta obra e que é esta, justamente, a vibração que a anima e a sustenta totalmente. Quem quer que o enfrente com critérios puramente teológicos e escolásticos, demonstrará que não sente o espírito do Evangelho, que está bem longe de tudo isso. Não nos detenhamos na letra, mas subamos ao espírito. A hora é por demais grave, para nos demorarmos em eruditas discussões. *A Grande Síntese* evitou qualquer referência a teorias filosóficas humanas e não citou o pensamento de quem quer que seja, para não agredir, para não entrar em discussão, para não demolir ninguém, reservando para si apenas a tarefa de criar, dando o exemplo de paz. Quer manifestar apenas harmonia, que é a lei

dos planos mais elevados em que ela se movimenta. Por isso, limita-se a expor, como que narrando, o estado dos fatos: voz sincera, natural, simples, evidente. Repetimo-lo: a descida ao plano racional e demonstrativo foi uma necessidade triste, mas indispensável. A igreja que é feita de fé, ter-se-á a tal ponto afastado da luz, reduzindo-se à função raciocinante, que não tenha mais o espírito do Evangelho? Se assim fora, seria terrível. Quando não se conhece mais o timbre da voz de Cristo, é mister recomeçar tudo. A autorização solene do "Tu es Petrus" não é incondicional, mas implica a manutenção constante do espírito, da chama acesa do Evangelho. O autor não condena, nem jamais condenará; mas se tudo isso acontecer, chorará amargamente. E infelizmente, não vai chorar sozinho.

Na hora atual, que os videntes sabem ser terrivelmente intensa, ele quis olhar para Cristo com maior intensidade, o que não acontece hoje em dia, entre cristãos e não cristãos. Cansado de todas as lutas no plano humano, transferiu para outro campo sua vida e seu esforço, e mostrou esse outro mundo tão distante daqui. Entretanto, soube resistir à tentação de voltar-lhe as costas, renunciando o repouso de seu sonho no paraíso, e retornou a imergir-se na dor do mundo. Agora, os críticos analisarão; a cega psicologia racional procurará compreender sua visão com os meios do tato. Trabalho lento. O Autor, entretanto, pode morrer tranqüilamente. Pois isto é derrota só para os que têm objetivos humanos.

De seu lado, a ciência julgou ver em *A Grande Síntese* certo desprezo, por ela e por seus métodos, e ausência de novas revelações com relação às soluções de problemas técnicos particulares. Ora, o objetivo desta obra é totalmente diferente: é objetivo de síntese, de unificação, de orientação; o escopo é a elevação moral, que sobrepuja qualquer finalidade utilitária, e até mesmo prescinde dela. E o desprezo, digamo-lo melhor, a reprovação, não é da ciência, mas só de sua forma materialista, agnóstica, amoral, que ela assumiu, demolidora do espírito. Esta condenação está unida a um grande respeito, admiração e até veneração, por quem tenaz e sinceramente trabalha em seus setores para chegar à visão das leis da natureza, nas quais fala o pensamento de Deus. A ciência não é combatida, mas apenas o materialismo, sua premissa dogmática. Isto se dá com a finalidade de elevá-la a mais altos planos, para profundos campos de compreensão. O mal-entendido é fundamental. Achamo-nos sempre diante do intelectual e do utilitário, que procura uma idéia ou vantagem a mais, e nunca pensa em colocar-se na estrada cansativa que pratica o bem.

A quem pense que poderia delimitar, no campo biosófico ou em outro semelhante, esta obra, só pelo fato de que aí surgiu, verá que era indispensável que ela, que exorbita das divisões comuns do pensamento, daí emigrasse para levar fruto a campos mais vastos, e que necessariamente teria que desembocar nas vastidões dos horizontes morais e filosóficos próprios do Cristianismo, o qual, mesmo para quem ignora seu lado divino, constitui sempre um colosso de pensamento bimilenário e a base da civilização européia.

Outros, ao invés, sentados em outros compartimentos do pensamento e da imprensa (ah! parece que todos estão irremediavelmente divididos!) se escandalizarão de um espírito realmente cristão ter atravessado certos campos mais ou menos proibidos; a estes dizemos que a verdade não é monopólio de classe, e que o sol resplandece para todos e sobre todos, e que as obras de fé e de bem são necessárias e obrigatórias em qualquer parte e sob qualquer forma.

A quem se admirar do "novo", lembremos que nesta obra há o esforço de fixar um pensamento, confiado apenas como depósito, à geração presente, mas destinado a outras mais evoluídas e civilizadas; recordemos que esta obra é uma antecipação de uma corrente de pensamento, que aliás já se vem delineando, e bem o demonstra a divulgação que o livro

encontrou em todos os campos. De acordo com ele acharam-se médicos e economistas, filósofos e psiquiatras, sociólogos e espiritualistas, homens de ciência e homens de fé. Todos sentiram que é a voz da nova hora. Algumas ousadias nas soluções não devem surpreender: a hipótese mística de hoje é, com freqüência, a tese científica de amanhã. O conhecimento tem limites que são continuamente ultrapassados; a verdade é um contínuo desenvolvimento. A própria Igreja não utilizou largamente os filósofos gregos, e o paganismo não pode ser considerado uma propedêutica sua? Não soube tornar seu o que de melhor a intuição do gênio foi arrebatando aos poucos, só mediante seu sofrimento, ao mistério do infinito?

A palavra "revelação" não deve surpreender assim como as referências a ela, especialmente no volume *As Noúres*. O mártir São Justino e o próprio Clemente Alexandrino não afirmaram que a primitiva revelação jamais cessou, ainda que aqui ou ali tenha sido abalada ou diminuída?

Nem surpreender devem certas palavras de *A Grande Síntese*, como "monismo", desde que elas são aí usadas em sentido próprio, e não no sentido materialista, como outros o fizeram no passado. Há tanta coisa que se herda do passado! Não era possível fazer aqui um dicionário novo. É por demais evidente a crença firme do autor no dogma de que a conservação do universo é uma contínua criação **É** um ato conservativo-criativo, continuamente novo e sempre presente, tem que conferir, forçosamente, e confere, às coisas, um grau mais elevado e profundo de ser, uma aproximação mais imediata e atual da idéia de Deus, uma presença Dele mais viva, mais real e contínua. Portanto, só os espíritos superficiais, que se apegam à letra, poderão fazer acusações de materialismo. Ao contrário, nesta obra, o conceito de Deus — Agente sempre ativo, realmente presente a todos os momentos em todos os lugares, como Alma de Sua criação — é algo de verdadeiramente digno e imenso. E os fenômenos falam, de fato, neste sentido, ou seja, de um espírito ou pensamento que os anima de dentro deles mesmos, e não de um Deus que obra em determinado momento e depois abandona a criação a si mesma. Só assim poderemos compreender um Deus onipresente no espaço e no tempo. Sabe-se que Deus é um infinito, e que a idéia que Dele podemos fazer, continuamente se dilata, progredindo de acordo com o progresso de nossas capacidades espirituais. Por que será que certos espíritos têm tanto medo que a idéia de Deus se agigante em formas cada vez mais vastas e dignas? Por que se rebelam contra as concepções que superam seu limite conceptual? Por que temem que Deus se aproxime, numa presença cada vez mais imediata e atual? Será tão frágil a posição das verdades reconhecidas, que teme qualquer sussurro? Ou estamos tão pouco convencidos, que só sabemos confiar no apoio do número, base da supremacia material?

Quanto à fácil e superficial acusação de panteísmo (seria mais exato dizer, em nosso caso, panateísmo) pode responder-se com as palavras de São Paulo: "Nele mesmo (Deus) nós vivemos, nos movemos e existimos"; (atos dos apóstolos, discurso no Areópago); ou de santo Agostinho: "Deus é superior ao mais alto, e é interior ao mais íntimo"; ou do Venerável Cardeal Cusano: "Que é o mundo, senão uma invisível aparição de Deus, e quem é Deus, senão a invisibilidade das coisas visíveis?"; ou com as palavras dos místicos cristãos, que dizem que "Deus é a nossa superessência"?

O caminho é uma posição média de equilíbrio. **É** unilateralidade isolar-se na atitude exclusiva da transcendência, tanto quanto na da imanência; é necessário, portanto, juntar os dois princípios, ambos indispensáveis porque complementares: o absoluto do conceito e o relativo da aspiração. Só esta harmonia pode permitir o reequilíbrio dos dois extremos, que são dois perigos: a descrença religiosa e a fé cega.

Neste ponto delicado, temos de penetrar em todo o pensamento do autor, que, verdadeiramente inspirado por Deus, procura reerguer a fé, mesmo contra aqueles que a queiram destruir. Se à razão foi dado este tratado, foi apenas por necessidade imposta pela psicologia corrente. Mas o autor esforçou-se em fugir dela e, no próprio tratado, anseia a todo momento atingir outros planos bem diferentes. Como no Evangelho, ele se coloca contra a doutrina que mata a verdade, para torná-la racional. Hoje que está terminada sua última obra, a *Ascese Mística*, transparece a evidência disso. Escreve M. Zbdiechowski, a propósito de Mickiwicz: "A verdade deve ser procurada com toda a alma e só é achada a troco de esforços e dores, elevando-se além do mundo das aparências. Toda verdade é filha da dor. Mas, uma vez atingida a verdade, surge de imediato a doutrina que diz não mais ser necessário nenhum trabalho, que tudo está em nossas mãos, que a humanidade só precisa abrir um manual. Ao invés, o elemento fundamental nas ascensões do espírito é o próprio esforço, justamente o que se quer evitar. O esforço moral é o único itinerário da alma para Deus. Temos de reconhecer a superioridade do espírito sobre o pensamento, da intuição sobre a lógica, da fé sobre a razão. Só penetrando em si mesmo pode o homem aproximar-se daquele ponto pelo qual se comunica com Deus". "Muito sofri, procurando-Te fora de mim, e Tu habitas em mim". (Santo Agostinho).

Concluindo. *A Grande* Síntese propõe duas coisas: unificar os ânimos, concordando a ciência com a fé; elevando a primeira ao anseio filosófico sintético e à finalidade ética da segunda. Oferecendo à fé, contra os negadores, a sólida contribuição da ciência, assimilada em contato com os fenômenos que, sem dúvida, exprimem o pensamento de Deus, obtendo assim uma explicação mais cabal dos "porquês" que existem em todas as consciências (quando a ciência e a fé falarem a mesma linguagem, cairão por terra muitas discórdias vãs e incômodas). Finalmente, reavivar a. fé, recordando à teologia suas originárias formas intuitivas.

Justamente é essa intuição, a que tanto volta o autor, que achamos origens do Cristianismo. Em *Ascese Mística especialmente*, mas também em muitos outros pontos, ele mostra preferir — sempre que o permita o trabalho racional executado — as vias do coração às da razão, e o esforço imposto pela dor. Por isso, *A Gran*de *Síntese* não aspira a ser um tratado doutrinário, isolado num campo de discussões áridas, que se fecha e esgota em si mesmo, mas pretende ser férvida semente de maturações do espírito, uma idéia acesa a progredir, uma propedêutica à ação e à vida. **É** fácil condenar um homem, mas nele se condena um princípio, uma orientação vital hoje necessária, deixando-se insolúvel o problema do espírito que predomina a todos, iminente e amedrontador, na hora atual, que é uma encruzilhada crucial na história. **É** fácil condenar um homem. E se uma Autoridade obrigasse o autor a calar-se, ele talvez — se por um só momento pudesse esquecer sua missão, lembrando-se apenas de sua maior necessidade, que é o repouso — poderia ter neste fato um motivo de desculpa diante de Deus, para desertar do campo, no momento de maior cansaço. E na verdade, o egoísmo não pediria nada melhor. Mas se o não quisesse, forçado pelo dever da obediência, poderia achar paz, talvez, em sua consciência; mas poderia achá-la do mesmo modo aquele que fosse a causa e que, portanto deveria assumir diante de Deus a terrível responsabilidade?

Este é o significado mais profundo, que eu quis extrair desta *A Grande Síntese*, que já agora está lançada e seguirá por impulso próprio, como força viva em ação. Estes aspectos mais profundos só podem ser confiados à intuição do leitor. Trata-se de madureza, de contatos de alma, de choques interiores, nas grandes vias que conduzem a Deus e que só podem ser seguidas através do supremo esforço e do próprio martírio.

***PIETRO UBALDI***

# A GRANDE SÍNTESE — PREFÁCIO A QUARTA EDIÇÃO ITALIANA

**A Grande Síntese**, 4ª edição italiana, Editor Ergo - Roma, 1951.

*A Grande Síntese*, publicada pela primeira vez em série numa revista, de janeiro de 1933 a setembro de 1937, teve sua primeira edição Hoepli, em 1937; depois também a segunda Hoepli, em 1939: e a terceira edição Ergo-Roma, em 1948. Agora apresenta-se na quarta edição italiana, pela mesma editora Ergo.

Estas duas últimas edições não apresentam prefácio, a fim de não perturbar, com comentários humanos, a atmosfera do texto. Por isso, este prefácio à quarta edição, é publicado com os demais neste volume: *Comentários.*

Entre a primeira e as últimas duas edições muitas coisas aconteceram. Primeiro: a condenação ao índex. O autor falou disso no capítulo XVIII, "Condenado", em *História de um Homem*, e voltará a falar no fim deste volume, resumindo objetivamente toda a questão. Depois veio a guerra mundial. Parece que a história quis sublinhar o supremo apelo das "Mensagens Espirituais", e quis preparar, com a dor e a destruição, renovando coisas e espíritos, uma compreensão e uma divulgação maiores para *A Grande Síntese.*

Em todas estas suas edições, o texto do volume permaneceu intacto. Como foi possível que o autor, tão respeitoso em relação a qualquer autoridade, não só não tivesse corrigido os erros teológicos que lhe foram imputados, mas ainda tornasse a publicar o texto sem modificações? Essa questão será tratada na terceira parte, no capítulo: "condenação ao índex". Aqui falamos disso para esclarecer melhor. Além dessa condenação, ocorreu também outro fato novo, entre as duas primeiras e as duas últimas edições. O autor esclareceu e precisou melhor o pensamento que ele registrara somente em grandes linhas na Síntese. Isso o fez em volumes posteriores, onde pôde aprofundar a questão, porque não lhe fora possível num quadro sintético unitário. Julga, assim, ter feito tudo o que podia para esclarecer o mal-entendido, e de ter, com isso, realizado tudo quanto lhe permitiam sua consciência e seus deveres diante de Deus. A Autoridade que condenou talvez leve em conta esta tentativa, que não sabemos se alcançou seu objetivo, mas que indubitavelmente é um sinal de boa vontade de obedecer sem violar deveres maiores de consciência.

Mas houve outros fatos. Os tempos se tomam tão graves e a solução dos grandes problemas do ser revela-se tão urgente, os ânimos têm tal necessidade de soluções definitivas e de orientação racional diante dos últimos "porquês", sob o flagelo da dor que acossa, que não é mais possível repousar tranqüilamente no leito das tradicionais concepções da verdade. Elas não bastam mais à mente moderna. Os velhos edifícios do pensamento humano são inadequados

diante das vertiginosas maturações novas. E a vida acelera seus tempos com tal pressa de concluir a atual hora apocalíptica, que as acusações de doutrina heterodoxa passam para segunda linha, diante de tais necessidades. Assim, *A Grande Síntese*, que a elas satisfaz, embora não perfeitamente ortodoxa, não pode ser impedida de realizar a função para que nasceu, como supremo apelo aos homens para que voltem a seu juízo, na orla da destruição universal. Quando a casa está ardendo, qualquer pessoa que o possa, tem o dever de tentar apagar o incêndio, mesmo que não o saiba fazer com as regras da arte, e isto é o que parece heterodoxia. Como calar, quando pode ser culpa ficar calado? Muitos estão de acordo em dizer que este livro faz bem, orienta na dor, volta a dar esperança e fé, e com isso traz a muitos a coragem de viver. Como recusar-se a isso?

Novas e imensas destruições parecem inevitáveis para o mundo, porque o homem só pode compreender por experiência própria. Esta, para cada um como para os povos, tem que ser pessoal. **É** pois inevitável e necessário o cataclismo mundial. Ora, se este livro não o pode evitar, ao menos ajudará a compreendê-lo, de modo que, ao sair dele, o homem, aterrorizado por aquilo que fez, já encontrará escrito um novo modo de viver e as bases da demonstração lógica da utilidade dele, que só então — e não hoje — poderá ser compreendida. O homem só poderá deixar de acreditar nas miragens que agora o iludem, de felicidade egoísta e materialista, se quebrar a cabeça com elas. Urge, portanto, preparar desde hoje, para o mundo, o pão do Evangelho, não um pão convencional, mas vivo pela evidência da demonstração, alimento adaptado à nova forma mental moderna. A doutrina de Cristo deve penetrar na vida de forma universal, e, após a destruição de tantos valores materiais, só ela poderá salvar-nos, com a chegada dos valores espirituais. O homem precisa do alimento eterno, da verdade que não muda no tempo e no espaço, que não muda como partido ou nação que vence, que existe, não em função, mas além dos interesses humanos. A hora que urge não nos permite negar uma contribuição de salvação, para ficar olhando sutilezas, que não escandalizam ninguém, porque poucos as compreendem. Há outra imprensa bem diferente, de uma baixeza bem acessível, e que triunfa sempre.

Quando a besta, hoje dominando o mundo, tiver assassinado tudo, que vida lhe poderá restar, se não souber caminhar sofrendo, mas arrependida — pela estrada da redenção que Cristo lhe mostrou de sua Cruz? Que fará o homem, quando se achar diante da catástrofe que ele quis e realizou, se não estivermos em condições de fazê-lo compreender, com a sua linguagem moderna, a subversão evangélica, isto é, que o triunfador não é quem vence na Terra — pois assim cada vez mais se encadeia a este inferno — mas é o que se liberta, superando esta fase biológica numa vida mais alta? **É** evidente que bem cedo não sobrará para o homem outra grandeza senão a de Cristo pregado na Cruz, que é a dor que redime. Sabemos que hoje, como ocorreu para os próprios apóstolos, a cruz significa escândalo e vergonha, que a dor que redime é julgada derrota. No entanto, que fará o homem após o desastre, se não souber ressurgir na loucura da cruz, aprendendo com a dura realidade, que a única salvação consiste na ascensão através da dor? O homem atual não compreendeu nada de Cristo. Ou compreende e O segue, ou será seu fim. Hoje, no dealbar do Terceiro Milênio, a história prega a humanidade toda sobre a cruz de Cristo, de acordo com o exemplo que Ele deu. Estamos na noite profunda, justamente porque a aurora está próxima, a aurora da manhã de ressurreição. Repete-se para o mundo, em milênios, o mesmo ritmo da vida, antecipado e concentrado em três dias por Cristo, o qual, depois da segunda noite no sepulcro, ressuscitou na alvorada do terceiro dia. E a humanidade, em dores, deve ressurgir, como Ele, no seu terceiro dia, que, para ela, é o Terceiro Milênio.

Tudo hoje está arrastado pelo impulso da hora que amadurece. Este volume, com toda a obra que o acompanha, a está acompanhando. Por que julgar? Não se podem tirar as conclusões do que seja, enquanto tudo não se tiver realizado, enquanto não tiver terminado a vida do autor e a história não tiver falado, para confirmar. No entanto, um fato pode tornar-nos perplexos. Este livro é divulgado como por força própria no mundo. Quem lhe dá essa força? E se esta viesse do Alto, exprimindo a vontade de Deus? Quem então quererá assumir a responsabilidade moral para detê-la? O autor não se sente com força bastante. Pode perfeitamente surgir a dúvida de que se queira obstaculizar uma obra de Deus. Na incerteza é ao menos prudente deixar as coisas tomarem o curso que elas parecem querer. Quem pode conhecer os desígnios de Deus? Entreguemo-nos à Sua vontade, para segui-la sempre, seja hoje ela se manifestando nesta ou amanhã, em direção evidentemente oposta. Deus não tem boca, mas fala; não tem mãos, mas trabalha; não lhe faltam meios de fazer-se compreender, quanto ao que Ele quer de nós.

Permanece assim esta *Grande Síntese* como a pedra fundamental de toda a obra de 12 volumes, e como expressão mais imediata da fonte inspiradora. Todos os outros volumes a confirmam O edifício, paulatinamente, se levanta como se obedecendo a um plano pré-estabelecido, que o autor antes ignorava, para culminar nos céus, até Cristo, vértice da pirâmide. Embora não ainda ultimada a obra, todo o seu plano já está hoje traçado, num sistema unitário que se ergue como um bloco em trilogias sobrepostas, num edifício harmônico, em que o autor sobe com o mundo, seguindo o mesmo processo da catarse biológica, que quer levar todos, com o novo milênio, ao limiar da nova Civilização do Espírito.

Para o leitor a quem tudo isto possa parecer orgulho, o autor conclui: "Ajuda-me a desprezar-me, peço-lhe, porque não desprezo nenhum ser, na Terra, tanto quanto a mim mesmo. Isto, não por humildade, mas pela própria lógica de todo o sistema, porque é coisa natural para quem o compreendeu, porque esta é minha convicção diante de Deus. Mas que o leitor saiba, também, que por trás de mim está Cristo, o qual é extremamente sábio e poderoso, embora eu, pobre instrumento,. seja extremamente ignorante, fraco e falaz; está Cristo, mesmo se eu, que por irresistível paixão, tenho a presunção de querer imitá-lo, não o consiga de modo algum. Procure, então, esse leitor, andando mais além do que este pobre instrumento, alcançar Aquele que fala realmente, nesta *Grande Síntese;* procure raciocinar com Ele, e não comigo, sem dar a mim valor maior do que o que pode merecer um pobre amanuense.

***PIETRO UBALDI***

# A GRANDE SÍNTESE - PREFÁCIO A PRIMEIRA EDIÇÃO ESPANHOLA

**A Grande Síntese,** 1ª edição espanhola, Editora Constancia - Buenos Aires, 1937.

Ao apresentar aos leitores de língua espanhola uma tradução, em volume, da obra

*Síntesis Cósmica,* do Professor Pietro Ubaldi, a Editorial *Constancia* está convencida de cumprir um dever moral para com todos os que se interessam pela explicação do grande problema da Vida e do conhecimento.

Seus capítulos, densos de profunda filosofia, já foram apreciados em todo o seu valor pelos numerosos leitores da revista *Constancia,* órgão oficial da Editorial Constancia, veterana da imprensa de caráter espiritualista da República Argentina, em cujas páginas foi publicada em série, num período longo de semanas e meses. O interesse que esta obra transcendental do ilustre pensador italiano despertou, quer nesta parte do continente americano, quer nos países europeus, foi enorme. Hoje o nome de Ubaldi é tão amplamente conhecido nos ambientes intelectuais, científicos e espiritualistas, que seria supérflua uma apresentação de sua personalidade, particularmente para os povos de língua espanhola, que já puderam apreciar a profundidade de seu pensamento, a elevação de seus conceitos e a originalidade de sua inspiração, através da bela monografia que, com o título de "Evolução Espiritual", publicamos com grande satisfação como absoluta novidade.

Obra destinada a revolucionar o pensamento moderno, sob seus múltiplos aspectos de filosofia, de ciência e de ética, a *Síntesis Cósmica* reveste-se de excepcional importância por causa de sua gênese, da fonte misteriosa de sua inspiração, que com o nome sugestivo de "Sua Voz", parece guiar o esforço intelectivo deste grande místico moderníssimo, que é Pietro Ubaldi, iluminando sua mente e abrindo diante de seus olhos o maravilhoso panorama do universo e das leis que o regem: panorama fechado para a enorme maioria dos homens, cujos olhos estão velados sob o peso da matéria, que nos toma escravos e cujo jugo tanto nos custa sacudir.

Pode bem afirmar-se que Ubaldi adquire assim a figura de um iluminado ou de um apóstolo da humanidade futura, à qual procura fazer compreender a grandeza de seu destino, falando ao seu coração com a linguagem doce do sentimento e convencendo a razão com a linguagem autorizada da ciência.

Dita sua palavra num momento de grande crise mundial, em que todos os velhos valores estão se precipitando, enquanto os homens invocam uma âncora de salvação, este livro de Ubaldi parece cair do céu como o maná no deserto, para os errantes filhos de Israel.

Que suas páginas possam orientar todos os seres do mundo para o caminho da verdade e da salvação!

***(Editorial Constancia)***

# A GRANDE SINTESE - MENSAGEM DE EMMANUEL

**(Inserida em todas as edições brasileiras)**

Quando todos os valores da civilização do Ocidente des falecem numa decadência dolorosa, é justo que saudemos uma luz como esta, que se desprende da grande voz silenciosa de *A Grande Síntese.*

Na mesma Itália, que vulgarizou o sacerdócio romano, eliminando as mais belas florações do sentimento cristão no mundo, em virtude do mecanismo convencional da igreja católica, aparelhos existem da grande verdade, restaurando o messianismo, no caminho sublime das revelações grandiosas da fé.

A palavra do Cristo projeta nesta hora as suas irradiações enérgicas e suaves, movimentando todo um exército poderoso de mensageiros seus, dentro da oficina da evolução universal. O momento é psicológico. As nossas afirmativas abstraem do tempo e do espaço, em contraposição às vossas inquietudes; mas, o século que passa deve assinalar-se por maravilhosas renovações da vida terrestre.

As contribuições exigidas serão bem pesadas. Todavia, uma alvorada radiosa sucederá às angústias deste crepúsculo.

Aqui fala á Sua Voz divina e doce, austera e compassiva. No aparelhamento destas teses, que muitas vezes transcendem o idealismo contemporâneo, há o reflexo soberano da sua magnanimidade, da sua misericórdia e da sua sabedoria. Todos os departamentos da atividade humana são lembrados na sua exposição de inconcebível maravilha!

**É** que, sendo de origem humana a razão, a intuição é de origem divina, preludiando todas as realizações da Humanidade. A grande lição desta obra é que o Senhor não despreza o vosso racionalismo científico, não obstante a roupagem enganadora do seu negativismo impenitente.

Na sua misericordiosa sabedoria, Ele aproveita todos os vossos esforços, ainda os mais inferiores e misérrimos. Toma-vos de encontro ao seu coração augusto e compassivo, unge-vos com o Seu amor sem limites, renovando os Seus ensinamentos do Mar da Galiléia.

Vede, pois, que todos os vossos progressos e todos os vossos surtos evolutivos estão previstos no Evangelho. Todas as vossas ciências e valores, no quadro das civilizações passadas e no mecanismo das que hão de vir, estão consubstanciados na sua palavra divina e redentora.

*A Grande Síntese* é o Evangelho da Ciência, renovando todas as capacidades da religião e da filosofia, reunindo-as à revelação espiritual e restaurando o messianismo do Cristo, todos os institutos da evolução terrestre.

Curvemo-nos diante da misericórdia do Mestre e agradeçamos de coração genuflexo a sua bondade. Acerquemo-nos deste altar da esperança e da sabedoria, onde a ciência e a fé se irmanam para Deus.

E, enquanto o mundo velho se prepara para as grandes provações coletivas, meditemos no campo infinito das revelações da Providência Divina, colocando acima de todas as preocupações transitórias, as glórias sublimes e imperecíveis do Espírito imortal.

Pedro Leopoldo, Outubro de 1938

(Mensagem recebida por Francisco Cândido Xavier, em outubro de 1938).

# AS NOÚRES - APRECIAÇÃO DE FERMI

## (Videntes, Filósofos, Cientistas)

Da Revista Gerarchia - Milão (Itália), janeiro de 1938.

Dizem as pessoas superficiais que, ao menos a partir de 1500, está desaparecendo do espírito italiano aquela especial condição de espírito que dá origem aos místicos e videntes. Se se fala de um tipo nebuloso e fantasioso, que se retempera no indeterminado e no indefinido, podemos dizer que isso sempre repugnou aos italianos. A luminosidade, clara, apesar de não veemente, de nosso céu, a limpidez de nossos horizontes não o permitiriam. Doutro lado, porém, esse tipo pertence mais a um misticismo deteriorado e turvo, para não chamar espúrio mas em todos os tempos e países podemos encontrar modelos fulgidamente serenos do autêntico Misticismo.

Temos que incluir na nobre fileira destes últimos um modesto professor da Umbria, mais conhecido já na América Latina do que entre nós: Pietro Ubaldi.

Ocupar-me-ei, nestas publicações, de *A Grande Síntese*, e de *As Noúres* e de *Ascese Mística*. Mas antes, como é de meu hábito, desejo falar do duplo fato, cognoscitivo e psicológico, colocado perante nós, tal como se nos apresenta na história dos últimos dois séculos.

Anteponho, com as palavras de Marc Mario, uma rápida referência a uma doutrina e um método que se aproximam dos do autor: "A doutrina espírita, embora recente na forma que lhe deu seu fundador (Allan Kardec), se liga por alguns de seus princípios às religiões mais antigas. A velha doutrina da Índia, dos magos do Egito, Caldéia e Pérsia, conhecia a arte de evocar a alma dos desencarnados e admitia que a parte espiritual do ser — o espírito — agia sobre a matéria por meio de um fluido sideral. Professava a existência de um corpo astral, composto de elementos fluídicos cósmicos, invólucro do espírito, que é justamente perispírito. As reencarnações sucessivas, até o dia em que o espírito tenha atingido a perfeição definitiva, faziam parte de seus dogmas. Aquela doutrina defende a existência de guias espirituais, que no Espiritismo são chamados espíritos tutelares. As diversas moradas ou etapas das almas, necessárias a purificá-las, existem em todas as religiões".

Veremos em seguida onde e como Ubaldi se afasta de certas escolas teosóficas, que têm pontos de contato, em geral, com a Índia, e com as doutrinas e práticas medievais ocultistas, rosacrucianas, cabalistas, "sufis" etc. Nos últimos séculos, e depois que muitos teólogos da contra-reforma tinham desacreditado o misticismo (como perigoso à crença ortodoxa e à disciplina), que tomou pé aos poucos entre os heterodoxos, especialmente no Norte. Paracelso, o modelo mais ilustre da sabedoria oculta na época do Renascimento, teve famosos seguidores: por exemplo, Boëhme na Alemanha e Swedenborg na Escandinávia. Deste último, muito aprenderam Goethe, quando jovem e, ainda mais Saint Martin, o mestre dos Românticos, de Schelling e do próprio Baader, que procurou adaptar a doutrina de tal forma, que ela pudesse concordar com a Igreja Católica. (Deve recordar-se aqui que, para Newman haverá sempre elementos esotéricos no ensinamento católico).

Estes, é lógico, acreditavam num mundo super-sensível, povoado de seres mais

elevados e poderosos do que nós, e na possibilidade de comunicar-se com eles, em certas condições.

Depois de 1870 prevaleceu na Europa uma teosofia de caráter indiano e tibetano, e quem deu o impulso inicial foi a russa Blavatsky. Unindo-se a ela em 1889 (Blavatsky morreu em 1891), outra mulher rica de fantasia e de entusiasmo, Annie Besant, continuou sua obra, tendendo ainda mais para as doutrinas dos mestres da Ásia. Besant não cessou de escrever e de propagar seus pontos de vista até 1933, ano de sua morte. O afastamento de Krishnamurti, que, segundo ela, é a última reencarnação de Buda, entristeceu-lhe os últimos anos, diminuindo-lhe o longo prestígio, quase oracular. Trabalhara a seu lado, por algum tempo, Rudolph Steiner, e depois bruscamente se afastou, seguindo suas concepções particulares, que acreditou corresponderem a um Cristianismo católico esotérico: A "Antroposofia" de Steiner, que aparece como um sincretismo indo-gnóstico-neoplatônico, é orientada na direção da teologia cristã. A Antroposofia que enfrentou nos últimos anos as questões sociais e políticas, buscava a purificação do homem, obtida prevalentemente com o exercício da meditação e dirigida ao esclarecimento do pensamento, que se ergueria, assim, a uma visão superior das realidades últimas. Uma moral elevada, mas ainda não cristã.

No caso de Ubaldi, os autores precedentes que analisei, poderiam, abstratamente, ter tido uma influência metapsíquica e quase telepática; ou então relegada ao subconsciente. Entretanto, eu a excluo. Não por que ele tinha lido poucas páginas de Blavatsky da qual difere totalmente por temperamento, gostos, senso ético etc; mas pelo fato de que se move em outro plano, muito diverso. Além disso, sua preparação livresca, filosófica e teológica, era e é limitadíssima.

Ele confessa: "quando jovem não acreditava no que ensinavam e que eu sentia falho, inútil, sem bases substanciais. A verdade estava em mim; eu a procurava dentro de mim (como admitia Santo Agostinho). Rebelde a toda direção, lançava-me sobre o cognoscível humano ao acaso, procurando secretamente a minha verdade. Olhava o mundo e as coisas de dentro, nas causas e nos princípios, e não nos efeitos e em sua utilização prática. Como os positivos e os práticos podem considerar-me um incompetente na exploração utilitária da vida, assim eu os posso considerar como incompetentes diante da solução dos problemas do conhecimento". E ainda: "o turbilhão das exigências exteriores batia sem tréguas, impondo-se à atenção de meu espírito que queria viver sua vida. Acumulavam-se as experiências humanas, quase todas bem amargas. A dor martelava minha alma com seus golpes. Apressava-se a maturação. Um dia, nas praias de Falconara, olhando as maravilhas da criação, senti com evidência a revelação, rápida como um raio: que o todo só podia ser Matéria, Energia e Conceito ou Espirito (M = E = C) = S (isto é, Espírito)".

Ubaldi chama à sua doutrina Monismo. **É** necessário ter cuidado para não atribuir o sentido usual a essa palavra. Nem Spinoza, nem Hegel, nem Haeckel têm que ver com a sua filosofia. Quem atentamente o lê e não tem a mente ofuscada por prevenções e preconceitos, quem com ele se relaciona e o conhece bem, se convence de que ele não professa de modo algum o materialismo nem o panteísmo: especialmente a primeira acusação é ridícula. Pois, sem sabê-lo, ele tem a mesma concepção dos grandes Místicos cristãos e católicos, que definem Deus como a "superessência" de todas as coisas e o declaram "mais intimo em nós que nós mesmos".

Quanto a uma visão escatológica, na qual Ubaldi se aproxima de São Gregório Nisseno, falaremos em seguida.

* * *

Qual é o organon subjetivo que o autor põe em prática na busca da verdade? **É** a intuição. Como esta pode ser entendida de muitos modos, é necessário precisá-la, isolando este caso das várias noções correntes, mesmo pelo fato que lhe determina a inequívoca noção.

Dizem os filósofos:

“A intuição é a concepção evidente dum espírito são e atento, que nasce apenas da luz da razão e é mais pura (porque simples) do que deriva a do raciocínio" (Descartes, e, com ele, Spinoza e Locke).

"Todas as verdades primordiais, de razão e de fato, são intuitivas" (Leibnitz).

"A intuição é um ato da reflexão interna, da qual o indivíduo colhe uma realidade livremente produzida, em que o inteligente e a coisa intuída coincidem plenamente" (Schelling). "É a visão imediata da mente que, fixando como ato originário, simples, imediato, o Ente (possível — Real) assume a potência ou forma do intelecto, que torna possível o conhecimento das coisas" (Rosmmi — Gioberti).

"Oposta ao intelecto, por sua natureza abstrato e descontínuo — e, portanto não adaptado à originalidade absoluta e à continuidade do Real — está a intuição, que é a síntese do instinto orgânico e da reflexão consciente; por ela o espírito se transfere ao âmago do objeto, para coincidir com o que este tem de único, e portanto, inexprimível. E, desde que o objeto é a realidade absoluta, o ato da intuição se eleva a órgão da Metafísica" (Bergson).

"A intuição é a forma teorética primeira, mais ingênua ou auroral do espírito. Distingue-se, seja do sentimento bruto e do conhecimento lógico, que procede por conceitos universais, seja da percepção e do juízo histórico — porque permanece aquém da discriminação do verdadeiro e do falso" (Croce).

Das famosas lições na Ecole de France, de 1840 a 1844, tiro alguns pensamentos que a ela se referem:

"Donde lhe derivam (a Carlos Magno) o saber e o poder, mediante os quais estendia sua atividade a uma esfera tão ampla? Descia profundamente nele mesmo, e de lá tirava força para elevar-se mais acima. Napoleão, quando se lhe perguntava de que circunstâncias dependia uma vitória, respondia que nasce de uma centelha moral, ou seja, de um momento particular de intuição”.

Assim, todas as coisas belas e grandes da história nos levam àquelas regiões que chamamos intuição, ou seja, para a região interior da alma.

O sentimento de admiração pela arte, pela natureza, pelo heroísmo, parte de uma mesma e única fonte: a intuição. E a filosofia está hoje no dever de atingi-la.

Se para produzir esses efeitos (ardor, arrebatamento, entusiasmo) é mister ser inspirados, para senti-los se necessita uma alma elevada e capaz de seguir os homens inspirados em seu vôo para o futuro. **É** preciso o que Schelling chamava: um órgão especial.

Para compreender a arte e a filosofia, e para adivinhar o futuro, é indispensável extrair no âmago de nós mesmos aquela nota divina que aí está oculta.

Uma Nação que esteja pronta, a captar os altos pensamentos, a com eles tornar-se fervorosa, a pô-los em prática, deve estas qualidades a uma longa tradição de lutas, sacrifícios e abnegação. E não poderia conservá-las em si e aperfeiçoá-las, sem reconduzi-las continuamente às emoções fundamentais; sem entrar a cada momento no lar tradicional, para colher a centelha que daí salta e comunicar-se com ela de longe.

Só colocando-nos neste ponto de vista, estaremos aptos a distinguir os homens do passado dos homens do porvir. O indivíduo incapaz de comover-se com a idéia das coisas grandes e divinas não é dos nossos.

O homem que sofre, o homem que aspira, o homem livre de espírito, o homem que não procede por pequenos sistemas já feitos: este é o povo".

Eis porque o povo, em certos momentos decisivos, apanha tão depressa e com um sentido infalível, a verdade.

Até agora, dado que ninguém o ajudava a assimilá-la, para ele era dificílimo pôr-se naquele estado de espiritualidade em que a verdade se revela pronta e clara. Era necessário que o povo vencesse as resistências de sua organização física, rompesse os hábitos de sua vida diária: e só conseguia isso em raros momentos, ajudado por circunstâncias excepcionais. Foram os seus momentos de liberdade. Estrondos de trovão, tiros de canhão, clamores de assembléias públicas, eram necessários, para arrancar a alma do povo de seu letargo, pois os doutores da lei, os mestres oficiais, esquecidos de sua missão, o haviam abandonado etc.

Uma luz nova só auxilia àqueles que se acham prontos a recebê-la.

Chegou o tempo, diz Emerson, de dar uma base mais larga e profunda aos nossos conhecimentos, mas para isso (impõe-se) ampliar-nos e reformar-nos interiormente. **É** preciso começar nova vida, fazer-se uma consciência nova, aspirando novas energias daquele espírito universal que anima e reanima tudo.

Que é uma quantidade de nova luz, de novo calor? **É** o Verbo da época, o Verbo que cria, depois que a dor, inteligente e moralmente, tenha quebrado os laços da alma.

O que é verdadeiramente admirável no homem simples, que ainda não se destacou da natureza e que, portanto, não interrompeu ainda os fios misteriosos que o enlaçam à Divindade, é aquele sentimento de amor que penetra tão bem no presente e que é tão rico de adivinhação. Esse amor leva a alma que o nutre acima dos lugares e tempos, eleva-o àquela região aonde vão terminar todas as comunhões. Tudo o que aí se sente é atual: é a única atualidade verdadeira, porque imediatamente sentida... Mas que tem de comum esta segunda vista com os problemas que hoje pesam sobre a humanidade? Em que, porventura, esse dom, esse espírito de intuição poderia ajudar-nos a orientar-nos na terra? Como consegui-lo?

Aquele dom é apenas um dos momentos mais conhecidos aos artistas, aos soldados, aos intuitivos por pureza: momentos de inspiração em que nos sentimos repentinamente mais fortes e mais perspicazes, mais videntes que de costume, mais seguros de todos os meios que possuímos, mais confiantes em usá-los.

E qual é esse momento de inspiração? É o arrebatamento da alma a uma região superior. Porque, se nos sentimos repentinamente cheios de uma força desconhecida, que não deriva, absolutamente, de nossos hábitos e que supera nossos meios ordinários, ela só pode ter vindo a nós de uma região invisível e impalpável. A inspiração provará sempre, a um homem de boa fé, a existência desse mundo invisível e misterioso, que o cristão aceita como um dogma e ao qual um filósofo de boa fé é invencivelmente conduzido pela própria lógica".

*** * ***

Passemos, agora, a examinar *As Noúres* de Pietro Ubaldi.

Aqui — o veremos em seguida — projeta-se um novo método de pesquisa científica por intuição e “uma nova técnica de pensamento que circunda os problemas por tipos concêntricos,

aperta-os por ângulos visuais progressivos, enfrenta-os em visões e concepções poliédricas até desnudá-los em sua essência” *(Noúres,* cap. 1: "Premissas")

Revelando assim seu método próprio, Ubaldi não ignora o efeito de escândalo que vai suscitar. "Conheço esse método (o racional e objetivo da ciência moderna); conheço a psicologia sufocante dos chamados intelectuais de profissão, da cultura que eternamente reproduz o passado, que comenta e analisa, que nada cria, que pesa, que mata o espírito. Eu estou nos antípodas" (idem).

Entretanto, Ubaldi está bem longe de tomar a atitude de revelador de uma fé incontrolável, que se impõe a intelectos dóceis, satisfeitos com. o "Ipse dixit" ('Assim se diz"). Com uma análise introspectiva — cândida, perspicaz e perfeita até na forma — introduz o leitor nos seus segredos mais íntimos, segredos pessoais e técnicos. Assim, não só ele dá valor à sua filosofia, revelando-nos suas raízes ocultas e vivas, não só acrescenta um capítulo inédito à Psicologia e à Metapsíquica posterior e melhor do que W. James, Richet, O. Lodge, Osty, Bozzano etc., mas se oferece para iniciar quem quer que o deseje, desde que seja idôneo, a basear-se numa forma novíssima de alpinismo intelectual, ou melhor, espiritual.

No segundo capítulo de *As Noúres,* o autor disseca o “fenômeno”, de que ele é objeto, ao mesmo tempo que crítico atentíssimo e: incorruptível, além de espectador. Por que caminhos se provoca e estimula a tão falada intuição? Antes de tudo, encontrar um ambiente propicio: "Eis-me em meu pequeno escritório, ambiente de paz; em que os objetos têm algo de mim mesmo, em que a atmosfera ressoa com as minhas vibrações e tudo, por: causa da vida em comum, esta sintonizado com o meu temperamento. Eu mesmo, aí permanecendo durante muito tempo para pensar e escrever, embebi as paredes, a mobília, os objetos; de um tipo particular de vibrações, que agora voltam a mim, como uma música que harmoniza meu pensamento. O primeiro problema é este da harmonização, que me permite: a seleção das correntes (ou noúres) e a imersão nelas; delicadíssimos estados de consciência que não posso atingir senão num oásis de paz, por meio de um primeiro processo de isolamento Vibratório do barulho violento do mundo".

A HORA — “É noite, cerca das vinte e duas horas, a melhor hora em que se intensificam minhas capacidades receptivas, até cerca de uma hora da madrugada. Gosto das luzes suaves, coloridas, que deixam vagar os objetos nos contornos indefinidos da penumbra (.....). Aqui, o público está materialmente longe, mas espiritualmente está presente e próximo, e eu o sinto imenso, num burburinho de mil vozes: a alma do mundo. Minha solidão está cheia dela (.....). Em minha sensibilidade, o pensamento adquire a potência do relâmpago, as correntes espirituais do mundo são tangíveis, essas forças sutis são reais e entre elas caminho manobrando minha embarcação”. ( .....)

A COR INTERNA — "Não se pode imaginar que poder de harmonização emana de um ato de bondade: este é uma música que eu respiro e que docemente me impele à corrente. Esta vibração de bondade, e não só de sabedoria, é perfeição moral. Para conquistar o conhecimento tenho de atingir um estado de purificação que é leveza espiritual (.....). Basta poder-se imergir nas *noúres,* para poder alcançar todo elemento energético e conseguir o isolamento das correntes inferiores" (.....).

A MÚSICA — "Procuro ajudar-me com um processo de progressiva harmonização, que opera de fora para dentro" (.....). Utilizo a música como primeiro degrau no caminho do bem e da ascensão do espírito. Então, lentamente (... . .), as harmonias musicais do ouvido se transformam nas mais profundas harmonias de conceitos. Luzes brandas, em tons menores, tudo em torno, trevas. Minha alma é uma chama que arde na noite (.....). Minha consciência adormece

externamente, meu eu morre às coisas do dia, mas renasce numa realidade mais profunda" (....).

A EPOPÉIA — Adormecidos e quase anulados os sentidos, a vida e a personalidade ressurgem num plano novo. "O pensamento volta, mas com uma sensação titânica, com uma lucidez cortante de visão, com uma rapidez vertiginosa de concepções, sentido despido de palavras, em sua essência. Tenho então a sensação de leveza e de libertação de véus e limites, sinto possuir em mim o poder da intuição e o domínio de uma nova dimensão conceitual (.....) Então, eu vejo o que está além da realidade sensória do mundo exterior, isto é, as forças que o movem e mantêm seu funcionamento orgânico. Estas forças tornam-se vivas (.....), cada forma reveste um hálito divino de conceito, que eu respiro; então sinto verdadeiramente que o universo é um grande organismo regido pelo pensamento de Deus (....). Desenvolve-se nesse momento o colóquio interior que eu registro, porque despertaram todas as criaturas irmãs e me olham dizendo: "mas quem és tu, e o que ouves? Escuta-nos, nós te falamos". Então o colóquio torna-se um imenso amplexo, um perder-se por aniquilação dentro de uma luz refulgente, a ciência é um canto e uma oração, e nesse instante abre-se o abismo do mistério e eu olho: é uma visão, um êxtase. Não sei dizer outra coisa".

"É um fato — observa o autor — que gerou um efeito, que deve ter uma causa, um organismo conceitual lógico e profundo (.....). Se o efeito revela a natureza da causa, se é uma construção racional completa (veja-se *A Grande Síntese)*, não se pode colocar como sua origem o acaso ou a anormalidade psicológica e patológica; se a obra transcende o poder cultural e intelectual do escritor (estranho realmente à cultura acadêmica) deve haver em algum lugar uma fonte de onde provenha tudo isto (.....) Esses meus estados psicológicos representam uma nova técnica do pensamento, novo método da indagação filosófica e científica (.....). Eu o chamo método da intuição e o proponho, tal como o adotei, como método mais poderoso do que o indutivo-experimental. Julgo que esse já deu o seu maior rendimento e que uma mudança de sistema seja necessária, se a ciência quiser progredir em profundidade, se quiser tornar a achar sua unidade, que ameaça agora pulverizar-se no pormenor e na especialização (.....). Urge dar de novo a dignidade à ciência que decaiu no utilitarismo, reerguendo-a às descobertas no campo do espírito (....). Urge erguer a ciência ao nível da fé, para que com ela se funda e unifique o pensamento humano (.....). O método da intuição é o método da síntese, dos princípios, do absoluto, é o método interior da visão e da revelação; o método indutivo, experimental, é o método da análise, do relativo, o método exterior da observação. O segundo é prático, utilitário, mas dispersa o conhecimento; o primeiro é abstrato, teórico, mas atinge a verdade absoluta, os princípios universais que dirigem os desenvolvimentos fenomênicos".

O caso Ubaldi (estranho à vulgar mediunidade física e psíquica) é por ele compreendido como "uma sublimação normal de todo o ser". Não é um simples caso pessoal. "Demonstra que a verdadeira ciência, a ciência profunda que atinge a verdade, não pode ser alcançada senão pelos caminhos interiores através de um processo de harmonização da consciência com as leis da vida e com o princípio divino que tudo dirige; demonstra que os caminhos do conhecimento só podem ser os caminhos do bem, que a sabedoria é um equilíbrio do espírito, que a revelação do mistério só ocorre de acordo com a fase de relativa perfeição moral que se alcançou (.....). Demonstra enfim que a ciência só pode ser uma ascensão cultural e espiritual, tendente à unificação de tudo: arte, filosofia, religião, sabedoria, em Deus. Pois a lei de evolução é também lei de purificação". E, no entanto, é natural que "a individualidade subindo a superiores dimensões conceituais se reabsorva na unidade. Chegando a esses planos, sinto apagar-se a distinção entre o eu e o não-eu, sinto-me desfazer, fundir e ressurgir numa unidade mais alta e poderosa, sinto realizar-se a

unificação entre mim e o princípio animador dos fenômenos (....). Meu ser, então, de tal modo já se harmonizou no funcionamento orgânico do universo, que não se sente mais distinto dele e nele se unifica; se funde e se perde no grande incêndio de luz da Divindade".

Isto não priva o inspirado nem de sua individualidade nem de sua responsabilidade de cooperador, ao menos nesta causa. "Há, pois, não apenas dois centros, um irradiante, transmissor e um que registra ao receber: mas há também duas atividades, porque aqueles estão laboriosamente estendidos em direção um ao outro, para alcançar a unificação".

Que são as *noúres* em si mesmo? São correntes conscientes, que conservam as qualidades típicas, e neste caso conscientes, do centro genético (....). Seu campo é vasto como o universo, que se torna todo *noúres*. Então, realmente, tudo o que existe emana pensamento, e é assim que eu sinto o universo nestes estados mediúnicos, como um poderoso organismo conceitual; a verdadeira grande *noúre* que eu capto e registro é a emanação harmônica e orgânica do pensamento infinito de Deus (.....). Nestas minhas superelevações de dimensão de consciência, tenho a visão, no fundo de um abismo infinito, deste centro conceitual (....). Chego assim a saltar em um mundo maravilhoso. Possuo, então, uma nova vista, todo um feixe de novos sentidos, sem órgãos físicos, um poder de percepção anímica direta, supersensória (.....). Então, não vejo mais o fenômeno em seu aspecto exterior, mas sinto o princípio que o move; não vejo, por exemplo, a semente em suas características morfológicas, mas vejo-a na íntima estrutura de seu ser, como vontade de desenvolvimento, como presciência do ambiente (instinto) e do objetivo a atingir; vejo, mais profundamente, o ritmo das infinitas formas do passado e a, vontade de fazê-las evolver, e, mais longe, sinto o grande princípio da vida que naquele tipo palpita e se exprime (.....). Minha ascensão de dimensão conceptual permite-me subir da projeção concreta à substância espiritual (.....), derrubar os véus e superar os símbolos pata trazer à luz da compreensão aquela verdade que, por motivos pedagógicos, tinham sido obrigados a esconder nela (.....). No mundo dos fenômenos histórico-sociais vejo, atrás dos acontecimentos, a trama sutil em que se entrosa a causalidade, projetada para o efeito, vejo o progresso de um conceito para seu objetivo, vejo o fio que une, como um colar, a série de episódios e o desenvolvimento lógico que guia o desenrolar-se do fenômeno histórico. No mundo da matéria orgânica sinto o turbilhonar interior dos átomos, sua atração e repulsão, seus amplexos por afinidade, o dinamismo de suas correntes elétricas, o combinar-se e o apertar-se de seus movimentos planetários, em fusões que dão os diversos tipos das individuações químicas (.....). Cada fenômeno, para não multiplicar os exemplos, traz escrita em si toda a sua lei e basta escutá-la. O método experimental dá-me a impressão da cegueira que tem de recorrer ao tato. No âmago das coisas há indiscutivelmente um princípio que dirige; este princípio eu (....) o atinjo pela percepção, dirigida através de um sentido meu da verdade (.....). O uso deste método, inicialmente intuitivo, depois dedutivo, é necessário hoje (.....) para contrabalançar a dispersão do conhecimento (.....) se não, cada vez mais se acentuará o isolamento do cognoscível na especialização e na desorientação diante das causas

Seguem-se declarações e confissões pessoais, que explicam a extrema delicadeza de sua tarefa, as precauções que se devem tomar, os perigos que se devem evitar, numa palavra, a deontologia do intuitivo que queira conduzir a bom termo seu empreendimento. Pois ele deve, antes de tudo, purificar e enobrecer a si mesmo, corpo e alma, — na dieta física e espiritual, na vigilância dos sentidos, na escolha dos ambientes e das companhias — para que o delicadíssimo instrumento do conhecimento intuitivo se mantenha idôneo. Plotino fazia, em substância, a mesma recomendação. Em todos, sem exceção de nenhum, os grandes místicos e contemplativos

— genuínos e máximos intuitivos — puseram isso em prática.

Os capítulos II e III ligam-se ao V, que exemplifica autobiograficamente a técnica noúrica, ao passo que o IV é prevalentemente histórico, todo consagrado aos "grandes inspirados" (....). Essas páginas, não muito numerosas são mais ricas de compreensão e mais verdadeiras, do que os volumes de Biotot e de E. Schuré, que trazem título semelhante. O autor, após descrever o fenômeno inspirativo observado na pessoa dos profetas máximos do velho e do novo Testamento e na história da Igreja, em particular São Francisco de Assis, passa a demonstrar aí, como a sua própria teoria recebe precisa ilustração e confirmação inequívoca na história de Joana D'Arc, a partir do momento em que ouviu, adolescente, as primeiras Vozes, que lhe foram inspiração e guia no breve, mas condenadíssimo período em que se desenrolaram suas façanhas épicas e trágicas.

Deste capítulo e de todo o livro, aconselho vivamente a leitura a todos os que não sejam hipercríticos e grosseirões na certeza de que encontrarão prazer e aproveitamento, que não se encontram com facilidade juntos, num livro moderno.

* * *

No próximo número de *Gerarchia* apresentarei uma apreciação clara da obra capital, *A Grande Síntese,* comparando-a com os dados fundamentais da ciência moderna, tal como é cultivada em todo o mundo civilizado, com métodos e resultados convergentes: é um empreendimento temerário, muito superior às minhas forças, mas do qual não posso fugir. Enfim, direi candidamente minhas impressões.

Desde já faço votos que outros, muito mais competentes e melhores que eu, se apresentem a julgar uma tentativa tão grandiosa, indo atrás das minhas pobres pegadas, para apagá-las.

Uma coisa me parece certa: a história humana do pensamento, de acordo com a história civil, está voltando sua proa para outros portos, seguindo caminhos diversos dos que até aqui percorreu.

***(a) FERMI***

# A GRANDE SÍNTESE - APRECIAÇÃO DE FERMI

**(Videntes, filósofos, cientistas)**

Da revista **Gerarchia** - Milão, abril de 1938.

A trajetória percorrida pelos seres criados, — segundo Ubaldi — é de essência biológica: de um indício, de um germe, de um princípio de vida, sobe-se até à plena elaboração,

à celebração da vida. Esta é movimento que parte de dentro e caminha para fora, para o alto, para depois regredir um pouco. Não segue em sua caminhada a linha vertical, mas a espiral, como em *A Grande Síntese.* A natureza dessa espiral implica breve retorno do ser sobre si mesmo, como parada, pausa, a fim de retomar o impulso para uma corrida mais rápida (. ...).

Eis novas implicações da vida. Se nos organismos inferiores o impulso vital, centrípeto ou centrífugo, é favorecido ou movido pelo prazer (ao passo que a dor é a sanção dos atos anti-vitais), acrescenta-se, no homem, o motivo ético, ou sentimento do dever, ligado com a noção do bem, do mal e da liberdade.

Surge aqui, necessariamente, uma complicação, causa de graves conflitos. O prazer (maquinismo biológico importantíssimo) para os indivíduos espiritualmente não evoluídos, ao invés de meio, se torna um fim em si mesmo, e em si mesmo procurado: por exemplo, a nutrição (centrípeta), a sexualidade (centrífuga). Uma perversão, como se vê, que frustra os fins superiores, nos quais esta colocado o bem de cada um e de todos.

Neste caso, os que colocam o prazer como bem e dele constituem um ídolo, sofrem suas conseqüências, mais ou menos voluntariamente. "Pois do próprio seio do prazer, surge o remédio, que por outro lado é muito amargo" (Lucrécio).

Ubaldi, que bem a experimentou, eleva à dor — remédio providencial — hinos triunfais. Ele sente, em medida consentida a poucos, o Beati qui lugent (jamais será adulador dos que gozam).

Os hedonistas, que odeiam o Cristianismo como qualquer outra filosofia austera, opõem que a dor (portanto, logicamente, o dever, o esforço, o sacrifício) é anti-orgânico, anti-vital, mortífero. Isto é verdade no sentido de que o elemento inferior se deteriora, para permitir o desenvolvimento do superior: do eu mais alto. Da mesma forma, e pela mesma razão biológica, a matéria, depois que atingiu a maior potência nuclear e eletrônica, se desagrega, irradiando-se.

"O progresso evolutivo implica uma degradação progressiva de potencial. Na natureza do transformismo evolutivo está a razão profunda destes fenômenos. O próprio enfraquecimento cinético progressivo, na fase "energia para vida", como na de "vida para espírito", é apenas a constante e substancial característica do fenômeno evolutivo.

Isto porque a evolução, reduzida à sua substância fundamental, é movimento, ou seja, um processo de descentralização cinética, uma expansão do princípio que se dilata para a periferia, uma subida que se opera através do esgotamento de um impulso, filho de outro precedente e contrário impulso evolutivo de concentração cinética e condensação dinâmica, de centralização de potencial da substância, a que agora se contrapõe o processo inverso de subida. Com efeito, a “degradação biológica é parte integrante do fenômeno evolutivo e existe como condição do processo genético do psiquismo”.

A lei aplica-se maravilhosamente à vida ética — constituindo mesmo a sua substância — no indivíduo e na sociedade.

Observe-se a atividade fisiológica (nutritiva e sexual), econômica e social. Os excessos e os vícios que a moral e a religião condenam são, para quem os considere bem, fatos involutivos e anti-sociais. A dor que produzem terá, de qualquer modo, a força de emendá-los.

Segue-se daí que a dor e toda forma de castigo se transformam em redenção e se tornam preciosos instrumentos de progresso social; mas aparecem aos olhos do vulgo como pouco menos do que escórias e refugos.

Portanto, é necessário aceitar a dor (se incurável) e considerar o trabalho como dever e missão. Eis uma atitude razoável; seria irracional e absurda a rebelião contra a natureza das

coisas. Esta favorece os voluntariosos e esmaga os renitentes.

Então, se a evolução significa conquista de consciência, de liberdade, de felicidade, e a involução significa o contrário, na baixeza de nossa natureza está a causa de todos os males, e na ascensão espiritual está todo o remédio. **É** justa a aspiração à alegria; e a felicidade pode existir, mas é indispensável submeter-se ao trabalho de conquistá-las. O Evangelho é uma estrada espinhosa, mas só por ela se pode seriamente alcançar o paraíso sobre a Terra.

"Toda concepção hodierna da vida está aqui deslocada e sois obrigados, por vossa ciência, cuja linguagem sempre falei, a compreender e efetuar por coerência esta deslocação".

Na verdade, o homem só pode existir imerso na grande lei divina. Isto faz tornar-se absurda qualquer culpa, qualquer baixeza: torna utilitária a estrada da virtude.

Portanto, ao conceito limitadíssimo de uma força nossa individual, que guia os acontecimentos, precisamos substituir o conceito vastíssimo de uma justiça que impõe seu equilíbrio e suas compensações no destino.

A Providência compreendida assim é um momento da grande lei permeada de equilíbrio, que adere ao mérito, sustentada por compensações contínuas — é a justiça em ato.

Mas a Providência não justifica uma espera inerte e passiva: age sobretudo no justo que quer o bem e que, lutando, o impõe com seu esforço.

Quando passamos ao campo social, apresenta-se o problema da força, que a história parece identificar com a justiça. A primeira é necessária tensão da vida, imperial e tirana, mas degrau de ascensão. O caótico choque das forças, ainda à procura dos equilíbrios superiores do direito, expandindo seus impulsos interiores, prepara o amadurecimento da unidade coletiva. Enquanto reina a força bruta, o melhor é o mais forte (Aries = Marte, donde Aristos). **É** uma justiça proporcional à baixeza do nível e não pode ir além da seleção natural. A vida é uma expansão de egoísmo e só dilatando é que o coordena com os egoísmos limítrofes, para que possam fundir-se. O indivíduo, impelido a elevar-se pelo impulso biológico, descobre metas cada vez mais altas, trata de alcançá-las melhor na coletividade, e então o ciclo infeliz, que se chama ignorância, egoísmo, força, luta, dor, mal, tende a despedaçar-se. **É** a gênese da guerra. Dadas as condições atuais (não futuras) a guerra é necessária. No entanto, esse mal de transição já se inverte num reflorescimento de bem, porque ensinou ao homem feroz a matar também por uma idéia, a dilatar o próprio egoísmo até a coletividade, a sacrificar-se pela pátria.

Então, seguindo o mesmo impulso, passa-se da força ao direito, do egoísmo ao altruísmo, da guerra à paz.

Foi assim que nasceu o direito: primeira centelha de coordenação e de força social, do centro à periferia, do indivíduo à coletividade, em suas expressões cada vez mais vastas de direito privado, público, internacional.

Neste sentido, direito é uma idéia mais exata da justiça, o mal é o passado, o bem é o futuro. Pois culpa é todo regresso voluntário, que a lei corrige reconstruindo o equilíbrio por meio da reação da dor; vida é tudo o que acelera o progresso, e portanto é premiado.

O homem de pensamento deduz daí que "a evolução provoca a demolição progressiva do egoísmo, após havê-lo sitiado e obrigado a render-se".

O ser moralmente elementar, mesmo se inteligentíssimo, vê apenas o pequeno "eu" (o "eu" superficial!) e se fecha, como o primeiro Fausto, no átimo que foge. Ele não se sente como vivendo no tempo e na humanidade; em sua miopia psíquica, isola-se no próprio bem. mesquinho, fora do grande bem coletivo. **É** totalmente inepto a viver num regime de colaboração, em que a consciência mais evoluída sente necessidade de multiplicar-se.

Pois bem, essa consciência civilizada é gigantesca força, justamente a força do homem civilizado. Aqui o autor condensa a idéia que circula em toda a sua obra.

"Vimos (Desenvolvimento do Princípio Cinético da Substância) a lei guiar a energia e redobrar-se sobre a matéria para animá-la com seu impulso e elevá-la ao nível da vida; depois impor ávida, filha da energia, que elabore a matéria até o psiquismo. Essa mesma lei de coesão, que impõe um recomeço de movimentos inferiores, para que revivam em oitavas mais altas, e faz dobrar o alto para o baixo, para que este seja retomado pelo ciclo evolutivo e jamais possa ser abandonado fora do círculo e apodrecer no fundo, fora da grande caminhada progressiva, essa lei, que quer assim, é a mesma que impõe ao super-homem (santo, herói, gênio) que se sacrifique pelos irmãos menores, é o movente de seu instinto irresistível, de altruísmo e martírio".
Por esse caminho, superadas as fronteiras e deitadas no chão as barreiras de toda espécie, o super-homem pratica uma ética internacional e prepara um direito internacional.

Não se creia que Ubaldi reduza a virtude a um egoísmo refinado. Cristão até a medula, aponta o Evangelho como o código supremo da moral, e a moralidade social definitiva na lei: "ama teu próximo como a ti mesmo". Esta forma uma unidade com o amor de Deus, e só ele pode ordenar o amor aos inimigos.

As relações sociais são grandemente econômicas. Ora, a ciência oficial cometeu um erro duplo: 1) forjou um "homo economicus", isolando-o dos outros aspectos e funções de humanidade: um ente que não existe na natureza; 2) codifica o egoísmo, reconhecendo a legitimidade do princípio hedonístico, anti-colaboração por excelência, isto é, anti-social. Os dois erros justificam todo o egoísmo de indivíduos, grupos, classes, nações, interesse de todo o gênero. Será uma guerra geral, da qual só pode derivar a destruição.

Ao contrário disso, a evolução tende, como sempre, a reduzir, sitiar, eliminar os impulsos egoísticos. Ao passo que o mundo econômico, edificado sobre a santidade do egoísmo, está cheio de crises inevitáveis, sem remédio. A solução dos conflitos não está na criação de um rebanho de irresponsáveis, mantidos pelo Estado (bolchevismo); nas, ao invés, de responsáveis, que saibam. Manejar conscientemente as grandes forças econômicas, não com mutilação, mas com acréscimo de consciência, liberdade, confiança, responsabilidade: uma revolução ética em grande estilo.

"Na direção dessa renovação só pode estar o órgão máximo da consciência coletiva: o Estado. O fenômeno econômico espera da autoridade central do Estado — como personificação concreta da ética humana — cada vez mais enérgicas infusões de fator moral, com obrigações e retoques que purifiquem a atividade econômica e a riqueza, e a dirijam para fins mais elevados. Cabe ao Estado intervir e corrigir, introduzindo um mínimo de ética cada vez mais alta no fenômeno econômico, guiando por dentro e por fora o cruel equilíbrio das trocas, para um regime de colaboração, que não é apenas compensação, mas compressão de egoísmo; não só coordenação, mas fusão num organismo econômico universal. Uma ciência econômica consciente da Lei não deve surgir sobre bases hedonísticas, mas colaboracionistas, pois numa sociedade adiantada, a fase ética e utilitária é cooperação".

Esta função econômica não é certamente nem a única nem a mais delicada função do Estado. Qual é então a essência filosófica do Estado? " **É** o organismo, situado no centro do organismo social, centralizador do poder diretivo de todas as funções de um povo. Compreendido assim como poder, ele é o órgão psíquico, promotor e coadjuvador das maturações biológicas, individuais e sociais. Sua função é fazer o homem, impulsionar as ascensões humanas; seu mais alto objetivo é criar, no campo do espírito". Visto assim, do alto, "o

comando supremo é apenas o trabalho e a função suprema, a capacidade psíquica e volitiva suprema, a responsabilidade, o perigo, o peso supremo. Esta é posição de dever, posição de obediência aos princípios da Lei".

Em cada idade, tem o Estado sua tarefa precisa. A Idade Média, em suas condições sociais involuídas, só podia oferecer ao indivíduo um sonho de libertação individual, pelo caminho da renúncia mística. Titânica ebulição de almas, assim mesmo a Idade Média lançava no campo da arte, da política, da ciência, a semente das maiores construções espirituais. Amanhã, a grande revolução da humanidade (agora iniciada), filha de um amadurecimento biológico substancial, trará à luz o advento político da intelectualidade consciente: amadurecida na raça, construtora de instintos mais altos, que tornem o homem um ser escolhido por seleção para o ofício social do mando — uma escolha insubstituível por qualidades próprias e eminentes — como o sistema nervoso nos organismos animais superiores. Então, será mais nítida e orgânica a divisão do trabalho, por especificação de capacidade, base do corporativismo moderno.

Hoje, por obra do Estado, retoma-se o ciclo romano das construções e conquistas coletivas: não se pode mais conceber-se o indivíduo isolado, mesmo se santo, sem fuga mística do consórcio humano, mas o indivíduo com ele fundido em colaboração fecunda. Agora podemos mais exatamente definir o poder, como a central psíquica e volitiva de uma Nação.

Hoje, ao retornarem-se as tentativas de 1600 — grandiosas, mas desviadas por ambições dinásticas e parasitismos de cortesãos — o Estado se torna cada vez mais orgânico, progredindo em profundidade: não para sitiar o indivíduo, mas para valorizá-lo e levantar-lhe a consciência, e deste modo enriquecer cada vez mais as suas funções... Agora o Estado já não é mais apenas um poder central sobreposto a um povo... Hoje não mais se admitem essas superposições. E não sendo mais o Estado um poder central dominador, ele é o cérebro de seu povo, e só pode ser a expressão de uma consciência nacional, de uma unidade de espíritos, baseada numa unidade étnica.

O Estado hodierno, democrático e aristocrático ao mesmo tempo, representa a fusão de dois princípios de centralização, ambos necessários. Em sua função totalitária, ele cria uma coletividade mais compacta, em cujo seio o indivíduo não é mais o membro desordenado de um rebanho também desordenado, mas é o soldado de um exército em marcha, em que vibra a alma do chefe. Pela primeira vez, na história, o Estado faz do povo um organismo, em cujo centro, fundido com ele, faz-se a síntese de vontades e de poderes. No Estado moderno, o povo não é mais o rebanho governado, que deve apenas dar e obedecer, mas é o corpo do cérebro central (o governo), o organismo daquela alma dirigente, que o penetra por todos os lados e o vivifica com seus tentáculos e ramificações nervosas. Não mais um chefe ou uma maioria que governa, para si, mas uma doação de deveres na cooperação, uma fusão completa, num trabalho e num objetivo comuns.

Entre as funções do Estado, a primordial é a de ser instrumento de ascensões humanas. Pela altura e intensidade com que tiver sabido educar, se mede o valor de um Governo. Nas atividades individuais e sociais realiza-se o princípio da lei que diz: ordem. Move-se tudo ao longo de uma linha de coordenações e de harmonizações (....). Por esse caminho o centro, atingida a periferia, volta ao centro; este se reforça pela aderência do indivíduo, o indivíduo se valoriza na coletividade, acentuando seu rendimento. O Estado entoa a música da cooperação: prevê e une no espaço e no tempo, antecipa e providencia, garante e protege. Só ele pode criar uma atmosfera ética em que podem florescer as delicadas produções do espírito, pode elevar as

superiores atividades intelectuais, que doutra forma escapam à consciência coletiva, e são condenadas à extinção pelo princípio hedonístico. Nele nada se perde, cada um tem sua função. Nesse organismo; obedecer não é servir, mas valorizar-se. O novo Estado terá o monopólio da força, na medida do qual o império da força se torne necessário pela animalidade não subjugada. Não será agnóstico: deverá ter uma concepção sua, ampla, da vida, e fazê-la compreender, para que se realize. Deve conhecer o homem. No princípio, o centro se deterá num puro enquadramento das massas, mas o futuro consistirá na penetração das almas. Neste novo Estado, o indivíduo realiza sua maturação biológica para a fase do super-homem, todas as forças sociais são disciplinadas para um objetivo de elevação coletiva. Os instintos inferiores são atrofiados por não serem usados, os elementos mais involuídos são domesticados, porque absorvidos na corrente que os orienta para metas espirituais superiores.

Valorizadas as atitudes, eliminadas as rivalidades, impedidos os desperdícios de riquezas e energias, o povo realiza lentamente as grandes assimilações espirituais, e, compacto, avança para a conquista de seus ideais. "O trabalho, iluminado por finalidades superiores, não é mais uma condenação, mas é triunfo cotidiano sobre a matéria, triunfo da vontade e do espírito, viril ato de domínio. O Estado impelirá os cidadãos através da célula corporativa, num fecundo amplexo produtivo".

No novo Estado as anarquias econômicas devem ser eliminadas, o individualismo não é admitido, por ser desordem. O homem futuro que ele quer construir, não será uma simples máquina de fabricar dinheiro, apenas uma hipertrofia volitiva, mas um homem completo mesmo em seu lado espiritual, no desenvolvimento harmônico de todas as suas faculdades (....). O Estado aspira e emana, centraliza e descentraliza", é o coração que a cada instante lança todo o seu sangue, para que circule em seu organismo.

Gravíssimo erro do marxismo foi o de ver só os aspectos obscuros e deteriorados da convivência humana: uma concepção negativa e aniquiladora, semente de destruição, e não de construção. Hoje o Estado sente o dever de anular a luta de classe, antieconômica e imoral, que domina os antagonismos econômicos.

"Mas estava nas leis da vida a ascensão e uma fusão e solidariedade de todas as forças da produção, sem opressões e supressões, dando lugar a todos, para que todos dessem sua contribuição. E todas as classes encontram, no colaboracionismo, reconhecimento e proteção; o agricultor, o soldado e o operário. Colaboração, não luta de classes. A propriedade é base natural do edifício econômico, como a família o é do edifício social; é, como esta, uma lei da natureza, própria ao mundo animal. Destruir estas unidades primordiais insubstituíveis é demolir a natureza humana".

Às revoluções destruidoras, sucedeu uma revolução construtiva, que enquadra todas as forças e delas forma uma unidade; às revoluções que sobem — de baixo — para demolir, sucedeu uma revolução que desce — do alto — para construir; descida das aristocracias do pensamento para erguer os humildes, subida dos humildes para compreender. A tarefa das classes não é eliminar-se, mas dividir entre si os frutos da própria civilização, dirigindo-se à compreensão recíproca. O papel da classe dirigente não é dominar, mas educar a plebe tumultuosa, velho instrumento de vinganças, muitas vezes vítimas das repressões, sempre massa ignorante, amorfa e cega; para transformá-la em povo que ascende para mais alta consciência coletiva".

Um leitor apressado, versado na história das Religiões, seria induzido a acreditar que em *A Grande Síntese* revivem as tendências gnósticas, tão insidiosas contra o Cristianismo que

nascia, e por isso condenadas desde o primeiro instante pela Igreja, tanto quanto pelo bom senso. Já São Paulo se insurgira imediatamente, e não só ele, contra estas "aniles fabulae" ("histórias de velha").

Para quem não tem as idéias claras sobre a matéria, traduzo uma página de A. Lulicher (um douto racionalista): "Não existe um ensinamento gnóstico fundamental. Os gnósticos autênticos só têm em comum o fato de quererem alcançar os objetivos da Religião, isto é, a liberação do espírito da servidão da matéria mediante o ensinamento de uma ciência oculta, que, antes de tudo, consiste em especulações cosmogônicas, e depois em preceitos e normas para facilitar o processo de divinização. Os gnósticos cristãos, em particular, não se apresentam como filósofos que esperam demonstrar racionalmente sua doutrina. Ao contrário, dão-se o ar de Apóstolos ou Profetas de uma nova sabedoria revelada, que eles, conforme os gostos, receberam, ora de iluminados contemporâneos, ora de desconhecidos discípulos dos Apóstolos, ora de uma literatura antiquíssima que estava escondida (o último processo ainda está em, uso em certas igrejolas). Quase sempre se descobre. aí uma marca forte das concepções babilônico-persas, que, nos cultos misteriosos daquele tempo em que florescia o sincretismo religioso, se haviam misturado singularmente às idéias gregas. Por isso, na base das doutrinas, encontra-se um grosseiro dualismo, mas dissimulado por arabescos politeísticos, pelo qual o espírito é matéria, Deus e o mundo aparecem como antíteses absolutas, o processo esotérico apresenta-se ligado à devastação das forças morais, os indivíduos surgem como meros espectadores passivos do drama das forças que movem o mundo". (Die Rel. lesu und die Anfange des Shristentums).

Ora, compare-se a Gnose com o fundo doutrinal de Ubaldi: "Eis o mecanismo secreto da lei: o psiquismo animador das formas, sede da centralização dínamo-cinética da substância no nível A, exprime — no instinto fundamental da vida, que é a insaciabilidade do desejo de evoluir — o impulso irresistível para a descentralização. O desejo nascido dos movimentos íntimos da alma, cria a função, a função cria o órgão, que por sua vez consolida a função. Tudo no Universo grita a paixão de exprimir sua potência interior, a paixão do Eu que luta para aparecer à luz e revelar-se. **É** o cotidiano esforço da evolução que fixa em órgãos a expressão de um desejo tenaz e vitorioso, órgãos que fazem o psiquismo tornar-se motor, dando-lhe a possibilidade de mover os corpos. Este, uma vez estabilizados seus meios, serve-se deles para exprimir-se ainda, cada vez mais longe, aperfeiçoando-os e multiplicando-os. Acossando os órgãos, está sempre este impulso, esta indomável necessidade do desejo da alma, que não se deterá jamais na evolução, porque não tem confins".

Aqui não há segredos, não há fantasias, nem misturas sincretistas. Ao contrário dos gnósticos, longe de todo dualismo, Ubaldi retoma dando-lhe outro sentido, a palavra desacreditada "monismo", e reconhece, em conseqüência, na natureza, na matéria, a mente e a mão de Deus. Dessa certeza se desprende um otimismo são e iluminado, que induz a uma luta viril até a morte.

O método, não obstante insólito, é conhecido pelos filósofos e psicólogos. E está ao alcance de todos desde que sejam aplicadas as condições pedidas pela própria natureza das coisas. Pois a "intuição" e uma faculdade concedida a todos, mas, sendo poder eminentemente espiritual, requer necessariamente uma disciplina interior, um treinamento, uma catarse e uma tensão, acessíveis a pouquíssimas pessoas. **É** o método que celebraram, e praticaram não só os Ióguis, os neoplatônicos e os "sufis", como os maiores santos e místicos cristãos.

A Igreja, que repeliu em todos os tempos tudo o que aparece como fantasioso, ocultista, histérico, tudo o que separa os indivíduos e os grupos da comunidade, inspirando aos primeiros o

orgulho de uma superioridade insubsistente, não me parece ter motivos para condenar Pietro Ubaldi. E o silêncio que ela vem mantendo há cinco anos *(A Grande Síntese* saiu em série desde 1932), dá bem a medida de sua grande prudência, tão diversa da atitude dos fanáticos, que gritam escandalosamente, logo que lhes chegue aos ouvidos uma frase que soe diversamente do que decoraram, sem compreendê-lo. Aliás, não há necessidade de recorrer a interpretações benévolas de amigos; temos as declarações repetidas e decisivas de Ubaldi — de quem ninguém pode contestar a sinceridade e o desinteresse — nas quais afirma sua plena e filial adesão ao cristianismo. Essa necessidade de pertencer a uma Sociedade visível, que no decurso de uma história bimilenária desenvolveu o drama único da espiritualidade cristã, é característico (não digo exclusivo) dos italianos.

Ele, portanto, nem sonha pregar uma nova religião, nem fundar igrejolas, nem deixar sem freio seu enorme poder de intuição, de forma a tirar-lhe qualquer controle. Esta a relação de Ubaldi com a religião católica.

Passemos à ciência. Na questão particular da física atômica, temos uma confissão recentíssima do ilustre Heisenberg. Diz ele: "Pelo que diz respeito às forças que mantém as partículas elementares, prótons e nêutrons, no núcleo, sobre sua espécie e origem, nós ignoramos quase tudo: mas aqui se apresentam os problemas mais importantes para a física hodierna (....). Não poderemos conhecer de nenhum modo a natureza do ferro, se não chegarmos a compreender a relação com outros fenômenos da física atômica etc.". (Veja *Scientia*, 1º fevereiro 1938).

Então, é útil pôr em confronto fenômenos e fenômenos, próximos e remotos, mentais e físicos etc. Não basta, pois, a simples observação dos fatos físicos. Nem o cálculo matemático, que invadiu tudo e se tornou arrogante como a velha metafísica — pois o número não é tudo, graças a Deus. Aliás, sabemos as lacunas, as incertezas, as hipóteses contraditórias e geralmente efêmeras, que ofuscam a face da Ciência, especialmente quando se passa do inorgânico ao orgânico, da mecânica à biologia, e desta à psicologia e à moral; do homem indivíduo aos fatos sociais, econômicos, étnicos, políticos, estéticos. A pretensão de uma continuidade ininterrupta entre os fenômenos faliu miseravelmente.

Já mostrei as incongruências, os delírios, a confusão que tornam o campo das ciências sociais desagradável, quase sempre estéril, quando não infestado por ervas maléficas. O que mais impressiona, e dolorosamente, é a desorganização que impera não só nas relações entre grupo e grupo de ciências afins, (menos a astro-físico-química), mas também entre disciplinas diversas e até nas partes contíguas de uma mesma disciplina. A filosofia que, depois da teologia, reinava soberanamente sobre as ciências subordinadas, condenando-as, agora, pela força das coisas, deixa que estas sigam imperturbáveis em seus caminhos.

Teremos, então, de resignar-nos a uma anarquia, que, por agravar-se com o progresso em cada campo, aumentará forçosamente.

As condições da filosofia não são mais alegres. A imagem hierática quase do antigo sábio (Pitágoras, Heráclito, Empédoceles) que passa pela multidão, ou se ergue no meio de uma elite de discípulos, venerado quase como um revelador descido do céu, já foi feita em pedaços. Deixando de lado epigramas dos escarnecedores e o sacudir dos ombros dos céticos vulgares, achamos que, agora, o valor intrínseco da filosofia parece quase reduzido a zero a não ser para os escolares ingênuos. Para Windelband "os valores pessoais de criação, expressos em Platão, em Descartes ou em Hegel são (.....) vivas entidades espirituais, que atuaram na fórmula dada por eles para o problema do universo e do homem". Para Bréhier ,"as doutrinas filosóficas valem em razão do impulso espiritual que as criou: não são coisas, mas pensamentos, temas de meditação

propostos ao futuro etc." (de *Z.* Zini). Estes são filósofos autênticos, e além disso otimistas. Imaginemos os outros.

As tentativas, feitas desde 1860, para ressuscitar os quatro Chefes de Escolas alemães, para fazer frente ao positivismo, obtiveram fracos resultados e contribuíram para aumentar as divisões.

Os neo-escolásticos, no louvável propósito de reivindicar o "objeto" — que a idiossincrasia dos alemães, inclinados a absorver tudo no "sujeito" havia rejeitado — não deveriam esquecer a sábia exortação de Leão XIII: "Fazei vós também o que São Tomás de Aquino faria, se vivesse em vosso tempo". Se não, sua influência não sairá dos próprios claustros.

É boa a teoria de Rickert: a verdadeira realidade é a que as ciências do espírito nos revelam, ao passo que a natureza é apenas uma imagem abstrata e abreviada dela, criada pela necessidade que tem o homem de dominar, classificando e tornando uniforme a infinita variedade dos "indivíduos" de que consta sua experiência.

Entretanto, é muito mais cômodo ter à disposição arquivos mentais bons, que lançar ao cérebro um montão de conceitos, ainda que sejam vazios. E são muito incômodas as filosofias dos valores", quando impõem a coerência entre os atos e as teorias. Há cerca de um século os filósofos e literatos se lançam contra toda idéia de obrigação moral, que é condição "sine qua non" de toda vida associativa.

Bergson e Blonde! Deram séria atenção ao fenômeno "vida", "energia", que quase escapou aos velhos filósofos (excluindo Leibnitz, Vico e pouquíssimos outros) e reuniram em redor de si certo número de discípulos, como aconteceu na Itália com Groce e Gentile, ligados ainda, especialmente o primeiro, a um subjetivismo nórdico, no qual, entretanto, não é fácil achar o "subjectum inhaesionis" do Absoluto, se não é Deus vivo e verdadeiro. Mas as quatro escolas, mesmo se se unissem às estrangeiras, e não estivessem além disso ferozmente divididas entre si, constituiriam, ainda assim, uma minoria de pouca eficácia no público.

Com efeito, os cientistas, por exemplo, não querem saber de tantas filosofias em voga. E quando têm veleidades metafísicas, então muitos se formam um pan-matesismo ou panaritmismo (peço perdão pelos feios neologismos) cósmico, que supera o panlogismo de Hegel.

Estamos, portanto, como nota Külpe "num período patológico de transição, em meio a uma verdadeira anarquia filosófica". E isto tem de levar a efeitos catastróficos, especialmente de ordem moral e social, pois o bacilo do ceticismo acha aqui a cultura mais favorável e os efeitos são os mais desastrosos.

Qual é a culpa? Primeiramente, as divisões, as rivalidades religiosas, que dilaceraram a unidade espiritual da Europa; depois a vitória dos interesses materiais, que desviaram o homem dos superiores interesses espirituais, criando filosofias sem interioridade, superficiais, efêmeras, conhecidas hoje e esquecidas amanhã.

Além disso, voltando à Idade Média, encontramos a tendência racionalística inerente a um aristotelismo mais ou menos, sensista, mais ou menos ligado a Averroes. E enfim o individualismo endêmico, desenfreado, que o regime burguês-capitalista glorificou.
Necessitar-se-á, pois, — ai de mim! —, mudar de vida e mudar de rumo.

Para mudar as vidas, só a religião. O rumo (do pensamento), cada um pode escolher por si, até certo ponto. Pietro Ubaldi situou-se no caminho da intuição, quase abandonada há séculos, com intransigente resolução. E recusou para si qualquer outro meio de conhecimento.

Agora não me proponho mostrar as bondades do método. Mas faço observar que um cuidadoso exame do "senso íntimo" (o "sensus abditus" de Campanella) provoca o aparecimento na consciência de uma série de elementos heterogêneos que transcendem os ordinários meios de aquisição. E desvenda as raízes irracionais da chamada razão.

No caso de Ubaldi, resta explicar um fato estranho. Um homem que, depois de haver estudado leis, de má vontade, de ter viajado para ver o mundo e aprender línguas, dedica-se a ensinar inglês num pequeno ginásio de província, e deixa de ocupar-se com estudos e leituras científicas; este homem, de improviso, toma a pena e escreve Mensagens impressionantes, que ele assevera que lhe foram sugeridas por seres superiores. Dois anos depois, e sempre acusando a mesma proveniência, escreve um volume de 400 páginas — do qual fiz a apreciação — perfeitamente orgânico e coerente, que, pode dizer-se, enfrenta todos os problemas mais delicados pertinentes à ciência e à vida, e se mostra bem informado (mas por caminhos extraordinários) dos últimos resultados seus, acha conexões inéditas e antecipa descobertas teóricas. Tudo isso, numa forma literária irrepreensível, lúcida e elegante; com um tom elevadíssimo, uma espiritualidade cálida e pura, e uma humanidade palpitante.

**É** claro que ele, com esta e outras publicações (a que melhor esclarecerá seu pensamento religioso e dissipará equívocos está no prelo) pensa exercer um nobre apostolado, conclamando os contemporâneos a um gênero de vida mais razoável e digno. Abstenho-me de entrar neste campo, para não ultrapassar os limites dentro dos quais se move *Gerarchia*. Mas, de resto, não titubeio em convidar os homens de pensamento e de boa vontade, aqueles sobre os quais pesa a responsabilidade do bem público, de que tomem em seríssima consideração, ao menos teoricamente, a Mensagem que há oito anos Pietro Ubaldi não se causa de lançar ao Velho e Novo Mundo, com um resultado imprevisto na América meridional. Enquanto ele vai cumprindo esta sua missão, não espera nem deseja vantagens de qualquer espécie. Até está pronto a pagar a missão com a sua própria pessoa. Pois sabe bem que não é digno de trabalhar para uma grande causa, quem não está pronto a suportar por ela — se necessário — até o martírio.

Com isto, disse implicitamente meu pensamento (firmemente orientado para uma filosofia que usa a intuição para construir a personalidade), se isso pode por ventura interessar a alguém.

***(a) FERMI***

# ASCESE MÍSTICA - APRECIAÇÃO DE FERMI

## (Videntes, Filósofos, Cientistas)

Da revista **Gerarchia** - fevereiro de 1939.

R. C. Adhikary, da Universidade de Calcutá, escreveu, para *Scientia* (1939) um quadro da filosofia indiana, donde extraiu algumas afirmações: "Eles (os autores dos Upanishad) tinham chegado a esta explicação do mundo (como derivado de Deus); em parte, como conseqüência de observações empíricas, conduzidas durante muitos séculos, e em parte como resultado de iluminações intuitivas, fruto também de um modo santo de vida". Depois, enumerados os principais sistemas, diz do 2º, ou seja, do Yoga: "Ele é, do princípio ao fim, um sistema prático de disciplina mental, com uma metafísica reduzida ao mínimo. Objetiva a disciplinar o corpo, o espírito e a alma, controlando a dieta, o regime do pensamento e o modo de meditar, com o que se cria a atmosfera mais apta, para que o espírito finito possa complementar o Infinito, o Eterno, o Divino. Embora o sistema Yoga se ocupe essencialmente de disciplina, esta é aplicada como elemento comum (note-se bem) em todos os sistemas ortodoxos de pensamento entre os indianos. Isto distingue a índia do Ocidente. No Ocidente a filosofia é um gênero acadêmico de especulação. Na índia é uma questão de vida e de morte, pelo que são tomados em consideração os meios práticos de ensinar aos homens, a evasão das escravidões materiais, das ilusões dos sentidos, da obscuridade, das incertezas, da dúvida".

Se Adhikary quer referir-se ao ocidente moderno, tem razão. De outra forma, não. Na antigüidade, Pitágoras e Platão, os Estóicos, os Cínicos e os próprios Epicuristas, sobretudo os Neoplatônicos, com Plotino à frente, não fizeram especulações acadêmicas, e portanto não fecharam os olhos aos problemas práticos; éticos, pedagógicos, políticos. Enfrentaram também o aspecto prático deles.

Torna-se mais decisiva minha reserva quanto aos filósofos cristãos, a partir de Orígenes e Justino; aliás, desde São Paulo, que a seu tempo e lugar enfrentou e resolveu problemas especulativos altíssimos, sem jamais separá-los da vida vivida.

Subestimaria os meus leitores se me pusesse a expor as qualidades do filosofar de santo Agostinho, platônico, mas ainda mais cristão. Este nada recebeu dos Pais orientais (os dois Gregórios, Basilio etc.) já tão elevados, mas também práticos. E objetivou, não menos que estes, uma sabedoria inteira e coerente.

Depois, nos primeiros albores da Europa civilizada, nosso Anselmo de Aosta (1033 - 1109) acendeu a primeira chama do pensamento refletido no Monastério de Bec, na França, e mais tarde na Inglaterra, com a autoridade que lhe vinha da santidade, da inteligência, da posição elevadíssima de Primaz, na sede de Cantuária. Seguiram-no os Vitorinos, na França (ao tempo de Pedro Lombardo, arcebispo de Paris), os seguidores de São Francisco, especialmente na Inglaterra (R. Bacon, Duns Scott etc.) e na Itália (São Boaventura),; Todos estes foram filósofos e místicos, para os quais o "affectus era mais importante do que a "cognitio". Este era apenas o primeiro dos três graus: "cogitatio, meditatio, contemplatio", que tinham por objeto a matéria, a alma, e Deus (Fiorentino). Mas até na Alemanha, aquele misticismo especulativo não se fechou

numa torre de marfim; objetivou, ao contrário, assiduamente a própria elevação e a melhoria do povo (Eccard, Tauler, Suso, foram eminentes e incansáveis pregadores).

Entre os Dominicanos, tal como os últimos citados, Alberto Magno e Tomás de Aquino foram sumos pensadores e ao mesmo tempo dedicados ao ministério sagrado. Nem ocorreu isto só com os homens, pois algumas mulheres, eleitas do século XII ao XVI cultivaram um misticismo elevado, rico de calor e também de graça, muitas vezes viril: Gertrudes e Matilde, Angela de Foligno e Margarida de Cortona, Catarina de Sena e Teresa de Ávila.

Pode dizer-se, em geral, que semelhantes testemunhas jamais decaíram, especialmente entre os católicos. Malebranche e Fenelon, Gratry e Newman, que floresceram nos últimos séculos, têm fama mundial. De outra escola, mas respeitáveis e igualmente conhecidos, foram Boehme e Swedenborg, Law e Buniam, Hamann e Saint Martin, Emerson e Carlyle. Nem deve ser esquecido o grande poeta católico F. Thompson, mais sublime que R. Browning e mais cálido que Shelley. O misticismo de Verlaine, Schuré, Meterlink e dos Russos, dá lugar a não poucas reservas.

Entretanto, se nos referirmos aos filósofos de profissão, e a partir do século XV, depois da morte de Nicolau Cusano e com raras exceções, (Campanella em sua outra fase e Malebranche), Adhikary tem toda a razão. E assinala uma lacuna que deveria fazer pensar a nós europeus, pois as conseqüências da incúria das coisas espirituais são desastrosas.

A censura não se dirige, felizmente, a Pietro Ubaldi, que retoma de sua Úmbria, a luminosa tradição interrompida por cinco séculos. E aqui me convém novamente falar dele, em vista de sua publicação, por estes dias, da *Ascese Mística* (edição, Hoepli): um volume não muito grande, mas de imensa significação. Esquivo e familiarizado consigo mesmo, de leitura fácil. Indiferente àquelas coisas de pouco ou nenhum valor que costumam excitar sem tréguas os homens de sua condição social, ele, há cerca de oito anos, dá ouvidos às suas "vozes" ou, se preferirem, ao seu "gênio", do qual espera revelações verídicas.

Em *A Grande Síntese,* que já apreciamos, confiando justamente em seu enorme poder intuitivo, traçou um quadro de filosofia científica e de antropologia ético-social, que deixa para trás as tentativas semelhantes experimentadas no último século pela amplidão da trama e pela singular novidade do método que seguiu, a intuição, como já disse. Esta não veio ao mundo com ele, tendo agido *ab immemorabili* entre artistas, sábios e videntes; mas jamais foi empregada com técnica tão rigorosa, clara e consciente, ele a descreveu com análise precisa, objetiva, indubitavelmente cientifica, no outro volume, as *Noúres.*

Para fazer cessar as usuais caretas das pessoas sabidas, Ubaldi faz suas as palavras de Goethe: "Nenhuma produção de ordem superior, nenhuma invenção, foi jamais devida ao homem, mas todas provieram de fonte ultraterrena. O homem, portanto, deveria olhá-la como um dom inesperado do Alto e deveria aceitá-la com gratidão e veneração. Nestas circunstâncias o homem é apenas o instrumento de uma potência superior, como um vaso, que foi achado digno de receber um conteúdo divino". (Conversa com Eckermann).

É o pensamento dos Profetas, dito quase com as mesmas palavras. Entretanto, se para Goethe a inspiração (artística, científica, filosófica) era um lampejo improviso que o homem sofre passivamente, sem poder preveni-lo nem solicitá-lo de modo algum, para Ubaldi, ao invés, há uma disciplina superior, uma verdadeira ars regia, que, mediante prévio conhecimento das leis cósmicas e da estrutura do espírito humano, ajuda a sintonizar este com as primeiras, para alcançar e exprimir muitas verdades inauditas; ou então, se se tratasse de verdades conhecidas, circundá-las de deslumbrante luz, geradora de evidência e inefável consolo.

Aqui reproduzo, uma relação graduada, em forma algébrica, dos modos sucessivos de conhecimento, que bem interpretam sua Gnoseologia nas várias articulações:

$x^2$ = plano de consciência sensória
$x^3$ = plano de consciência racional-analítica
$x^4$ = plano de consciência intuitivo-sintética
$x^5$ = plano de consciência místico-unitária
$x^6$ = plano inexplorado etc.

O plano $x^2$ pertence à humanidade global, que ainda não saiu da fase animal; ao passo que $x^3$, que é a fase da ciência atual — empírica, hipotética, analítica — é puramente racional, exterior, de superfície.

Entre este e o plano sucessivo da tabela, não poucos filósofos achariam um hiato, pois para eles o plano racional implica síntese. Ao passo que para Ubaldi a razão limita-se a traçar esquemas, desenhos lineares, diagramas. **É** uma geometria plana. A síntese, ao invés, é (para ele) ato vital, cálido e palpitante. **É** obra de arte pessoal, ainda que não seja arbitrária nem individualista. Desenvolve-se em determinada linha, para objetivos que são comuns a todos os espíritos, de acordo com normas gerais e leis cósmicas.

O plano $x^4$ é uma zona evolutiva já supranormal e excepcional para a média humana de hoje, que ainda se acha na fase $x^3$. Neste ponto e em dadas condições, o espírito emancipado da animalidade torna-se apto a "perceber, por ressonância, as emanações de zonas de consciência ou planos psíquicos evolutivamente mais altos". Aqui, por introspecção, atinge-se a verdade por dentro, fora das ilusões: toca-se a realidade. Com este uso da "intuição" surgiu *A Grande Síntese*, que é "verificação (note-se bem) por visão interior e sintonização (como acima) da realidade ultra-sensória da verdade fenomênica".

Experiências e tentativas ulteriores levaram Ubaldi ainda mais acima: onde o mundo cognoscitivo passa para segunda linha, para ceder lugar à penetração, à posse íntima, por comunhão profunda e inefável com a realidade, — unificando-se com ela por meio do amor: um amor super-sensível, transcendental, mas de uma transcendência que assalta, conquista e possui os recursos inexprimíveis da Imanência.

O plano do conhecimento foi superado: não o conhecimento em si mesmo, que, pelo contrário, na esfera mais alta — verdadeiramente empírea — a que subiu, se transforma em chama luminosíssima.

Assim, Ubaldi, "ainda que arrastado como por um turbilhão", mostra que "sabe dominar e descrever analiticamente" com precisão técnica e linguagem comum os fatos extraordinários que se desenrolam em sua alma.

O conhecimento — sabemo-lo — pretende introduzir-nos tanto quanto é humanamente possível na essência, na realidade da coisa conhecida, mais do que nos caracteres. Explica-nos este anelo o mito platônico das idéias eternas, o racionalismo aristotélico retomado pelos Escolásticos, as disputas medievais acerca das "species rerum" e a engenhosa "haecceitas" de "Duns Scott"; a dúvida de Descartes e Hume, que desemboca numa superação subjetiva, do primeiro, e na mais subjetiva e coerente síntese *a priori* de Kant, para o segundo. Finalmente, a eliminação hegeliana da *coisa* e a reabsorção do número, por parte do ser pensante. Mais atilados e profundos, os Místicos — e agora Ubaldi com mais consciência científica — firmados na intuição (excepcional) — de uma Realidade-Amor, Transcendente e Imanente, não se limitaram

a explorar à distância a chamada essência das coisas, do não-eu. Com ímpeto corajoso e sublime, arrojaram-se ao "Sancta Sanctorum", ajoelharam-se, e depois, levantando-se abraçaram o divino simulacro, apertaram-no ao coração, fundiram-no com o calor íntimo e o tornaram translúcido. Operada assim a admirável compenetração e transmutação, o eu tornou-se tu, eu — como dizia Angela de Foligno, repetindo, sem sabê-lo, a mais alta expressão da sabedoria indiana.

As páginas que refletem as efusões da Extática de Foligno e de Rysbrock, o Admirável, são o que de mais excelso produziu talvez a mística medieval. E não temem comparação com as mais luminosas páginas do Upanishad, de Platão, dos "sufis" e dos maiores poetas modernos (veja *Le Trésor des Humbles,* de M. Meterlink).

Dante está separado pela amplitude do conteúdo humano e divino, que os literatos recusam reconhecer, talvez pelo medo legítimo de ficarem ofuscados.

Mas, que ensinaram aos homens os antigos videntes?

Nada aos materialistas, aos hedonistas. Mas tudo, ou quase, aos homens desejosos de lançar o olhar, o coração e a vontade para fora da caverna platônica. (República, I. VII).

Visões ofuscadoras de verdades eternas para uns; sonhos de enfermo, quimeras, para outros.

Ubaldi renovou em parte as afirmações dos Testemunhos que citei no curso deste artigo, mas de modo original e pessoal. Aproximou-se deles, muito pouco e tarde, de maneira a não comprometer sua espontaneidade; mas até (o que mais importa) acrescentou novo peso às antigas testemunhas, que concordavam, ou quase, no essencial metafísico, e independentes, o mais das vezes, um do outro.

Muito acrescentou ele de seu.

Recolho o ensinamento de Ubaldi de alguns capítulos, onde existe a novidade, nem sempre nas partes, mas nos motivos, nas concordâncias, e na estrutura geral:

a) o Universo, como o concebemos, tem uma constituição trifásica, que se desenvolve em três planos de existência: Matéria ($\gamma$), Energia ($\beta$), Espírito ($\alpha$). O infinito ascendendo ao médio e este ao supremo pelo intensificar-se da ação conservadora divina, que é uma criação incessante.

Portanto, o perene suceder-se da vida que se transforma da primordial cegueira rude e passiva em consciência e liberdade, fazendo seus e traduzindo-os em norma espontânea, porque consciente e aceita, os motivos do desenvolvimento, que é ritmicamente encaminhando para a unitotalidade.

b) o seguro avançar dos seres para a unidade, por meio de encontros, contatos, comunicações e comunhões crescentes em intensidade e constituindo harmonias cada vez mais vastas, musicais, etéreas, pois se libertam aos poucos das prisões do espaço e do tempo. A lei moral coincide, como os Gregos haviam adivinhado, com a elevação, o aperfeiçoamento e a felicidade pessoal (o Paraíso terrestre nos últimos cantos do Purgatório).

c) segue-se daí que o conhecimento da grande lei cósmica se converte em moralidade, comando que se aceita sem hesitar, com alegria; porque é interiorizado e ditado pela própria consciência. A conseqüência disso é uma tarefa excelsa confiada ao saber científico e filosófico.

d) o bem privado e o bem público coincidem. Esclarece-se aqui: 1) a natureza do dever em quem manda e em quem obedece; 2) a gênese do Poder nos Chefes e nas Aristocracias.

e) a psicologia da introspecção convenientemente treinada (Índia antiga, Europa medieval, Tibete) descobre não apenas abismos medonhos (no subconsciente) mas rotas excelsas e luminosíssimas (superconsciente); ou seja, aqueles mundos que trazemos em nós mesmos,

ignorando-os: a consciência subliminal e a superliminal. Mas, além disso, revela contatos e interferências com correntes arcanas, que formam uma espécie de troposfera espiritual, que nos circunda de todos os lados, que nos exalta e deprime; que perturba e arrasta os imprevidentes, mas traz auxílio de primeira ordem aos que o querem, para acelerar as ascensões que lhe são destinadas ou permitidas (Noúres).

f) o último degrau que Ubaldi atingiu é a experiência mística, à qual está dedicado mais especialmente o volume que estou examinando. Aqui se cala a astrofísica do macrocosmo e a química do átomo, pois o espaço e o tempo foram transcendidos. Fala e canta, exulta e se perde, no "miro gurge", o espírito recebido, por graça, temporariamente, na Esfera que só tem por limite Amor e Luz.

Aqui a experiência dos sentidos, do intelecto raciocinante (discursivo) e da própria intuição, deixou apenas traços na linguagem, que adquire graça de arte e vigor dialético, que pertence a forma. A substância de tão rara experiência está no dinamismo incendiário e vulcânico do espírito que, chamado à reunião seus poderes e apertando-os num feixe, os dirige com orgulhosa alegria para a Realidade eterna, para que os acenda e quase os destrua, a fim de que renasçam mais puros, belos de fulgurante beleza, tal como o Poeta os viu em Matilde e Beatriz:

Não se poderia dizer com palavras a transumanização

Pietro Ubaldi empenha-se com freqüência numa luta titânica para superar esse limite fatal. Deve reconhecer-se que não é raro que vença. A prosa deste volume é mais colorida, se não mais cálida, mais variada de tonalidades e matizes, que não se encontram nas páginas às vezes ofuscantes, mas um pouco monótonas e monocrômicas dos maiores místicos medievais. Essa vantagem é devida à maior messe de experiência que Ubaldi pôde recolher nas viagens, em sua vida civil e doméstica, em campos variadíssimos de observação, que faltaram àqueles antigos Reclusos.

* * *

Demonstrar a utilidade excepcional de publicações como esta a pessoas inteligentes e cultas, não perdidas na noite dos sentidos, é ingênuo, mais do que supérfluo.

Faço apenas uma observação.

Quem é iniciado na filosofia da história, que A. Comte teve a sorte de deduzir de Vico, e observa atentamente (o que não faz Roosevelt) os fatos que se desenrolam sob seus olhos, não duvida que tenhamos entrado num período orgânico. Uma lei superior — de que a insipiência de quase todos os intelectuais acelerou o ritmo — está concluindo o período da crítica. Esta, útil e mesmo necessária, quando surgiu, terminou por desencadear-se estultamente sobre os mais preciosos bens que a humanidade recolhera, entesourara com mil esforços e heroísmos.

Pois bem, a concepção biológica, e, portanto orgânica, de Pietro Ubaldi, vem ao encontro da comprovada exigência do tempo que ocorre. E demonstra até à evidência, as razões do comando e as razões da obediência, ambas subordinadas à visão das unidades parciais que se reagrupam harmonicamente na estrada da Unidade definitiva, meta gloriosa de nossa viagem.

Os que verdadeiramente compreenderam esta verdade, esses, e mais ninguém, serão dignos de constituir as Aristocracias de amanhã. Ao lado dos autênticos Dirigentes, afastados e quase invisíveis, mas inspiradores seguros, serão os outros Nobres, para os quais são escritas obras semelhantes à *Ascese Mística*.

***(a) FERMI***

# A GRANDE SINTESE - APRECIAÇÃO DA IMPRENSA (I)

Da revista **La Ricerca Psichica** - Milão, ano XXXVII, fase. II, novembro, 1937.

Pietro Ubaldi — *A Grande Síntese* (síntese e solução dos problemas da ciência e do espírito) — primeira edição, 1937 - Ulrico Hoepli, Editor Milão.

Não é fácil criticar um volume de tanta amplitude conceptual, de tamanha vastidão e profundidade de argumentos, de tão nova técnica de pensamento e tendo sido escrito em processo tão original. Por sua séria, mas rica apresentação tipográfica, pela sobriedade de seu prefácio, não se supõe, à primeira vista, o imenso mundo interior e o profundo fenômeno espiritual de que ele saiu. Mas seu estilo sempre límpido, simples, acessível — embora com uma tonalidade desusada hoje — revelam imediatamente ao ouvido que bem distingue, um sabor de supranormal, atrás do qual se sente o fenômeno metapsíquico.

O prefácio não entra, nem podia fazê-lo, em pormenores para explicar o gênero; estes são dados em outro volume, *As Noúres* — Técnica e Recepção das Correntes de Pensamento, do mesmo autor. O fenômeno da gênese de *A Grande Síntese* foi tão complexo e vivido tão minuciosa e analiticamente pelo próprio indivíduo que o viveu, que pôde oferecer material e argumento para um volume inteiro. E o próprio autor nos anuncia que continuou o estudo do fenômeno inspirativo em evolução, em outro volume terminado há pouco. Sem falar, pois, do conteúdo ideológico de *A Grande Síntese,* ela se apresenta como o produto de um fenômeno que foi amplamente estudado; aparece com linhas originalíssimas; é apresentado pelo autor como uma nova técnica de pensamento e método de investigação filosófico-científica, e trata sobretudo do campo das ciências psicológicas e em particular de nosso campo da metapsíquica. O próprio ilustre Prof. Bozzano acompanhou com admiração esta obra, que durante cinco anos encheu as páginas da revista *Ali del Pensiero,* de Milão; *Constancia, de* Buenos Aires; *Reformador,* do Rio de Janeiro; e as colunas do maior diário do Brasil, o *Correio da Manhã.*

*A Grande Síntese* é, portanto, um sistema de filosofia científica e assim aparece em sua mais simples expressão. Todo o cognoscível humano é aqui recolhido numa síntese orgânica unitária, completado nas lacunas deixadas pela ciência, reconduzido ao mais compacto monismo e é elevado das divergências analíticas a uma síntese universal, até tocar a essência dos princípios que estão no Absoluto. Fica assim plenamente justificado o subtítulo do volume: "Síntese e solução dos problemas da ciência e do espírito". Esta obra colossal e universal tem, pois, vários aspectos e significados e pode ser lida em diversas profundidades. Interessa antes de tudo à ciência moderna e à filosofia, porque soube reconduzir à unidade a ciência e dela fez um sistema filosófico. Mas este sistema é uma concepção profundamente espiritual; está pois, no

centro de nossa fé espiritualista, como de qualquer fé no espírito, de todas as religiões que se baseiam justamente nisso. O espiritualismo moderno recebe, hoje, com esta obra, um novo endereço científico; adquire uma plataforma racional e objetiva, que lhe faltava, e não só de casuística analítica, que ainda não chegou à sua definitiva fase sintética. A fé no espírito é aqui fato demonstrado e a ciência materialista que o negava é levada, por sua evolução e com seus próprios meios e métodos, a este plano mais elevado, em que o espírito aparece evidente. Tudo isso é uma concepção, um estilo, um endereço novo, que nos leva imensamente mais alto. Desta nova orientação já se encontram trações nas revistas, fatos que nos demonstram que isso já foi sentido e assimilado.

Mas *A Grande Síntese* tem também um conteúdo ético. **É** uma obra benéfica em larga escala, equaciona e resolve a tarefa de iluminar as consciências num momento histórico decisivo de grandes amadurecimentos em todos os campos. Tem, pois, um alcance também social e se insere como força viva na renovação espiritual para a qual o mundo se prepara laboriosamente. Quem ler esta obra, nessa profundidade, ouvirá ecoar aí as grandes correntes de pensamento, as titânicas forças cósmicas do imponderável que circunda o mundo e é ativo na preparação de seu futuro próximo e remoto.

Não é possível entrar aqui, em breve nota, no pormenor do tratado. É mister lê-lo, e cada alma responderá à leitura segundo sua capacidade de vibrar e de responder, de sentir e de entrar em sintonia, com aquele mundo imenso que se abre, nessa obra, ao nosso olhar. Os problemas tratados são tantos, e vão da estrutura do átomo ao problema da dor; das questões astronômicas, químicas e matemáticas às sociais da hora presente; da relatividade einsteiniana ao corporativismo; dos complexos problemas da gênese da vida aos fenômenos econômicos; da origem dos universos ao homem, ao gênio, à arte, ao amor, a Deus. O universo aparece aqui em seu funcionamento orgânico e na Lei suprema que o guia.

Cada leitor sairá desta leitura iluminado por uma nova certeza, melhor para si, para sua família, para sua Pátria.

*(a)* *L. F.*

# A GRANDE SÍNTESE - APRECIAÇÃO DA IMPRENSA (II)

Da revista **Il Loto** - Florença, ano VIII, nº 6, novembro-dezembro de 1937.

Esta obra, verdadeiramente excepcional, tanto pelo valor científico quanto pelas novas concepções ultramodernas que nela são expostas, com um estilo elevado e ao mesmo tempo claro e convincente, é sem dúvida uma das mais importantes que tenham aparecido nestes últimos anos.

Explicar seu conteúdo em poucas linhas não é possível, dada a importância do

argumento e a absoluta novidade do conceito. Limitar-me-ei a algumas indicações de índole geral e a todos aconselharei a leitura, ou, melhor ainda, o estudo, para que possam todos aí haurir precioso ensinamento. **É** certamente um livro de Ciência, mas não de Ciência fria e temerosa de olhar muito distante, como estamos habituados a ver.

Esta é uma Ciência cálida, dinâmica, entusiástica e viva, que se arrisca sem medo o mais alto e mais longe que pode, voando com asas seguras além do convencionalismo e dos horizontes apertados; reconduz todo o criado a uma Unidade grandíssima, que é Deus. É aceita qualquer fé, desde que sincera, e procura-se seja ela reconciliada com a Ciência.

Fala como cientista a cientistas, para conduzi-los à Espiritualidade, servindo-se de seus próprios métodos.

Fala aos intelectuais para fazê-los achar o caminho do coração, servindo-se do intelecto; e abre para todos a estrada para o Infinito, despertando neles a Intuição.

**É** vivificada e reforçada, com os mesmos materiais de consciência humana comum, a nossa consciência latente, que é a alma eterna que preside ao nascimento e à morte do corpo físico.

Quer o autor que a Nova Civilização do Terceiro Milênio se erga do materialismo, para conduzi-la à Espiritualidade; observa que as próprias religiões esconderam a originária centelha divina e que hoje nenhuma fé sincera sustenta as massas; até aquela de Cristo — que ele julga a mais completa e perfeita — não conseguiu comovê-las nem arrastá-las. Hoje o espírito caiu na indiferença e o autor tenta, neste volume, cheio de entusiasmo e paixão, reerguê-lo e endereçá-lo para a Espiritualidade - Julga que agora os tempos estão maduros e novas descobertas da Ciência comum levam a novas orientações, a novas concepções.

Em sua exposição, parte do exterior para atingir o interior, da superfície para entrar no âmago, da multiplicidade fenomênica para descobrir o princípio fundamental que é "Uno" e que "dirige tudo". Esta seria *A Grande Síntese*.

Estes ensinamentos servem para dar ao homem uma nova consciência cósmica mais vasta e mais universal, que lhe será útil, não só para aprender, mas, sobretudo para agir.

Diz-nos como a Lei regula o Universo, que é ordem e Equilíbrio.

Analisa detalhadamente Matéria, Energia e Espírito, e a passagem de um a outro estado, explica-nos os motos fenomênicos, que, com ritmo cada vez mais acelerado, conduzem ao Super-homem, glorioso resultado de um trabalho gigantesco, para o qual todos — querendo ou não — temos de contribuir. O homem, então, guiado pela Intuição, poderá, diz ele, atingir verdadeiramente a felicidade. Este objetivo radiante da vida — esta conquista maravilhosa exalta de tal forma o autor, que ele consegue exprimir-se em estilo verdadeiramente inspirado e poderoso, e se arrisca até a indicar-nos as realizações que deverão ocorrer no próximo Terceiro Milênio, para evitar o perigo da destruição da Civilização atual.

Mesmo se estas não se realizassem inteiramente, estão, porém baseadas na Lei eterna, que dirige a Evolução, e assim, as que então se realizarem, terão de derivar da mesma Lei Suprema, à qual as coisas e os homens jamais poderão subtrair-se.

***(a) C. A. S.***

# A GRANDE SINTESE - APRECIAÇÃO DA IMPRENSA (III)

Da Revista **Religio** - Roma, vol. XIV, nº 4, de Julho de 1938.

*A Grande Síntese* - Sabemos que não é costume de *Religio* apreciar livros de inspiração mediúnica, nem ocupar-se daquele conjunto de doutrinas conhecido com o nome de "ciências ocultas". Até a orientação da revista é absolutamente contrária à mediunidade e às ciências ocultas. Mas *A Grande Síntese,* de Pietro Ubaldi (livro devido à mediunidade inspirativa) representa um tão imponente volume de pensamento de fé, equaciona e resolve — no âmbito de suas premissas — um conjunto tão grandioso de problemas, que pode perfeitamente justificar uma exceção à regra. O embaraço talvez — embaraço enorme — para o crítico, é que, nutrido por essas doutrinas, dificilmente poderá conservar rígida objetividade Mas a crítica não é quase sempre ou sempre, de caráter subjetivo? Não se julga, porventura, uma obra de acordo com os próprios conhecimentos, as próprias orientações intelectuais e com grau de espiritualidade que atingimos? E ademais, poder-se-á chamar "crítica", no sentido vulgar do termo, quando se trata de um livro que procura dar um objetivo a tudo o que a nossa vida contém: arte, direito, ética, luta, conhecimento, dor, encadeando e fundindo tudo na mesma estrada das ascensões humanas?
Do outro lado, muitos dos assuntos tratados em *A Grande Síntese,* por quanto sejam interessantes e atraentes, *escapam* da competência de uma revista de estudos religiosos. Não podemos descer, por exemplo, com o autor, ao âmago profundo da matéria, para aí buscar a organização atômica, eletrônica e nuclear.

Limitar-nos-emos a projetar os principais aspectos de um problema que é a razão de ser de nossa revista: o problema religioso. Digamos de imediato que a posição de *A Grande Síntese* diante deste problema — como aliás em todos os que equaciona e resolve — é nitidamente revolucionária, e isto, parece-me, deveria bastar para assegurar ao autor e ao livro nossa fraternal simpatia de homens que, humildes, mas fervorosamente, se esforçam por arrancar as estranhas e tenebrosas "vendas que cobrem os olhos humanos, da manhã à noite" — a visão radiante do verdadeiro rosto de Deus.

Trata-se, pois, de nova revelação? Sim, se entendemos como revelação não só aquela que lança fundamentos de uma religião, mas, também, "todo contato de alma humana com o íntimo pensamento que está na criação, contato que revela ao homem um novo mistério do ser". E não é a revelação deste novo mistério do ser que esperam tantos corações atentos, sentinelas vigilantes dispersas na solidão espiritual de nosso pobre mundo em luta? Seremos nós preconcebidamente hostis à Grande Síntese, tornando-nos rígidos nas velhas categorias conceituais, que, no entanto sentimos serem insustentáveis, mas às quais nos apegamos por um senso de "fidelidade" mal compreendido, que, no final das contas é um simples e pobre conservadorismo? Penso que *A Grande Síntese* deve ser lida e meditada com o coração puro e a

mente pura. Coisa verdadeiramente rara nos livros desse gênero, ela não se mantém nas esferas inacessíveis da intuição pura, mas fala à inteligência, à razão cética e — traço de grande originalidade, que é como o selo das obras verdadeiramente geniais — apresenta seus argumentos com critérios científicos, e até põe a ciência e suas conquistas ao serviço de uma grande obra de espiritualidade.

Porque a finalidade primeira e última de *A Grande Síntese* é justamente esta: instaurar no mundo o Reino do Espírito, revelar ao homem ignaro ou obstinado na negação, afogado no materialismo científico, destruidor de toda fé, que tudo, em nosso mundo, tudo nos vastos universos, é obra do Espírito do qual procedemos e ao qual todos, consciente ou inconscientemente, tendemos. Mas este Espírito e seu Reino que progride, não são abstrações impalpáveis, etéreas, ondulando nos imponderáveis e às vezes incompreensíveis paraísos da fé. Não: o Espírito é uma realidade. Mais até: "depois das descobertas da desintegração do átomo e da transmutação da individualidade química, por explosão atômica, a descoberta da realidade do Espírito é a maior descoberta científica que se espera, a descoberta que revolucionará o mundo, iniciando uma nova era". Eis a mensagem confortadora. E é evidente que, orientada por objetivos tão elevados e ousados, *A Grande Síntese* não pode deixar intactos os valores religiosos e as categorias teológicas, tais como o homem os forjou. Ela olha para a vida, e a vê como uma troca ininterrupta, como uma corrente que se não detém, um turbilhão maravilhoso em que nasce o pensamento, a consciência, o espírito, e avisa que "todas as formas de vida são irmãs da nossa e, como nós, elas também lutam por ascender para a mesma meta espiritual, que é a finalidade de nossa vida humana”.

E na base de toda vida, coloca a Evolução e esclarece que a Evolução é palingênese, é libertação, afirmando que o progresso da espécie orgânica não é retilíneo, como o viu Darwin, mas é alternado, por contínuos retornos involutivos. Lei cíclica, portanto, que se repete no campo da consciência individual e coletiva, que regula o desenvolvimento e o progresso das civilizações. Mas esta evolução não poderia verificar-se sem a reencarnação, pois a reencarnação é uma necessidade para a evolução; ela corresponde ao princípio de expansão e de contração dos ciclos evolutivos, é uma condição da lei de equilíbrio e conseqüência do princípio de indestrutibilidade e transformismo da Substância. Evolução é libertação. Frase felicíssima. E eu acrescento: Evolução é resgate, é redenção, é posse. Não o disse Cristo. Eu sou o Caminho?

Olha para Deus e o aponta como a direção, a tendência, a aspiração a meta; mas avisa — a propósito da criação do homem segundo a Gênese "não deis um corpo e sopro à Divindade; compreendei que, nessas palavras, só pode haver uma humanização simbólica de uma realidade mais profunda". E qual é essa realidade profunda? "Deus não é uma potência exterior a nós, mas íntima a nós, como é íntimo a todas as coisas, e é no íntimo que Ele opera profundamente, expandindo-se até dominar, soberano e sem oposição". E explica: "Deus não é e não pode ser algo a mais e externo, algo distinto da criação. A concepção humana de Deus, que cria fora e além de si, acrescentando algo a si, é uma concepção antropomórfica absurda, que acaba reduzindo o Absoluto ao relativo (.....). Não vos façais centro do universo; aplicai a vós os conceitos de espaço, quantidade, medida, movimento, perfectibilidade; não deveis medir a Divindade como vos medis a vós mesmos, não tenteis defini-la, tanto menos com aquilo que só é próprio para definir a vós mesmos, por multiplicação e expansão de vosso concebível". Deus é, pois, para *A Grande Síntese*, a infinita alma que está no centro do universo: não centro espacial, mas centro de irradiação e de atração.

"Não vos façais centro do universo. Eis o sapientíssimo aviso. Afinal, que temos nós

feito de Deus? Reduzimo-Lo a conceitos feitos à nossa imagem e semelhança, pretendendo fazer de nossa razão, a medida de todas as coisas. Mas separamos todas as coisas totalmente de nós. Erro gravíssimo. Porque a alma do homem e a alma das coisas são como diversas expressões de Deus, em planos diversos de evolução e ambas tendem para Deus, obedecendo à Única Lei, aquela Lei que é a idéia central do Universo, o sopro divino que o anima, o dirige, o move . E que é essa Lei? A Lei é Deus. Ela manifesta-se, em mil aspectos diferentes, mas permanece sempre uma lei de bondade e de justiça. E qual é a mais alta expressão da lei, que podemos conceber? "O Evangelho de Cristo, cuja compreensão significará a realização do Reino de Deus".

A primeira impressão, diante desta resposta, é perguntar que tem a ver o Evangelho de Cristo, diante desta nova revelação monística, que procura dar ao homem uma consciência cósmica. No entanto, por estranho que pareça, *A Grande Síntese* faz do Evangelho uma afirmação de humanidade mais alta no divino, e o alcança pelas próprias estradas do materialismo, demonstrando que não há caminho que não conduza ao Evangelho, para impô-lo a todo ser racional, tornando-o obrigatório, como o é todo processo lógico. E o Cristo? Para saber exatamente o que é o Cristo para o autor, é preciso referir-se a outra publicação, *As Noúres*, que ilustra e torna compreensível a gênese de *A Grande Síntese*. Mas, mesmo sem *As Noúres*, percebe-se logo que também o Cristo — e é natural — perde aqui toda característica antropomórfica, para aparecer como um "espírito radiante, centro de atração espiritual, em torno ao qual giram os mundos". Portanto, um Cristo cósmico. Ubaldi (e aqui entramos no verdadeiro lado ocultístico da obra) apresenta sua mensagem tal como se lhe revelou. Mas, ao mesmo tempo, "Sua Voz" avisa: "A nova revelação não vem para destruir a Verdade que possuís, mas para repeti-la numa forma mais persuasiva, mais evidente, mais adequada às necessidades da mente humana que progrediu", e traça o grande caminho da conciliação entre ciência e fé. Compreende-se que uma conciliação só se realiza com renúncias de ambas as partes. Portanto, se de um lado, a fé tem de renunciar àquele seu caráter de irrealidade, que ela mostra diante da objetividade do positivismo científico, a ciência precisa deixar de fazer uma auto-apresentação de soberba, à procura da utilidade e da especulação, únicos ideais de suas pesquisas. E, como a ciência não deve permanecer um produto árido do intelecto, assim a fé não deve permanecer unicamente produto do coração, que não sabe dar as razões profundas à mente que quer ver. Mas a ciência não deve mais ignorar um fator, que agora de propósito ignora: o fator moral e espiritual, e o cientista não deve ser apenas um paciente colecionador de observações, mas também, e sobretudo, uma grande alma que saiba olhar na profundidade de si mesmo e na profundidade dos fenômenos, ou seja, que saiba sentir através da forma, a substância que nela se esconde". Assim, espiritualizando a ciência, e reconduzindo a fé ao campo racional, é possível reconciliar essas duas forças invencíveis de evolução, estes dois aspectos de uma só Verdade.
Numa palavra, *A Grande Síntese* pretende, como o disse eu de início, dar ao mundo a Ciência do Espírito, a fim de que o homem seja digno de penetrar o Mistério da Vida, superar a dor, vencer a Morte.

## *GIUSEPPE VINGIANO*

O amigo Vingiano deu-se conta perfeitamente da delicadeza de sua tarefa, de falar de obras ocultísticas, como as de Pietro Ubaldi, em *Religio*, revista, por definição, histórica e positiva. Mas, com elegância e tato, de que lhe somos gratos, executou sua tarefa, exprimindo,

como convinha, a sua admiração, que é também a nossa, pela profunda espiritualidade que vivifica as páginas de Ubaldi, sem por isso ferir, de nenhum modo, os métodos críticos e realísticos em que se inspira a compilação deste periódico.

***E. B.***

# A GRANDE SINTESE - APRECIAÇÃO DA IMPRENSA (IV)

Da revista **La Veritá** - Roma,
ano 39 nº 9, setembro de 1938.

Para compreender *A Grande Síntese* de Pietro Ubaldi, não bastam os argumentos ordinários de uma crítica benévola; é mister alargar-se, com elementos científicos, dentro e fora da vida que vivemos neste microscópico ponto do Universo, que chamamos Terra. **É** necessário elevar-se e manter-se em contato imediato com a Natureza e com todas as suas leis férreas.

Já o insigne Heráclito, cinco ou quatro séculos antes de Cristo, intuiu que na Natureza tudo se desenvolve segundo leis taxativas, e concebeu as Coisas e os Seres, como um jogo de forças da própria Natureza, jogo que compreenderia também o Espírito e a Alma, só existindo, entre mundo inorgânico e orgânico, uma diferença de estrutura, e não de essência. Hipócrates também viu que a Natureza é de tal forma, que basta por si mesma aos animais, e que sabe tudo o que lhes é necessário, sem necessidade de ninguém para ensinar-lhe, tanto que a pôde chamar de justa , como se fora provida de razão e de senso moral. Para Aristóteles, nada é produzido contra a Natureza, eterna e necessária; e para seu contemporâneo Mêncio, a Lei moral é paralela à Lei Universal, que governa todas as coisas; donde, viver segundo a virtude, significa viver conforme a Natureza. A Plínio, o velho, tampouco escapou para a Natureza que nada produz e nada faz sem grandes motivos. Para Leonardo da Vinci, também, a Natureza jamais rompe sua Lei, e toda ação natural é feita pela Natureza do modo mais breve e no menor tempo possível, sem prolongamentos, nem abreviaturas, contrários às suas Leis. Segundo Galileu, enfim, para pararmos neste grande italiano, a Natureza é a única Mestra, necessária, imutável, eterna, inexorável, não ligando a mínima importância que suas recônditas razões e suas manifestações sejam expostas ou não à capacidade dos homens.

A Natureza, pois, é realmente tudo. **É** tal, que as descobertas científicas mais recentes nos demonstram e confirmam que nada há na Natureza que não seja Matéria, que Matéria e Energia são sinônimos. E a matéria tem uma alma, um coração, uma sensibilidade, vivendo, vibrando e palpitando sempre, desde suas maiores concentrações até o Átomo, até aos Prótons, aos Nêutrons e aos Elétrons, positivos e negativos, que acabam dissipando em todo o Elemento cósmico primordial: no Éter difuso que enche todo o Espaço, na Energia em sua forma originária, finalmente, na Essência de todas as coisas. Dissipando-se e não Morrendo, porque no Universo, a Vida jamais morre, nada morre nunca, e tudo é Matéria em incessante movimento e

transformação contínua, ora agregando-se ora desintegrando-se, para depois agregar-se de novo, e assim sempre, eternamente, com uma concatenação que não tem lacunas, nem paradas, nem descontinuidade, nem princípio, nem fim, nem tempo.

Sendo esta a Natureza, ignara de repouso, de mentiras, de subterfúgios, e sempre, como diz Bruno, essencialmente igual a si mesma, deduz-se que ouvi-la, senti-la e uniformar-se às suas Leis, jamais violando-as, nem violentando-as, é o único meio possível de vida, para a Humanidade. E o autor desse volume não só o sente, mas também é constrangido a ouvi-lo.

Ubaldi, em sua *A Grande Síntese,* aparece-nos como um Ser que permanece continuamente aderente à Natureza, e ao qual a Natureza manda suas ondas eletromagnéticas, suas Mensagens, para serem captadas pelo organismo ultra-sensível que possui, e para serem depois comunicadas a nós, por meio de suas publicações.

A origem destas Mensagens, porém, pode ser consideradas dúplices ou diretamente do Elemento cósmico primordial, ou de outros Organismos humanos, mesmo se colocados a milhares de quilômetros de distância. Dúplice origem que nos leva à concepção única do Universo.

Se as Mensagens chegam a Ubaldi diretamente do Elemento cósmico primordial, ele é sem dúvida um dos mais singulares intérpretes da Natureza, que o escolheu para dizer-lhe suas Leis, seus Axiomas, suas Máximas, e para obrigá-lo a receber a vontade dela e os pensamentos, como poderia e deveria fazê-lo um dependente ou um escravo, do seu patrão ou déspota, e portanto, às vezes com calma e sem esforço, às vezes com sobressaltos e esgotamento de todo seu organismo.

Se as Mensagens chegam a Ubaldi de outros organismos humanos, sempre através do Éter cósmico, achamo-nos igualmente diante de um Ser dotado de um sistema nervoso excepcional, comparável a uma verdadeira central radioelétrica, que recebe e transmite ondas eletromagnéticas, com a mesma freqüência e comprimento.

**É** sabido, com efeito, que o homem, por meio do Sistema nervoso, recolhe os estímulos que lhe chegam do ambiente externo e a eles responde de modo adequado com os músculos e todos os órgãos.

**É** sabido ainda que o Cérebro, que é a parte mais importante no sistema nervoso, está provido de bilhões de Células, constituídas por uma floresta de filamentos, que se comportam como antenas da Telegrafia Marconi.

Os fios nervosos, condutores de rádio-ondas nos dois sentidos, estendem-se e se alongam, quase, com papilas microscópicas, além da superfície do corpo, para captar as sensações externas e canalizá-las ao cérebro ou para lançar as sensações e vibrações do cérebro fora dele. O sincronismo entre dois cérebros e organismo humanos é fulmíneo, tal como acontece para as radiações do gênero e da velocidade das ondas eletromagnéticas e da luz, iguais a 300.000 Km por segundo ou a sete vezes a volta a Terra, na mesma fração de tempo.

Tudo o que o cérebro recebe, sente, vê, irradia, é, pois, o resultado das vibrações das pequenas antenas cervicais. E como sabemos que as vibrações se propagam ao infinito, no Universo, assim elas, logo que saem de nosso cérebro, formam um complexo de irradiações que continuam a vibrar no tempo e no espaço; e de tal maneira que podem perfeitamente ser recolhidas por outro cérebro, que tenha o mesmo comprimento de onda, e com o qual se ache em perfeita sintonia e ressonância.

Ora, quer Ubaldi receba as Mensagens diretamente do Éter cósmico primordial, quer as receba de poucos ou de uma multidão de cientistas e de especialistas, o fato é que ele não sabe o

que a Natureza quer precisamente dele, mas sabe que lhe não pode escapar e que a deve ouvir, como a ouve, escrevendo e fazendo-se ler na Europa e nas Américas.

Diz justamente o autor desse volume, que o homem crê governar, e ao invés obedece sempre, constrangido pelo instinto à vontade da Natureza.

O instinto, com efeito, não é, como no-lo dizem todos os filósofos que não sabem fazer entender-se, o sentimento interior, o movente interno, o impulso natural que dirige os animais em sua conduta, a fazer as coisas sem que haja intervenção da reflexão etc. (o que seria muito pouco e muito vago), mas o instinto é a própria Natureza, que se revela nos animais e especialmente nos indivíduos e nas Sociedades humanas, em sua nua virgindade e realidade. O instinto é a Energia cósmica, a qual, como está presente e opera em toda a parte, no Universo, com precisão matemática, assim está presente e opera, sem errar, nas células vivas dos organismos humanos. O instinto é sintonia psico-física universal que se torna força positiva criadora no homem, diante da razão, que seria uma força discriminadora.

E graças a esse instinto e é com ele, que Ubaldi pode tratar os mais variados argumentos e fenômenos do Universo, sem perturbar-se, sem confundir-se, ao mesmo tempo em que, de sua ermida de Gúbio em que é professor, tudo quanto ele sente e diz, é quase sempre cientificamente exato.

O valor e a importância de *A Grande Síntese* de Ubaldi — à parte as evidentes erudições do autor do volume — está justamente na estreita correlação e harmonia entre a Natureza e seu instinto, ou entre a Natureza e sua constituição ou individualidade psico-física, a tal ponto que nos faz desejar (para que nos dê novas provas dessa harmonia) que perdurem nele o maior tempo possível, as condições favoráveis, que essa harmonia determinou.

Nesse ínterim, mostramo-nos gratos a Ubaldi pelo que oferece aos leitores dos Dois Mundos, mesmo que por vezes pareça que a Natureza não se lhe tenha bastante revelado ou que ele não tenha podido captar bem as ondas eletromagnéticas e o pensamento dela.

*A Grande Síntese* deve, pois penetrar o espírito e a alma de quem a ler, mesmo nas traduções, tanto quanto penetrou nossa alma e nosso espírito, que várias vezes relemos aquela Síntese, não tanto para estudos de caráter retórico ou filosófico, mas de absoluto Neopositivismo, mesmo político.

Roma, setembro de 1938

*(a)* ***ANTONIO D'ALIA***
*Ministro Plenipotenciário da Itália*

O autor deste artigo, Antônio D'Alia, Ministro Plenipotenciário da Itália, é conhecido no mundo cultural por suas múltiplas obras, poderosas por seus pensamentos profundos e originais. Sua competência reconhecida em ciência política torna autorizadas estas impressões e julgamentos, nascidos de uma afinidade de seu pensamento com o de Ubaldi, especialmente no campo político, histórico, econômico e social, por uma orientação comum filosófica, que ascende às mais profundas raízes biológicas e cósmicas daqueles fenômenos.

Por isso D'Alia quis citar Ubaldi, bem umas cem vezes, em seu alentado volume "máximas de Arte e de Ciência Política", publicado em Roma.

*A REDAÇÃO*

# A GRANDE SINTESE - APRECIAÇÃO DA IMPRENSA (V)

Da revista **La Verità** - de Roma, Agosto, 1939.

*A Grande Síntese*, obra filosófica de nosso culto colaborador, Pietro Ubaldi, publicada em língua italiana pelo editor Hoepli, foi recentemente traduzida em língua espanhola e publicada pelo Editorial Constancia — Buenos Aires (Argentina), com o título de *Síntesis Cósmica*.

Do prefácio da editora extraímos, com alegria os seguintes trechos:

"O interesse despertado por esta obra transcendental, do ilustre pensador italiano, tanto nesta parte do Continente americano como nos países europeus, foi enorme. Hoje o nome de Ubaldi é tão amplamente conhecido nos ambientes intelectuais, científicos e espiritualistas, que seria supérflua uma apresentação de sua personalidade. Obra destinada a revolucionar o pensamento moderno, sob os múltiplos aspectos de filosofia, ciência e ética, a *Síntesis Cósmica* se reveste de capital importância, por causa de sua gênese".

Do livro de Ubaldi, apareceu também a tradução em português, *A Grande Síntese*, num belo volume encadernado em preto e dourado (5.000 cópias), publicado pela Federação Espírita Brasileira — Rio de Janeiro.

Os leitores que de perto conhecem o pensamento do autor, através de apreciados artigos por ele publicados nesta revista — e estamos certos de que, conosco, compreenderam de imediato achar-se diante de um pensador original, de um italiano que honra seu país, e de um escritor militante e combatente, para afirmar-se vitorioso com os valores do espírito — poderão apreciar ainda mais completamente o valor de sua concepção da vida, aproveitando-se da procuradíssima edição italiana.

*(a)* ***A. S.***

# VÁRIAS CRÍTICAS

Das revistas: **Ricerche Filosofiche** e **Palmi** (Reggio Calabria) — Outubro-Dezembro de 1937.

Pietro Ubaldi - *As Noúres*, Editor Hoepli - Milão, 1937. Neste livro, além de serem encontrados pensamentos já conhecidos no campo filosófico e científico, e aqui bem acolhidos — valor da consciência intuitiva, purificação ética e arrebatamento simpático por um mais profundo, objetivo e amplo conhecimento, princípio animador de todas as coisas, sugestão do

ambiente —, e também páginas literariamente vivas e vibrantes, como aquelas sobre a história espiritual de Joana D'Arc, acha-se, sobretudo um importante testemunho psicológico. A originalidade da ultrafania do autor consistiria:

a) No fato de que ele determina ativamente, por si, as condições (ascensão) para encontrar as correntes de emanação espiritual (Noúres), as quais tendem a manifestar-se e exprimir-se na dimensão humana do inteligível, mediante um processo de transformação de dimensões;

b) Em que, durante a recepção, ele se mantém consciente, e, portanto capaz de passar continuamente do estado supernormal ao normal, e vice-versa. Durante essa passagem, pode "registrar" as mensagens; que lhe permite, outrossim, dar-se conta plenamente do fenômeno, e portanto descrevê-lo.

Se, no entanto, fossem pedidas provas do autor, mesmo lógicas (seu próprio testemunho é apenas uma prova subjetiva e psicológica), que sua mediunidade seja verdadeiramente inspirativa, isto é, provas de que ele recebe de correntes estranhas a ele e, sobretudo — como afirma — impessoais, mesmo que elas emanem como todas as outras que percorrem o cosmos do único centro que é Deus, não se acharia a resposta.

Estando no terreno da recepção, poder-se-ia admitir que, num estado de hipersensibilidade, podem captar-se irradiações de outros seres vivos pensantes, talvez mesmo habitantes de outros planetas, num estágio evolutivo muito superior ao nosso, para explicar que o produto é superior — como o afirma o autor — às suas capacidades intelectuais e culturais (as quais, não obstante, neste livro se mostram bastante amplas), quando não se queira pensar em elaborações que afloram de uma herança culta ou — o que é mais conveniente — a uma inspiração subjetiva proveniente das próprias condições de pureza e de sugestão em que o autor consegue colocar-se; mas a impersonalidade só pode ser uma ilusão subjetiva, também devida, talvez à falta de aprofundamento do processo despersonalizador, universalizador e objetivante do pensamento teorético (com efeito, o autor refere-se ao modo como escreveu *A Grande Síntese).*

Quanto ao fato de a tradução das correntes noúricas, na estorvante e inadequada linguagem humana, ser difícil e o autor sair da consciência normal à supernormal — trata-se apenas de um resumo — na minha opinião é um processo típico de criação espiritual, quando se verifica não ser fácil exprimir o que se intuiu e pensou numa tensão ardente de consciência, e se procura voltar ao ponto focal da inspiração, ou seja, tornar-se a colocar naquela tensão e intensidade de consciência, da qual se passa e repassa num contínuo esforço, sobre o qual Bergson escreveu páginas admiráveis, em *Deux Sources.*

*(a)* ***D. A. CARDONE***

Da revista La Ricerca Psichica, ano 39, n$^{9}$ 9, setembro de 1939.

Pietro Ubaldi, *Ascese Mística,* Editor Hoepli - Milão, 1939.

Não é fácil, sem dúvida, apreciar as obras dos místicos, porque se sabe que o místico não "demonstra", mas "afirma", baseado em luzes que, segundo ele, lhe chegam de um plano superior ao humano. Por isso, muitos dos que foram chamados para manifestar seu juízo a respeito desta obra, verdadeiramente interessante e merecedora do prêmio que lhe foi adjudicado, recusaram-se a fazê-lo, concluindo que "há obras, como estas, que são recebidas como se

apresentam; indiferentes à crítica e invulneráveis, porque ou se acredita nelas, ou não se acredita"

Este é um conceito geral, aplicável a todas as categorias e formas de misticismo, mas, no caso presente, a questão da "invulnerabilidade" se torna ainda mais séria, quando se pensa que Ubaldi apenas descreve suas próprias experiências psíquicas e dá razão pública de seus estados de alma.

Nós, que até agora não tivemos a sorte de elevar-nos às sublimes alturas a que parece ter chegado o autor, não estamos, para falar francamente, autorizados a analisar e criticar o que por sua natureza transcende a lógica ordinária e a crítica. De qualquer forma, procuraremos pôr em relevo rapidamente o que nos parece mais utilizável, neste volume, para os fins da educação espiritual e da investigação psíquica.

Apresenta-nos o autor a inspiração como o resultado da evolução da mediunidade, que, de passiva e incipiente, sobe à maior altura espiritual ao se tornar ativa e consciente. Tem importância muito particular o que escreve a respeito da técnica da inspiração. Esta ocorreria mediante o contato entre os dois termos: o centro emanante (onda-pensamento) e a consciência do médium. Quanto mais perfeito for este trabalho de sintonização e harmonização, tanto maior é a eficiência da emanação dos centros noúricos (das noúres), em relação às consciências individuais.

Notemos, a este propósito, que a idéia do sujeito, que sobe com poderoso esforço volitivo até o objeto de sua contemplação, e do objeto que responde a esse contato com análoga descida, constitui o núcleo do ensinamento místico. A teologia cristã canonizou esse estado com a teoria bastante conhecida da graça eficaz. Deus faz descer os raios vivificantes de Sua bondade, particularmente nas almas que não só põem em funcionamento todas as suas energias espirituais, para tornar-se dignos de sua origem divina, mas também que se enchem de amor e o expandem.
Belíssimas palavras nos dá a ler o autor, quando exalta o altruísmo e condena o egoísmo, pois o altruísmo se acha em constante comunicação com o todo, ao passo que o egoísta vive a expensas do todo. O primeiro identifica o próprio bem com o de seus semelhantes e revive nestes; o segundo opera uma contração das forças espirituais, tira a respiração da psique e a sufoca.

Digna de especial consideração parece-nos a teorização, quase geométrico-matemática, dos planos de consciência. Afirma o autor, de fato, que sentiu e viveu os estados místicos que o conduziram à aquisição de uma noção adequada do mecanismo e da evolução, o que ele julga poder fixar em diagramas, para maior evidência. Com estas projeções diagramáticas de sua intuição, Ubaldi quer colocar-nos nas mãos a chave, para compreender as grandes linhas da evolução espiritual: ascensão do ser a planos superiores de vida, em conseqüência do que, verifica-se uma dilatação correspondente da consciência; progressiva superposição de individuações e fusão de consciências, em forma de existência coletiva.

A doutrina das “consciências coletivas,” é sem dúvida outro dos traços mais importantes da intuição do autor, mas acreditamos que ela necessite ulterior explicação, pois parece-nos que a harmonização a que devem as consciências constantemente tender, não seja muito compatível com a "fusão" de que ele fala. Com efeito, dois ou mais campos de força e de consciência que se fundem, perdem, ou pelo menos enfraquecem, os traços característicos pelos quais se distinguem, de tal forma que o campo A seja algo diverso do campo B, e, sendo diverso, possa harmonizar-se com ele. Está bem que, apesar desta, a individualidade se conservará, pelo fato de que a zona de não-coincidência (1/2 - 1/4 - 1/8 - 1/16 etc.) jamais se anula; mas parece-nos que a lei de, atenuação do separatismo entre unidades de consciência e a correspondente lei de fusão de individuações, seja desvantajosa ao verdadeiro e próprio princípio da individuação,

que pode ser considerado como o pressuposto da harmonia e do amor, aos quais Ubaldi levanta hinos em termos tão profundamente apaixonados. Numa palavra, o caminho do espírito não pode ficar assinalado por um enfraquecimento da individualidade, embora com aplicação mais vasta da boa vontade por parte de cada ser consciente.

**É** fácil perceber — ficando no domínio do racional — que os termos: "amor, altruísmo, sacrifício" e também "coletividade" implicam a aseidade e a pluralidade das consciências, e são representantes apenas dos vínculos morais que ligam umas às outras. **É** verdade, também, que quando duas ou mais pessoas se amam desesperadamente, costuma dizer-se que "suas almas se fundem", mas aqui trata-se de figura retórica e expressão poética.

No entanto, merecem louvor incondicional os propósitos do autor, de guiar a humanidade aos planos espirituais mais elevados, de ajudá-la a penetrar no domínio do "superconsciente". Ele exalta o amor e as mais altas virtudes, e o faz com linguagem tal que produz certamente impressão bem profunda, especialmente naqueles que sentem a sugestão da "florescência" mística.

**É** preciso sobretudo apreciar estes trabalhos em vista do bem e do conforto que trazem a uma parte da humanidade, e de particular modo quando ameaças graves pesam sobre ela. E se nos colocamos deste ponto de vista, temos de constatar que a expressão favoreceu otimamente a intenção do escritor.

Às vezes Ubaldi cede de maneira excessiva ao próprio entusiasmo, e, por assim dizer, carrega um pouco as tintas, a esse "heróico furor" místico-pedagógico nem sempre é simpático. Mas esta é uma simples observação, que não diminui o valor da obra de que tratamos.

*(a)* ***R. FEDI***

# UM LIVRO REVELADOR

Do Jornal **Fronte Unico**, Roma —30 de Junho de 1939. E da revista **Il Loto** - Florença, nº 4 julho-agosto 1939.

Já lera *A Grande Síntese* quando ditada por "sua Voz" aparecera em série na revista *Ali dei Pensiero* de Milão. Reli-a com novo júbilo interior quando apareceu pela primeira vez em volume, publicada pela benemérita Casa Hoepli; tornei a lê-la pela terceira vez, nesta segunda edição, saída a pequeno intervalo da primeira, totalmente esgotada. E de cada vez pareceu-me ler um livro novo, ofuscante de esplendor, livro harmonioso, que tem o poder de unir as profundidades abismais da Terra com as insondáveis alturas dos céus, que é como a demonstração prática e científica do trimegistiano: “o que está em baixo é como o que está em cima”. Ler este livro é como fazer uma viagem fantástica do mundo atômico ao mundo galáctico, do microcosmo ao macrocosmo, depois repousarmos, alegres e gratos, nos paternais braços divinos. Surge então a convicção no leitor atento e livre de preconceitos doutrinais, de que este livro representa para nós uma nova Revelação. Não porque diga coisas novas em si, mas porque revela à nossa humanidade contemporânea um novo mistério do ser. Porque "Revelação" não é

apenas aquela que lança as bases de uma religião e que constitui infelizmente o rosto imutável diante da perene mutação das coisas; mas revelação é todo contato da alma humana com o íntimo pensamento que existe no criado e que revela ao homem aspectos novos e mais íntimos da Verdade única. Nesta acepção, *A Grande Síntese* que Pietro Ubaldi, de Gúbio, escreveu por mediunidade inspirativa é, incontestavelmente, uma nova Revelação.

Muitas críticas foram feitas à obra e ao autor — que antes deveríamos chamar seu fiel e entusiasta amanuense — não tanto pelo conteúdo, que encontrou, na Itália e no exterior, geral aprovação e admiração, como pelo método de compilação; porque até homens de reconhecida elevação intelectual, enregelados nos velhos sistemas conceituais, não admitem que *A Grande Síntese* seja um livro escrito por "mediunidade inspirativa", como o esclarece o próprio autor.

Não é num artigo de apreciação que convém demonstrar o engano de certas proposições. Parece-me, porém, que assim se faz a política do avestruz: cobrem-se os olhos para não ver a luz. Em sua simplicidade mais simples, a situação é esta: Pietro Ubaldi é um professor de língua inglesa num Real Ginásio de província. Com a láurea em jurisprudência, não possui nenhuma competência específica de problemas científicos, políticos, artísticos, sociais, religiosos, e eis que ele escreve de jato, sem consultar textos, um livro que tende a dar objetivos a tudo o que contém nossa vida empírica: arte, direito, ética, luta, conhecimento, dor etc. Tudo fundindo-se e canalizando-se no mesmo caminho das ascensões humanas! Além disso, o que deveria aparecer como valor comprobatório a quem não conheça por longa experiência esse fenômeno inspirativo de que Ubaldi é um testemunho magnífico, é a sua sinceridade e modéstia. Numa época em que é moda revestir-se com as penas do pavão e cobrir-se a própria nulidade com cínica desenvoltura do saber alheio, Ubaldi tem a humildade de declarar que *A Grande Síntese* não é propriedade sua, mas que ele foi um instrumento inteligente e consciente nas mãos de forças que o sobrepujaram. Ora, se apreciamos e admiramos o conteúdo do livro, pela altura e nobreza dos conceitos de que trata, pela profundidade dos raciocínios e a genialidade das soluções, além do que pela elegância segura do estilo, e se o autor confessa e demonstra em outro livro seu *(As Noúres)* que foi apenas uma antena que recebeu correntes de pensamento, temos o dever de reconhecer que esse livro apresenta uma mensagem que nos vem de fonte misteriosa e invisível, como um ensinamento e um aviso.

Que nos diz essa nossa mensagem? Não é possível dar o resumo, nem mesmo esquemático dele, porque *A Grande Síntese* é um livro que se lê, mas não se resume nem mesmo se critica. A matéria tratada é tão vasta e profunda, representa tão imponente massa de pensamento e de fé, tão rico e grandioso equacionamento e solução de problemas, que o trabalho de quem faz a apreciação é deveras difícil. O que se pode e se deve dizer é que *A Grande Síntese* nos liga intimamente à tradição mil vezes milenária do ocultismo, entendido não como um empirismo em que se retemperam tantos desocupados maníacos de aparecer aureolados de mistério, mas como uma concepção eminentemente aristocrática do saber e do poder humanos, reservados a poucos seres de exceção, capazes de penetrar além dos limites das realidades sensíveis e chegar ao conhecimento integral das leis e ao domínio inteligente e benéfico das forças que regem a vida universal.

Isto justifica ainda mais o que antes disse, isto é, que *A Grande Síntese* é uma revelação, no sentido de que nos dá uma parcial "desocultação" de certos conceitos e de certas leis que eram, há tempo, o apanágio cioso das assim chamadas ciências ocultas; e isto é um sinal manifesto de que efetivamente a vida é una, como é una a Verdade,. a qual é já toda contida na sabedoria antiga, vem aos poucos revelando todo o seu esplendor, proporcionando-o a

inteligência dos povos, cada vez mais aberta e receptiva. Da teoria atômica à doutrina da preexistência das almas e à pluralidade das existências terrenas; da teoria da evolução cíclica do universo à conciliação entre ciência e fé, entendidas como dois aspectos de uma mesma verdade, como duas forças invencíveis da evolução. *A Grande Síntese* desenvolve uma série de conceitos e de doutrinas que todos os ocultistas conhecem muito melhor que Ubaldi, mas que jamais tinham sido "desocultadas" e apresentadas ao público com a palavra convincente e simples e a fina genialidade de demonstração, com as quais Ubaldi as apresenta neste valiosíssimo livro. Mas, poderão objetar-me: que a organização da matéria era conforme à disposição planetária de nosso sistema solar; que a evolução humana se desenvolvia segundo uma lei cíclica que comporta fases alternadas de involução e evolução cada vez mais amplas, determinando de um lado a progressiva ascese dos indivíduos e as fases de decadência e de ascensão dos povos; que todas as formas da vida eram irmãs da nossa, lutando como nós para ascender à mesma meta espiritual que é o objetivo da vida humana, tudo isso já fora intuído pelos filósofos da idade clássica, desde Tales de Mileto a Zenon de Elea, desde Leucipo de Abdera a Platão de Egina, que antecipam de 2.500 anos, mais ou menos, as conquistas da ciência moderna. Isto é verdade. Mas o valor de *A Grande Síntese* reside justamente nisto, que ela endossa a hodierna psicologia científica como a única expressão susceptível de fazer compreender aos homens deste século a beleza inefável, e a resplendente realidade dos mistérios que foram intuídos pelos filósofos da época clássica, que a ciência oficial só agora começa a revelar e que *A Grande Síntese* esclarece e desenvolve.

Falei de mistérios. Evidentemente, entrando nesta atmosfera. *A Grande Síntese* não pode deixar de tocar num problema de importância primordial e fundamental, que é o problema e até o mistério por excelência: Deus. Em todo o desenvolvimento de *A Grande Síntese,* Deus está sempre presente. E é a meta luminosa para a qual conduz. Mais até, é ao mesmo tempo a vida e a meta. Mas aqui, Deus perde aquelas características antropomórficas tão queridas às religiões tradicionais, e, não sendo absolutamente algo de externo, de distinto, de estranho à sua criação, Ele se torna a grande alma que está no centro do universo, uma potência íntima a nós e a todas as coisas criadas onde opera profundamente, expandindo-se até dominar, soberana e sem contraste.

Para Ubaldi, ou melhor, para "sua Voz", a alma do homem e a alma das coisas, estão em planos diversos de evolução, expressões diversas de Deus, pois ambas tendem igualmente a Deus, obedecendo a uma única Lei, essa Lei que é a idéia central do universo, o sopro divino que o anima, o dirige, o move. Essa Lei — que é Deus — mesmo manifestando-se em mil aspectos diferentes, permanece sempre uma Lei de bondade e de justiça, que, em nosso concebível, acha sua mais digna e genuína expressão no Evangelho de Jesus Cristo, cuja substancial compreensão por parte da humanidade significará a realização do Reino de Deus.

Assim colocado o problema humano, cósmico e divino, é fácil imaginar as orientações e desenvolvimento que *A Grande Síntese* dá ao problema artístico e ao ético, ao social e ao da autoridade a ele ligado, e ao problema econômico. Seria interessantíssimo examiná-los um a um, mas isto excederia os limites de uma crítica. Limito-me a dizer — e é intuitivo pelo que até agora escrevi — que todos os problemas que interessam à vida associativa, desde o altíssimo e nobre da arte ao mais humano e atormentado como o econômico, desenrolam-se e se resolvem num desenvolvimento harmônico com o problema espiritual, à sombra de uma lei benéfica, única em sua essência e multíplice em suas manifestações, não estranhos, mas intimamente ligados a toda a complexa vida fenomênica; pelo que transparece evidente que toda atividade, desde a do homem a dos astros, através de mudanças alternadas de derrotas e vitórias, de quedas e

ascensões, de involuções e evoluções, converge para o mesmo alvo: unificação com o primeiro princípio, o Eterno. Falou-se de profetismo. E por que não? Se não estivermos cristalizados na idéia de que também no século XX um profeta tenha de ser necessariamente um homem que se veste com pelos de cabra e se nutre de mel silvestre e gafanhotos, como o Precursor, nada impede de considerar Ubaldi como um profeta deste atormentadíssimo nosso século, se por profeta entendemos aquele que, em tempo de crise moral e espiritual, fazendo-se eco do pensamento do Eterno, leva aos homens nova mensagem, revela aos corações ansiosos um novo mistério do Ser.

O que dá eficácia e valor a um livro é sempre a nobreza de seu ensinamento e a altura dos objetivos que se propõe atingir. Pessoalmente julgo *A Grande Síntese* como um livro que deve ser lido e meditado com pureza de coração e de inteligência. Sem dúvida muitas coisas são por ele demolidas; mas são demolições impostas pela necessária e urgente cura de nossa consciência moral e espiritual. São demolições que alargam o horizonte de nossa concepção e permitem que nossa alma sedenta se inebrie de uma luz mais pura e mais vivida.

*(a)**G. V.***

# MISTICISMO MODERNO

Do opúsculo **Comentários da Imprensa às obras de Pietro Ubaldi** da Sociedade Tipográfica Oderiso — Gúbio, 1940.

Pode parecer anacronismo piegas falar de misticismo em pleno século vinte e mais particularmente nesta nossa perturbada e atormentada época, tão ávida de gozos fáceis, tão claramente orientada para um materialismo utilitário e mais ainda tão saturada de ódios e egoísmos. No entanto, nada de mais natural, nada de mais perfeitamente coerente e harmônico. Os períodos de decadência espiritual, de crise social, de crasso materialismo, são os que preparam melhor o aparecimento de aspirações místicas, que criam aquelas poderosas ondas de renascimento espiritual, que devem depois salvar da inevitável ruína de civilizações apodrecidas os mais altos valores que essas civilizações produziram. Nenhuma surpresa, pois, que a Casa Editora Hoepli publique a *Ascese Mística* de Pietro Ubaldi, a quem devemos o livro mais orgânico, mais completo e substancioso de nossos tempos: *A Grande Síntese.*

Já Ubaldi nos dera *As Noúres,* explicação da técnica intuitiva e inspirativa que originara e produzira *A Grande Síntese.* Em *Ascese Mística,* Ubaldi estuda a evolução progressiva do fenômeno inspirativo até a fase mística, que ele viveu plenamente. O livro está dividido em duas partes distintas: uma de caráter teórico, em que o autor analisa a si mesmo em função da grande corrente evolutiva em que se sente enquadrado, esquematizando com muita clareza o fenômeno

místico no mundo conceitual moderno, e expondo, com apoio de uma representação diagramática das várias fases da ascensão espiritual, o seu aspecto técnico-científico e a técnica profissional. Na segunda parte, mediante um trabalho de introspecção, o autor descreve sua experiência pessoal, ou seja, aquele processo que o levou do íntimo e lancinante tormento da carne, à mais alta felicidade espiritual.

**É** preciso dizer que Ubaldi, mesmo enquadrando-se na longa teoria dos místicos cristãos, que a Igreja oficial elevou às honras do altar, se destaca nitidamente daquele misticismo estático, passivo, deprimente, dissolvente, com cilícios, numa palavra, negativo, que caracteriza os místicos medievais. Espírito profundamente latino e homem de seu século, Ubaldi foge de tudo o que é negativo, porque percebe com sensibilidade finamente cristã que o "isolamento do mundo e de seus semelhantes é sempre um pouco de isolamento de Deus". Segue-se daí que seu misticismo não é uma estéril concentração mental, que rouba à sociedade uma alma e uma atividade, mas uma fecundação operada pelo Divino no homem, para que se expanda o que é humano e se multiplique por sua ascensão. Trata-se, pois, de um misticismo ativo, vibrante, dinâmico, tal como convém a um homem do século vinte, que age, portanto, não como uma agressão à vida, mas como um auxílio à mesma.

À primeira vista, parece que deva haver nítida e radical incompatibilidade entre misticismo e dinamismo. **É** que não sabemos imaginar hoje, após séculos de deformado e absurdo ensinamento católico, um misticismo que não ache seu alimento na solidão e no mais mortificante auto-martírio, tanto estamos nós longe e esquecidos do ensino de Cristo, que jamais disse a seus discípulos: "abandonai o mundo, e vossos irmãos, e sede eremitas em tétrica furna por amor ao meu nome". Não. Disse exatamente o contrário. A seus discípulos deu um grande mandamento: "ide e pregai". Portanto, o verdadeiro discípulo de Cristo, o que tem intenção de segui-Lo em sua senda, e realizar totalmente a ordem soberana de amar o próximo como a si mesmo, deve viver no mundo. Mas, vivendo no mundo, não precisa ser do mundo. Esta é a clara e severa ordem que o Divino Mestre Galileu deixou a seus sequazes e nisto reside o segredo da verdadeira vida mística. Portanto, traem clara e conscientemente esta ordem aqueles que, na intenção de seguir o ensinamento Crístico, abandonam o mundo e se isolam de toda atividade humana. Longe de seus próprios semelhantes, como podem amá-los? O amor não é simpatia estéril, mas ação incessante. Eram místicos, e verdadeiros místicos cristãos, ou seja, ativos, vibrantes e dinâmicos, cada um em seu próprio caminho e sua missão a cumprir, Francisco de Assis e Joana D'Arc

Sem dúvida, lendo este livro, pode medir-se o caminho percorrido por Ubaldi desde as primeiras "Mensagens Espirituais" e da própria *A Grande Síntese.* Com a *Ascese Mística* Ubaldi se transfere para uma zona de espiritualidade ardente que escapa, até como fenômeno, a demonstrações científicas e a especulações conceituais. Para poder entendê-lo e compreendê-lo completamente, precisaria estar sintonizado com suas mesmas vibrações, ter chegado a seu plano de evolução. Quando, ao seguir Ubaldi em sua subida espiritual, passando de esplendor, em esplendor, de fervor em fervor, chegamos com ele ao círculo abrasado do amor e avistamos o medonho desmoronamento de tudo o que é humano, e à unificação da alma com Deus, que o torna uno com o Todo, onipresente no espaço e coexistente no tempo, que funde sua vida na vida de todas as criaturas, nos pobres homens "naturais" ansiosos, mas incapazes de atingir esferas tão adoráveis, só podemos admirar em silêncio reverente ou sorrir de compaixão. Porque, de acordo com o nosso modo de sentir, temos que definir Ubaldi como um santo ou como um louco.

Ora, dada a mentalidade imperante positivista e racionalista, compreendo perfeitamente

como é dificílimo a muitos homens de nosso tempo — mesmo se acreditando sinceramente — admitir que um seu semelhante, que toma parte em sua vida mesma turbilhonante e atormentada, que tem uma família para manter e uma profissão para exercitar, possa ter sido verdadeiramente "arrastado na esteira luminosa de Cristo", possa "ter visto o rosto divino do Mestre" e ter ouvido, como já Moisés no Horebe, a voz doce e terrível do Eterno. Na melhor das hipóteses, dá-se-lhe uma piedosa comiseração. Pessoalmente, mesmo se não estivera intimamente convencido de que um homem como nós, de nosso tempo, pode perfeitamente chegar à plena unificação com o Eterno, devo confessar lealmente que não me sinto com o direito de dizer a um meu semelhante, que com simplicidade e sinceridade me dissesse "eu vi" ou eu ouvi": não é verdade! E só porque eu não estou em grau de ver e de ouvir o que ele afirma ter visto e ouvido. Nem se pode duvidar de sua sinceridade e perfeita boa fé. Senão era preciso admitir-se que este homem mentiu durante dez anos seguidos, e continua mentindo com muita perseverança, com inteligência retilínea e com muita sabedoria, produzindo obras que sua cultura empírica não conseguiria justificar sozinha, mas todas trazendo a marca inequívoca de uma espiritualidade viva e profunda.

E qual é dos leitores das *Mensagens Espirituais,* de *A Grande Síntese,* de *As Noúres* e de *Ascese Mística,* que sinta poder afirmá-lo? E então, vem espontânea a pergunta: é possível que um ser humano possa atingir alturas espirituais tão inefáveis, ou talvez tenhamos de considerar esses místicos como fatos patológicos, como iludidos, que pensam ter alcançado certos níveis espirituais, que são apenas produto de sua emotividade? Para mim a resposta é clara e nítida: sim, é possível. Nossa incredulidade é função de nossa ignorância das leis que governam a vida e que um ensinamento filosófico religioso, falseado desde as raízes, não nos permite penetrar. Se todos os homens nascem em condições de perfeita igualdade moral, intelectual e espiritual, como explicar que em idênticas condições de tempo, de lugar e de ambiente, se desenvolvam de modo tão desigual que produzam o culto e o ignorante, o forte e o fraco, o ladrão e o filantropo, o violento e o santo? Isto deve levar-nos à reflexão. E os que crêem num Ente Supremo que é Justiça, Harmonia, Amor, como podem admitir que a justiça, a harmonia e o amor possam gerar ódio, desarmonia, injustiça? Aqui está o ponto. Se a árvore boa dá bom fruto, e não pode dar mau fruto, quer dizer que nossos conhecimentos na matéria estão errados. E o estão mesmo. A antiga sabedoria, à qual viramos as costas com muita desenvoltura, ao afirmar a preexistência das almas e a pluralidade das existências, esclarecia luminosamente o mistério da vida humana e seu desenvolvimento natural.

Diz-se que nosso mundo é grande e severa escola para os homens. E é verdade. E como em nossa organização escolar, assim também na escola da vida há vários graus de instrução, e em cada grau, diversas séries, que vão desde o jardim de infância, dos povos primitivos e selvagens, até as faculdades universitárias dos povos de alta civilização. Cada regresso nosso, regulado pela Lei, traz-nos à Terra com a nossa bagagem de experiências adquiridas anteriormente, a qual nos permite ingressar numa classe superior àquela em que antes exercitamos nossa capacidade, tentando conseguir adiantamento e promoção. E será assim até chegarmos a um alto grau de civilização, não só — evidentemente — industrial, mecânica e intelectual, mas também e mais particularmente, moral e espiritual. Assim compreendido, o fenômeno Ubaldi não nos parecerá nem impossível, nem digno de uma clínica neurológica. Muito provavelmente Ubaldi tem longo passado de profundas experiências religiosas; por isso, retomando em nosso plano, com uma consciência mais ampla e com forças mais substanciais, o seu caminho, ele se destacou da massa, não pelo fato de receber divinas graças extraordinárias, mas por íntima capacidade evolutiva, a fim de servir a nós, à massa, de exemplo, de incitamento

e de aviso. Assim explico o fenômeno Ubaldi e não creio possa ser diversamente explicado.

Tendo dado minha plena adesão a Pietro Ubaldi, e testemunhando-lhe mais uma vez minha simpatia fraterna, tenho de lealmente fazer algumas observações a respeito deste último livro. Cada homem tem os defeitos de suas virtudes. Ubaldi, que evidentemente não vive, e logicamente não pode viver em estado de perene inspiração, cometeu alguns erros, de caráter especificamente humano, que, embora não atinjam a substância do livro, serão lealmente anotados.

Para narrar a sublimidade de suas visões, Ubaldi julgou não houvesse na linguagem e na mente humana palavra bastante bela e imagem suficientemente luminosa e escreveu com uma harmonia pictórica, de exuberante riqueza, a qual, a meu ver, prejudica um pouco a narração de sua experiência, que talvez lucraria mais se houvera sido exposta em estilo mais simples, mais grave portanto. Doutro lado, obrigado forçosamente a falar de si mesmo em quase trezentas páginas do volume, Ubaldi dá a impressão não só de querer impor sua doutrina como único e geral meio de ascese, mas também assume — no fervor de sua exaltação, — o ar de novo messias, de novo salvador da humanidade. Sei bem que não é este o pensamento de Ubaldi, cuja natural modéstia e simplicidade são garantia da pureza de suas intenções. Aliás, ele mesmo, ao verificar esse perigo, procura humilhar-se profundamente a cada passo. Mas quem lê tem infelizmente essa impressão e isso tem o efeito de nuvens num céu sereno.

Mas, há algo de mais substancial, em que não concordo absolutamente com Ubaldi, e é a oportunidade e conveniência discutidíssima de revelar ao mundo o terrível segredo. Que ele tenha feito um voto solene e supremo na tumba de Francisco de Assis; que tenha oferecido sua vida ao Eterno, pela salvação da humanidade, é coisa tão sagrada, que ele não pode mais dispor dela. Toda oferta feita ao Eterno, ao Eterno pertence, não mais aos homens. Também aqui Ubaldi deve ter-se equivocado quanto aos seus contemporâneos, pensando que eles podiam compreendê-lo e receber seu dilacerante grito de alma! Se anoto estas faltas, não é, evidentemente, para pôr a cruz sobre os ombros de Ubaldi. Ele pressentiu, para si, um destino trágico; e ao ler certas páginas comovidas de *Ascese Mística,* tem-se a exata impressão de que para isso ele se preparou com firmeza de coração. Talvez seja mesmo chamado a dar um grande testemunho, não de palavras apenas, mas de ação. **É** indispensável, por isso, sustentá-lo com o nosso respeito e a nossa simpatia.

Tudo o que até agora ele escreveu para o nosso aprendizado e nossa elevação é supremamente belo, mas permanece no campo teórico.

Faço votos de que bem rapidamente possa documentar aos incrédulos, mas não apenas aos incrédulos, com obras de vida, a genuína pureza de sua espiritualidade e a altura de sua missão.

(a) ***G. V.***

* * *

Publicamos, com prazer, o artigo junto, mas fazemos algumas reservas quanto às conclusões a que chegou seu autor. Parece-nos, de fato, que a esplêndida e real contribuição que Pietro Ubaldi dá ao mundo com suas obras não pode ser considerada apenas testemunho de palavras e não de ação, e portanto que a elas devem seguir-se "obras de vida", como documentação. A nosso ver, parece que foi esquecido ou ficou ignorado o enorme esforço interior, moral e espiritual, vivido por Ubaldi, do qual as próprias obras são justamente a manifestação e expressão exterior; parece-nos que isso é não sentir o poderoso hálito da vida que promana de suas próprias obras, como magnetismo sutil, provocando exatamente a ressonância

nas almas alheias! Que sejam ainda poucos, e muito poucos, infelizmente, os que podem vibrar em uníssono com a poderosa vibração que permeia e se exala das páginas de *A Grande Síntese* e das de *Ascese Mística,* isso é dolorosamente compreensível; se assim não fora, não se acharia o mundo no estado em que se encontra; mas não considerar essas obras como reais "obras da vida", por parte daqueles que sentem e lhes apreciam o poderoso influxo espiritual, parece-nos diminuir e desconhecer a importância e o valor da real contribuição trazida por Ubaldi. Não podem escrever-se páginas daquelas, descrever semelhantes experiências interiores, se elas realmente não foram vividas — e ainda mais, se a vida comum cotidiana não estiver em perfeita harmonia com o espírito, no qual se realiza semelhantes experiências — e é justamente esse elemento de vida vivida o espírito real e profundo, que permeia as obras de Ubaldi, e por isso tem o poder de agir em profundidade sobre as consciências alheias. E uma "ação" semelhante, no mais alto plano do pensamento e do espírito, não é talvez a coisa essencial aos fins da evolução espiritual humana, e digna, portanto, de ser considerada como verdadeira "obra de vida"?

*A REDAÇÃO*

# HISTÓRIA DE UM HOMEM

Da revista **Risanamento Médico** - Roma, nº 2, novembro, 1942.

O livro de Pietro Ubaldi, que traz o título acima, não é romance; mas é mais do que romance ou drama vivido. Não é biografia, a não ser que seja considerada inversamente, ou seja, como negativo diante do positivo fotográfico: é uma paixão, uma série de ascese intercaladas com breves paradas; um processo místico, feito por um homem a si mesmo, e terminando com uma ascensão espiritual que faz pensar em Francisco de Assis.

Um homem que nasce rico, que poderia gozar dos bens desta Terra, mas que vê, dela, o aspecto repugnante, os pútridos frutos, a força corruptora, a ofensa à Divindade, e deixa que lhe carreguem tudo e arrasa a própria riqueza de modo a achar-se um dia pobre, sabendo-o e querendo-o, e isso após haver beneficiado a muitos, material e espiritualmente: este é o esqueleto da *História de um Homem* -

Numa época materialista como a nossa do século XX, tal modo de agir seria depressa definido — ou melhor diagnosticado — como doença mental. Mas, quando o homem que conscientemente se abandonou a essa "doença", consegue com os próprios esforços superar as dificuldades da vida, mediante um trabalho assíduo, sabendo que a ele apenas, e só a ele, deve o conforto da família e o próprio; quando um homem encontra nesse resultado o objetivo ansiado, que o aproxima cada vez mais de um tipo de perfeição espiritual, que a maioria evita sequer procurar, então pode dizer-se que esse homem não está doente. Nem podemos ter compaixão dele — como a temos dos doentes — porque nesse sacrifício que para ele foi alegria, é que encontrou o próprio ideal, a justificação da própria vida.-

Poderá pensar-se, ao lê-lo com espírito cético, que os estados concretos materiais e sociais, que as situações de pessoas e as visões de ambiente descritos no livro, fazem compreender um modo todo particular de encarar a vida. E é assim mesmo. Mas não é o modo de encarar a vida e de agir, de uma pessoa que é vítima de certo estado de alma; ao contrário, é o de

uma pessoa que domina e dirige esse estado de alma.

Poder-se-á objetar também que as mesmas coisas aparecem diferentemente a pessoas diferentes. Não resta dúvida. Mas é mister investigar qual seja o certo, ou em todo caso, qual seja o melhor modo de ver. Justamente pelo fato de que somos todos diferentes e cada um julga e obra de modo próprio, o julgamento de uma parte das pessoas sobre esse estado de alma particular vale só para elas; não para as que sentem à maneira do escritor. A subjetividade domina toda nossa vida psíquica; mas, nisto Ubaldi teria uma superioridade, porque ele domina o próprio eu, e não é dominado pela materialidade; esta pode ser instrumento necessário de medida para quem viva materialmente, mas não para quem viva espiritualmente. O modo de escolher a própria estrada, de bem colocar o próprio tesouro, segundo a parábola de Jesus, é diferente para cada um de nós, e ninguém pode fazer julgamentos sobre os outros, que não sejam subjetivos, e portanto parciais e viciados.

Sem dúvida, a figura de homem que Ubaldi representa como ele mesmo é, uma figura de alta exceção; seu plano moral é absolutamente superior; sua expressão é elevadíssima. Neste livro, escrito de forma impecável e com uma força de sentimento de comover, achamos, para nosso tempo, uma figura mais do que proeminente: alguma coisa que tem sabor de legendário, para a maioria dos contemporâneos, e que portanto escapa à apreciação com os meios de que dispõe nossa época.

Mas o que é preciso dizer ao leitor, para que não pense ser a obra uma das habituais biografias, mais ou menos transcendentais, é que nela a análise de si mesmo, de sua alma, é continuamente feita e refeita, cem vezes, com palavras e de pontos de vista diferentes; é o exame de um ser sob os mais variados pontos de vista e com todas as variantes do espírito, onde elas são mais numerosas de quantas possam encontrar-se na mais complicada e abstrusa fórmula matemática. Livro de apostolado de uma idéia e de um ideal; livro de combate ao revés, em relação à corrente mundana; livro de profunda psicologia analítica introspectiva, em que se vê a alma retorcer-se, atormentar-se como uma serpente no fogo que a consuma; no entanto, vemo-la libertar-se do fogo, elevar-se, aperfeiçoar-se aos poucos, para um tipo de sublimidade que só achamos na história dos mártires do passado. Junto a isso, uma profunda filosofia, que não esquece as distâncias entre religião e humanidade, e mostra as proporções entre elas, como entre a divindade e o homem. Um martírio procurado, que se torna apoteose.

*A REDAÇÃO*

Da revista **La Veritá**, Roma, 31 de outubro 1942, nº 10.

Pietro Ubaldi - História *de Um Homem*, Editor Bocca - Milão, 1942.

Com esta *História de um Homem*, Pietro Ubaldi escreveu seu melhor livro. Também porque, falando de si mesmo e das mais dolorosas provas de sua vida espiritual, soube achar acentos de tão profunda paixão, que conseguiu dar-nos muitas páginas, em que o pensamento e o artista se completam, num equilíbrio quase perfeito.

Parece-nos, também, que as vicissitudes de que este livro é o reflexo tenham contribuído para esclarecer e pôr no ponto exato o pensamento do autor, que nos livros anteriores podia parecer aqui e ali um pouco incerto e confuso.

Ao narrar, porém, os desenvolvimentos psicológicos e filosóficos que o conduziram à visão das coisas e da vida, apresentada nestas suas recentes e entusiásticas páginas, Ubaldi dá demasiada importância à passividade passional de episódios exteriores, que, para um pensador e filósofo, ao contrário, não deveriam ter nenhuma.

Por exemplo, a condenação ao índex de duas obras suas precedentes não deveria perturbá-lo nem produzir-lhe aquele choque nervoso, que o faz escrever páginas belíssimas do lado artístico, mas deploráveis para um homem de pensamento, todo dedicado a resolver as razões últimas da vida e da realidade.

Sem falar que já não mais estamos no tempo de Giordano Bruno, especialmente depois do episódio de Galileu, a condenação do índex, mesmo para um crente, não pode ter valor definitivo, tratando-se de um órgão falível da Igreja, e que já várias vezes reconheceu seus erros e voltou atrás em suas decisões.

Dado que Ubaldi esclareceu tão notavelmente seu pensamento, esperamos dele agora uma obra filosófica serena e definitiva, que o leve às conclusões das fecundas premissas, anunciadas até aqui.

*A REDAÇÃO*

# C O M E N T Á R I O S

**Terceira Parte**

# A Condenação

## CONDENAÇÃO DO SANTO OFÍCIO

**(Decreto da Suprema Congregação Sagrada do Santo Ofício)**

Do **Osservatore Romano** - Roma, 15 de novembro de 1939, n$^{9}$ 268, segunda edição.

São condenados dois livros escritos por PIETRO UBALDI.

Quarta-feira, dia 8 de novembro de 1939

Na reunião geral da Suprema Congregação Sagrada do Santo Ofício, os Eminentíssimos e Reverendíssimos Senhores Cardeais encarregados de zelar pelas coisas da fé e dos costumes, tendo ouvido o voto dos Reverendos Senhores Consultores, condenaram e mandaram inserir no INDEX dos livros proibidos dois livros escritos por PIETRO UBALDI, cujos títulos são:

***Ascese*** Mística**.**
***A Grande*** Síntese.

E, no dia seguinte, quinta-feira, 9 do mesmo mês e ano, o Santíssimo Senhor Nosso Pio XII, Papa pela Divina Providência, na habitual audiência concedida ao Excelentíssimo Senhor Assessor do Santo Ofício, aprovou, confirmou e mandou publicar a resolução dos Eminentíssimos Padres, apresentada a Si mesmo.

Dado em Roma, no Palácio do Santo Ofício, no dia 10 de novembro de 1939.

*ROMULO PANTANETTI*
Chanceler da Suprema Congregação
Sagrada do Santo Ofício

# UBALDI CONDENADO PELA IGREJA

Da revista **Light** - Londres, 22 de Fevereiro de 1940.

Caiu sob a excomunhão da Igreja aquele sensível e altamente espiritualizado escritor, Pietro Ubaldi, e suas duas últimas obras. *A Grande Síntese* o *Ascese Mística* foram condenadas. A última foi publicada há alguns meses apenas, mas a primeira teve sua segunda edição antes que fossem descobertas suas qualidades perigosas (?).

Realmente, quando pensamos na sinceridade de Ubaldi e em seu profundo sentimento religioso, em sua vida de renúncia e em sua simplicidade franciscana, admiramo-nos da mesquinhez de pensamento dos que nos dias de hoje podem censurá-lo.

Entretanto, os que cometem o atentado de querer silenciar os pioneiros do ensino espiritual, colhem geralmente o efeito oposto ao que desejavam: e neste caso, eles liderarão um aumento de interesse em tomo de Ubaldi e de suas obras.

O seguinte trecho pitoresco apareceu num artigo, que é evidentemente da autoria de um eclesiástico, na *Gazzetta di Foligno:* "Desde que, nos assuntos religiosos, o pensador não é — segundo a metáfora comum de Ubaldi — uma estação transmissora", mas apenas uma "estação receptora , segue-se que o sistema destrói a base dogmática da religião católica, que tem sua origem da revelação de Deus, e não na hipotética criação do intelecto humano. O autor expressa a esperança de que "o escritor se submeterá com docilidade à sentença, reconhecendo e deplorando os erros de sua mente poderosa que, sem intenção de pecado, foi envolvida nas nebulosas abstrações do Kantismo, da mediunidade e da ultrafania".

Tudo isto, em flagrante contraste com um artigo, publicado num jornal do governo italiano, *Gerarchia*, que entusiasticamente aponta Ubaldi como o verdadeiro sucessor dos místicos medievais, dizendo que ele reviveu a tradição da Umbria depois de um silêncio de cinco séculos.

*A REDAÇÃO*

# A GRANDE SÍNTESE NO INDEX

Da revista **Reformador** - Rio de Janeiro, Novembro de 1939.

Em telegrama de 14 do corrente, da "Cidade do Vaticano", noticiaram os jornais cariocas que a Suprema Congregação do Santo Ofício (o ofício é mesmo santo) resolveu pôr no "Index" ou inserir na lista dos livros proibidos as duas obras: *A Grande Síntese* e *Ascese Mística*, de Pietro Ubaldi, que tratam de questões teológicas.

Será mesmo disso, na acepção católica dos termos, que tratam as duas obras citadas? Afirmando-o, como o fez, segundo a notícia acima, somos levados a crer que a Suprema Congregação as condenou "por palpite", ou, o que é mais provável, porque leu e não entendeu.

Não nos interessam, porém, os motivos da condenação, nem temos tempo agora para os apreciar. Registrando o fato, sem comentários, que ficarão para depois, queremos apenas prevenir do perigo a que se acham expostos, se lançarem inadvertidamente os olhos sobre as mencionadas obras, aqueles de nossos irmãos, cujos espíritos, com a Igreja em pleno século vinte, se conservam dentro da Idade Média, e congratularmo-nos com os que já se evadiram da prisão espiritual de tão remota época, pela consagração real que do seu valor altíssimo e da sua sabedoria profunda obteve *A Grande Síntese*, cuja segunda edição na Itália, já se acha quase esgotada, pouco faltando para que se esgote a sua primeira edição brasileira.

Quanto à outra obra condenada pela Suprema Congregação, no seu santíssimo ofício de condenar, a *Ascese Mística*, embora de muito menor porte do que aquela, é também um trabalho digno da "consagração" que acaba de obter, como os nossos leitores não tardarão a verificar, pois que em breve encetaremos a sua publicação em nossas colunas.

*A REDAÇÃO*

# A CONDENAÇÃO DE A GRANDE SÍNTESE

Da revista **Constancia** - Buenos Aires, 1º de março de 1949.

A notícia da inclusão no "índex" das duas obras de Pietro Ubaldi *A Grande Síntese* e *Ascese Mística*, embora pressentida, não deixou de ocasionar certa perplexidade e desagrado nos meios espíritas desta parte da América.

Desagrado não tanto pelo fato violento em si, mas porque feriu sentimentos muito

nobres e dignos de serem tidos em conta, coisa que a Cúria — devido a sua rigidez — não soube considerar, apesar de seus constantes protestos de amor e compaixão.

Perdeu a Igreja uma bela ocasião de atrair simpatias, uma circunstância propícia para procurar fazer olvidar muitos ressaibos, unindo todas as forças espirituais dispersas e, em vez de unir, tornou a aumentar as distâncias.

Compreenderemos que não podia proceder de outro modo — dado seu absolutismo — pois apesar de algumas boas intenções e grandes desejos de entender-se com uma parte do mundo que hoje lhe é contrário, está seu passado, que pesa e obriga. Ela o sabe e também o teme.

Sabe também que, ao condenar, essas obras, que foram lidas com ânsias de febricitantes sedentos de verdade, ela se condena a si mesma, pois basta que a condenação se espalhe pelo mundo, para que o mundo — aguilhoado por impulso de curiosidade — se lance à leitura dos dois livros; mesmo muitíssimos de seus adeptos (não tenha dúvidas o Santo Ofício) — apesar do extremo rigor que será usado — hão de ler suas páginas furtivas e secretamente, tão grande é o anseio de sair do caos de misérias e vilezas em que hoje se debatem as almas. E, não obstante as tenazes resistências ou rebeldias, algo dessa leitura ressoará no âmago das consciências. Esse pouco será suficiente para fazer tremer profundamente a estreita urdidura do dogmatismo tecida em seu redor. Essas consciências já não serão tão servis nem tão presas.

Lamentamos sinceramente a medida extrema. Lamentamo-la porque, silenciosamente e com a timidez das almas simples que esperam e anseiam — anseiam sempre o bem — confiávamos numa digna e realmente religiosa reconsideração de um passado prenhe de responsabilidades. Novamente esvaiu-se toda a esperança.

Muitos diários e revistas italianas e do mundo inteiro fizeram ouvir suas vozes e seus clamores, coincidindo todos na afirmação de que se procedeu com critério muito pouco cristão.

*A REDAÇÃO*

# AS OBRAS DE PIETRO UBALDI NO INDEX

Da Revista **La Verità** Roma,
Dezembro de 1939, nº 12.

O Santo Ofício condenou as obras *A Grande Síntese* e *Ascese Mística* de Pietro Ubaldi, nosso apreciado colaborador.

A condenação surpreendeu profundamente, de modo particular a quem, como nós, conhecemos além das obras, o próprio autor.

Porque Pietro Ubaldi — é útil que também os leitores o saibam — é um cristão convicto e ardente seguidor de São Francisco de Assis.

O "fenômeno Ubaldi", merece toda a atenção dos homens de estudo e de pensamento. Um fato positivo, irrefutável, que nos deixa verdadeiramente pensativos, é que as obras de Ubaldi não são frutos de sua capacidade doutrinal. E então?

No século do rádio e da televisão, quando os problemas do espírito tornam a interessar um grupo cada vez maior de cultores, não basta uma condenação à revelia, para confutar e

persuadir.

*A REDAÇÃO*

*REFLEXÕES*

Lançando um olhar mesmo sumário às grandes escolas filosóficas, afastando as de conteúdo expressamente anticatólico, que poderíamos relegar para as expressões de pensamento polêmico ou sectário, perguntamo-nos se a substância e a forma da filosofia escolástica fazem parte integral do dogma, ou se são possíveis orientações de pensamentos diferentes, sem afastar-se das verdades fundamentais da Igreja católica.

Ninguém nega a São Tomás a sólida base da concepção filosófica, nem a nega a todos os neo-escolásticos, que nas pegadas do grande Aquino formaram, na disciplina do pensamento, várias gerações da Idade Média, da era moderna e da filosofia escolástica contemporânea. Mas, que podemos dizer?!

São Tomás terá sido mais do que um gênio, digamos mesmo — mais que um grande gênio, mas sempre com as limitações do gênio humano. Aqui não se trata de Revelação, que exorbita das capacidades individuais ou coletivas do poder humano. Trata-se de uma corrente de pensamento, a qual, ainda que coincidindo com a revelação, não é revelação. **É** corrente de pensamento, assim como o foram as de Aristóteles, de Sócrates, de Platão, de Santo Agostinho, de Scott, de Bacon, de Galileu, de Hobbes, de Locke, de Descartes, de Leibnitz, de Hume, de Rousseau, de Kant, de Hegel, de Spencer, de Lotze, de Benedetto Croce, de Gentile, para não falar senão dos maiores.

Ora, que a Igreja se defenda contra aquelas correntes de pensamento, que põem em sério perigo a organicidade de seu conteúdo doutrinal, isso é tanto mais natural e legítimo, quanto deve ser. Mas com isto não se quererá dogmatizar a filosofia escolástica e especialmente o sentido fixado de suas fórmulas. Assim teríamos de supor que a Revelação não terminou com São João Evangelista, mas se tenha prolongado até são Tomás de Aquino. E sabemos que a Igreja considera isto heresia. E então?

Se Kant, que não julgamos nem polemista nem sectário, mas puramente filósofo, se afastou da orientação escolástica e abriu caminho ao criticismo, fazendo florescer, no vasto campo do pensamento humano, tantas e tão diversas tentativas para atingir a verdade, não o reputamos, por isso, réu de abuso racional, mas simplesmente um ousado inovador, e não vamos por isso colocar-lhe a cruz às costas. E a propósito de cruz ("croce" em Italiano), se Benedetto Croce pôde tumultuar o mundo com sua concepção neo-hegeliana, em evidente contradição com o pensamento tomista, nem por isso pode ser colocado entre os Hereges desde que não teve intenção de pronunciar-se contra o patrimônio teológico-dogmático da Igreja, mas simplesmente a de responder a uma preocupação de sua razão em busca da verdade. Passando deste a Giovanni Gentile, que se diz ter destruído toda verdade objetiva, tão teimosamente mantida pela escolástica mediante o caminho dos sentidos, nem ele também deve ser colocado entre os hereges, porque jamais se pronunciou contra as fórmulas dogmáticas da Igreja Católica.

A filosofia não pode levar em conta — como tal - limitações e inibições da teologia, que tem sua base sólida na fé. Mas, tanto Kant, como Croce e Gentile, como qualquer outro cultor das disciplinas filosóficas, são expressões claras de sistemas tendencialmente transitórios, nem mais nem menos de quanto o era o filósofo Aquino.

Por que querer ligar o fenômeno Revelação ao fenômeno razão, a ponto de dogmatizar uma expressão de caráter puramente humana, que a experiência e a evolução científica podem sobrepujar? E então, os séculos que passaram depois de São Tomás, com seus grandes pensadores, nada puderam ter trazido de verdadeiro e de bom? Custamos a acreditar nisso. Proclamamos, ao invés, a contínua ascensão do pensamento humano, mesmo permanecendo fixado o termo da Revelação, pelo simples fato de que esta se limitou a determinado ciclo histórico, ao passo que o progresso do pensamento humano continua com a história e forma ele próprio, em grande parte, a história.

Após estas considerações de caráter geral, vamos ao caso particular de Ubaldi, deste forte e genial expositor do pensamento, que absolutamente não pensou em criar novo sistema filosófico, e muito menos valorizar outros sistemas precedentes, mas simplesmente fazer vibrar seu pensamento irradiado de planos superiores conceituais; estes, sem ligar aos estreitos limites de velhos e modernos sistemas, se derrama ousadamente num mundo quase novo, sintetizando harmonicamente os campos explorados do passado e adivinhando o futuro.

Ubaldi não pretendeu nem demolir princípios nem criar precisos e determinados campos racionais. Colocado diante da própria consciência, arcanamente reveladora, evitando o fracionamento de uma batida análise experimental, acumulando tudo quanto a ciência de um lado e a introspecção mental do outro lhe puderam fornecer, penetrou os mais graves e delicados problemas cosmológicos, históricos, psicológicos e éticos, buscando uma fórmula sintética de tudo o que pode interessar a função conceitual do intelecto humano.

A suprema tentativa de Ubaldi não pôde subtrair-se ao fenômeno religioso, especialmente ao evangélico, que ele viu e tratou com seu sistema "em síntese", enquadrando-o no vasto e complexo como das outras compreensões intuitivas.

Para Ubaldi, a integridade do homem não pode cindir-se numa oposição de individualidades separadas, em relação aos diversos fenômenos humanos; ao contrário, ele a coloca inteira e compacta diante de todo o mundo fenomênico, tirando daí atitudes novas e sinteticamente harmônicas com a verdade e com o bem que o homem deve conquistar através das ilusões e desilusões, quer da parte do intelecto, quer da vontade. Em *A Grande Síntese*, Ubaldi não poupou uma atitude laboriosa e cientificamente objetiva, para os últimos resultados cosmológicos e biológicos, obtendo o aplauso incondicional de peritos de valor, para tudo o que diz respeito às suas conclusões experimentais e suas intuições racionais.

Os primeiros 63 capítulos de *A Grande Síntese* dedicam-se ao complexo estudo da cosmologia, para passar ao da psicologia e desta à ética, nada descuidando de quanto a Religião e o Estado, com os próprios cânones naturais e positivos, imporão e sancionarão, cada um em seu próprio campo, na consciência individual e
coletiva do homem -

Páginas cheias de pensamento e vazias de floreados retóricos, que cingem o leitor a um exame ponderado e nada fácil, a respeito das conclusões do autor. A frase assume colorido e calor de novidade, e por isso de especial dificuldade, exatamente interpretativa.

A materialidade da expressão verbal nem sempre, de fato, decide, clara e univocamente, para determinado sentido. Intelectualmente formado pelas conclusões analíticas de vários sistemas filosóficos, Ubaldi quis audaciosamente destacar-se deles, para conceber grandioso quadro sintético, que, elaborado em seu espírito, ele fixou nas páginas de *A Grande Síntese,* tropeçando aqui e ali na acidentalidade dos termos. Evidentemente, por causa dessa transplantação para o campo da materialidade da expressão sonora, ele teve de servir-se de

termos que, dada a mentalidade de diversas orientações filosóficas, trouxeram tal confusão que Ubaldi, para permanecer fiel à verdade da Igreja católica, várias vezes projetou e desejou corrigir, adaptando-os ao sentido preciso e comum da teologia católica. No livro igualmente condenado, *Ascese Mística,* parece-nos que o autor esteja maduro, mais do que por ocasião do frio raciocínio de *A Grande Síntese,* a equilibrar-se no alto, muito alto, nas esferas do sentimento, do dever e do amor. Esta é sua fase de ascensão final, para a qual transporta toda a sua introspecção profundamente psicológica, no deleite da verdade atingida com a mais elevada dedicação ao bem, entrevisto nos ensinamentos e exemplos do Cristo. Em *Ascese Mística,* pode dizer-se que terminou o esforço da subida racional, realizada em *A Grande Síntese,* para repousar e enlevar-se na contemplação do panorama terrestre e celeste. E aí se acham, desse modo, páginas sublimes, reavivadas por uma fraseologia ardente e cortante, como justamente convém ao tema e que não é fácil achar em outras tentativas desse gênero, com tanta densidade de pensamento e elevação de forma.

Os corteses glosadores dos erros de Ubaldi, que lhe conseguiram a condenação do Supremo Tribunal da Cúria Romana não deixarão de dedicar sua mais vigilante e objetiva atenção a estas páginas de cristalino ardor, remodelando-se com o conhecimento íntimo e talvez pessoal do autor, que a um intelecto são e a um coração de ouro, une harmoniosamente uma alma profunda e sentidamente cristã.

*(a) LAPIS*

*UMA "CONDENAÇÃO"*

Há vários anos vêm sendo publicadas obras de Pietro Ubaldi — o místico da Umbria — primeiro em série na revista *Ali dei Pensiero, no* Correio *da Manh,* do Rio de Janeiro, na revista *Constancia* de Buenos Aires, e depois em volumes, traduzidos, desde 1933 em muitas línguas.
As obras são: *As Noúres, A Grande Síntese e Ascese Mística.*

Mister dizer, de imediato, que Pietro Ubaldi não vendeu seus direitos autorais; cedeu-os gratuitamente, permitindo publicações sucessivas em volumes; pelo que, hoje, suas obras não são mais propriedade do autor, mas divulgadas em todas as nações civilizadas, tendo-se tornado de domínio público.

Dizemos "domínio público", quando nos referimos à propriedade intelectual, perdida agora pelo autor; mas diremos que o domínio público é restrito a limitadíssimo círculo de leitores, se nos referimos ao conteúdo dos próprios escritos.

**É** conhecido e reconhecido que a produção intelectual de Ubaldi não só se adapta — absolutamente — à possibilidade de ser entendida pela massa amorfa de leitores, mesmo que esta tivesse mais gosto pelas fábulas que pela verdade, mas não se acomoda nem sequer às mentalidades medíocres, às criaturinhas superficiais que até talvez a achassem atraente.

Só as mentes de pensamento elevado e profunda cultura filosófica podem ler as obras de Ubaldi com aquele plácido espírito de observação e crítica, como convém aos que se dedicam a conhecer e julgar uma nova obra, uma nova orientação espiritual, sobre a qual podem levantar-se vozes concordes ou surgir dissensões, mas sobre a qual sem dúvida, foi chamada a atenção e o interesse, e promovida a pesquisa das mais altas atividades do espírito.

Nesta comunidade intelectual e internacional, suscitou surpresa, e não pôde ser justificada, a condenação repentina e rudemente expressa pela Congregação do Santo Ofício, que

em seu decreto de 8 de novembro de 1939, colocou no "índex" os dois livros *A Grande Síntese* e *Ascese Mística.*

Os vários apologistas e comentadores da condenação, mesmo exaltando por dever de ofício ou de missão o ato, não puderam calar, e negar a si mesmos e aos outros, que algo de bom e de verdadeiro há nas obras de Pietro Ubaldi, mesmo quando no ardor da polêmica unilateral, transcreveram, com censura e escárnio excessivos, trechos destacados e avulsos de um conjunto, atribuindo-lhes um significado e um objetivo, que não estão de acordo com as intenções de quem teve a inspiração. Entretanto, o próprio fato da distinção específica, implica o reconhecimento de que, ao menos, não é a obra toda que é repudiada e condenada.

Daí não poder causar surpresa o fato de que a condenação, ocorrida seis anos depois da publicação inicial da obra, obteve efeito totalmente contrário ao esperado, ou pelo menos desejado. De fato, se fez e fará um vazio em redor das obras de Ubaldi por parte daquelas mentes que estão impossibilitadas de entender e julgar, por incapacidade íntima, e que se entregam caladas e submissas ao julgamento alheio. Todavia, a condenação excitou, ao invés, o interesse e despertou a observação e a investigação de todos aqueles que, com o ânimo isento de preconceitos doutrinários e de excessos de supina e cega submissão, estão em condições espirituais de entender e apreciar a obra que provocou os rigores dos tutores da fé.

Mas, se é fácil e simples impor proibições ao rebanho incolor e uniforme, que tem apenas a força de resistência da massa, mas não a energia criadora, não é outro tanto simples nem fácil embargar o caminho às forças do espírito que, só elas e enquanto tais, não podem ser compreendidas nem comprimidas numa mordaça estática, em limites fixos e invariáveis, de acordo com concepções e objetivos egoísticos e utilitários, de uma negação oposta como princípio absoluto.

Dessa forma, sempre que aparece contraste entre a resistência estática e a evolução do espírito, o obstáculo é abatido, com grave, evidente e permanente dano do oponente. E a história de todas as conquistas espirituais e científicas deveria estar presente às mentes dos julgadores.

Já transcorreram três séculos da condenação de Galileu Galilei por parte da Congregação do Santo Ofício, e no entanto, entre os muitíssimos erros, essa sentença é sempre recordada como uma prova inegável da cega teimosia e do egoísmo doutrinário, cada vez que a ciência e a fé, uma idéia e um sistema, o espírito e a matéria formaram objeto de exame dessa Congregação.

Ao menos desde essa época adeja em torno dessa Congregação uma auréola de surpresa incrédula, de desinteresse generalizado, de disfarçada irreverência que ofendem, ainda mais, a majestade da Congregação; a fé e o sentimento religioso de todos nós que, como católicos convictos e praticantes, desejaríamos que todos os valores representativos de nossa santa Religião não sofressem intromissões, restrições nem observações de espécie alguma. De todos aqueles que, na pátria e fora dela, com a pena e com a voz, sempre repeliram e combateram a ofensa, o escárnio e os sarcasmos, que chegaram como conseqüência dos erros e das resistências cegas, como justificação das separações e dos desvios pelos quais a vida da Igreja do Redentor sempre foi atribulada e ferida em todos os tempos.

Não é pois necessário aumentar o número dos que duvidam, dos que desconfiam, dos dissidentes, sobretudo quando a separação tende a verificar-se, não somente na massa incolor e inerte, mas nas aristocracias do espírito e do saber.

Muitas vezes, no curso de sua história, a Igreja de Cristo foi salva pela paixão e pela fé dos humildes de coração, mas elevadíssimos no Espírito e na Doutrina; e estes jamais

condenaram nem excomungaram, mas pregaram e persuadiram. Mas estes humildes não se confundiam com a massa, com o número, pois elevavam-se sobre todos, em alturas espirituais inacessíveis de ascetismo e inspiração divina, em que a praxe dogmática e a mesquinhez doutrinária tem apenas artificioso e restrito direita de permanência.

E agora, contemplando as obras que Ubaldi escreveu, sem dúvida não por própria sabedoria — pois ele confessa não possuir o conhecimento intelectual nem o científico a essa altura — temos de concluir que, se aquelas páginas contém só erros e sacrilégios, a condenação chegaria tarde e não teria efeito algum, porque a consciência dos crentes já as teria repelido e reprovado; se ao invés aquelas páginas contêm mais "verdades" que erros, então a condenação não só se revele inútil, arbitrária e vexatória, mas consegue efeitos perfeitamente contrários aos visados pelo ato condenatório, porque, naquelas páginas, o julgamento de todos os que têm força intelectual para compreender o valor delas, já foi expresso e confirmado.

Mais uma vez se mostra, aí, como a violência contra o espírito deve ser substituída, na defesa da fé, pelo amor e pela persuasão, pela guia em direção à luz — pela compreensão dos humildes de coração.

Doutra forma, aquela "violência", cobrem habet, substantiam veronullam" ("tem aparência, mas nenhuma substância").

*(a)**B. G.***

# ORIENTAÇÃO

## (Esclarecimentos sobre a condenação de A GRANDE SÍNTESE e ASCESE MISTICA ao Index)

Da revista **La Verità** — Roma, fevereiro de 1940, nº 2.

"Que conteúdo mais alto pode dar-se à vida, senão o de lutar e sofrer por um ideal?"

Esta máxima resume meu estado de alma atual. O público que esperava de mim uma explicação, após a condenação ao "índex" de meus dois volumes *A Grande Síntese* e *Ascese Mística*, compreende que eu não podia falar senão no fim, com a pendência resolvida ou a situação definida, para concluir. Mas nem hoje posso fazê-lo, enquanto lentas e complexas se desenvolvem as negociações para esclarecimento, entre Roma e Gúbio, minha cidade. Este, portanto, é um artigo apenas de orientação, à espera das conclusões, um artigo em que, nesta minha hora veemente procuro uma focalização mais exata de minha obra, tão diversamente discutida e julgada, especialmente hoje. E coloco sinceramente, sobre a mesa, todos os elementos de que posso dispor.

Por outra razão calei, e nalguns pontos quero calar: porque o público não sabe tudo nem deve compreender tudo. Trata-se, de uma matéria grave e palpitante, que não pode ser oferecida totalmente ao seu olhar apressado e distraído. O público não tem direito de assistir — às vezes

por pura curiosidade — a uma polêmica à custa da Igreja que eu respeito, julgando, por princípio, ser dever de todo homem de bem, o respeito à autoridade. Minha finalidade é o bem e limito-me ao bem. Meu método é o do Evangelho: o amor fraterno. Tenho o dever de informar aos honestos em todos os campos, e não de dar satisfações aos vãos, curiosos e agressivos. Tudo em meu derredor deve manter-se em plano de espiritualidade, de que estão excluídos os baixos sentimentos de todo gênero.

Este tempo de espera — que me impus severamente à minha consciência, quando é humano saltar em defesa própria, especialmente quando se sente que se está com a razão — foi para mim uma hora trágica e palpitante, em que voltei ao meu âmago em que Deus fala, para sopesar tudo de novo diante Dele, particularmente as minhas responsabilidades, porque costumo começar pelos meus deveres e não pelos dos outros. Tremendo esforço de espírito, hoje pouco em moda, mas necessário, para preparar aquela psicologia heróica de martírio, sem a qual nada de sério pode fazer-se na vida.

Espalhei pela imprensa diária, vários artigos explicativos: mas certa imprensa não convergente, dispersa o pensamento. Fiz minhas afirmações fundamentais no capítulo "Minha Posição", do volume *Ascese Mística*. Não fui compreendido. Inútil repetir essas coisas. Meu caso é complexo e foi mal-entendido por muitos, porque é um fenômeno em rápida evolução, e está fora das formas comuns do pensamento de nosso tempo. Fui definido como médium, espiritualista, estudioso, homem de ciência, filósofo, inspirado e, enfim, místico. A psicologia moderna compreende e quer o especialista que se tranca numa gaveta do cognoscível já conhecido e não o que se acha diante desses fenômenos dinâmicos em rápida ascensão. A mentalidade dominante analítica e racional exclui essa universalidade sintética e intuitiva. Assim, cada um me viu com seu olho particular e me catalogou — pensa que definitivamente — no seu campo, enquanto eu o atravessava, e pescou-me com a rede de sua classificação, da qual, pouco tempo depois, eu já havia saído. Isto, quanto à medicina, à economia, à sociologia, à filosofia, à arte, à ciência, à mediunidade, ao espiritualismo, à religião. Daí os mais variados julgamentos. Mas eu sou apenas eu, um fenômeno em movimento. Neste trajeto, tive a sensação viva de quantos podem ser no relativo, os aspectos em que refrange a unida verdade absoluta, que não pode ser sentida pela razão nem pelo estudo, neste plano, mas só por intuição num plano superior, como eu o experimentei. Fui medido, assim, pelos metros mais diferentes, e cada um disse a sua medida. Cada um aprovou ou condenou, conforme os comprimentos coincidissem ou não com a medida usada.

"Last but no least" ("Por fim, nem por isso com menor importância"), chegou a Escolástica. E todo o meu trabalho é medido também com o metro teológico. Em minha orientação simples, prática, aderente à vida, isto não estava previsto. Não via empregada corretamente, nas medições sociais, aquela unidade de medida, que me parecia antes, colocada em grande honra, entre as coisas históricas, exumadas nas escolas pelos estudiosos. Instintivamente segurava-me à vida, a natureza operante em que tão vivamente sinto Deus presente, à natureza que faz e conclui tão bem, sem necessidade de laboriosas construções racionais. Instintivamente achei-me mais preso à forma mental hodierna, que é científica, mesmo porque devia falar a ela. Jamais, pois, tive intenção de fazer um tratado teológico ou escolástico, nem pretendi absolutamente entrar naquele campo em que, sinceramente, por mais que houvesse perscrutado, nada havia achado que me tivesse impressionado e saciado. Será talvez um erro crer que possam compreender-se os fenômenos naturais, como a vida e a morte, a dor e a culpa e também a moral e a ascese, o bem e o mal, simplesmente observando-os e perguntando a eles

somente o "porquê" deles? Deus não é onipresente, e todos eles não são, então, a expressão do pensamento de Deus? Olhei tudo isso com o amor apaixonado de São Francisco pelas criaturas. E vêm dizer-me que isso é panteísmo. Mas eu sinto e amo Deus nas criaturas. Por que pretender demolir com acusações filosóficas esta minha alegria? Então São Francisco era panteísta?

Aparecem, desse modo, as razões da não-coincidência com esse metro. Meu caminho é intuitivo, de místico, aquele é caminho de razão. Com todo o respeito por aquela sutil técnica conceitual, que é o pensamento aristotélico que só o gênio e a santidade de um Tomás podiam assimilar a uma Igreja filha do Evangelho — francamente, eu, por temperamento místico, e por método intuitivo, sinto-me mais próximo às formas de verdade primordiais do Cristianismo, do que às sucessivas e deduzidas. Aliás, se a filosofia do mundo oscila entre a forma mental de Platão e a de Aristóteles, isto é, entre a intuição e a razão, como a vida entre o coração e o cérebro, e a própria Igreja entre Santo Agostinho e São Tomás, é evidentemente lógico que, a algumas mentalidades místicas — e não só a elas — repugne tremendamente toda coação lógica de razão em matéria de fé, que elas sentem antes como uma doação de si, espontânea e total a Deus, por ato de amor, do que como uma conclusão racional. A estas mentes, aqueles silogismos que parecem acrobacias e bravuras, podem despertar uma santa repugnância, como algo de irreligioso, como uma negação de espírito de amor ao Evangelho, como uma contrafação do sentimento de Cristo, que queria convencer por meio de amoroso exemplo e não por força de argumentação. Não foi Ele o inimigo dos doutores e dos sábios? Compreende-se, todavia, que certas formas mentais e métodos tenham sido necessários e tenham tido a função histórica de salvar em outros tempos, a Igreja, quando na Idade Média a vida era confiada à espada e era necessária a força, até dos argumentos, para proteger a verdade. Mas se os tempos tivessem mudado, e hoje a coação lógica, ao invés de persuadir, afastasse? Diz-se que nenhum silogismo jamais persuadiu ninguém. Parece, ao contrário, que a convicção seja um estado psicológico, que não resulta de puros elementos racionais. Seres eminentes, como São Francisco e o próprio Cristo, persuadiram muito mais por meios simples, do que por força de argumentação. Aliás, é também conforme à Justiça divina, que a verdade não seja patrimônio apenas dos eruditos, mas de todos. Cristo empregou o sistema da descida do Espírito Santo. Parece-me que as coisas divinas devem ser simples e nuas, sinceras e ardentes, e não difíceis, artificiosas, enfeitadas de erudição. Sinto para mim que se a razão pode demonstrar, também pode errar; que o coração não demonstra, mas não se engana, apesar do que dizem os doutores. A verdade é ampla, e vejo que pode abarcar os dois extremos, não contrários, mas complementares. Esta é a posição dos místicos. Há lugar, portanto, para todos, para completar-se, não para excluir-se e demolir-se.

Fui definido um místico. **É** esta, com efeito, minha última fase. Hoje se abusa tanto da palavra místico, que não se sabe mais o que ela signifique. O materialismo — cor psicológica do século — espalha sua cor sobre tudo, tornando incompreensíveis certas atitudes de espírito, que muitos sobressaíram em outros grandes séculos. Nenhuma posição mais delicada e ousada do que a minha, mais apta a ser mal-entendida em nosso mundo que exalta outros valores. Aparecerei, pois, como fanático, alucinado, rebelde, sei-o bem. A incompreensão me vem de todo o meu tempo. Falamos duas linguagens diferentes: uma, eu; outra o mundo. E não nos entendemos. Mas, é um fato, que a psicologia de determinada fase não pode compreender a psicologia de uma fase mais elevada. E no entanto, o místico bem compreendido é o tipo a que tende a evolução. Experimentei-o, senti-o, vivi-o. Depois, achei a confirmação disso na leitura das experiências dos místicos. Mas, trata-se de sentidos, de capacidade intuitiva, de formas de vida psíquica, diferentes das comuns. Houvera aqui espaço para citações, e enviaria o leitor, por

meio do argumento precedente, aos direitos da consciência diante da autoridade, à carta que o Cardeal Newman escreveu, em 1874, ao Duque de Norfolk e a inúmeros trechos da Sagrada Escritura e de escritores eclesiásticos. E, neste assunto, gostaria de citar as palavras de J. G. Fichte, em suas lições na Universidade de Berlim, em 1813. Ele explica como não se podem fazer os cegos compreender as cores. Eles pretendem tocá-las e se iludirão de tê-las compreendido por caminhos indiretos, ao passo que apenas estropearam, falsearam e alteram vosso conceito.

Que é, pois, um místico? Devo, sem dúvida, definir minhas relações com o mundo. Existem aqui indivíduos espiritualmente isolados em seu egoísmo, feitos de desejos, de direitos, agrupados por interesses em choque, instintivos, ignaros do porquê da vida. Sabemos quem é o homem, e que vamos fazer com esse material? O místico sabe o funcionamento orgânico do universo, com o qual está em consciente relação de colaboração. Ele existe em função do todo, só tem vontade em função do todo, isto é, só tem como vontade própria a vontade de Deus. Possui uma vontade altruísta e universal, pacífica e orgânica. Não é mais separatista, mas se harmoniza com o todo. **É** o tipo que a evolução biológica prepara para o futuro, e que hoje antecipa irregularmente, mesmo do fundo da atual descida involutiva materialista. O mundo atual não se está arruinando todo por falta desse espírito unitário? Os seres de antecipação o preparam, como base para a porvindoura civilização. Qual a tendência das leis, senão levar o indivíduo de uma vontade individualista de desordem para uma vontade coletiva de ordem? O místico não olha, pois, apenas o fenômeno religioso e espiritual, mas também o fenômeno biológico e social. Como homem total, ele é lutador viril, dinâmico até os mais altos planos do espírito. A sociedade precisa de células como essas.

O místico bem sabe que o mundo existe para voltar a Deus e que a Deus só se volta através da dor. Portanto, diferentemente do mundo, que teme, foge e combate a dor, o místico a abraça e a ama, como um meio de libertação. Estamos nos antípodas. Enquanto o mundo se atordoa, engolfando-se cada vez mais na matéria, na ilusão, no relativo (ciência analítica e utilitária), o místico vai por estradas opostas, e liberta-se dela até a união com Deus. Vivi e descrevi isto em *Ascese Mística*, e não fui compreendido. Para o místico, o mundo é cego; para o mundo, o místico é louco. Eu bem o sei. Mas sempre houve luta entre os solitários antecipadores e a maioria, que visa esmagar os primeiros pela inércia da massa e pela quantidade numérica. No entanto, ensina-nos a história que o progresso — isto é, a ação divina que impele à evolução, que é o retorno fatal do universo a Deus — se opera sempre através desses canais de exceção. Estes, em sua posição de antena, sentem Deus e seu pensamento e vontade, melhor que os outros, e se sacrificam alegremente para expressá-lo, porque bem sabem qual a função biológica que executam. O tipo comum, que necessita de certezas para seu repouso e segurança, tem horror e terror desses lampejos sobre as certezas para ele seguras, lampejos que os lançam no abismo do infinito. A vertigem o descontrola e ele se rebela. Estes estados e correntes psicológicas inconscientemente influem sobre todas as manifestações do espírito. A massa inerte odeia o esforço e o risco do inexplorado, assusta-se com aquelas descontinuidades de certeza levada à dúvida, que implica no tormento de achar uma nova certeza, ainda que mais alta. Portanto, não põe obstáculos a estes impulsos criadores, em que Deus se revela. Eterna luta da luz contra as trevas. E quereria deter o progresso. Mas, parar é morrer e a vida o sabe, estremece e avança. O místico, como o herói, o gênio, o mártir e o santo, é um tipo de antecipação, e tem essa função. O homem normal, medindo as coisas com a unidade da quantidade numérica, quer nivelar o que está fora dela: fora da massa, fora da vida. Julga que sua vida seja toda a vida, de todos e para

todos. A antena que perscruta o amanhã e o antecipa, não interessa à maioria; no entanto, a antena é o cérebro, e a maioria é o ventre do mundo.

Pode ser irreligioso esse tipo de homem? **É** concebível um ato de autoridade e de condenação contra ele? **É** evidente que um ser desses não pode ser atingido pela vontade de um homem, a não ser até o ponto em que isto exprima a vontade de Deus, de quem ele vive. **É** inútil procurar negá-lo: quando se está num plano espiritual e se faz questão unicamente de consciência, o ser é livre, humanamente incoercível. E isto constitui uma justiça de Deus, porque é merecido prêmio de grandes esforços. O espírito não pode ser atingido por meios humanos, mas só por caminhos divinos. O homem poderá infligir dor, mas o místico ama a dor, conhece-a bem, emprega-a constantemente para seu progresso. Não a teme. Assim lhe é oferecido um precioso instrumento. A luta se baseia numa incompreensão expressa por uma linguagem diversa. O mundo assalta, o místico sofre, a sensação da presença de Deus faz-se cada vez mais forte e o torna cada vez mais feliz. Ele está a postos. O mundo se afoga e mais tarde se arrepende. Foi sempre assim. Como pode lutar-se contra tal indivíduo, como constrangê-lo, se ele ama a dor como meio de redenção e nela aceita com alegria a vontade de Deus? Como pode julgar-se este e suas obras? Para julgar é mister usar a mesma medida segundo a qual foi a obra construída, colocar-se no mesmo plano em que ela foi concebida. Doutra forma, como fazer um julgamento exato? E serão os métodos de razão competentes para medir os produtos da intuição e da inspiração? Para julgar um místico é necessário subir num plano mais elevado que a razão, no plano em que fala o espírito. Será a razão suficiente para compreender as coisas de Deus?

Dir-me-ão: tudo isso é orgulho. Velha acusação, para deter-me: conheço-a. E no entanto, nestes dias, realizei a máxima humilhação da minha pessoa que me era possível (não podia pela minha verdade). Pergunto, agora: enquanto eu nego a paternidade de *A Grande Síntese*, declarando-a obra não-minha, escrita por inspiração (e portanto não retratável), como se insiste em negar esta inspiração, para atribuir-me essa paternidade, que para mim constituiria o orgulho mais monstruoso? Então, não sou mais orgulhoso, e tudo me é concedido, quando isto torne fácil a demolição de minha obra? Por que não existe, nos julgamentos que de mim fazem, aquela coerência que eles me pedem?

O leitor viu, assim, surgir diante do mundo e diante da Igreja, a questão da consciência, a questão da origem inspirativa de minhas obras, em relação à recente nota. No próximo número da revista espero poder dar, quanto ao mérito, pormenores mais preciosos, resumindo os acontecimentos, mesmo na sua repercussão na imprensa estrangeira. Espero, enfim, poder concluir, esclarecendo diante de Deus, da Igreja e do mundo, a minha posição atual.

***PIETRO UBALDI***

# CONCLUSÕES SOBRE A CONDENAÇÃO

Do opúsculo **Comentários da Imprensa às Obras de P. Ubaldi**, por ocasião da condenação do Santo ofício, da Sociedade Tipográfica Oderiso — Gúbio, maio de 1940.

"Tudo o que se faz contra a consciência, prepara a condenação" — 4º Concílio de Latrão.

**É** hora de resumir e concluir, conforme prometi.

Na tarde de 15 de novembro do ano passado (1939), feriu-me repentinamente a leitura do Decreto de 8 de novembro de 1939, condenando ao "índex" meus dois volumes *A Grande Síntese* e *Ascese Mística.* Golpe duro, após tantos anos de fadiga. Tal entre filho e mãe, condenar uma obra é também um pouco matar o autor. Mas, quando há equilíbrio dentro da consciência tranqüila, diante de Deus, as reviravoltas exteriores têm pouco poder. O que faz adoecer não é tanto o ataque do micróbio, que existe em toda parte, quanto a vulnerabilidade orgânica. Assim, no campo moral, o que abate não é tanto o ataque externo, quanto a fraqueza de uma consciência que trabalha sem Deus. Um novo e intenso exame rápido interior foi feito. Tudo em harmonia com Deus. Nada pois que temer. E de imediato voltou a paz, a alegria, a confiança.

**É** preciso perdoar ao reverendo padre M. Cordovani um artigo, que foi julgado, por todos os que o leram, áspero e excessivo. Perdoar, porque certamente o creio de boa fé, e, pelo modo como se exprime, transparece evidente que ele está absolutamente ignaro da realidade dos fatos. Por isso, se aquele artigo devesse ser compreendido como interpretação oficial do Decreto (já que apareceram ambos lado a lado), sem dúvida que ele tenderia mais a demoli-lo que a explicá-lo. Tomando como base de julgamento só a letra, e uma pequena parte da letra, e nada absolutamente do espírito, provoca-se assim um mal-entendido fundamental, que nos acompanhará até o fim. Agradeço ao reverendo padre Fr. M. Gaetani, S. J. por ter honrado *A Grande Síntese* com sua crítica, na aula inaugural do Instituto de Cultura Superior Religiosa, na "Gregoriana", de Roma. Agradeço a uma dezena de revistas e jornais católicos, por terem comentado a condenação e a cerca de 60 jornais italianos, que trouxeram a notícia. Propaganda não solicitada, gratuita, vantagem para o editor, não para mim, pois não ganho nestas coisas, pois se sabe que o público, que não é santo, gosta mais das coisas proibidas que das lícitas. Mas a culpa não é minha. Nem mesmo tenho culpa de me terem chegado centenas de cartas, que me traziam um clamor de solidariedade a meu favor, que não pedira. Mas, nos que haviam sido beneficiados por aquela leitura, a reação era espontânea, como a de um ataque à própria fé que os salvara e à qual se haviam apegado por terem sentido um grande bem.

Eu observava, meditava e calava. Eu não o quisera. Tê-lo-á, então, querido Deus para fins mais altos. Não surgia em mim o dilema: obedecer ou rebelar-me. Mas surgia o problema de conseguir fazer chegar à grande Autoridade a minha pobre voz, para fazer compreender o grande mal-entendido. E me impus este novo esforço, mas na imprensa impus-me silêncio. Agora não posso deixar de explicar-me, pelo mesmo motivo pelo qual escrevi *Ascese Mística,* ou seja, porque o que diz respeito ao meu caso não é mais coisa minha, mas do público. Uma primeira

"Declaração de obediência" partia de Gúbio para Roma, no Natal de 1939. Foram motivos dela: 1º — A minha fé é sincera e meu objetivo é o bem das almas (não tenho, portanto, o direito de escandalizar o rebanho) 2º — Julgo dever de todo homem reto o respeito à autoridade em todos os casos (ninguém poderá negar que este seja um princípio de ordem, necessário à vida social). 3º — Sinto-me cristão, isto é, seguidor de Cristo a todo custo (como pode deixar-se de admirar Cristo e o Evangelho?). Por estes três motivos, eu dizia: "humilho minha pessoa aos pés da Igreja". O objetivo é, desde agora, e será até o fim, o de fazer o bem.

Com isto, abaixava o meu orgulho, o que era a necessidade mais urgente. Aliás, de minha pessoa sou dono, e ninguém poderá dizer-me que não posso dispor dela. Mas isto não bastou e pareceu necessária, embora oferecida como simples retoque da precedente, uma nova e explícita declaração de "reprovação e retratação" dos erros contidos nos dois livros citados. E ao mesmo tempo pediam-me retirar do mercado todas as edições, mesmo as estrangeiras, de que perdi todo o controle.

Esta, que me vinha apresentada como formalidade óbvia e simples questão de palavras, era para mim, ao invés, gravíssima questão de substância. Abria-se assim uma nova fase, em que se me impunha, não provocado por mim, o problema de consciência, que para mim era gigantesco. E eu tinha que enfrentá-lo em cheio, enquanto perdurava o mal-entendido. Se eu podia submeter minha pessoa, de que sou dono, não podia "reprovar e retratar uma verdade que não era minha, mas fora recebida por inspiração, uma verdade que eu sentira com sincera e profunda convicção, que não podia renegar sem mentir. Dediquei os volumes *As Noúres* e *Ascese Mística a* explicar isto e não o repito. Poder-se-á não ver e negar, mas para mim tudo continua sendo um fato objetivo, experimentado, controlado, solenemente declarado há tempo, convicção inabalável. Como é possível, nessas condições, desmentir tudo, sem sentir-se culpado diante de Deus, diante de Quem sempre trabalhei (obtendo a aprovação mesmo de venerandas personalidades eclesiásticas), e de Quem “vi” o auxílio prodigioso contínuo? Retratar seria, aqui apropriação indébita, seria trair. uma missão aceita. A quem obedecer, à Igreja ou a Deus? Não se pode negar, no meu primeiro ato — que espero venha a demolir a acusação de orgulho — toda a minha espontânea boa vontade de obedecer. Não sou, pois, um rebelde. E por que deveria aparecer como se o fora? Em *Ascese Mística,* no capítulo "A Minha Posição", disse: Prefiro Morrer, a pensar que eu possa deixar de manter as minhas afirmações". Se eu mudasse uma palavra, seria, portanto, perjuro. Até que ponto deve pois chegar meu sacrifício? **É** possível que haja apenas condenação para quem busca os caminhos da dor para o bem alheio? Realiza-se, então, a cena final daquele livro "Paixão"? Levanta-se em mim uma tempestade de problemas e lenta se arrasta minha tortura moral. Sou apenas um instrumento. Obedeci. antes e continuo a obedecer, mas a quem o farei agora? Como podem ser abaladas convicções tão profundas, que se formaram diante da sensação de Deus presente? Durante este trabalho interior, entretanto, amadurecia meu espírito: trabalho precioso. Meu lema era: sinceridade e fé.

Continua o drama interior. Acho-me entre Cila e Caribdes; Não retratar-me já é uma atitude de rebelião e é mentir, atribuindo-me intenções que não tenho. Retratar-me é trair uma verdade afirmada sem reservas. De qualquer modo que eu faça, uma mentira, uma dor, um mal, única compensação de tanto trabalho. Como se pode constranger a própria convicção, sincera e profunda? Nem a, própria vontade pode tanto. Ou rebelde ou traidor; ou traidor ou rebelde. Não podia achar a força de impor a mim que desmentisse uma verdade, pela qual daria a vida. E no entanto estou onerado e cansado, e o repouso está a um passo, e poderia chegar a ele saturado de bênçãos eclesiásticas. Mas diz-me a consciência que não se pode ceder a outrem, a ninguém, ao

menos nos casos como o meu, a responsabilidade do próprio modo de agir.

Nessa conjuntura, informo a Roma sobre meu caso de consciência e, como se nada houvera dito e nada houvesse de verdadeiro em meu palpitante caso, respondem-me com o mesmo pedido de retratação, formulado de outra, maneira. No entanto, eu ignoro os erros que deveria rejeitar. Eu o pergunto, mas não tenho direito de sabê-lo. Há um grande número de almas simples que se escandalizam com uma desobediência, e elas merecem respeito. Trata-se do bem das almas, de meu constante e maior motivo. A maioria, que nada sabe, exige um tão grande holocausto, porque os maiores devem viver e sacrificar-se pelos menores. Este é um argumento que me faz estremecer: o bem de certas almas. De qualquer forma é preciso realizá-lo. Mas há outro grupo de espíritos, que acreditaram nas verdades que eu disse, que nelas acreditam e delas tiram proveito. Se eu as retratasse, eu lhes furtaria uma conquista, eu autorizaria que almas, que do materialismo haviam tornado à fé, do desolado ceticismo à esperança, não mais acreditassem em nada e tornassem a jogar-se na lama. Não posso fazer esse mal. E quem está mais perto de Deus, quem merece mais atenção: quem O procura mesmo ansioso e dolorosamente, ou quem O recebe passivamente, sem esforço, pelo ensino da autoridade?

Mas precisemos. Minha atitude diante da Igreja, delineada em *Ascese Mística* e no prefácio à 2ª edição de *A Grande Síntese*, não *é* de hostilidade, embora possa tê-lo parecido; ao contrário! E daqui vem o mal-entendido. Por que interpretar a advertência apaixonada de um amigo como censura agressiva de um inimigo? Não dei prova de submissão? Um inimigo não faz isso. Compreendam-me. A minha, não é luta contra a Igreja, mas apenas contra uma particular atitude filosófica escolástica, e isto porque ela se me apresenta como uma forma mental que eu sinto ser um perigo, diante dos gravíssimos tempos iminentes. Aliás São Paulo não declarava que não se apoiava em argumentos humanos, mas na força do espírito? Diz a Imitação de Cristo: "Que nos importam gêneros e espécies"? E São Bernardo conclui que a filosofia de Aristóteles é a oficina do diabo. Naquela forma mental, o ardor da fé — cotidianamente necessária para a ascese, que é a vida das almas — se adormece na ilusão da segurança, que provém da conseguida conquista racional. Esta atitude leva à inércia, aos acomodamentos terrenos, à cristalização do espírito, à imobilidade do sono, que não é paz, segurança, grandeza, mas pode ser morte. A vida caminha e o que não caminha morre. Abate-me esta idolatria da letra, que está nos antípodas das, grandes paixões do espírito. E em mim só se viu a letra. Já expliquei no artigo precedente a psicologia do místico. Com isto não nego a grande função da Igreja, de conservar. Mas há também elementos ativos e criativos, porque a vida religiosa é dada, não só pelo elemento social (hierarquia) e pelo elemento intelectual (teologia), mas também pelo elemento espiritual (profetas, místicos, santos), e só está completa com os três elementos. Descuidar e desconhecer a contribuição inspirativa do místico tem o mesmo peso que o erro teológico e a rebelião à hierarquia. As religiões, como ciclos de vida humana — pois também o são — se cansam e se esgotam, e ameaçam — após superar certa maturidade de pensamento e desenvolvimento — cair no Farisaísmo, contra o qual justamente Cristo tanto lutou. O perigo já apareceu no fim do século IV a São Jerônimo, que escrevia: "Vae nobis, in quos vitia Pharisaeorum transierunt" ("Ai. de nós, em quem passaram os vícios dos fariseus"). **É** necessário de vez em quando, especialmente nos momentos mais críticos, um novo lampejo de espírito, e os místicos são feitos para isso. Será verdade isso que se diz, ou seja, que o sentimento seja um elemento perturbador, e a consciência pessoal uma perene emboscada? Pode ser assim para a massa inerte e rebelde, mas não em casos particulares, excepcionais. **É** preciso bem compreender a exceção. Além disso, mesmo em sentido geral, será o cristão apenas um soldado

para ser enquadrado, ou é também uma alma viva que deve ser elevada? E o espírito dos Evangelhos está muito longe de coações racionais e exteriores, e para São Paulo e os grandes místicos, o "affectus" está sempre acima do "intellectus". "Nosso Deus não é um teorema de geometria", escreveu Pascal. Não nego a necessidade do enquadramento racional e hierárquico; mas ai de nós se esquecermos que o objetivo dele é o espírito. Move-se a Igreja entre dois extremos, que são duas necessidades, mas também dois perigos: de um lado a hierarquia, a escolástica, a racionalização da verdade, o transcendentalismo, que podem degenerar em cristalização, farisaísmo, materialismo religioso; e do outro o misticismo individualista, o imanentismo, que pode ser dispersão e chegar até à rebelião e à anarquia do livre exame. A unilateralidade é um perigo. **É** indispensável o equilíbrio entre os dois termos complementares. Um Organismo organicamente perfeito pode desmoronar por falta de forças espirituais.

Estas não são acusações, mas verificações benévolas, para o bem de todos, porque a Igreja é patrimônio universal que deve ser salva a todo custo. Gostaria de citar o que Giovanni Papini escreveu em sua *História da Literatura Italiana*, vol. 1, a respeito de Santa Catarina de Siena. Mas prefiro trazer as palavras do Abade Henrique de Tourville, num opúsculo: *A Piedade Confidente*, edição da "Opera della Regalità di N. S. Gesù Cristo". Diz o autor: "As coisas ocorrem igualmente em toda a parte: no mundo, no clero, na vida religiosa; há um conflito entre o que convinha às necessidades antigas e o que é indispensável imperiosamente às necessidades novas, inteiramente opostas. A grande massa, que é como os carneiros, ainda se alinha de acordo com o que fazia dantes; emerge uma minoria muito limitada (.....). Mas é justamente dessa minoria que devemos fazer parte, quando Deus nos colocou aí, por vocação interna e por atitudes naturais (.....). Deus semeia no mundo, em todos os tempos, precursores que agem por conta própria ou ao menos sabem, dentro deles, as coisas que acontecerão (.....). Ninguém é pioneiro por achar-se repentinamente numa grande companhia (.....). Estamos numa época de transição, na qual tantas coisas separam o presente — particularmente o futuro — do passado (.....). O grande interesse deste tempo é que o mundo se renove (.....). Neste século tudo temos de refazer, mesmo aquilo que em si mesmo não muda. Talvez terá mudada a natureza? E no entanto vedes que em vossa química e em vossa física, mudou a maneira de estudá-la. Os métodos melhoram e as mesmas coisas se vêem melhor: é justamente isso que se requer na fé".

E como não mudou a natureza, assim não se combatem, não se discutem os dogmas, mas se esclarecem e se tornam mais razoavelmente aceitáveis. Não pode ser heresia, creio, precisar pontos não resolvidos, ainda mesmo contra a opinião corrente, que não é um dogma. Há sem dúvida imenso material científico que pode ser utilizado, e que se formou depois da Escolástica. Uma Igreja que conseguiu assimilar Aristóteles, pode assimilar também coisas bem diferentes. Mas, por que a opinião da grande massa inerte dos fiéis deve pesar tanto, mesmo nos dirigentes iluminados, que os tornem medrosos de toda inovação, tanto que as forças da vida não possam confiar essa iniciativa senão a pessoas isoladas e a preço de martírio? Mas a Igreja vive e caminha. . . De fato, ele não se completou assim, assimilando de todos os lados?

Desse modo, meu drama de espírito move-se no cenário de intensa hora histórica, das grandes maturações espirituais do século, e talvez as sintetize e resuma. Sinto que, na minha ânsia, se repercute a ânsia do mundo, que está diante de novas e formidáveis interrogações. Por vezes tenho a visão terrível de uma multidão cega e inconsciente, lançada contra imenso abismo. Vejo aí os monges bizantinos que — enquanto os Turcos, que haviam entrado em Constantinopla, queimavam tudo a ferro e fogo — continuavam a disputar se a luz do Tabor era criada ou incriada. Vejo a corte da França, que, na vigília da revolução, fazia questão de etiqueta.

E gritam que eles são loucos. E em redor, as forças do mundo, ansiosas por precipitar-se às conclusões do ciclo milenário de nossa civilização. Quem se apresenta à frente, para prepará-las? E devemos calar? Não pode ocorrer que a iminência dos tempos gravíssimos justifique o explodir dessas vozes isoladas e desusadas? Por que seriam elas imediatamente sufocadas? Por que impor a esses seres um doloroso caminho de condenações, para que possam cumprir seu dever?

Meu mal-entendido é, portanto, fundamental: é um mal-entendido de uma época. Este é o meu drama, de que, os dois livros no "índex", são apenas um episódio, talvez querido por Deus, para que eu enfrentasse em público este problema muito mais grave. Quem se inflama nas grandes paixões de espírito, treme diante da idolatria da letra. Tenho a sensação de que, quem está atento a distinguir e a catalogar conceitos, não pode levantar-se para agir. O mal-entendido aqui está no duelo entre a forma e a substância, entre a letra e o espírito. Mas quem se inflama, não liga às palavras, como nelas não pensavam os mártires cristãos. Quanta largueza de formas, neles, mas quanta severidade na substância! Estes dois fatores parecem estar em razão inversa, como na arte estão a inspiração e a técnica. No fim de cada ciclo evolutivo, a letra tende a substituir-se ao espírito, e sobrevem a ameaça do Farisaísmo. Não podemos acreditar que ele constitua um perigo constante para todas as religiões, ou até mesmo uma fase ultramadura de sua evolução, fase de que não é possível emergir senão com novos contatos com o Divino, com injeções de espírito vivificante na letra morta? Estes ciclos estão nas leis da vida. Em todos os organismos, quer físicos ou espirituais, há um perigo final de massificação, de que a vida só pode ressurgir recomeçando desde o princípio, alcançando novamente Deus. Nesse período, a letra se substitui e quer julgar o espírito. Mas a razão está para a intuição como a superfície para o volume. E me pergunto: teologia e escolástica, sendo um produto da razão aplicado "a posteriori" à revelação, podem aplicar-se como unidade de medida aos produtos de inspiração?

**É** necessário equilibrar-se entre estes dois extremos, que são forma e substância, letra e espírito, razão e intuição, autoridade e consciência, Terra e céu. **É** indispensável que nenhum dos dois impulsos contrários e suplementares sobrepuje o outro e nos empurre para uma das calçadas, quando temos de caminhar no meio da estrada. **É** mister respeito recíproco entre autoridade e consciência, porque a ambas está confiada uma tarefa sagrada. A autoridade existe como função da consciência, que é o objetivo, e a consciência deve reconhecer na autoridade a função da conservação. Autoridade e consciência, disciplina e liberdade, obediência e independência, não podem separar-se sem cair a segunda, por libertar-se, no abismo do arbítrio e da fantasia; e a primeira, por dever de conservação, na letra que mata, na cristalização formal, no esmagamento e na dissecação das consciências, que culmina naquele indiferentismo, que é a chaga bem merecida de nosso tempo. Não é possível entender-se, entre quem usa a linguagem da forma e quem usa da substância e do espírito. O julgamento sobre os dois volumes condenados deve ser confiado não apenas a um exame crítico racional, por sua forma exterior, mas a um "sentido" espiritual, por sua substância. Poderia dizer com São Paulo, que "o homem físico não entende as coisas do espírito". A inspiração é responsável pela violenta chama interior que lança as idéias e o autor é responsável pela fidelidade de seu instrumento, que deve entregar-se à obra com todos os seus recursos. E isto eu fiz. Para mim, a roupa é a roupa, mas o corpo está ali, inteiro. "A letra mata, o espírito vivifica". Minha verdadeira palavra é de esforço, de dor, de dedicação e de amor. A roupa é humana, transitória, relativa; mas a substância — e quem tiver sentido espiritual a capta — não pode ser renegada.

A este ponto de minha discussão, chega-me a nova fórmula de retratação, de que falei.

Ela me coloca apenas diante da revelação, e nada mais. Ora, nenhuma fonte necessita tanto da interpretação da substância, de preferência à literal, quanto a revelação. Com efeito, vindo de Deus a revelação, não pode haver nenhum antagonismo entre ela e a verdadeira inspiração. Então, a concordância é implícita. Portanto, nada que retratar. Dessa forma, o mal-entendido chega até o fim.

Examinada assim a questão em profundidade, saber agora se virá ou não o ato formal da retratação tem muito menos interesse. Porque o mal-entendido permanece, faça-se o ato ou não. Que valor substancial teria ele? Não tenho o dever de respeitar a autoridade? Pois bem, como já me submeti, agora me retrato. Não tenho o dever de não perturbar as almas simples? Como me submeti, retrato-me, agora. Aliás, não sou um rebelde e meu primeiro ato o demonstra; e por que deveria parecer o que não sou? Tenho o dever de testemunhar também esta parte da verdade, para não cair na falsidade. E assim se executaria o ato. Agora, coloco a questão moral e jurídica, se será válido um ato de vontade dirigido para um objeto desconhecido. Já disse que não pude, não obstante meus pedidos, saber quais são os erros a retratar. Não tenho motivos para crer que nos dois volumes haja erros contra o dogma, mas apenas contra opiniões correntes que não constituem obrigação de fé. Assim, a retratação teria apenas um sentido de genérico ato de respeito à autoridade, coisa já feita, repetição inútil. Afirmei sempre, na imprensa, a origem inspirativa de minhas obras, repeti agora a afirmação e expus à autoridade todo o meu caso de consciência. Responderam-me como se nada disso existisse. Eu respeito a autoridade, porque me submeti, mas a autoridade respeita a consciência? Isto é grave, máxime quando o acusado faz apelo, a cada passo, ao testemunho de Deus, o que é um contínuo juramento de verdade. A autoridade — é justo, pois que ela o é — decide e ordena: não discute nem entra em negociações. O jeito é obedecer. Mas os fatos permanecem e não são tidos em conta. Eu não posso dispor do que não é meu, do que está fora de meu poder de disponibilidade, do que está acima de qualquer ato meu de aceitação ou retratação, coisa sobre a qual minha vontade nada manda. Cada retratação é substancialmente nula, para mim, quando estou convencido de estar com a verdade. Uma convicção sincera, formada na presença de Deus, é inviolável, porque não pode obedecer nem sequer à vontade do próprio indivíduo, sendo humanamente impossível impor-se uma convicção diferente da que espontaneamente se tem. E eu não sei mentir. A força dessas posições está toda em colocar-nos totalmente no plano do espírito, acima da razão e da matéria. Enquanto, em *A Grande Síntese*, naquele primeiro tempo, tivemos de recorrer à demonstração científica por necessidade de fazer-nos compreender pela mentalidade materialista de nossa época, só agora, que estou diante da Igreja, em posição e em momento diferente, posso formular este supremo apelo às forças do espírito e à substância das obras.

Eis minha atual posição diante de Deus, da Igreja e do mundo. Até agora a imprensa inglesa e sul-americana que às minhas mãos tem chegado, comentou deplorando a condenação. Não é culpa minha se as coisas assim se apresentam. Quando um pobre homem sincero se encontra diante de um emaranhado desta ordem, apresentado a ele pela sociedade humana ou ao menos por uma parte dela, com tão bem combinadas contradições, nada mais pode fazer senão confessar-se em público, como o fez, e simplesmente responder-lhe: eis o que fazer, o que sabe fazer e o seu valor. Agora, julga-o como quiser. Que resultado se obteve, na minha consciência e na consciência dos outros? Cada um responda por si. Uma "nota de redação", no fim de um dos muitos artigos a meu respeito, ventilava a hipótese de eu ser um ladino trapaceiro. E é naturalíssimo. Pois em pleno e civilizadíssimo século XX, esta é a primeira idéia que o próprio semelhante desperta nos outros. **É** tão normal, hoje em dia, tão universalmente presumida, que

não ofende mais. Isto demonstra que estamos imersos na mentira até o pescoço. Mas peço apenas que se vá até o fundo, se meus juizes, em todos os campos, tiverem a vontade e a força de atingi-lo. Quanto a mim, estou fortíssimamente sustentado pela minha consciência, por haver lutado e sofrido pelo bem. Talvez a obra já tenha terminado e seja indestrutível acima de toda a minha vontade. Tudo está lançado e não mais se pode deter. Quanto a mim, não fui definido como um místico? Não olho, pois, para as coisas da terra, senão como uma missão, nem tenho já agora outras relações sociais, senão de dever e de sacrifício. De outra forma, após estes golpes, seria fácil perder a fé. Todas as minhas alegrias estão e estarão sempre no céu. Este é o meu caminho. A psicologia humana, sabe-se, é bem diferente, e eu me afasto dela cada vez mais. E me entrego tranqüilo nas mãos de Deus, para a Ele obedecer, sempre.

A publicação deste último artigo, já composto para a impressão na revista *La Verità*, de março de 1940, foi proibida, como foi proibido, em toda a imprensa, que eu, ou qualquer pessoa, escrevesse sobre este assunto.

Esta foi a resposta e o esclarecimento que consegui.

Diante de tais atitudes, não me resta hoje, em consciência, senão o silêncio.

Com isso, verificou-se, e começa a verificar-se, tudo quanto foi claramente pressentido, quando ainda não se falava em condenação, no volume ***Ascese Mística,*** especialmente no capítulo "Paixão" e "A Minha Posição", e no fim do prefácio à segunda edição de ***A Grande Síntese***, em língua italiana.

***PIETRO UBALDI***

# PIETRO UBALDI E A IGREJA

Da revista **Alba Spirituale** – nº 3, março de 1948.

A Congregação do Santo Ofício, com o decreto de 8 de novembro de 1939, condenou e colocou no "Index" as duas maiores obras de Pietro Ubaldi: *A Grande Síntese* e *Ascese Mística.* Seguiram-se à condenação apaixonados debates de numerosa imprensa, na Itália e no estrangeiro. A católica, mais ou menos qualificada, fazia coro com as decisões do Santo Ofício, assumindo, às vezes, uma linguagem particularmente áspera e ofensiva; a espiritualista independente tomava ao invés a defesa do condenado, contra-atacando também asperamente.

A linguagem de ambas as partes, de qualquer forma, era excessiva, e pouco condizente com a delicadeza da questão controvertida.

A condenação colheu de surpresa o autor e lhe provocou admiração e profundo sofrimento. No Natal de 1939 ele enviava a Roma uma primeira declaração de obediência, na qual humilhava-se diante da Igreja. Declarava que sua fé era sincera, que seu objetivo era o bem das almas, que respeitava a autoridade da Igreja, que se sentia profundamente cristão. Mas isto não bastou. Foi-lhe pedida declaração explícita de reprovação e retratação dos erros contidos nos dois livros. Exigia-se dele, além disso, que retirasse do mercado todas as edições, mesmo as estrangeiras, de

que ele havia perdido o controle. Impunha-se ao autor um problema de consciência. Ele pediu que lhe fossem indicados os erros para que os pudesse retratar. Ou seja, pediu que se discutisse. A Igreja não aceitou a discussão. Assim, Ubaldi não se retratou, e os dois contendores encerraram a pendência com o silêncio.

Feita esta premissa, passemos agora a examinar o comportamento das duas partes, e procuremos penetrar suas razões. A Igreja foi coerente com seus princípios. Ela devia condenar, sem faculdade de defesa nem de apelação para o condenado. Os princípios teológicos da Igreja são conhecidos, estão codificados em dogmas bem definidos que se aceitam ou se rejeitam; de qualquer modo, nenhum católico os pode aceitar sob condições ou com reservas, mas só integralmente e sem discutir. A Igreja se declara infalível e qualquer dúvida no mérito pode ser considerada heresia.

Pietro Ubaldi terá sido coerente na mesma medida? Aparentemente, parece que não. Mas, examinando mais profundamente o caso, teremos de concluir que, também de sua parte, houve coerência. Ubaldi humilhou-se diante da Igreja, declarou obediência a ela, mas não se retratou. Como se concilia isso com a coerência? A resposta só pode vir depois que tiverem sido compreendidos o pensamento e os sentimentos do autor.

Comecemos afirmando que Ubaldi é cristão. **É** um místico cristão, que vive uma atividade religiosa muito intensa, e que constitui a nota dominante de sua vida. Quem conhece suas obras e conhece de perto sua pessoa, não pode pô-lo em dúvida. A Igreja católica, como todas as Igrejas de quaisquer confissões religiosas, cristãs ou não, vive uma atividade religiosa de tríplice natureza: a mais importante é a mística, que tem sua origem nas forças da alma e do coração; segue-se uma segunda atividade, a teológica, que constitui o invólucro intelectual da primeira, que tem sua origem na razão; vem depois a terceira atividade, externa às duas primeiras, e é a litúrgica, que tem sua origem numa necessidade dos sentidos. A atividade mística é o conteúdo essencial de toda atividade religiosa, é a alma vital de qualquer confissão religiosa digna desse nome. Alonga as próprias raízes bem no âmago da alma onde Deus fala, enxerta-se nas fontes arcanas da vida. Este é portanto o conteúdo essencial da vida religiosa da Igreja. Ela perderia toda a sua vitalidade se não haurisse nessa fonte sublime. Deus fala aos homens através dos grandes místicos; são estes os intérpretes e tradutores do pensamento de Deus, o maravilhoso elo que une o céu à Terra. Os místicos falam uma linguagem extraordinariamente eficaz: levam-nos a um plano em que o contingente cessa e o universal domina. Neste plano está a vitória do verdadeiro, do bom e do belo, que se acham fundidos em admirável harmonia, que ilumina a mente e dá paz ao coração. Todos os místicos da Terra, de todos os tempos, de todas as religiões, vivem as mesmas experiências místicas, falam a mesma linguagem, enunciam os mesmos princípios morais. No plano místico, calam todas as controvérsias religiosas e estabelece-se aquele ponto de contato que liga e irmana todas as confissões religiosas do mundo. No plano místico não há lugar para a discórdia, para a divisão, para a intolerância; não há lugar também para a condenação, para a luta. Aí reina o amor, a paz, a concórdia.

Ubaldi é um místico e como tal não podia ter sido condenado. Mas a Igreja o condenou da mesma forma, pois o julgou um falso místico. Baseada em que considerações, pôde a Igreja exprimir um julgamento tão grave? A resposta a este quesito foi dada pela imprensa católica. O misticismo de Ubaldi se afasta dos princípios teológicos do catolicismo. Por isso foi condenado. Mas o que é a teologia, e donde tira seus princípios? A teologia representa o pensamento filosófico da Igreja, ou melhor, dos Padres da Igreja, de seus Doutores. A teologia é um produto do pensamento humano e só tem relações indiretas com a mística; portanto, não está isenta de

todos os defeitos do pensamento humano, sendo o primeiro deles a falibilidade. Analisando-se bem o caso de Ubaldi, podemos verificar com facilidade que a Igreja quis condenar o pensamento não-ortodoxo dele. Mas, para condenar o pensamento devia também condenar a alma mística. A Igreja não pode admitir que um homem seja bom cristão, sem que também participe de seu pensamento teológico. Por quê? Porque no pensamento teológico se ergue o edifício social da Igreja mesma — derrubem o edifício teológico e desmoronará todo o edifício social da Igreja. Ubaldi tocou a teologia e portanto tocou ao vivo esse edifício social. A Igreja defendeu-se condenando. Através de uma experiência de milênios, a Igreja formou a sua atual estrutura, que ela julga a mais condizente à sua conservação e ao cumprimento de sua missão entre os homens Tem uma sólida organização hierárquica, experimentada durante séculos, grandes meios financeiros, escolas, partidos políticos que a protegem externamente, uma magistratura interna própria, e quando o pode, serve-se também do braço secular. Ela luta arduamente para manter o próprio domínio sobre as massas. Mas o meio mais poderoso de domínio é o de dominar as mentes dos homens, fazendo-os pensar segundo suas idéias. Quem diverge de suas idéias traz confusão à mente dos homens e ameaça sua existência. Portanto, ela condena inexoravelmente. **É** preciso reconhecer que o pensamento filosófico de Ubaldi, expresso nos dois volumes condenados, contrasta em muitos pontos com o pensamento oficial da Igreja. Dessa forma, esta não podia deixar de condená-lo. Bastaria sua concepção monística e imanentista do universo, para criar um contraste insanável com a Igreja.

Apesar de tudo isso, Ubaldi fez ato de submissão à Igreja. Por quê? Ubaldi sente-se profundamente cristão, individua no corpo místico da Igreja o anelo de sua alma de místico, está perfeitamente consciente da função vital dessa instituição milenar e, portanto, sente o dever e a necessidade de respeitar a Igreja. Ela tem, verdadeiramente, uma alta missão, é um organismo que, no interesse da vida, merece ser conservado e ajudado a viver. Massas ingentes de fiéis haurem na Igreja guia, conforto e inspiração. Não se pode deixar de levar em conta tudo isso, pois constitui um benefício imenso para os fiéis e para toda a sociedade, enquanto uma educação inspirada pelos princípios cristãos reforça os sentimentos de bondade, de altruísmo, de honestidade, e de convivência pacífica entre os homens. Por isso Ubaldi fez ato de submissão à Igreja. **É** uma homenagem justa à autoridade daquela Igreja que ele respeita, da qual se sente filho espiritual, daquela Igreja que se compenetra da alma mística de Cristo, que é também vida e conforto de sua alma. Não podia rebelar-se, sem, ao mesmo tempo, rebelar-se contra tudo o que nele há de mais sagrado, e sem perturbar as consciências de todos quantos crêem na Igreja e da Igreja recebem consolo. Mas então, por que não se retratou?

Não podia retratar-se por três motivos importantes. Primeiro, ele teria realizado um ato contrário à sua consciência, porque está persuadido de estar com a verdade. Sem esta profunda convicção, ele não teria escrito, nem escreveria. Além disso, retratando-se, ele teria transgredido também um princípio da própria Igreja, que foi sancionado pelo 4º Concílio de Latrão. Diz ele*: "quid quid fit contra conscientiam, sedificat ad gehennam*" ("Tudo o que se faz contra a consciência, prepara a condenação"). Segundo, a condenação foi, em grande parte, efeito de um mal-entendido. Olhou-se a letra e não o espírito dos livros. Ele esclareceu seu pensamento em obras posteriores, que quem condenou não conhece. Para ele, a imanência não exclui a transcendência. Ele diz com Santo Agostinho: "Deus est superior summo, interior intimo meo" ("Deus é o ser supremo, e é o mais íntimo do meu ser"). Terceiro, ele está plenamente convencido de que tudo quanto há de místico e de conceitual em suas obras, não pertence às suas faculdades pessoais, mas tem origem inspirativa, que parte de um plano conceitual que o

transcende, de onde comunica uma sublime Entidade que ele chama "Sua Voz". Julga que falou por virtude inspirativa, e tudo quanto disse, não lhe pertence. Não tem, portanto, a faculdade de se retratar: se o fizesse, trairia a Divindade. Achou-se ele então em tremenda alternativa: ou trair tudo quanto para sua alma havia de mais sagrado, ou rebelar-se contra a Igreja. Ele não pode ser traidor nem rebelde. Se traísse, cometeria uma monstruosidade que mataria sua consciência; se se rebelasse contra a Igreja cometeria um matricídio espiritual. Ele é cristão, e não quer perturbar as consciências dos fiéis à Igreja. Não está aqui para trazer a guerra e dividir, mas para trazer a paz e unir, sobretudo para unir, que é este o imperativo dos novos tempos. (. ...).

Por que a Igreja quer impor uma coisa que contrasta com a liberdade de consciência, sancionada por ela mesma no 4º Concílio de Latrão? Por que a Igreja, atualmente, vive esse contraste? O absolutismo, a intolerância teológica, chocam-se às vezes contra a consciência do homem. A Igreja é prisioneira da teologia e de sua filosofia particular em que se formou a teologia católica. Então, o caso Ubaldi adquire um valor que o transcende e se torna um dos tantos casos que condenam a atitude da Igreja, em confronto com todo o pensamento moderno.

A filosofia da Igreja, como toda a escolástica, está permeada do pensamento aristotélico. Mas São Bernardo não concluía que a filosofia de Aristóteles era a oficina do diabo? Não declarava São Paulo que não se apoiava em argumentos humanos, mas na força do espírito? Não diz a Imitação de Cristo: "que nos importam os gêneros e as espécies"? Os grandes místicos disseram que "Deus é mais íntimo a nós, do que nós mesmos", que "Deus é a superessência de nossa alma". Indubitavelmente, o "ipse dixit" da escolástica perdeu seu valor, porque depois de Aristóteles o pensamento humano caminhou muito e continua a caminhar. Como pode chamar-se errado a um pensamento, só pelo fato de que conclui partindo de premissas e com método diverso do de Aristóteles e da escolástica? Não vemos nisto nada de herético, mas apenas um pensamento humano que, impelido pelo amor à verdade e ao bem, caminha pela estrada da evolução. Razão e consciência levam a concluir que podemos ser bons cristãos, mesmo não aceitando determinado pensamento filosófico, embora seja este abraçado oficialmente pela Igreja. Trata-se, com efeito, de um pensamento que, por sua natureza e origem, pode errar ou ser insuficiente. Não escapa, porém, a verificação de que — como acima dissemos — a teologia católica nasceu sobre aquele pensamento, e dela saíram os dogmas e as instituições da Igreja. Portanto, uma vez derrubado esse pensamento, a Igreja se acharia numa posição insustentável, e deveria então ou renovar-se ou morrer.

Mas se os tempos estivessem realmente maduros para uma renovação? Se de fato fosse necessário o emparelhamento da Igreja com o progresso dos tempos que correm? Não seria danoso, para a própria Igreja, insistir em posições indefensáveis? A resposta será dada pelo tempo. Fazemos votos de que a Igreja tenha uma justificação que a nós escapa. Mas se tal não acontecer, poderá ser uma desgraça para o cristianismo e para a humanidade.

(a) PAOLO SOSTER

NOTA DA REDAÇAO - O artigo do Dr. Soster é interessante, porque nos faz conhecer a personalidade do Professor Ubaldi em seu aspecto místico, em contraste com a Igreja católica. A ela, porém, não deve ser atribuída a responsabilidade dos julgamentos que os homens que a representam pronunciaram em certos períodos da história os julgamentos desses homens foram às vezes enganosos e injustos, até cruéis além de injustos, porque o sentimento da justiça estava neles obscurecido pela consciência dogmática A esse respeito, é necessário lembrar que a

maioria dos místicos que a Igreja santificou, saíram, em suas manifestações intelectuais ditadas pela inspiração, além daquelas duas linhas, com Krishnamurti representou as religiões dogmáticas, que assinalam a existência das almas comuns no caminho da vida...

Também Santa Teresa de Ávila, que definiu o paraíso e o inferno modos de ser das almas, e não lugares, podia ter sido, da mesma forma, condenada pela Igreja, e não o foi...

Quem leu os dois livros de Ubaldi, condenados pela Igreja, compreendeu facilmente a razão da condenação: o conceito da imanência divina, e que inspira os dois livros, é o que a Igreja rejeita, porque contraria a concepção dogmática da Divindade.

Diante dessa condenação, pronunciada num momento de trágica luta da espiritualidade contra o materialismo ateu, a condenação dos dois livros de Ubaldi, que são a apoteose do espírito, poderá parecer, mais do que inoportuna e injusta, paradoxal!

Mas não é igualmente paradoxal a atitude dos homens representativos da Igreja, diante da ciência metapsíquica, que poderia ser utilizada para demonstrar cientificamente a transcendência da vida e a imortalidade do espírito humano, para conforto e em apoio do ensino religioso?

**É** supérfluo recordar aqui os contrários julgamentos dos homens que encarnam a Igreja, na distância dos tempos, como por exemplo, a respeito do conceito heliocêntrico do universo, aceito por Copérnico e condenado por Galileu Galilei.

O Professor Ubaldi fez bem em ser coerente com sua consciência, não retratando o que escreveu sob inspiração mística; e a Congregação do Santo ofício talvez tivesse feito melhor se não cometesse o excesso de zelo dogmático, pondo no "Index" os dois livros que tanto conforto deram às consciências cristãs e despertaram a fé em outros que a haviam perdido !

# O PONTO DE VISTA TEOLÓGICO

Para que a documentação de tudo o que ocorreu até hoje seja completa, e para que o leitor reverente a Igreja católica saiba que erros, do ponto de vista teológico, ele pode achar no texto de A *Grande Síntese*, aqui trazemos a resposta sobre os mesmos. Ela nos chegou às mãos em 14 de agosto de 1940, alguns meses depois da publicação dos artigos precedentes (confronte as datas). Esta resposta compõe-se de duas partes:

I — *Uma carta* da autoridade religiosa, da qual extraímos os trechos mais importantes;

II — O anexo *pró-memória*, da mesma autoridade (o Bispo de Gúbio) e que reproduzimos na íntegra, traduzido do latim, as partes referentes aos dogmas católicos.

Quanto aos erros contidos no volume *Ascese Mística*, também condenado, nada podemos dizer, pois até agora nada nos chegou sobre o mesmo.

### *Trechos da Carta do Bispo de Gúbio*

"Diante das afirmações contidas em *A Grande Síntese*, estão assinaladas as contrárias, ensinadas pela Igreja Católica”.

A doutrina católica foi extraída dos Símbolos, das Definições, Declarações e outros documentos autênticos do Magistério Eclesiástico, colecionados sistematicamente para facilitar sua procura, num Manual (Henchiridion), de Denzinger (.....).

No "pró-memória", não foram transcritas todas as proposições contrárias ao dogma católico. Há muitas outras, mas creio inútil catalogá-las, porque em vosso livro, é a substância que se opõe à doutrina católica, e aí existe a mais estreita coerência entre princípios e conseqüências: derrubados aqueles, desmorona todo o resto.

Dois são os princípios, dos quais se originam vossas teorias: o primeiro é o do Panteísmo evolucionista, por vós abertamente professado, e não menos abertamente condenado pela Igreja, como podereis ver no "pró-memória"; o segundo é o da Imanência filosófica e teológica, condenada na Encíclica "Pascendi", contra o modernismo, definido como a "Síntese de todas as heresias".

Se de fato, quereis ter o trabalho de ler aquela Encíclica, aí achareis condenado todo o vosso livro, porque ele repete, quase que literalmente a filosofia e a teologia modernística. Por que arriscar-vos assim, sem uma adequada preparação, no problema religioso?

Não é o caso de insistir, sobre a pretendida revelação divina, a vós pessoalmente feita, de certas verdades. Tratar-se-ia de uma revelação interna, em oposição à revelação externa, de que a Igreja é a depositária. E então recaís no erro dos modernistas, condenado na Encíclica "Pascendi"; e naquele pseudo-misticismo já condenado no século XVII em Miguel Molinos, o qual sustentava justamente haver nele uma luz superior a todo conhecimento humano e teológico, que lhe fazia conhecer a verdade com certeza interna; luz que chegava a ele, certamente, do alto, porque ele a recebia com a certeza de que tal luz provinha de Deus, e não lhe deixava nenhuma dúvida em contrário (.....) (cfr. Denzinger, 1273). Como vedes, certas atitudes mentais não são nada novas, e a Igreja, fiel à sua divina missão; sempre interveio imediatamente, para chamar os que erram ao sulco luminoso e seguro da Revelação e Tradição cristã. Pensai que caos haveria nos espíritos, se a qualquer indivíduo fosse lícito impingir-se como termo de uma revelação ou inspiração divina!..."

*Pró-Memória do Bispo de Gúbio*

*"Das principais afirmações contrárias ao dogma católico — e portanto à revelação — contidas na obra A GRANDE SINTESE de Pietro Ubaldi*

Premissas — A linguagem nova torna a obra de interpretação não muito fácil. Muitas afirmações, oportunamente esclarecidas, poderiam também conciliar-se com os princípios da Fé católica. Destas não nos ocupamos, mesmo reconhecendo que, tomadas no contexto da obra, é bem difícil interpretá-las no sentido da Igreja. Limitar-nos-emos, por isso, a notar apenas o que abertamente é contrário à doutrina católica.

*DEUS*

O autor professa abertamente um panteísmo evolucionista.

(.. . .) "conceito de um Deus que “é” a criação (. . . . ). Este é o conceito mais completo de Deus (.....), a grande Alma do Universo, centro de irradiação e de atração; Aquele que é tudo, o princípio e as suas manifestações".

Deus imanente na natureza: (....) "a mão de Deus (....), é um conceito que é a alma das coisas; (.....) adoro-Te, recôndito Eu do Universo, alma do todo" (.....).
Todas as coisas emanam de Deus: (.....) "Quem serás tu, então, se já me arrasa a incomensurável complexidade destas Tuas emanações? (.....)

Eu Te adoro, supremo princípio do todo, em Tua veste de matéria, em Tua manifestação de energia, no inexaurível renovar-se de formas sempre novas e sempre belas, eu Te adoro, Conceito, sempre novo e belo, Lei animadora do Universo" (.....). (Trechos de *A Grande Síntese).* Em muitas outras páginas o autor desenvolve os mesmos conceitos.

*DOUTRINA CATÓLICA*

Ela é diametralmente oposta. As afirmações acima são heréticas porque contrárias a dogmas de fé católica definida: (Concílio Vaticano, Sessão III, Cânone 3):

"Se alguém disser que é uma e a mesma substância ou essência de Deus e de todas as coisas, seja condenado (Denzinger, 1803).

Cânone 4: "Se alguém disser que as coisas finitas, quer corporais, quer espirituais, ou mesmo apenas as espirituais, emanaram da substância divina, ou a essência divina, pela manifestação e emanação de si, torna-se todas as coisas, ou finalmente, que Deus é o Ser universal ou indefinido, o qual; determinando-se, constitua a universalidade das coisas, distinta nos gêneros, nas espécies e nos indivíduos, seja condenado" (Denzinger, 1804).
Além disso, na Constituição Dogmática, do mesmo Concílio do Vaticano, foi dito:

"A santa Igreja católica, apostólica, romana, crê e confessa haver um só Deus vivo e verdadeiro (.....) que, como é uma substância espiritual única, singular, simples absolutamente e incomutável, deve ser confessado distinto na coisa e na essência, do mundo, em si e por si felicíssimo, e inefavelmente elevado acima de todas as coisas que podem conceber-se e que existem além dele". (Denzinger, 1782).

*A CRIAÇÃO*

A criação, como obra de Deus "ad extra"; é absurda:

"A vossa concepção de um Deus que cria fora de si e além de si (.....) é absurda concepção antropomórfica; Deus não pode ser algo de mais e de externo, de distinto da criação" (.....). Deus é também o universo físico, pois que este é apenas um átimo de seu eterno tornar-se, em que Ele se manifesta (. . . .). Deus é o princípio e a sua manifestação (. . . .). Deus é conceito e matéria, princípio e forma, causa e efeito, cerrados, incindíveis".

**É** negada a possibilidade da criação a partir do nada: (....) "é absurda, como sempre, uma criação a partir do novo". (Trechos de *A Grande Síntese).*

*DOUTRINA CATÓLICA*

**É** de fé que "*Deus praedicandus est re et essentia a mundo Distinctus*", ("Deus é distinto do mundo por seus atributos e por sua essência"), de acordo com a Constituição dogmática do Concílio Vaticano, supra citada. E o Concílio de Latrão, 4º (1215): "O qual (Deus), por Sua onipotente virtude, concomitantemente, desde o princípio do tempo, criou do nada a criatura, espiritual e corporal". (Denzinger, 428).

A Bula "Cantate Domino", de Eugênio IV: (.....) "Firmissimamente crê (.....) que Deus

(. ...), Criador de todas as coisas: o qual criou todas as criaturas, porque do nada foram feitas". (Denzinger, 706).

*CONHECIMENTO DE DEUS*

Deus não pode ser conhecido com a razão, mas apenas com a intuição: (.....) "este é o único meio que leva ao conhecimento do "Absoluto" (....), deixareis de lado (.....) aquela vossa psique exterior e de superfície, que é a razão, porque só com esta psique interior, que está no âmago de vós mesmos, podereis compreender a realidade mais verdadeira, que está no âmago das coisas (.....). Falei-vos da vossa razão (....), afirmando (.....) sua insuficiência, como meio para a conquista de conhecimento do Absoluto. (Trechos de *A Grande Síntese).*

*DOUTRINA CATÓLICA*

Ela é de fé contrária, Concílio Vaticano, Sessão III, capítulo II, cânone 1º: "Se alguém disser que Deus único e verdadeiro, nosso Criador e Senhor, não puder ser conhecido pelas coisas que foram feitas, com certeza, pela luz da natural razão humana, seja condenado". (Denzinger, 1806).

*CONHECIMENTO DOS MISTÉRIOS*

**É** negada a existência dos mistérios propriamente ditos: (. . . .) "o que antes, por outras formas intelectivas, devia ser forçosamente dogma e mistério de fé, será questão de puro raciocínio, será demonstrável (Trecho de *A Grande Síntese).*

*DOUTRINA CATÓLICA*

Ela é de fé contrária, Concilio Vaticano, Sessão III, Capítulo IV, cânone 1º:

"Se alguém disser que na revelação divina nenhum verdadeiro e próprio mistério é contido, mas que todos os dogmas da fé podem ser compreendidos e demonstrados, pelos princípios naturais, por uma razão devidamente culta, seja condenado". (Denzinger, 1816).

E na Constituição Dogmática do mesmo Concílio: "Isto também é o perpétuo consentimento da Igreja Católica que manteve e mantém: é duplo o plano do conhecimento, não só distinto pelo princípio, mas também pelo objeto; pelo princípio, porque conhecemos de um lado pela razão natural, de outro pela fé divina; pelo objeto, porém, porque, além daquelas coisas a que pode chegar a razão natural, devem ser propostos a nós para crer nos mistérios escondidos em Deus os quais, se não forem divinamente revelados, não podem ser conhecidos". (Denzinger, 1795).

*O SOBRENATURAL - OS MILAGRES*

Da premissa de que "Deus é a Criação", deduz-se logicamente a negação do sobrenatural e do milagre, tomado, este, no sentido católico de fato maravilhoso que ocorre fora da ordem estabelecida e comumente observada nas coisas. Com efeito: (....) "a natureza é expressão divina, e não pode haver um "quid" acima dela (.....). Sobrenatural e milagre são conceitos absurdos diante do absoluto, aceitáveis apenas dentro do vosso relativo, aptos a exprimir vossa maravilha diante do novo, para nós, e nada mais (.....). Esta (a Divindade) é superior a todo prodígio e o exclui como exceção, como retorno ao já feito, retoque ou

arrependimento e sobretudo como vontade de desordem no equilíbrio da Lei (.....). (Trechos de *A Grande Síntese).*

*DOUTRINA CATÓLICA*

O conceito do sobrenatural é fundamental para a teologia católica e é base de fé:

Pio V condenou, em 1567, a proposição de Miguel Bay, que assim dizia: "A sublimação e exaltação da natureza humana em consórcio com a natureza divina, deve ser chamada natural e não sobrenatural". (Denzinger, 1021).

Pio IX, na carta "Gravissimus inter", de 11 de dezembro de 1862: (.....) "como os fins são certíssimos e conhecidos por todos, além dos quais a razão, por sua capacidade, nunca passou nem pode passar. E a dogmas desta espécie, se referem todas aquelas coisas, máxima e claramente, que dizem respeito à elevação sobrenatural do homem, e à relação sobrenatural com ele, e as coisas reveladas são conhecidas para esse objetivo. E, sem dúvida, estando dogmas acima da natureza, naturalmente não podem ser atingidos pela razão nem pelos princípios naturais. Nunca, com efeito, pode tornar-se idônea a razão, com seus princípios naturais, a tratar desses dogmas com sabedoria. E se eles ousarem asseverar temerariamente estas coisas, saibam que eles não estão se afastando da opinião de alguns doutores, mas da doutrina comum e jamais mudada da Igreja". (Denzinger, 1671)

O Concílio Vaticano, Sessão III, cânone 4: "Se alguém disser nenhum milagre poder ser feito, e portanto que todas as narrativas acerca dos mesmos, ainda que contidas nas Sagradas Escrituras, devem ser relegadas entre as fábulas e os mitos; ou que nunca se poderão conhecer com certeza os milagres nem provar por eles a origem divina da religião cristã, seja condenado". (Denzinger 1813),

*A SS. TRINDADE*

Eis como se pretende explicá-la: "Ômega = Deus. Alfa (espírito), Beta (energia), Gama (matéria): três modos de ser de Ômega ".

Assim a equação da substância sintetiza o conceito da Trindade, isto é, da Divindade una e trina, que já vos foi revelada sob o véu do mistério e que achais nas religiões. A Lei de que falamos e o pensamento da Divindade, seu modo de ser como Espírito. O pensamento que é concomitantemente vontade de ação, energia que obra, tornar-se que cria, é seu segundo modo de ser (....). Uma forma de matéria em ação é seu terceiro modo de ser; é o criado que existe, o universo físico que vedes. Três modos de ser distintos e no entanto identicamente os mesmos".

Volta-se ao mesmo conceito (Trindade da substância) e é reafirmado o mesmo pensamento, onde se acrescenta: (.....) "eu exponho à vossa maturidade intelectual, com evidente demonstração e com exatidão científica, o que às mentes primitivas não podia ser dito senão sob forma de imagens e sob o véu do mistério (.....). Com a ciência demonstro e confirmo o mistério". (Trechos de *A Grande Síntese).*

*DOUTRINA CATÓLICA*

Eis o dogma católico: Um só Deus em três pessoas iguais e distintas (pessoas, porém,

não modos de ser), espirituais (não matéria e energia), coeternas (não evoluindo uma da outra). Inumeráveis são os documentos da Igreja que ilustram a sua doutrina a esse respeito. Basta citar, em lugar de todos, o célebre Symbolum Athanasianum (Denzinger, 39) e se verá como a explicação da Trindade, dada acima, é simplesmente herética, porque contrária a uma verdade revelada, e como tal proposta pela Igreja à crença.

Além disso já dissemos que é de fé que há mistérios que não podem conhecer-se, e muito menos demonstrar apenas com a razão natural. **É** absurda, pois, a pretensão de querer expor, com evidente demonstração o primeiro e maior mistério da religião católica, que é justamente o mistério da Santíssima Trindade.

## *TODAS AS RELIGIÕES SÃO BOAS?*

Assim' parece: Religião sintética do futuro, feita com a força do espírito e com a bondade. (.....) "meu sistema aceita fraternalmente qualquer fé, desde que seja fé, e não condena nenhuma, desde que seja sincera" (.....). Todas as religiões se aproximaram da verdade; a de Cristo mais do que todas; mas a verdade não poderia ter sido plenamente atingida nem pela de Cristo... As religiões — imperdoável erro — (.....) "todas em luta entre si, exclusivistas na posse da Verdade (.....). Eu não venho para combater nenhuma religião, mas para coordená-las todas, como tantas aproximações diferentes da verdade, que é Una (.....). Coloco, porém, no mais alto posto, na Terra, a revelação e a religião de Cristo, como entre todas a mais completa e mais perfeita" (.....). Mais perfeita parece a religião proposta, e que se poderia chamar a religião do Monismo. (.....) "como do politeísmo passastes ao monoteísmo, isto é, à fé num só Deus (mas sempre antropomórfico, enquanto faz sua criação fora de si), agora passais ao monismo, isto é, ao conceito de um Deus que e a criação". (Trechos de *A Grande Síntese).*

## *DOUTRINA CATÓLICA*

A doutrina católica ensina que é uma só a verdadeira religião, a cristã-católica, revelada como tal por Cristo-Deus, que contém toda e somente a verdade, guardada e ensinada pela Igreja, a quem Cristo a confiou, como a mestra infalível.

Portanto, o erro condenado no Sílabo: " **É** livre a todo homem abraçar e professar aquela religião, que pela luz da razão alguém for levado a crer verdadeira". (Denzinger, 1715).
Se nem a religião de Cristo ensinou toda e somente a verdade, mas é apenas uma aproximação mais perfeita desta, então, por conseqüência lógica, dever-se-á negar a divindade de Cristo, o magistério infalível da Igreja etc., ou seja, os dogmas fundamentais do catolicismo ... . .), portanto, outros tantos erros contra a verdade de fé definida. (Denzinger, 40, 86, 1793 etc.).

Se por Monismo se entende "o conceito de um Deus que e a criação" caímos no panteísmo, como se disse acima, porque se Deus "e a criação, então todas as coisas são Deus (....), são emanações de Deus (....) etc. (Veja condenação do Concílio Vaticano, Sessão III, cânones 5 e 4, em Denzinger, 1804).

## *ALMA HUMANA*

A alma é o resultado da evolução: "Vimos como na evolução, o ser, ascendendo da matéria ao espírito (.....). A evolução ascende da matéria á energia, à vida, ao espírito"( .....). O

conceito é ratificado, pode dizer-se, a cada página: e é conseqüência lógica do sistema.
A alma não é criada: "é absurda, como sempre, uma criação a partir do novo, mesmo na gênese da personalidade humana".

A alma eterna: (.....) "a existência de um princípio psíquico é evidente, ele deve ser imortal; e imortalidade só pode ser eternidade (.....), se tudo o que existe é eterno, vós, se existirdes, sois eternos (....). Vossa consciência latente é vossa verdadeira alma eterna, aquela que pré-existe ao nascimento e sobrevive à morte corpórea".

Pré-existência e reencarnação: (.....) "alma eterna, que pré-existe ao nascimento (.....). Sobrevivência do espírito é sinônimo de reencarnação". Conceitos semelhantes, conseqüências do sistema, acham-se ainda a cada passo da obra, *A Grande Síntese*.

*DOUTRINA CATÓLICA*

**É** de fé que a alma humana não é produto da evolução. Condenada a proposição 20, de Rosmini: "Não repugna que a alma humana se multiplique pela geração, de tal forma que se compreenda que ela procede do imperfeito, isto é, do grau sensível, ao grau intelectivo" — (Denzinger 1910). Com tanto mais razão, a condenação vale para a tese que pretende a evolução da matéria ao espírito.

A alma é criada por Deus a partir do nada: "Cremos que a alma do homem não é divina substância, nem parte de Deus, mas dizemos que a criatura é criada pela vontade divina. (Denzinger, 20). "Creio que a alma não é parte de Deus, mas criada do nada". (Denzinger, 348).
A alma não é eterna, justamente porque é criada.

A alma não pré-existe: "Se alguém diz ou pensa que as almas dos homens pré-existem, como tendo sido antes mentes e santas virtudes, e terem gozado da sociedade da divina contemplação, e terem-se tornado piores e por isso se terem resfriado do amor de Deus e daí se chamarem em grego psyche, ou seja almas, a terem sido lançadas nos corpos por causa do sofrimento, seja condenado". (Denzinger, 203). "Se alguém diz que as almas humanas primeiro pecaram na habitação celeste e por isso foram lançadas nos corpos humanos na Terra, como disse Prisciliano, seja condenado". (Denzinger, 236).

A reencarnação é insustentável e inconciliável com a doutrina católica: “Está decretado que o homem morre uma só vez, e depois disso vem o julgamento". Concilio de Florença: "Mas, por causa de diversos erros, introduzidos pela ignorância de alguns e pela malícia de outros, diz e confessa: (....) que as almas daqueles que, depois de terem recebido o Santo Batismo não incorreram em nenhuma mancha de pecado e também aquelas que, depois de terem contraído a mancha do pecado, ou permanecendo em seus corpos, ou dos mesmos desvestidas, como acima ficou dito (sobre o Purgatório) e estão limpas, são recebidas imediatamente no céu. As almas daqueles porém que morrem em pecado, ou só com o original, descem imediatamente ao inferno, mas são punidas, porém, com penas diferentes". (Denzinger, 464).

***PIETRO UBALDI***

**F I M**